

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Norma Lirio de Leão Joseph

CRENÇAS SOBRE O “SER JUDEU” DA COMUNIDADE ISRAELITA
SEFARADITA BENÉ-HERZL

Rio de Janeiro
Agosto 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Norma Lirio de Leão Joseph

CRENÇAS SOBRE O “SER JUDEU” DA COMUNIDADE ISRAELITA
SEFARADITA BENÉ-HERZL

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística
da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como quesito para a obtenção do Título de
Doutor em Linguística.

Orientador: Professor Doutor Mário Eduardo
Toscano Martelotta

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

Norma Lirio de Leão Joseph

CRENÇAS SOBRE O “SER JUDEU” DA COMUNIDADE ISRAELITA
SEFARADITA BENÉ-HERZL

Orientador: Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2009

Examinada por:

Presidente, Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta – UFRJ

Professora Doutora Maria Luiza Braga – UFRJ

Professora Doutora Claudia Nivia Roncarati de Souza – UFF

Professora Doutora Deize Vieira dos Santos – UFRJ

Professora Doutora Marci Doria Passos – UFRJ

Suplentes:

Prof^a Doutora Violeta de San Tiago Dantas Barbosa Quental – PUC-RIO

Prof^a Doutora Monica Grin Monteiro de Barros- IUPERJ

Rio de Janeiro
Agosto 2009



Quadro Lasar Segal - Navio de emigrantes, 1939-41 - pintura a *óleo* sobre tela - 230 x 275 cm (crédito: Museu Lasar Segall)



Foto Terceira classe - Navio de Imigrantes - Acervo AHJB/SP

IN MEMORIAM

Dedico este estudo a meu pai, Leon Raphael Joseph, que imigrou em 1919 de Esmirna, Turquia, para o Rio de Janeiro, sendo um dos fundadores da Sociedade Israelita Sefaradita Bené-Herzl. Ser filha de imigrante foi o principal fator que me motivou interesse em estudos identitários, principalmente através de narrativas de vida. À sua memória dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

À TRINDADE SANTA, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, que, certamente, sem ELES jamais teria chegado à conclusão desta tese.

Jesus, Amado Meu, minha comunhão e gratidão eterna. A Ti todo o meu Amor e Servidão.

Ao meu diretor espiritual, Pe Valdir Lima, que junto a mim todos esses anos, ensinou-me a exercitar o perdão.

À Prof^a Dra. Maria Luísa Braga pelo generoso compartilhar tanto do seu conhecimento quanto da sua doce alma.

À Prof^a Dra. Deize e ao Prof. Dr. Mário Martelotta pelo grande apoio que leva à conclusão desta tese.

À Prof^a Dra. Claudia Roncaratti pela seriedade profissional na minha qualificação que muito contribuiu para o meu término vitorioso.

À Prof^a Dra. Selma Faria pela constante presença amiga encorajadora.

À minha irmã, Isa, pelo suporte carinhoso de mãe e amiga.

Ao meu cunhado e padrinho, Luiz Fernando, gratidão eterna pelo encorajamento.

Ao meu sobrinho, esposa e amigas, Isabel e Gisele, pelas orações.

À Vitória Saul, post mortem, que, carinhosamente, abriu as portas do seu coração judeu para a realização da minha investigação. Vitória, dirigente do Coral “Angeles e Malehines”, faleceu no dia 05 de outubro de 2009.

À D. Marilinha, post mortem, que me ensinou a exercitar o silêncio de Maria, Mãe de Jesus, e a refletir perante tribulações: “Como Virgem Maria faria em uma situação dessa?”.

À Célia Maria, post mortem, que me introduziu ao Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus, em que me vi conquistada pelo Verdadeiro Encantador Amor de Deus.

RESUMO

JOSEPH, Norma L. L. *Crenças sobre o “ser judeu” da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl*. 2009. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta tese investiga o papel da modalização na constituição das crenças dos membros da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl sob a perspectiva da Gramática Funcional. Esta teoria está assentada na pragmática, estudando como os falantes modelam as suas mensagens ao imprimir marcas no seu discurso. O falante, portanto, produz a sua marca de subjetividade na língua através de meios linguísticos que descortinam a sua intencionalidade, estabelecendo-se, desta forma, como uma verdadeira estratégia de argumentação. Avalio os efeitos de sentido ligados à atitude do falante em face de seu enunciado para esta tarefa de investigação que se propõe como funcionalista, cabe a indicação de que os elementos, em exame no seu uso, têm de ser vistos como funcionais em relação a todo enunciado. Como se pode observar, a modalidade é uma categoria necessariamente dependente do contexto de interação, não necessariamente relacionada à marcação gramatical. Investigo, portanto, **a marca que o sujeito/falante/ouvinte deixa no seu discurso**. A modalidade, assim, inserida na função interpessoal tem como finalidade a expressão de nossas crenças ou opiniões a respeito de algum assunto, como modo de interação com as pessoas no mundo, mostrando nossos critérios de verdade e valor. Modalização é o sustentáculo da enunciação na medida em que permite explicitar as posições do sujeito falante em relação ao seu ouvinte e a ele mesmo (NEVES, 2006). Este estudo aborda, portanto, a questão segundo a teoria da gramática funcional, proposta por Halliday (1989, 1994), bem como outros pesquisadores de mesma linha, por exemplo, Goosens (1985), Hengeveld (1989) e Dik (1989), considerando a crença de que a língua como sistema se abre ao falante em recursos à sua escolha e, simultaneamente, sofre mudanças, que são reflexos de seleções individuais, sociais e discursivamente motivadas. Assim, no contexto situacional das narrativas pessoais/autobiográficas, os informantes modalizam seus enunciados epistemicamente a partir de suas intenções, da função que eles assumem no processo comunicativo e da forma como eles desejam que os interlocutores recebam as informações e deonticamente a partir de suas obrigações morais e sociais.

Palavras-chave: Gramática Funcional, Modalidade, Pragmática

ABSTRACT

This dissertation examines the role of modality in the fabric of the informants' beliefs under the research done on Functional Grammar. This theoretical framework is based on Pragmatics, which approach handles with the speaker's both attitudes and intentions stamped on his either propositions or discourse units. Therefore, the speaker reveals his subjectivity through the devices/resources the langue provides him with. As a result, his inner thoughts/intentions are unveiled and so is a great argumentative strategy: modality. To assign a functional oriented line to this study, I have assessed the speaker's truly meaning of propositions, that is, his utterances were all analyzed at the discourse level, observing the function language has in use. It is noteworthy focusing modality on being not only dependent on the context but also attached to structural units, to any grammatically identifiable units of discourse. Thus, I investigate the stamp the speaker sets to his speech occurrence which enables him to express either his beliefs or opinions to attain to his criteria of truth and values. Modality, then, operates within the interpersonal level which accounts for all the strategies used in the interaction between speaker and hearer. As Neves (2006) points out modality is the great strategy of the discourse unit as it entails the speaker's stance/attitude with regard to his hearer and to himself. This study also reflects a broad view of functional grammar presented by Halliday (1989, 1994) as well as other linguists such as Goossens (1985), Hengeveld (1989) and Dik (1989), indicating the belief that the language as a system provides the speaker strategies to be taken at his own choice to meet his needs of meaning. All these discourse motivated choices were investigated in a corpus of autobiographical/personal narratives to understand how the informants codify their utterances to assume their communicative purpose. The corpus unfolds modality as: through the epistemic modality to express intention, commitment to the discourse act as either true or questionable and through the deontic modality which displays the speakers' both moral and social values.

Key words: Functional Grammar, Modality, Pragmatics.

CONVENÇÕES UTILIZADAS NA TRANSCRIÇÃO DE DADOS FILMADOS/GRAVADOS

[Colchetes ligando duas linhas indicam superposição:

[Duas vozes ouvidas ao mesmo tempo

Colchete com abas invertidas indica encadeamento]

[ausência de pausa entre as linhas

/palavras/ entre barras refletem transcrições incertas

/?/ indica palavras inaudíveis

? indica entonação crescente e não interrogação sintática

. indica descida leve sinalizando final do enunciado

: seguindo vogais indicam alongamento de som

:: alongamento de som

.. dois pontos seguidos indicam pausa breve, menos de meio segundo

. . . três pontos indicam pausa de no mínimo meio segundo; mais pontos indicam pausas mais longas

--> seta à esquerda indica linha em evidência

Seta à direita significa que a fala continua sem interrupção > nas linhas do texto seguinte

´ acento indica tonicidade principal

LETRA MAIÚSCULA indica ênfase em sílabas, palavras ou frases

Os critérios para a transcrição foram estabelecidos a partir de Schiffrin (1987), de Tannen (1993) e adaptados.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	12
1.1 O histórico da pesquisa	23
1.2 Justificativa	27
1.3 Objetivos e questões fundadoras da pesquisa	31
1.4 Organização da tese	35
CAPÍTULO 2 – O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA COMUNIDADE BENÉ-HERZL	36
2.1 Os judeus na Península Ibérica	38
2.2 Os judeus sefaraditas exilados	46
2.3 A presença dos judeus no Brasil	51
2.4 A imigração judaica sefaradita no Rio de Janeiro e a formação comunidade Bené-Herzl	61
CAPÍTULO 3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	69
3.1 Investigação sobre crenças	70
3.1.1 Floresta terminológica	71
3.1.2 Crenças, indivíduo, cultura e sociedade	78
3.1.3 Crenças e atitudes	81
3.1.4 Aspectos relacionados à mudança de crenças	83
3.1.4.1 Crenças e ações	84
3.1.4.2 Crenças e a influência dos fatores contextuais	86
3.1.4.3 Crenças e dissonâncias cognitivas	87
3.1.5 Crenças e sistema de crenças	89
3.2 Narrativas: construtoras de identidades sociais do “self”, do “outro” e de dramaturgia	97
3.3 Marcas de Modalidade: manifestação da subjetividade na linguagem	116

3.3.1 Os modos de expressão de modalidade em português	120
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	130
4.1 Natureza da pesquisa	130
4.2 Coleta de dados	132
4.2.1 Descrição do contexto da pesquisa	134
4.2.2 Primeira fase: instrumentos, procedimentos e participantes	135
4.2.3 Segunda fase: instrumentos, procedimentos e participantes	136
4.2.4 Terceira fase: questões em direção à análise	140
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DAS MARCAS DE MODALIDADE EM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS/PESSOAIS DOS JUDEUS SEFARADITAS DA COMUNIDADE BENÉ-HERZL	141
5.1 Marco teórico para esta investigação	141
5.2 Objetivo da investigação	144
5.3 Perguntas de investigação	145
5.4 Estrutura da investigação	146
5.5 Procedimentos de análise	147
5.5.1 Investigação sobre crenças	147
5.5.2 Investigação sobre marcas de modalidade	160
5.5.2.1 Análise do depoimento 01	160
5.5.2.2 Análise do depoimento 02	177
5.5.2.3 Análise do depoimento 03	187
5.5.2.4 Análise do depoimento 04	199
5.5.2.5 Análise do depoimento 05	210
5.5.2.6 Análise do depoimento 06	235
5.5.2.7 Análise do depoimento 07	244
5.5.3 Análise da Manifestação da Modalidade na Construção do “ser judeu” nos depoimentos dos membros de segunda geração da Comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl	254

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	266
BIBLIOGRAFIA	277
ANEXO	
Fontes de coleta de dados - Segunda geração	287
GLOSSÁRIO	359

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

Esta investigação incide sobre o estudo da marca discursiva modalidade em narrativas sobre o “ser judeu” da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl de Copacabana, no Rio de Janeiro.

A proposta concerne que, partindo dos estudos sobre a categoria linguística modalidade, aplicados às narrativas pessoais/autobiográficas, seja possível compreender o sistema de crenças do “ser judeu” da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl. Sendo assim, por meio dessas narrativas, estuda-se o caráter multifacetado das crenças identitárias, especialmente o das crenças relacionadas à comunidade em estudo.

A pesquisa desenvolve-se, portanto, com base na Gramática Funcional, desvinculada de propostas de escolas particulares justamente por ser o funcionalismo uma teoria que se ocupa das funções dos meios linguísticos de expressão. Halliday, em seu livro *An Introduction to Functional Grammar* (1985, p.xiii) diz: “É funcional no sentido que é projetada para dar conta de como a língua é usada”¹. Na Introdução desta obra, Halliday apresenta uma visão geral de sua “gramática funcional” esclarecendo que deixa de lado, aí o aspecto sistêmico da gramática e trata apenas o funcional. Para ele, uma gramática funcional é essencialmente uma gramática “natural”, no sentido, que tudo nela pode ser explicado com referência a como a língua é usada. Seus objetivos são, realmente, os usos da língua, já que são estes que, “através das gerações, têm dado forma ao sistema”.

¹ “It is functional in the sense that it is designed to account for how language is used”.

Na visão funcionalista, como afirma Halliday, (1994, p.28), a noção de “função” não se refere aos papéis que desempenham as classes de palavras ou os sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos através de estratégias discursivas. E Halliday declara² (1994):

O rótulo “funcional” proporciona um meio de interpretar a estrutura gramatical, em um dado momento, em relação ao sistema da língua como um todo. Os rótulos não são designados aleatoriamente a cada estrutura como pode parecer. Eles são o resultado de uma interpretação da linguagem em relação a seus sistemas e estruturas em qualquer nível. A descrição funcional de uma língua envolve, por um lado, identificar todas as mais distintas funções que são incorporadas na gramática e, por outro, todas as diferentes configurações pelas quais as funções são definidas, ou seja, todas as possíveis estruturas que servem para expressar algum significado na língua.

Tanto Halliday e Dik, os funcionalistas da corrente inglesa e holandesa, respectivamente, com a Escola Linguística de Praga, entendem que os itens que se estruturam nos enunciados são multifuncionais, no entanto, não se deve descrever uma estrutura, limitando-se a funções gramaticais. Deve-se, sim, construir a teoria no interior do próprio sistema, o que revela uma consideração funcional da própria organização interna da linguagem, tendo como base o contexto sociocultural em que ocorrem. Concentra-se, desta forma, a investigação no uso da linguagem em condições reais de ocorrência (HALLIDAY, 1994), descrevendo-se a língua apresentada em narrativas autênticas. O grande esforço de Dik foi dirigido para a explicação da estrutura

² The purpose of functional labelling is to provide a means of interpreting grammatical structure, in such a way as to relate any given instance to the system of the language as a whole. The labels are not assigned in random fashion to each structure as it happens to appear; they are the outcome of an interpretation of the language in terms of its systems and structures at any level. The functional description of a language involves identifying on the one hand all the various functions that are incorporated into the grammar, and on the other hand all the different configurations by which those functions are defined, that is, all the possible structures which serve to express some meaning in the language

gramatical com referência à estrutura semântica e à pragmática (DIK, 1997, apud CAMACHO, 2006). Neves (2004, p. 25) corrobora declarando que Dik (1978, 1979, 1980) propõe uma gramática funcional constituída de “uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica”, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria da interação verbal, “pragmaticamente adequada”. Nas palavras de Dik (1980, p.1, apud NEVES, 2004), a teoria funcionalista distingue o *sistema* da língua e o *uso* da língua, mas evita estudar cada uma deles fazendo abstração do outro. A forma dos enunciados não é entendida, pois, independentemente de sua função: uma descrição completa inclui referência ao falante, ao ouvinte e aos seus papéis e “estatuto” dentro da situação de interação determinada socioculturalmente. De um ponto de vista funcionalista, a relação entre a intenção do destinador e a interpretação do destinatário, na interação verbal, tem a expressão linguística apenas como mediação. Para Makenzie, (1992, apud NEVES, 2004) que segue a linha funcionalista de Dik, afirma que “há uma tradição coerente da gramática funcional ligando explicitamente construções linguísticas a constelações pragmáticas”.

O requisito básico do paradigma funcional é que as expressões linguísticas devem ser descritas e explicadas em termos de um quadro geral fornecido pelo sistema pragmático de interação verbal. Portanto, a gramática funcional pretende ser uma teoria que preenche esse requisito do paradigma funcional; isso significa, entre outras coisas, que, onde seja possível, deve-se tentar aplicar os dois seguintes princípios de explicação funcional: a) deve-se tentar, dentro do possível, explicar essas regras e princípios em termos de

sua funcionalidade em relação aos modos de uso das expressões; b) é natural exigir que uma teoria das expressões linguísticas seja planejada de tal modo que possa mais fácil e realisticamente ser incorporada em uma teoria pragmática mais ampla de interação verbal.

Ressalto, aqui, o grupo funcionalista da Holanda, que toca de perto o arcabouço teórico de Halliday (1989, 1994) e caminha desde o início dos anos 90 na formalização do modelo que denomina Gramática Funcional do Discurso. A proposta significativa da pesquisa realizada tem sido dirigida para a expansão da GF de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. A primeira resposta a essa demanda pode ser encontrada no próprio Dik (1997), mas a primeira abordagem do discurso descrita em Hengeveld (1997) compreende o discurso mais como um nível adicional (ou conjunto de níveis) acima da oração. Esse enfoque é conhecido como organização em camadas ascendentes (*upward layering*).

Com efeito, segundo Hengeveld (2004), há diversas razões por que a GF deve expandir-se da sentença para o discurso: a) muitos fenômenos linguísticos somente podem ser explicados em termos de unidades maiores que a sentença individual; b) muitas expressões linguísticas são menores que a sentença individual e, portanto, só funcionam como enunciados completos e independentes dentro do discurso, “como frases elípticas, exclamações e vocativos”. O autor defende a idéia desenvolvida por Halliday e reconhece a necessidade de uma gramática organizada em três níveis: o nível Interpessoal, o nível Representacional e o nível de Expressão, cada qual concebido como um módulo separado e internamente organizado em camadas, que se estende ao nível do discurso. Camacho (2006, p. 167-180) reflete:

Se por um lado, retém a força original da GF mediante a combinação de neutralidade tipológica e rigor formal, por outro, expande o escopo da GF, sem deixar de levar rigorosamente a sério os princípios já estabelecidos de adequação pragmática e psicológica, não só na medida em que esclarece a relação entre a instrumentalidade do sistema lingüístico em criar e manter relações comunicativas (adequação pragmática), mas também na medida em que obedece a restrições cognitivas gerais sobre a produção e a interpretação do discurso (adequação psicológica).

Halliday (1989, p.29) faz uma proposição de funções, ou seja, de metafunções da linguagem. Para ele, a linguagem serve, em primeiro lugar, à expressão do conteúdo, isto é, tem uma função ideacional. Em segundo lugar, a linguagem serve à função interpessoal, isto é, o falante usa a linguagem como meio de participar do evento de fala: ele expressa seu julgamento pessoal e suas atitudes assim como as relações que estabelece entre si próprio e o ouvinte. A função interpessoal é, pois, interacional e pessoal, constituindo um componente da linguagem que serve para organizar e expressar tanto o mundo interno como o mundo externo do indivíduo. Já a função textual diz respeito à criação do texto, por ela, a linguagem contextualizada as unidades lingüísticas, fazendo-as operar no cotexto e na situação. A função textual refere-se à organização interna da frase, tanto ao seu significado em si mesmo como na sua relação com o contexto.

O autor supracitado (1989, p.5) postula que, para que se estabeleça o contato com o nosso ouvinte, é necessário moldar o discurso de acordo com a maneira de o falante/escritor ver a realidade e suas intenções³:

³ Knowledge is transmitted in social contexts, through relationships, like those of parent and child, or teacher and pupil, or classmates that are defined in the value systems and ideology of the culture. And the words that are exchanged in these contexts get their meaning from activities in which they are embedded, which again are social activities with social agencies and goals.

O conhecimento é transmitido em contextos sociais através de relações tais como de pais e filhos, professor e aluno, ou colegas de sala de aula que são definidos de acordo com os seus sistemas de valores e ideologia de cultura. E as palavras trocadas nestes contextos obtêm significado através de atividades nas quais estão inseridos, que por sua vez novamente são atividades sociais com agências sociais e metas.

A gramática, desse modo, organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas, seja qual uso que esteja fazendo da língua (HALLIDAY, 1973, p. 365). As diferentes redes sistêmicas codificam diferentes espécies de significado, ligando-se, pois às diferentes funções das linguagens. Dentro de cada sistema, as escolhas se fazem com respeito a um determinado nível gramatical.

A modalidade, assim, inserida na função interpessoal tem como finalidade a expressão de nossas crenças ou opiniões a respeito de algum assunto, como modo de interação com as pessoas no mundo, mostrando nossos critérios de verdade e valor. Modalização é o sustentáculo da enunciação na medida em que ela permite explicitar as posições do sujeito falante em relação a seu interlocutor e a ele mesmo (NEVES, 2006).

A modalidade é uma categoria discursiva que imprime as intenções, os sentimentos e as atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Em outras palavras, é o valor que o locutor atribui aos estados de coisas que descreve ou a que alude em seus enunciados.

A **crença** nesse estudo surgiu à medida que a pesquisa sobre narrativas e crenças ia sendo realizada. A modalização, como estratégia argumentativa

discursiva, evidenciava a sua contribuição para a construção do **self** no texto: a marca identitária emerge através da manifestação do recurso linguístico: modalização. Daí suscitar a questão a ser respondida através deste *corpus*:

- a) de que forma a modalização constitui estratégia discursiva nos depoimentos da segunda geração da comunidade israelita Bené-Herzl?
- b) como esse recurso discursivo de escala argumentativa é usado para a construção do “ser judeu” dessa comunidade em estudo?

Pretende-se, então, investigar a forma como os informantes usam essas estratégias discursivas para revelar suas crenças sobre o “ser judeu”. Desta forma, este estudo apresentará através das ocorrências no *corpus* analisado, o emprego da modalização como estratégia argumentativa discursiva. A fim de alcançar esses objetivos, evidenciar como a modalização, com seus diversos tipos e graus de modalidade, favorece a construção da argumentação, da atitude do interlocutor em relação a sua identidade: o “ser judeu”.

Este estudo aborda, portanto, a questão segundo a teoria da gramática funcional, proposta por Halliday (1989, 1994), bem como outros pesquisadores de mesma linha, por exemplo, Goosens (1985), Hengeveld (1989) e Dik (1989), considerando a crença de que a língua como sistema se abre ao falante em recursos à sua escolha e, simultaneamente, sofre mudanças, que são reflexos de seleções individuais, sociais e discursivamente motivadas. Assim sendo, Halliday define:⁴ (1989, p.11):

⁴ A text, then, is both an object in its own right (it may be a highly valued object, for example something that is recognized as a great poem) and an instance – an instance of social meaning in a particular context of situation. It is a product of its environment, a product of a continuous process of choices in meaning that we can represent as multiple paths or passes through the networks that constitute the linguistic system.

Um texto, assim, é um objeto que serve a si mesmo (pode ser um objeto muito valioso, por exemplo, algo que é reconhecido como um grande poema) e um exemplo – um exemplo de significado social em um específico contexto de situação. É um produto do meio ambiente, um produto de *um processo continuum* de escolhas no significado que nós podemos representar como múltiplos caminhos e passes através das redes que constituem o sistema linguístico.

Vale, neste momento, apresentar o posicionamento do linguista Leech (1983, p.220 *apud* NEVES, 2001, p. 49) que, diferentemente de Dik, critica a adoção isolada de qualquer uma dessas abordagens, considerando que não se pode negar que a linguagem é um fenômeno psicológico e social. As diferentes abordagens prendem-se a formas distintas de encarar a natureza da linguagem: para os formalistas, é um fenômeno eminentemente mental; para os funcionalistas, um fenômeno primariamente social. Desse modo, para Leech, a eleição de um modelo teórico, em detrimento de outro, não se justifica, pois ambos apontam não só objetos de estudos distintos, como também diferentes pressupostos, objetivos e metodologia.

O discurso como foco na investigação linguística

A vasta literatura conduz a inferir que incorporar a pragmática na gramática equivale admitir a inserção de descrições de estratégias discursivas. Muitos funcionalistas (*apud* NEVES, 2004, 2006) expõem essa assertiva:

Nichols (1984) pontua que a “gramática funcional” embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa, o

propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. De Beaugrande (1993) acentua que a principal tarefa de uma “gramática funcional” é “fazer correlações ricas entre forma e significado dentro do contexto global do discurso”.

Givón (1979), em sua obra vista como um marco no movimento pela colocação de discurso como foco na investigação linguística, apresenta a afirmação de que “a estrutura da linguagem não pode ser adequadamente estudada, descrita, compreendida ou explicada sem referência à função comunicativa

Bu Bois (1993) elenca as relações entre o discurso, ou uso, e a gramática assim se equacionam: a) gramática molda o discurso; b) o discurso molda a gramática. Ou: “a gramática é feita à imagem do discurso”; mas: “o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática”.

No entanto, cabe, aqui, ressaltar que o papel do componente discursivo na própria gramática já vem sendo preconizado por estudos como: o de Du Bois (1980); o de Mathiessem e Thompson (1988); ou o clássico estudo da Hopper e Thompson (1980). Todos esses estudos implicam a admissão de um relacionamento íntimo entre as determinações do discurso e as da gramática. Liga-se à noção discursiva de figura como plano de maior saliência na investigação linguística e, à noção discursiva de fundo como plano de menor relevância.

Defendo, portanto, baseada em Hopper & Thompson (1980), em relação à transitividade, que a modalidade sofre a interferência de fatores discursivos no mecanismo da manifestação subjetiva na linguagem da

modalidade. Posso, assim, entender o sistema de modalidade como intimamente relacionado com a formação de planos no discurso (grounding): o primeiro plano figura (foregrounding), que se constitui das partes que contribuem para expressar melhor os propósitos do falante em maior relevância e o plano de fundo (background) que se constitui das partes que apenas ampliam, embasam, modalizam em menor relevância. Liga-se à noção discursiva de figura como plano de maior saliência na investigação linguística e, à noção discursiva de fundo como plano de menor relevância.

Assim sendo, esta tese propõe descrever o “ser” judeu, a identidade judaica, que tem sido um tema de interesse para vários campos teóricos, para várias disciplinas, como Antropologia, Sociologia, Psicologia Social, História Oral, mas não para a Linguística. Não há estudos linguísticos atestando a manifestação subjetiva da modalidade no discurso por meio de narrativas pessoais/autobiográficas, isto é, não foi observado ainda como a linguagem constrói esse sistema de crenças através dos estudos das marcas da modalidade como manifestação da subjetividade na linguagem. Investigo, portanto, **a marca que o sujeito/locutor/interlocutor deixa no seu discurso.**

Para linguistas como Gee e outros mencionados abaixo (2001, p. 40-82), é no momento em que se pensa como os significados são situados em contextos reais de uso que se encontra uma importante propriedade da língua: reflexividade⁵ (DURANTI & GOODWIN, 1992; HANKS, 1996; HERITAGE, 1984; GUMPERZ & LEVINSON, 1996).

⁵ Reflexivity - p.82

Paul Gee (2001, p. 82) pondera que aqui enfrentamos a questão da “galinha e do ovo: qual vem primeiro? A situação ou a língua? Essa questão reflete uma importante *reciprocidade* entre língua e *realidade*: língua simultaneamente reflete *realidade* (como as coisas são) e a constrói para ser de certa maneira”.⁶

Enquanto *reciprocidade* seria um bom termo para essa propriedade da língua, o termo mais comum, para o autor, é reflexividade. A preferência do termo deve-se ao fato de serem “a língua e o contexto como dois espelhos, que, voltados um para o outro, refletem suas próprias imagens constantemente e interminavelmente”.⁷

Conceitos ou significados, assim sendo, emergem em total interação com o contexto social e cultural. Gee (2001, p.79) enfatiza que “os seres humanos, como criaturas, são fazedores de sentido por excelência. Dentro de suas culturas e discursos, elas movem-se ao sentido como certas plantas movem-se à luz”.

O interesse acadêmico em pesquisar imigrantes judeus espanhóis sefaraditas de fala ladina, expulsos das terras ibéricas a partir de 1492 e oriundos do Oriente Médio, Império Otomano, mais precisamente Turquia, emergiu ao iniciar os estudos sociolinguísticos⁸ sobre o “self”, narrativas e linguística variacionista. Inicialmente, houve interesse por pesquisas relacionadas às narrativas de experiências pessoais, por trabalhos que tinham

⁶ “We face, then, a chicken and egg question; Which comes first? The situation of the language? This question reflects an important reciprocity between language and “reality”: language simultaneously reflects reality (“the way things are”) and constructs (construes) it to be a certain way”. (Tradução minha)

⁷ GEE (2001, p. 79)

⁸ Calvet (1993, p.161) declara que um dia espera poder escrever simplesmente linguística e definir essa ciência como ‘o estudo da comunidade social em seu aspecto lingüístico’.

como enfoque a reconstrução do passado e do presente de comunidades/grupos minoritários. A obra de Labov (1972) desencadeou esse interesse, uma vez que postula que “para nós, nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade lingüística”. Calvet (1993) comenta que “na realidade, na prática foi preciso esperar por William Labov⁹ para encontrar a afirmação de que, se a língua é um fato social, isso significa dizer que a Sociolinguística é a Lingüística”. E Labov (1972) esclarece: “Durante anos recusei-me a falar de sociolinguística, pois esse termo implica que poderia existir uma teoria ou uma prática linguística fecunda que não fosse social”.

Os depoimentos orais usados como *corpora* evidenciaram um sistema de crenças enraizado em suas lembranças dinâmicas e em emoções suscitadas por tradições culturais judaicas. Essa construção da memória da comunidade judaica sefaradita Bené-Herzl recompõe a relação do passado com o presente, garantindo para o futuro a sobrevivência das lembranças. Ao cruzar registros históricos com os depoimentos dos informantes, consegue-se recompor uma “espécie de cadeia de pertencimento onde todos se (re)conhecem como parte de um todo”.¹⁰

1.1 O histórico da pesquisa

O processo de identificação surge com a necessidade do ser humano de se agregar àqueles com os quais tem algo em comum. Identificação é uma palavra que vem do latim ‘idem’ e quer dizer ‘a mesma coisa’.

⁹ LABOV, William. Sociolinguistique, Paris, Minuit, 1976, p.37.

¹⁰ (D’ALESSIO, 1993, p.97)

Para Moacyr Scliar (2005), o grupo judaico é tipicamente um grupo de conflitos de identidades. Scliar postula que essa “problemática existe desde os tempos bíblicos entre os judeus que aderiram à cultura helenística, hegemônica, e aqueles que mantiveram a identidade judaica”. O autor reitera que o problema cresceu ainda mais quando o povo judeu se viu em meio a uma mistura cultural, quando dominado pelo Império Romano.

Portanto, o que é ser judeu? O que os identifica como pertencentes a esse grupo?

De acordo com a Halachá¹¹, o conjunto das leis judaicas, é judeu quem é filho de mãe judia – ou se comporte conforme a tradição. Alguns rabinos ortodoxos não aceitam o conceito de conversão para filhos de mães não judias. Por exemplo, mesmo na comunidade de formação "liberal", em São Paulo, estudada por Sylvana Hemi (2003), “os indivíduos que se convertem ao judaísmo são atingidos por preconceitos”.

A autora cita uma pesquisa publicada em 1991, nos Estados Unidos, que teve resultados semelhantes aos seus. Indagados sobre o que consideram essencial para ser um "bom judeu", tanto os americanos quanto os brasileiros citam as "questões morais" antes do "ritual judaico, do estudo da Torá e da obediência às suas leis". A lógica, segundo a pesquisadora, mudou: "ser um bom judeu faz de você uma pessoa boa."

Os hebreus, israelitas ou judeus podem ser apresentados como aqueles que compõem o povo de Israel, povo este escolhido, dentre outros povos, para

¹¹ Halachá (em hebraico; הלכה também transliterado como Halakhah, Halakha, e Halachah) é o nome do conjunto de leis da religião judaica, incluindo as leis da Torá e os mandamentos rabínicos posteriores, relacionados aos costumes e tradições, servindo como guia do modo de viver judaico. (Wikipedia)

receber a Lei divina. Quanto à caracterização desse povo enquanto povo eleito por Deus, é necessário que se compreenda tal expressão como referente, unicamente, ao fato de que Deus escolheu os judeus para que recebessem Sua Lei, cumprissem os mandamentos contidos na mesma e a estudassem, a fim de poderem segui-la de forma consciente.

Desse modo, essa escolha não deve, em hipótese alguma, ser interpretada por um prisma etnocêntrico, ou seja, significando a superioridade de um povo em detrimento de quaisquer outros, seja ela defendida por critérios religiosos, étnicos, sociais, econômicos, políticos ou morais.

Segundo Lillenthal (1997), a eleição deve ser compreendida como marcada pela condição de obediência, dever e serviço a Deus. Tal condição revela que o povo de Israel foi escolhido apenas como instrumento para “garantir o cumprimento de um propósito divino maior, a defesa do monoteísmo”. O autor adverte ainda que “a relação entre Deus e o povo judeu, embora particular, não é exclusiva, mas extensiva a toda a humanidade”.

Twain¹² (1898 apud SACKS, 1993) escreveu:

Se as estatísticas estão corretas, os judeus constituem apenas um por cento da raça humana. Isso sugere um nebuloso grãozinho de pó de estrela perdido na imensidão na Via Láctea. Adequadamente, jamais se ouviria falar do judeu; porém se fala, e sempre se ouviu falar dele. Ele é tão proeminente no planeta quanto qualquer outro povo, e sua importância comercial é bastante fora de proporção com a pequenez de seu grupo. Suas contribuições aos grandes nomes do mundo na literatura, ciência, arte, música, finança, medicina também estão fora de proporção com seu pequeno número. Tem feito uma luta maravilhosa no mundo, em todas as épocas; e o tem feito com as mãos atadas nas costas. Os egípcios, os babilônios, os persas

¹² SACKS, Jonathan. O segredo da continuidade judaica. agosto de 1993.

surgiram, encheram o planeta com som e esplendor e depois evaporaram como num sonho e sumiram; os gregos e os romanos, também, fizeram muito barulho e agora estão acabados; outros povos brotaram e levantaram sua tocha bem alto por um tempo, mas ela se queimou, e agora estão na obscuridade, ou simplesmente desapareceram. O judeu viu a todos eles, venceu a todos, sem enfraquecer suas partes, sem esmorecer suas energias, sem embotar sua mente alerta. Todas as coisas são mortais, as outras forças passam, mas ele permanece. Qual o segredo de sua imortalidade?

E Twain (1898) conclui com uma indagação: “qual é o segredo da continuidade judaica?”

Quanto à visão da narrativa como autoconstrução do “eu” ganha força à luz de pesquisas recentes, demonstrando como narrativas autobiográficas favorecem esse posicionamento. O ato de contar uma estória proporciona ao narrador a possibilidade de operar transformações durante a interação, conforme a necessidade que ele tenha de construir o seu “eu” e de assumir uma posição perante a audiência em relação aos eventos narrados.

Wortham (2001), em seu livro intitulado “Narratives in Action” revela que a construção do *self* através da narrativa autobiográfica depende da interrelação da representação e da encenação (*enactment*). Na realidade, o narrador, nesse tipo de narrativa, constrói papéis duplos.

Bruner (1987), Mishler (1986) (apud WORTHAM, 2001, p.137) e outros questionam que a conexão entre os *selves* narrados e contados oferece poder à narrativa autobiográfica para construir o *self*. Crites (1986) contribui aos estudos sobre narrativa afirmando que as do tipo autobiográfico fazem um elo entre os *selves* do passado e do presente. Dessa forma, ajuda a construir uma identidade coerente do narrador.

Butler (1990) ressalta a importância não só da posição interacional para a construção do *self* como também do conteúdo representacional do próprio *self*. Ele denomina esse relato de um relato do *self* performativo. O *self* emerge quando uma pessoa, repetidamente, adota não só posições características em relação aos outros como também aos padrões culturalmente reconhecíveis nas atividades sociais do dia a dia.

O *self* é uma construção aberta, em andamento, e, frequentemente, heterogênea, porque a posição interacional que parcialmente o constitui depende tanto dos contextos sociais que se alteram com o tempo quanto das contraposições imprevisíveis dos outros.

1.2 Justificativa

Como já foi dito, não encontrei, em Linguística, nenhuma pesquisa realizada sobre o sistema de crenças de qualquer comunidade sefardita, visando estudar o fenômeno linguístico discursivo modalização. No entanto, destacam-se alguns trabalhos na Antropologia e na História.

Em 2004, Isabela Andrade de Lima, na dissertação intitulada “Negociando identidades: os fatores políticos e a re-significação da identidade judaica. O caso da comunidade judaica de Pernambuco” investigou como os judeus, diante da atuação da política e do Estado, desenvolveram estratégias para evitar a assimilação e garantir, assim, a manutenção da sua identidade.

Já Wagner Borges de Almeida Lins, no mesmo ano, na dissertação “Estrela minguante: memória e re-significação do judaísmo no interior do Estado do Pará”, por meio de uma análise antropológica, estudou como a

memória e elementos da cultura judaica são utilizados pelos descendentes na construção de seus processos identitários.

Joelle Raquel Rouchou, em 2003, na tese intitulada “Noites de verão com cheiro de Jasmim: memórias de judeus do Egito no Rio de Janeiro em 1956/57”, focalizou a construção da identidade e da memória e a transmissão da história dos exilados judeus do Egito logo após a nacionalização do Canal de Suez, entre 1956 e 1957, procurando ressaltar a importância, para a história oral e para o jornalismo, do encontro do pesquisador ou do jornalista com os entrevistados.

Na Psicologia, Lia Vainer Schucman (2006), em sua dissertação “Produção de sentidos e a construção da identidade judaica em Florianópolis”, utilizou o referencial teórico da psicologia sócio-histórica sobre a constituição de sujeito e de identidade para compreender os diferentes sentidos atribuídos a "ser judeu" no contexto de Florianópolis.

Silvana Hemsí, em 2003, na tese intitulada “Identidade Judaica: Significados e Pertinência - Um estudo sobre jovens judeus liberais”, procurou comprovar como a continuidade da judeidade na comunidade judaica de comportamento liberal (do ponto de vista religioso) de São Paulo pode ocorrer e não estar necessariamente vinculada apenas à prática religiosa. A autora baseou-se na Psicologia e na Psicanálise para focar a questão da identidade de um grupo de jovens judeus liberais brasileiros.

Na área da Educação e do Ensino do Hebraico como Segunda Língua desenvolveram-se também alguns trabalhos. Ester Barzellai Barocas, em 2006, tendo como referência textos da literatura hebraica infantil, apresenta um relato

de experiência de uma proposta de ensino da língua hebraica como segunda língua através do Programa Ivrit Laktaním, desenvolvido no contexto da comunidade judaica de São Paulo. Esse estudo prioriza o fortalecimento da identidade judaica desde a idade infantil. Alberto Samuel Milkewitz Trzonowicz, na dissertação, em 2006, “Ledor Vador: construindo identidades de geração em geração”, investigou a educação como agente da continuidade judaica, em um estudo exploratório de três gerações de uma mesma família.

Na área da Análise do Discurso Francesa e da Sociologia, destacam-se as pesquisas de Szuchman (2006) e Galikin (2001). A primeira, uma dissertação intitulada “Identificação/identidade: linguagem, história e memória na condição judaica”, avaliou as relações contraditórias dos sefaraditas e ashkenazitas que surgem dos mais diversos saberes, tais como língua, cultura ético-religiosa, costumes e tradições da comunidade judaica de Porto Alegre. A segunda, tese intitulada “Os filhos dos mandamentos: uma discussão sobre a identidade judaica no contexto dos rituais de maioridade Bar Mitzvá¹³ e Bat Mitzvá¹⁴”, apresenta a identidade no contexto de um rito de maioridade dos jovens judeus, Bar Mitzvá, o rito masculino, e Bat Mitzvá, o rito feminino. Tais “ritos de passagem” fornecem a alteridade necessária para manter o sentimento e a convicção da diferença e, portanto, da identidade.

Vale ressaltar também dois livros já escritos e outros dois em curso, que visam preservar e divulgar a história e a memória da coletividade judaica no Rio de Janeiro. Os livros, “Judeus da Leopoldina” e “Vivência Judaica em

¹³ A expressão "Bar-Mitzvá" (filho do mandamento) origina-se parcialmente do aramaico, a língua do Talmud. "Bar" significa literalmente "filho de", e "mitzvá" significa "mandamento". Assim, um "Bar-Mitzvá" é um "filho do mandamento". A ocasião mais importante na vida de um judeu chega aos treze anos, quando ele atinge a idade para entrar na aliança com Deus e no compromisso de manter, estudar e praticar todos os preceitos da Torá. Para as meninas, essa aliança se dá aos doze anos. (Wikipedia)

¹⁴ “Bat-Mitzva” – designa para as meninas “filha do mandamento”.

Nilópolis”, escritos, respectivamente, pela jornalista Heliete Vaitsman e por Esther London, uma ex-moradora de Nilópolis entre 1939 e 1952, retratam a vida dos judeus naquelas áreas. Os livros em curso têm como base duas pesquisas com moradores e ex-moradores das comunidades de Niterói e da região da Central do Brasil.

A história dos judeus em Nilópolis, que começou na década de 1920, levou o jornalista Radamés Vieira a produzir um documentário sobre a comunidade judaica instalada ali entre 1920 e 1960.¹⁵ Segundo Vieira, a ideia de fazer o filme “De Israel à Beija-Flor” surgiu a partir da leitura do livro de Esther London. A viagem de volta às origens dos pioneiros judeus de Nilópolis não deixa de ser um mergulho autobiográfico. Vieira resume: “Tudo isso me fez um bem tremendo. Os judeus acabaram por fazer uma ‘mitzvá’¹⁶ em minha alma”. Assim sendo, esse interesse recente por relatos da imigração judaica levou o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro de São Paulo a criar um Núcleo de História Oral e Estudos Judaicos tanto no Rio como em São Paulo, permitindo, assim, que eu tivesse acesso às pesquisas e dados sobre os imigrantes judeus no Brasil, oriundos de várias regiões, inclusive a de meu interesse, Esmirna, na Turquia.

Cabe ressaltar também que o departamento de História da UFRJ, por intermédio da Prof^a Dra. Mônica Grin, em setembro de 2008, viabilizou a criação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ). Esse Núcleo conta com a parceria e o apoio do Hillel-Rio,¹⁷ coordenado pelo Prof. Michel Gherman, para a realização de atividades acadêmicas, cujo tema fundamental

¹⁵ O Jornalista Radamés Vieira deu entrevista sobre o filme no site: <http://www.judeusemnilopolis.com.br>

¹⁶ Um termo para se referir a um ato de bondade humana.

¹⁷ O Hillel está situado na Av. Borges de Medeiros, 3429, Lagoa. O principal objetivo da instituição é conectar os jovens judeus entre si e à vida judaica.

é o judaísmo em suas variadas expressões. Inclusive, em junho de 2008, o programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ e o Hillel promoveram a palestra do Prof. Dr. Nelson H. Vieira, do departamento de estudos judaicos da Brown University, USA., sobre “Visões Judaicas sobre Identidade: O Eu e o Outro”. A plateia era composta de jovens universitários, professores, escritores e até de um sobrevivente do Holocausto. Após a palestra, o debate decorreu caloroso sobre os pontos-chave do judaísmo, que acrescentaram mais vivência real aos meus estudos e observações.

1.3 Objetivos e questões fundadoras de pesquisa

Meu interesse, portanto, é identificar o uso da modalização, buscando entender tanto como a manifestação, o funcionamento linguístico, desse recurso discursivo emerge em situações comunicativas como também os sentidos que são construídos na relação que se estabelece entre locutor-interlocutor. Esta tese, portanto, tem como objetivo focalizar o papel que as narrativas pessoais/autobiográficas representam na construção da identidade social do protagonista – o *self* – e de suas relações com os personagens, com a história narrada, com os “outros”, judeus e não judeus.

Para esta pesquisa, utilizarei os aportes teóricos da linguística sistêmico funcional na tentativa de focalizar esse fenômeno linguístico tão recorrente nos mais distintos eventos discursivos. Adoto os postulados que tratam da modalização, inserindo-a tanto em uma perspectiva semântico-pragmática quanto em uma perspectiva semântico-discursiva. Portanto, abracei os estudos

de Halliday (1989, 1994), Hasan (1994), Palmer (1986), Bybee et al (1994), Givón (2001), Neves (2002, 2006) e Koch (2002, 2003).

De toda literatura revista, encontrei enfoques distintos, com interpretações ora sintáticas, ora semânticas ora pragmáticas. Isto demonstra ser a modalização um tema de relevância para a compreensão das sentenças e discursos, possibilitando, assim, a avaliação quanto ao grau de envolvimento do falante/locutor/enunciador como o enunciado que produz.

Essa categoria linguística, modalização, deve ser revisitada, pois se faz indispensável ao ensino de língua, ao ensino aprendizagem de leitura e produção de textos já que tem papel importante na construção de estratégias discursivas, da argumentação e do sentido do texto.

Ao longo da tese, procedi a uma reflexão sobre narrativas para a fabricação das crenças sobre identidades sociais que emergem e são construídas no momento em que as histórias são contadas. Parte-se da hipótese de que a experiência de vida narrativizada teria o potencial de constituir um sentido de identidade, que é tecido em histórias de vida. O que essa visão contribui é para que os seres humanos sejam vistos como pessoas cujos corpos estão situados na história social, na qual o discurso é mediado pelo que são e pelo que eles pensam que os outros sejam (HALL, 1995).

Esse estudo será pautado na observância de como essa prática discursiva corrobora para que os membros dessa comunidade construam a identidade judaica: como se orientam individualmente ou socialmente. Assim, quem conta uma história está se construindo à luz de como representa os personagens, i.e., sua etnia, gênero e sexualidade etc., nos espaços em que

atuam no mundo da história (JOHNSTONE, 1993) como também em relação a quem é o seu interlocutor no mundo em que a história está sendo contada no passo a passo da narrativa. As semelhanças entre a noção de posicionamento e os conceitos de *footing* e alinhamento (GOFFMAN, 1981) colaboraram para o desenvolvimento da análise das narrativas.

As narrativas autobiográficas investigadas foram produzidas por descendentes criados no Brasil – **segunda geração** -- dos imigrantes judeus espanhóis sefaraditas de fala ladina – *primeira geração* – que foram expulsos das terras ibéricas a partir de 1942 e que se deslocaram para a região do Oriente Médio, mais precisamente para a Turquia.

Para o contato com os descendentes – *segunda geração* -, recorri à comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl, localizada em Copacabana, Rio de Janeiro.

Com a pesquisa de natureza qualitativa que desenvolvi com esse tipo de *corpus* (o das narrativas pessoais/autobiográficas), foi possível investigar as crenças sobre o que é 'ser judeu'. Para responder essa questão, investiguei as crenças de identidade enraizadas no discurso e no comportamento linguisticamente suscitado que os informantes demonstram ter em relação ao judaísmo através do fenômeno linguístico: Modalização.

Em linhas gerais, os resultados da análise, de base qualitativa, das crenças sobre a identidade judaica revelam que as narrativas pessoais/autobiográficas, por configurarem um trabalho de reconstrução do passado de comunidades/grupos minoritários, podem gerar, para os informantes, o resgate não só do passado, mas uma reflexão sobre o presente,

além de uma possível revitalização dessas comunidades e de suas línguas, no caso do ladino.

No que concerne à compreensão da identidade judaica, a título de curiosidade, Scliar (2005) aponta três aspectos para se compreender o judaísmo: as identidades religiosa, sionista e cultural.

A identidade religiosa nos coloca frente a uma religião que possui certo tipo de ritual, de templo - que é a sinagoga - e certo tipo de mentor - que é o rabino - no caso do judaísmo. E dentro da religião judaica, há várias correntes: ortodoxos, conservadores e liberais.

A outra identidade que chegou ao auge em 1948, com a criação do Estado de Israel, foi a identidade sionista. Scliar (2005) reitera que “a sua criação correspondeu a um anseio do povo judeu e a um anseio de humanidade, e que a criação do Estado de Israel está justificada pelo direito internacional e pela aspiração milenar do povo judeu”.

E, finalmente, a identidade cultural. É o caso de judeus que não são religiosos, que não militam a causa sionista, mas que possuem um apego histórico e cultural ao judaísmo, à música judaica, à arte judaica, à literatura, e também ao iídiche.

Segundo Scliar (2005), esta é a mais fraca porque é a menos definida. A religião é definida, tem um ritual, tem comprometimento. Ser sionista praticante implica engajamento, participação. Apoia-se o Estado de Israel, trabalha-se para isso, e conseqüentemente, há algo a fazer. A identidade cultural existe através da criação de vários movimentos e iniciativas culturais em qualquer lugar do mun

1.4 Organização da Tese

Há sete capítulos. No capítulo 1, abro esta investigação informando tanto o histórico como a justificativa desse estudo. No capítulo 2, apresento um composto de seções que contextualizam os judeus sefaraditas não só na pesquisa como também no espaço geográfico, Brasil, esclarecendo, assim, aspectos específicos da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl. O capítulo 3 apresenta a revisão da literatura que trata de estudos sobre a manifestação da modalidade na língua portuguesa sob o viés da Linguística Funcional sobre o conceito de crenças nas narrativas pessoais/autobiográficas e a encenação do 'self'. No capítulo 4, demonstro a metodologia empregada no trabalho de investigação. No capítulo 5, encontra-se a análise das crenças e sistemas de crenças: a construção do self judaico dos judeus sefaraditas da segunda geração da comunidade em estudo à luz da gramática funcional. O capítulo 6 consta das considerações finais desta tese seguidas pelo capítulo 7, o das referências bibliográficas fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA COMUNIDADE BENÉ-HERZL

A comunidade judaica carioca se compõe basicamente de dois grupos: os judeus sefaradim¹⁸ (oriundos dos países árabes e da Península Ibérica) e os judeus ashkenazim¹⁹ (da Europa Central e do Leste). Essa divisão somente caracteriza a diversidade intrínseca dos judeus, marcada pela riqueza das diferenças de costumes, língua e culturas, contrapondo-se à unidade em torno das crenças fundamentais, do calendário e ritos festivos²⁰.

A comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl, situada à Rua Barata Ribeiro, 448, Copacabana, foi fundada em 1966 no Rio de Janeiro como Centro Israelita Brasileiro Bené-Herzl. Essa entidade engloba as três subdivisões da Instituição: Clube Israelita Brasileiro, Congregação Religiosa Israelita Beth-EL e o Lar dos velhos Israelita Bené-Herzl.

Desde então, o Centro Israelita Brasileiro (CIB) tem congregado judeus sefaraditas ou não para comungarem juntos a palavra (Shemá) e os mandamentos (Torah) de Deus, perpetuando, assim, adoração a um Deus Único, Deuteronômio 6 (4-9): "**Shema Yisrael Adonai Eloheinu Adonai Ehad**"²¹ (Escuta Israel, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é Único).

¹⁸ Sefaradis (ou sefaraditas, segundo o Aurélio) é a denominação dada aos judeus de origem espanhola ou portuguesa que se espalharam pela África do Norte e pelo Império Otomano após sua expulsão da Península Ibérica no fim do século XV. Muitos permaneceram em países do Oriente Médio até que o aparecimento do Estado de Israel, em 1948, desse início a conflitos que acabariam resultando na sua expulsão (Millman, 1983).

¹⁹ O termo *ashkenazi*, em hebraico, ou *asquenaze* (segundo o Aurélio) designava originalmente judeus de ascendência alemã. Como a maioria dos judeus dos países da Europa do Centro e do Leste era descendente de judeus franco-alemães, o termo veio a ser aplicado a judeus europeus em geral, em oposição a judeus *sefaraditas*, provenientes dos países islâmicos do Oriente Médio e Norte da África.

²⁰ Dados extraídos do livro *Heranças e Lembranças*. O material foi coletado no contato direto com o imigrante.

²¹ Os Judeus praticantes, ainda hoje, rezam todos os dias: "Escuta **Israel**, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é Único..."

Dr. Israel, filho de um dos fundadores da comunidade e informante desta investigação, retrata o caráter judaico da comunidade com a saudação feita aos associados na festa de Ano-Novo (Rosh-Hashaná).

“Através de conjeturas concluímos que a perpetuação do judaísmo não foi nem poderia ser à custa das realizações materiais, porque nossos templos foram duas vezes destruídos, a Palestina foi o palco de inúmeras invasões onde os caminhos do Oriente e do Ocidente se cruzavam. Fomos escravos; mas apenas e maravilhosamente com a Shemá” nos lábios e a “Torah” sob o braço, atravessamos os maiores vendavais da história e aqui estamos para levar nossas preces ao Eterno e pedir-lhe que nos permita conservar este singelo, oneroso e ao mesmo tempo maravilhoso legado, para o todo e sempre, o que manterá o povo Hebreu imperecível como tem sido demonstrado até hoje”.

Para todos - "Leshaná Tovah Tikatevu" Dr. Israel²²

Aqui Dr. Israel pontua algo dito por Haddad (1992 apud LEWIN, 2007),²³ que “os judeus conseguiram substituir aquele edifício de pedra em um templo invisível inscrito em seus corações, substituindo seu papel centralizador pelo estudo da Tora, que funcionou como elemento de agregação ao impedir seu desaparecimento”. O autor complementa, ponderando, que os judeus transportavam consigo “essa pátria espiritual na sola de seus sapatos, ou nos corações, nas mentes e nos músculos fortalecidos para enfrentar o exílio e suas inúmeras diásporas”.

²² Saudação dirigida aos associados do CIB por ocasião do Rosh-Hashaná de 5726.

Ao saudarem-se nesta festa, os israelitas dizem: “**Leshaná Tová Tikatevu**” (Sede inscritos para um ano bom).

²³ LEWIN, Helena. Ressonância e Dissonâncias judaicas, 2007. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. ISSN 1982-305

2.1 Os judeus na Península ibérica

Consta que, no período do Império Romano, os judeus imigraram para os territórios da Península Ibérica, animados por sua vasta e rápida expansão. Os judeus mantiveram-se nessa região, onde, atualmente está localizada a Espanha, que significa **Sefarad** em hebraico. O termo judeu **sefaradita**, hoje, corresponde a todo judeu que teve sua ascendência na Espanha e em Portugal e, na diáspora, foram para o Império Otomano, para a Holanda, a França, a Itália, e o norte da África.²⁴

No século V d.C., a Península Ibérica foi conquistada pelos bárbaros germânicos visigodos. Até o final desse século, o reino visigodo confirmou os direitos conferidos pela lei dos romanos de os judeus manterem sua cultura e religião. Com a conversão dos visigodos ao catolicismo, iniciou-se um período de intolerância, culminando, em 613 d.C. com o decreto do rei Sisebut, que determinava que todos os judeus deveriam se converter ao cristianismo ou abandonar o país.

A partir de então, a influência da Igreja passou a se fazer sentir com maior intensidade. Os vários Concílios de Toledo, que se reuniram durante o século VII, insistiram no cumprimento das leis restritivas contra os judeus. Na realidade, as restrições de caráter econômico tinham o propósito de afastá-los da agricultura e, em geral, do convívio com os cristãos.

²⁴ Para a realização dos capítulos históricos, pesquisei livros tais como “os caminhos do povo judeu” 4 volumes; CONFARAD II –Congresso Sefaradita de 2001; Tribunal da história (2005); O povo Judeu – 2 volumes; Das Fogueiras da Inquisição às terras do Brasil – 2002.

Em 711 d.C., os muçulmanos (mouros) invadiram a Espanha. Entre 750 e 1030, surge o Califado de Córdoba, e quase toda a Península passou a pertencer aos muçulmanos, ficando os cristãos com uma parte das montanhas do norte, o reino de Astúrias. Houve, entre judeus e mouros, uma afinidade, que se traduziu em certa aliança e em um convívio pacífico.

De certa forma, desde a tomada da Península pelos árabes, houve um período de convivência harmoniosa das três etnias, e, durante os séculos X a XII, a Península serviu de palco para a fusão do que de melhor havia nas culturas muçulmana, judaica e cristã.

Nesse período, a numerosa população judaica que ali vivia contribuiu para o esplendor e a riqueza da região, tornando-se, assim, uma das mais avançadas do mundo. Época de ouro para os judeus, que viram o uso das escritas hebraica e árabe para codificar as línguas românicas, **ladino** (sefaraditas) e **latinus** (mozárabes) e suas literaturas.

No entanto, embora houvesse uma grande integração cultural e linguística, havia a questão da posse do território. Os cristãos que se encontravam ao norte da Península foram lentamente expandindo-se para o sul, formando pequenos reinos, como o de Castela e Aragão. Aumentaram, assim, as possessões cristãs, e, por volta de 1300, o domínio muçulmano reduzia-se a uma faixa ao sul, o Emirado de Granada.

Com a reconquista, três problemas surgiram, afetando a situação dos judeus espanhóis: o demográfico, o econômico e o político. Com a saída dos mouros, os reis cristãos iniciaram uma política de ocupação do solo. Os judeus

desempenharam o papel de repovoadores e, então, receberam terras, casas, oficinas e lojas que haviam pertencido aos árabes.

O comércio foi retomado, principalmente com o Mediterrâneo recém-aberto aos cristãos pelo sucesso das Cruzadas. As comunidades judaicas se multiplicavam, e, em quase todos os pontos dos países ibéricos, havia judeus, engajados na produção agrícola, no artesanato e no comércio. O interesse dos reis em dinamizar a economia levou esses monarcas a protegerem os judeus com decretos reais que asseguravam a eles direitos de negociar com todos os produtos, de habitar em seus bairros próprios, as juderias, e de se governarem como melhor entendessem.

É importante ressaltar que, nesse momento da história, os judeus foram encarregados de cobrar os impostos para os reis, e até a igreja deu-lhes também como incumbência a coleta do dízimo eclesiástico, que era imposto de 10% destinado a manter o clero.

A presença dos judeus em cargos elevados não era bem-vista, e, fundiu-se, aqui, o ressentimento político-econômico ao fanatismo religioso. Aflorou-se, assim, o conflito entre as burguesias cristãs e judaicas, o que conduziu a uma onda de massacres que quase varreu o povo judeu dos reinos espanhóis.

A consequência mais duradoura dessas perseguições foi o enorme número de judeus convertidos ao cristianismo pela força das armas. Mais de 140.000 renunciaram à sua religião para abraçar a nova fé, formando um grupo numeroso, facilmente identificável, que seria conhecido dali por diante pelo nome de “cristãos novos”.

Criou-se um novo problema: os cristãos novos que oscilavam entre o judaísmo e o cristianismo tornaram-se suspeitos de heresia. Uma boa parte deles assumia o cristianismo somente como fachada e acabavam se tornando “criptojudeus”, não assumindo interiormente a fé católica. Estes foram vítimas não só dos processos inquisitoriais como também da terminologia pejorativa de “marranos” (porcos), que era atribuída a eles.

Sobre a humilhação causada aos judeus, a historiadora Novinsky (2007) destaca que o IV Concílio de Latrão, em 1215, determinou que todos os judeus usassem obrigatoriamente um distintivo, para não serem confundidos com os cristãos. Mas essa determinação pode ser considerada a antecipação de sete séculos da ordem de Hitler, de que todos os judeus usassem a estrela de David em suas vestimentas para ostentar a vergonha de sua origem.

Em 1226, com a difusão das ideias contrárias ao catolicismo, o rei de Aragão, Jacques I, pediu a Roma permissão para criar um Tribunal em seu reino. Portanto, em 12 de maio de 1314, instaura-se o primeiro auto-de-fé,²⁵ e seis acusados de heresia foram queimados. Seguiram-se dezenas de autos-de-fé, sendo que o de Valência ficou célebre, porque vinte e cinco “hereges” foram queimados por não abjurarem de suas crenças.

Em 1478, a Inquisição instaurou-se. Tomás Torquemada, sendo frade dominicano, confessor da rainha Isabel e Inquisidor-Mor, difundiu a suposta necessidade de que o país deveria contar apenas com “sangre limpia”, ou seja, sangue puramente cristão.

²⁵ Enorme festa popular.

Na realidade, Novinsky (2007) atesta que

O fim confesso da Inquisição foi salvaguardar a pureza da religião católica, mas que seus fins inconfessos foram o absolutismo monárquico, a unificação política do país, sua uniformização religiosa, o confisco das fortunas dos hereges em benefício do tesouro real e dos cofres da Igreja e favorecimento dos delatores.

Na prática, era uma ficção, pois pouquíssimos na Espanha tinham “sangre limpia”, já que o país tinha a maior comunidade judaica da Europa medieval e, conseqüentemente, os casamentos interétnicos e as conversões religiosas eram comuns. No entanto, o próprio Torquemada, decidido a purificar o país, era neto de marranos,²⁶ e, mesmo assim, ele desenvolveu um trabalho metódico de perseguição aos judeus.

A Inquisição Ibérica, assim, superou o papel, na Idade Média, em grau de brutalidade e foi estabelecida com a própria autorização do Papa, mas idealizada pelo rei, com o objetivo de solucionar problemas político-sociais e não religiosos (NOVINSKY, 2007).

As estatísticas sobre a Inquisição são controversas. De acordo com o historiador espanhol Andres Bernaldez (apud BORGER, 1999), acima de 700 conversos foram queimados e mais 5.000 foram condenados a penas variadas, ao todo, queimados vivos, em torno de 30.000, cerca de 17.000 em efígie e 300.000²⁷ conversos.

Certos ou contestados, esses dados não proporcionam uma percepção adequada do terror que envolveu os países alcançados pela Inquisição. Em primeiro lugar, principalmente os marranos, depois os mouros que restaram,

²⁶ Judeus convertidos

²⁷ Dados da Enciclopédia Judaica: 8.1390.

protestantes, mulheres ditas “bruxas”, ateus, bígamos, etc. A inquisição queimava não só homens e mulheres, mas também livros, e, durante quase quatro séculos, controlou ideias e pensamentos: a palavra escrita e a falada.

Quanto à unificação nacional espanhola, Fernando e Isabela, reis católicos de Aragão e Castela, dispunham de mais uma meta a ser atingida: a reconquista de Granada. E para tal fim, exigiram que o emir Ali Abu-al-Hassan retomasse o pagamento de tributos aos reis de Castela, o que foi recusado pelo emir, dizendo: “Diga aos seus soberanos que os reis de Granada que pagavam tributos estão mortos. Nossa casa da Moeda agora só produz espadas.” Desencadeou-se, portanto, uma guerra cuja vitória representou a Reconquista de Granada em 1492.

Tendo ainda como objetivo principal a unificação política do país, Fernando e Isabel assinaram o edito da expulsão dos judeus em 31 de março do mesmo ano. Milhares partiram e fortunas se reverteram para o Tesouro Real, pois os judeus trocavam casas e propriedades por bens que pudessem levar consigo. No entanto, a história dos judeus sefaraditas não terminou em 1492. De certa forma, até se pode dizer que foi sob este nome que ela teve início.

Não se sabe exatamente quantos, entre judeus e conversos, fugiram da Espanha, mas estima-se em alguns milhares. Uns procuraram o país vizinho, Portugal, na época ainda com regime mais tolerante, e outros, com dinheiro e coragem, enfrentaram viagens de navio, perigos e direcionaram-se para a Itália, África do Norte, Turquia e Eretz²⁸ Israel, onde eles poderiam reverter o

²⁸ Terra de Israel.

batismo compulsório para voltar ao judaísmo. **Serão esses fugitivos, os judeus espanhóis, que vão originar um novo fenômeno social, linguístico e cultural: a Diáspora Sefaradita.**²⁹



Ilustração: 1 - A Diáspora Sefaradita³⁰

²⁹ A condição de exílio expressa-se pela sua impossibilidade de retorno pessoal e coletiva enquanto no caso da diáspora esta se apresenta como alternativa, embora nem sempre ampla, permanecendo como uma busca individual

Contexto diaspórico Estudo investigativo	Nº Judeus
Para Turquia	90.000
Para Holanda	25.000
Para Marrocos	20.000
Para França	10.000
Para Itália	10.000
Para América do Norte	5.000
Total	160.000
Batizaram-se e permaneceram na Espanha	50.000
Morreram procurando um lar	20.000

Ilustração: 2 - Números da diáspora Sefaradita

2.2. Os judeus sefaraditas exilados

Houve dois tipos distintos de migrações por parte dos judeus sefaraditas da Península Ibérica: devido às perseguições religiosas no fim do século XIV e devido à Inquisição instaurada no final do século XV. E vários foram os destinos dessa forçada emigração dos sefaraditas. Esperançosos por garantir sua sobrevivência, dirigiram-se para Portugal, Marrocos (Fez, Tiemcen, Oran, Argel), Itália (Gênova, Livorno, Roma, Nápoles, Veneza, Cattaro, Spalato), Trípoli, Creta, Alexandria, Safed, Ismirna, Constantinopla, Andrinópolis, Nicópolis.

Os judeus de origem Ibérica estabelecidos no Oriente desenvolveram o **ladino** e aqueles que foram para o Ocidente, para o norte do Marrocos, o dialeto **judeu-espanhol marroquino**. É evidente que a base principal é a mesma, o castelhano, mas o ladino e a *hakitia*³¹ receberam empréstimos da língua ou línguas que estavam em contato. No caso da *hakitia*, esse “dialeto” sofreu influência do árabe, do hebraico e do aramaico para que os falantes se comunicarem com seus vizinhos muçulmanos.

Bentes (1981: 71), sugere a origem do nome *hakitia*:

A palavra *hakitia* poderia ter sido formada de raiz árabe e terminação castelhana; o que é tanto mais provável quanto que na mesma *Hakitia* figura não raras vezes a voz *Hekaia* ou *Hekaiata* e o plural *Hekaiat* com a significação do dito agudo, ocorrência feliz, ação ou

³¹ A *hakitia* é historicamente oral, portanto, a *hakitia* que se fala na Amazônia é ligeiramente diferente, em alguns aspectos, da falada no Marrocos, na França, em Israel. A *hakitia* não goza de tanto prestígio quanto o ladino por fatores tais como: a) pela disposição geográfica em que se encontravam os ladinos falantes; b) pela administração bem-sucedida de seus negócios, já que os judeus espanhóis do Oriente pertenciam a uma língua social, político e economicamente mais forte e com mais acesso à educação. (BENTES, 1981).

pilhéria digna de chamar a atenção; é derivada do verbo Haka, conversar, falar, dizer, narrar; cujo passivo, como se sabe, é palavra consagrada no princípio de qualquer narrativa.

Os judeus marroquinos experimentaram uma situação de isolamento social, cultural e linguístico se comparados com os judeus do Oriente. Criaram, então, formas particulares de falar, a fim de se comunicarem sem serem compreendidos por não judeus.

Atualmente são poucos os falantes de hakitia, mas há ainda os proficientes que moram no Marrocos, em Israel, nos EUA, no Canadá, na Argentina, na Venezuela, na Espanha, na França e no Brasil. Há, também, centros mais desenvolvidos que se dedicam ao estudo da hakitia em Nova York, Israel, Turquia, França, Bélgica e Espanha.

Os judeus, que se assentaram nos países do Império Otomano, dentre os quais a Turquia, a Sérvia, a Bulgária, a Macedônia e a Grécia, fundaram ali comunidades fortemente estabelecidas, que não assimilaram a cultura do país em que viviam. Muito pelo contrário, mantiveram seus usos e costumes, assim como a língua e cultura.

Toda a literatura oral,³² levada da Espanha, foi traduzida palavra por palavra. Traduzir literalmente era ladinar, e 'ladinados' foram os livros tanto bíblicos e litúrgicos como talmúdicos. Um dos primeiros foi "O Regimento da vida do rabino Moshe Almosnino", um livro de moral e Teologia, que foi publicado em Salônica em 1564. Desta forma, assegurou-se a continuidade

³² A literatura oral se compunha de canções, romanzas (vem da palavra romance. É uma canção dividida em estrofes e, muitas vezes, inserida numa cena de ópera ou opereta, poesias, e os célebres dichos.

entre religião e afetividade, provocada pelas melodias que lembravam os dias felizes na Espanha ou de parentes ou familiares deixados lá.

O ladino é o idioma do judeu sefardita, exilado no Império Otomano, no Oriente. Na terra de exílio, os judeus o mantiveram como língua materna, não só como elo afetivo àquela terra na qual seus antepassados viveram por 1.500 anos mas também como fonte de preservação de sua etnia e cultura.

Quando viviam ainda em terras de Espanha, os judeus escreviam o espanhol com letras hebraicas. A língua escrita em caracteres hebraicos constituiu uma criptografia pouco acessível aos não judeus. Esses caracteres rabínicos, rashí, eram usados tanto na impressão de livros como na de jornais, da direita para a esquerda.

Outras línguas serão utilizadas, por exemplo, o grego, o italiano, o persa, o hebraico e o francês da “Alliance Israelite Univeselle”.³³ Essa Israelita Universal exerceu um papel fundamental na educação dos judeus orientais, em todos os níveis de ensino, línguas (francês, inglês, espanhol, hebraico), ciências, história, geografia, ofícios e profissões. E as mulheres ainda aprendiam corte e costura, trabalhos manuais e música.³⁴ O seu objetivo era assistir os judeus, vítimas de perseguições, promovendo o seu progresso moral e educacional. A escola capacitava os judeus para que eles pudessem um dia obter oportunidades melhores de vida e até emigrar para outros países.

Graças à Alliance Israelite Universelle, os judeus que buscavam modernizar-se recebiam ali sua educação em francês, ao mesmo tempo em

³³ A Alliance Israelite Universelle foi fundada em Paris, em 1860, por J. Carvalho, I. Cohen, N. Leven, A. Cremieux, A. Astruc e o poeta E. Manuel, com o apoio financeiro do Barão Maurice de Hirsh, que doou 11 milhões de francos-ouro.

³⁴ Bentes, 1987:313)

que continuavam a conversar entre si em ladino, em árabe ou em turco – mesmo quando não mais empregavam essas línguas em sua escrita. A influência dessa escola francesa foi tão grande que pode se falar em um novo estado da língua, que se intitula judeu-franol.³⁵

Os judeus sefaraditas, por serem plurilíngues, utilizavam, em seus enunciados, línguas distintas. Certamente francês e espanhol eram as línguas preferidas por esses judeus, que passavam em um ponto do discurso de uma língua a outra (code-mixing)³⁶ ou durante uma mesma frase ou na passagem de uma frase a outra (code-switching),³⁷ que é uma mescla de línguas comum a duas pessoas sem qualquer estratégia particular. A minha observação nessa comunidade aponta que tanto a alternância de código como a mistura de línguas respondem a estratégias conversacionais para se fazerem compreender melhor.

Já a mudança de línguas efetuada por eles e pelos seus filhos em lares brasileiros possui uma função restrita. A alternância corresponde a uma estratégia de não se fazerem entender por outras pessoas alheias à sua cultura.

Nessa comunidade o bilingüismo social sempre foi harmoniosamente administrado. As situações nas quais se dava a passagem de uma língua para outra eram revestidas de significação social: para não se fazer entender perante outras pessoas, estranhas ou não, à comunidade. Era mais comum

³⁵(BENTES, 1987)

³⁶ Mistura de línguas (CALVET, 1993)

³⁷ Alternância de código (CALVET, 1993)

ocorrer entre as primeiras e segundas gerações (pais e filhos), cujos critérios eram desenvolvidos em família.³⁸

O ladino, durante mais de cinco séculos, vem sendo passado, desde a saída da Península Ibérica, de geração a geração para os descendentes. Pode ter perdido a força por causa de mais diásporas e guerras, mas não morreu. Entretanto, é uma língua em risco de extinção.

No século XI, os sefaraditas constituíam 96% do mundo judeu. Em 1970, após o genocídio nazista, 16,4% dos judeus eram sefaraditas. E muito se tem feito para manter o ladino vivo.

Hoje, Israel é o país em que mais se fala o ladino. Há grande número de publicações: poesia, romance, estudos religiosos, música e gastronomia, demonstrando a vida multifacetada dos judeus sefaraditas.

No Brasil, em São Paulo, Clara Kochen e Anna Barki Bigio organizam o grupo “Kaminos de leche y miel”. Este se reúne uma vez por mês, onde músicas ladinas são cantadas, fatos verídicos e histórias são narrados, poesias são declamadas e os célebres dichos/expressões, comentados.

No Rio de Janeiro, o Dr. Nelson Menda, o incentivador da língua ladina, formou e dirige, junto com Vitória Sulam Saul, o coral ladino “Angeles e Malahines”, que se encontra uma vez por semana para que os participantes sefaraditas se confraternizem e cantem em ladino no Clube Israelita Brasileiro (CIB).

³⁸ Nota da investigadora pelos anos de convivência com a comunidade.

Sem dúvida, como bem falara Pulido (1992), “estes espanhóis, sem pátria, souberam transmitir, de pais para filhos, o seu idioma, os costumes, a música e a poesia, o que faz que chegue a nós esse fenômeno enriquecido pelo tempo e espaço. O ladino e o folclore nos conduzem diretamente àqueles tempos em que os sefaraditas desenvolveram na Espanha, uma civilização florescente”.

Com o advento do colapso do Império Otomano e da guerra turco-grega (1919-1921) que havia devastado e danificado, bastante, a cidade de Esmirna, houve um renovado êxodo de muitos judeus para a França, os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina.

2.3 A presença dos judeus no Brasil

Há muitos estudos (GRINBERG et al, 2005) sobre a imigração judaica, e pode-se afirmar que houve judeus no Brasil desde o período colonial, já que eram judeus muitos dos colonizadores portugueses e holandeses. No entanto, os judeus estabelecidos no Rio de Janeiro não são da mesma origem.

Grinberg (2005) revela que o fluxo imigratório judaico foi bastante irregular no Brasil. A entrada de judeus no país dependia não só da política externa como também da política brasileira, que ora favorecia, ora dificultava a vinda deles ao país. Entretanto, todos os autores supracitados apresentam as mesmas causas: a procura de melhores condições de vida, as dificuldades causadas pelo anti-semitismo e o sonho de "fazer a América".

Estudos em termos de nacionalidade (GRINBERG et al, 2005) retrataram aproximadamente quantos aqui chegaram:

- alguns judeus da Alsácia, em meados do século passado;
- grande número de imigrantes da região Báltica (Lituânia, Estônia e Rússia);
- judeus da ilha de Rodas, Turquia, Grécia, Marrocos, Síria, Líbano e um grande número da Polônia e Rússia, na década de 20;
- migrações internas, como a dos judeus vindos das colônias do sul (colônias agrícolas patrocinadas pelo Barão Hirsch) e do norte do país para o Rio;
- judeus poloneses, alemães, austríacos, tchecos, húngaros, iugoslavos e dos outros países europeus atingidos pelo nazismo, nas décadas de 30 e 40;
- judeus do Egito, Síria e Líbano, em função da crise no Oriente Médio, nos anos 50.

No entanto, senti, nesse momento da investigação, a necessidade de posicionar a população judaica no Brasil. Dessa forma, decidi explorar dados mais específicos: os censitários. Primeiramente, Decol³⁹ (2006) compara a imigração judaica aos demais fluxos e afirma que ela é relativamente recente em terras brasileiras. “Os judeus participaram muito pouco do primeiro e mais intenso fluxo imigratório, em que predominava o elemento rural”, atesta Decol (1999).⁴⁰

³⁹ DECOL, René. Judeus no Brasil: Explorando os Dados Censitários. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 16 No 46. 2006.

⁴⁰ Tese de Doutorado - Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus. UNICAMP. 1999.

Os judeus estiveram “quase sempre e em grande maioria, no nível mais urbano possível em cada momento histórico”.⁴¹ Sua marginalização ao acesso à terra proporcionou-lhes a oportunidade de se expandirem em empreendimentos comerciais e financeiros. Daí tornarem-se mais visíveis do que outros grupos de imigrantes. Fato com o qual o governo brasileiro se alarmou e passou a discutir a relevância da presença de judeus no Brasil.

A “questão judaica”, assim sendo, foi uma categoria investigada no censo de 1940 por razões políticas, mas logo depois “submergiu, já que a argumentação de que a presença judaica seria benéfica, porque traria capital, além de habilidades técnicas e comerciais, prevaleceu para um país em processo de modernização e industrialização”. (LESSER, 1995 apud DECOL, 2006).

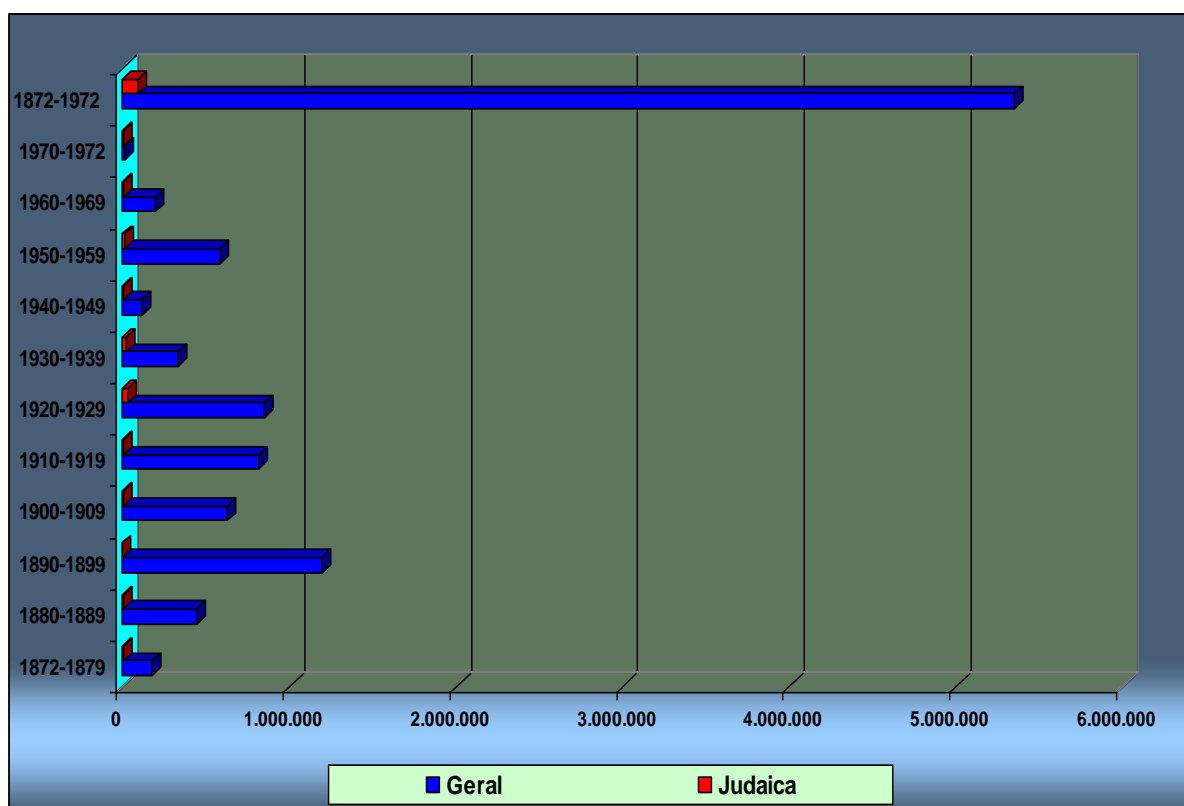
Os censos de 1980 e 1991, porém, evidenciam o interesse crescente no país pelo tema das migrações, uma vez que perguntaram aos não nascidos no Brasil seu país de nascimento, e o de 1991 perguntou ainda a data de chegada ao Brasil. Essas informações, quando cruzadas com a declaração de religião, permitiram obter um quadro dos principais países de origem da imigração judaica.

A tabela abaixo compara a imigração em geral com a judaica, mostrando a defasagem entre ambas.

⁴¹ (ENGELMAN, 1961; LESTSCHINSKY, 1961 apud DECOL, 2006)

*Período Geral Judaico*⁴²

<i>Período</i>	<i>Geral</i>		<i>Judaica</i>	
1872-1879	176.337	3,30%	500	0,54%
1880-1889	448.622	8,38%	500	0,54%
1890-1899	1.198.327	22,40%	1.000	1,07%
1900-1909	622.407	11,63%	5.000	5,36%
1910-1919	815.453	15,24%	5.000	5,36%
1920-1929	846.647	15,82%	30.316	32,52%
1930-1939	332.768	6,22%	22.452	24,08%
1940-1949	114.085	2,13%	8.512	9,13%
1950-1959	583.068	10,90%	15.243	16,35%
1960-1969	197.587	3,69%	4.258	4,57%
1970-1972	15.558	0,29%	450	0,48%
1872-1972	5.350.859	100%	93.231	100%

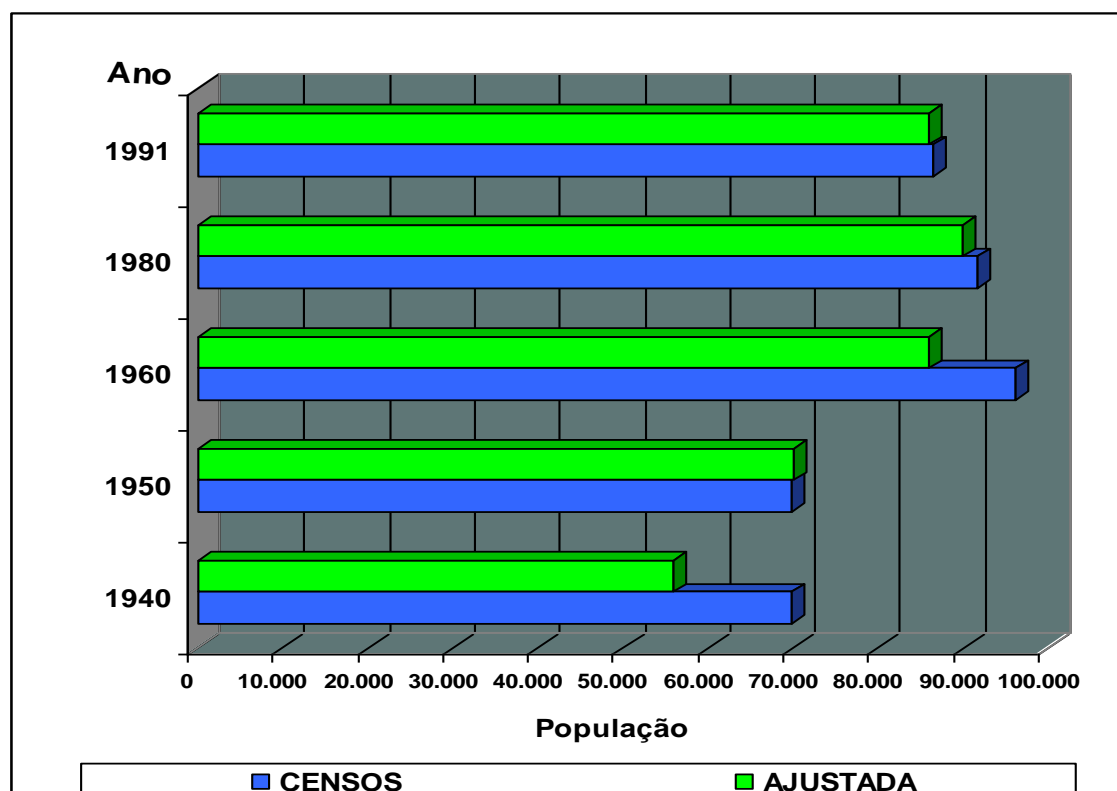


⁴² Fontes: Para imigração geral, Bassanezi (1996, p. 8); para a judaica, estimativas do autor baseadas nos censos do IBGE, em Wischnitzer (1948, p. 293) e em Lestschinsky (1961, p. 1.554). retiradas de DECOL, 2006.

Os dados apresentados por Decol (2006), tendo como fonte o IBGE, favorecem conclusões que, uma vez extinta a imigração, a partir dos anos 60, a comunidade judaica brasileira, como um todo, apresentava baixas taxas de crescimento, refletindo, assim, o efeito da mortalidade ou da reemigração acumulada até a ocasião das pesquisas, como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 2 – Brasil - População judaica, de acordo com os censos⁴³

ANO	1940	1950	1960	1980	1991
CENSOS	55.563	69.955	96.199	91.795	86.417
Ajustada	56.000	70.000	86.000	90.000	86.000



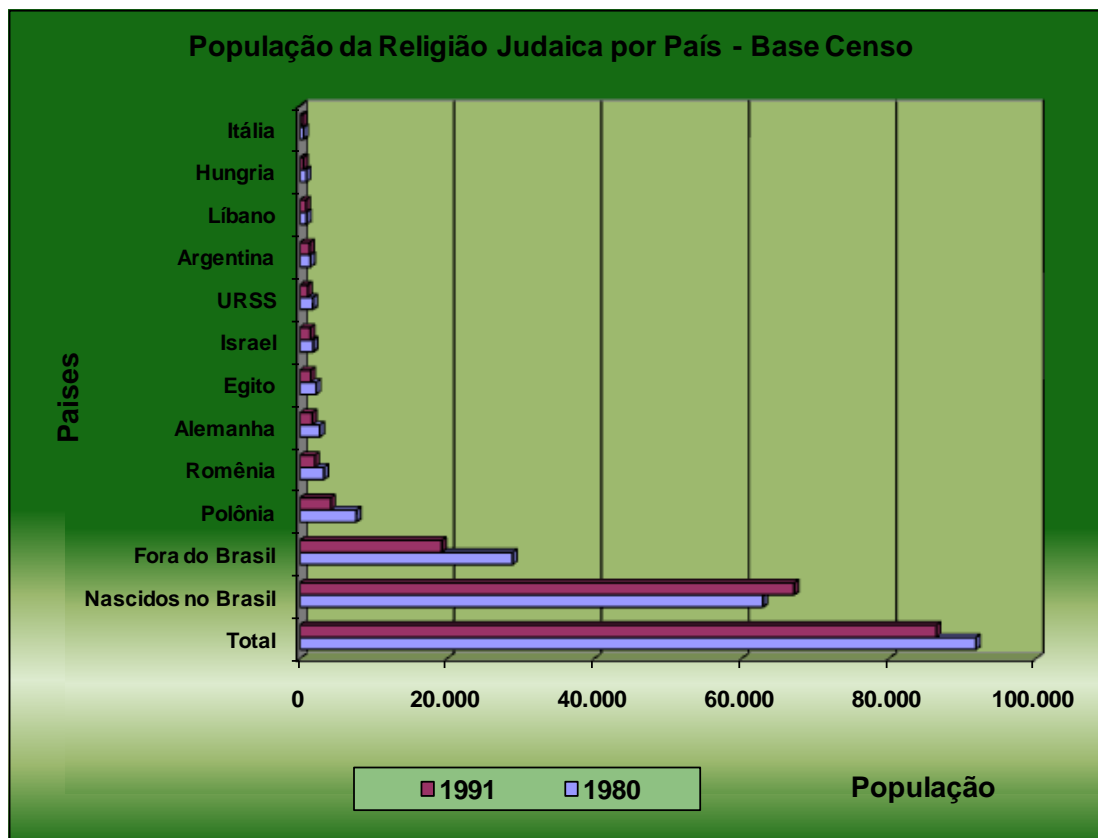
⁴³ Ajustes propostos por Schmelz e Della Pergola, refletindo as incertezas em torno das informações censitárias. Fontes: IBGE, Censos demográficos; Schmelz e Della Pergola (1985, p. 74).

Como se pode ver na Tabela 3, o contingente mais significativo veio da Europa do Centro-Leste (Polônia, Romênia e Hungria), seguido pelos da Europa Central (Alemanha) e do Leste (União Soviética). Outro fluxo importante teve origem no Oriente Médio (Egito e Líbano).

Segundo Decol (2006), a presença, nessa lista de Israel e Argentina, de destinos tradicionais da imigração judaica, reflete a importância de fluxos circulares entre as diversas comunidades da diáspora. Já o declínio entre sefaraditas nascidos no Egito e no Líbano foi menor porque essa migração é mais recente, como confirmam os dados oferecidos pela instituição religiosa Beth-El: que hoje há na sinagoga 50% de associados sefaraditas, 40% são egípcios e libaneses e 10% são ashkenazis. Antigamente, a sinagoga era constituída 100% de sefaraditas.

Tabela 3 - Brasil – Pessoas de religião judaica, por país de nascimento, nas datas dos censos de 1980 e 1991

	1980	1991
Total	91.795	86.417
Nascidos no Brasil	62.903	67.131
Fora do Brasil	28.892	19.286
Polônia	7.684	4.219
Romênia	3.281	2.030
Alemanha	2.727	1.691
Egito	2.222	1.504
Israel	1.835	1.443
URSS	1.786	1.076
Argentina	1.459	1.340
Líbano	937	826
Hungria	893	487
Itália	536	337



Enquanto as gerações mais antigas sofreram o impacto da mortalidade, membros já nascidos no Brasil são afetados cada vez mais pela assimilação, casamentos mistos (SORJ, 1997) e secularização.

Decol (2006) enfatiza que “os judeus brasileiros estão enfrentando dificuldades cada vez maiores para manter seu contingente populacional”. Observando essas tendências, podemos avaliar que os judeus estão cada vez mais expostos às poderosas forças de assimilação e de secularização da sociedade brasileira. “No limite, correm o risco de perder sua identidade como um grupo social específico, com uma história e uma cultura distintas”. (DECOL, 2006).

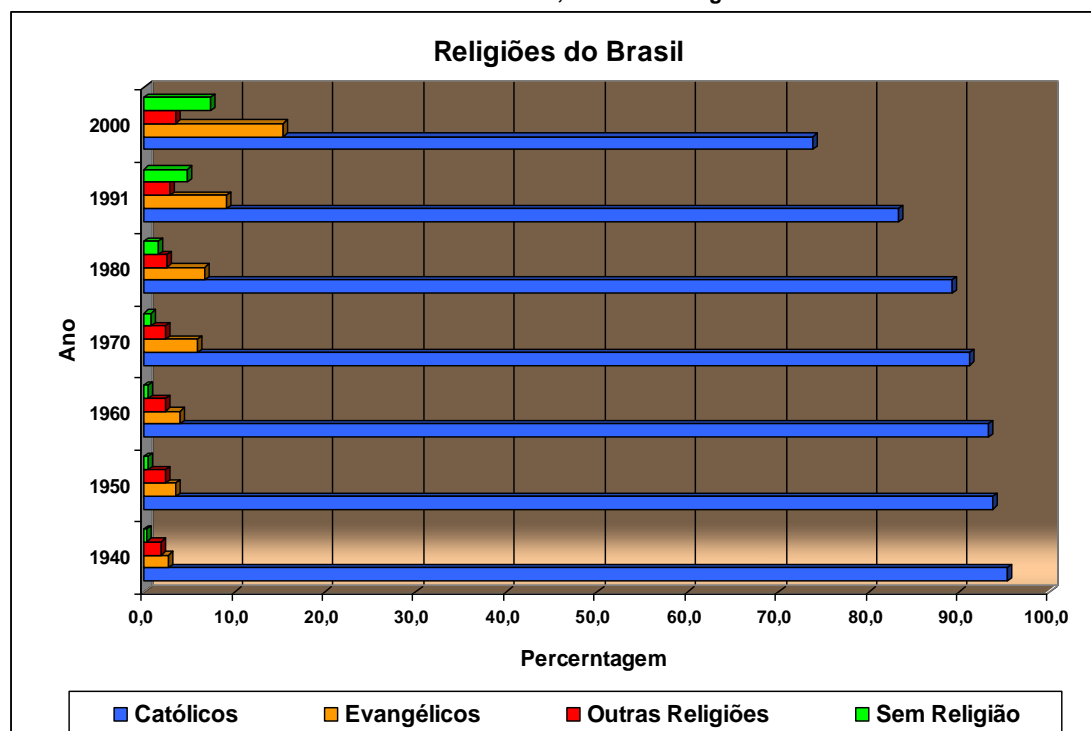
Pierucci (2004) elenca “mudanças sociais aceleradas diante de nós”.⁴⁴

Tabela 4 - Religiões do Brasil de 1940 a 2000, em porcentagem

Religiões	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8
Evangélicos	2,6	3,4	4	5,8	6,6	9	15,4
Outras Religiões	1,9	2,4	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5
Sem religião	0,2	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3
TOTAL(*)	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Não inclui religião não declarada e não determinada

Fonte: IBGE, Censos demográficos



Não inclui religião não declarada e não determinada

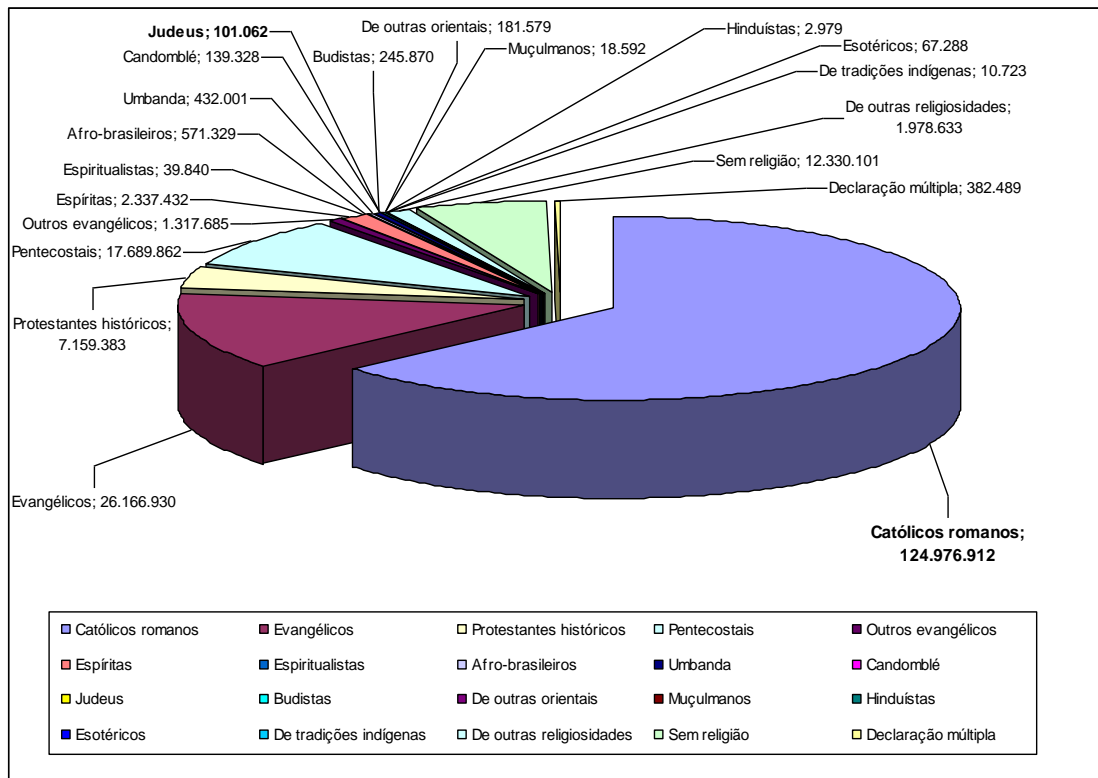
Fonte: IBGE, Censos demográficos

⁴⁴ “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. ANTÔNIO FLÁVIO PIERUCCI ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004

Tabela 5 - As Religiões do Brasil em 2000

Religiões	Número absoluto	%
Católicos romanos	124.976.912	63,71
Evangélicos	26.166.930	13,34
Protestantes históricos	7.159.383	3,65
Pentecostais	17.689.862	9,02
Outros evangélicos	1.317.685	0,67
Espíritas	2.337.432	1,19
Espiritualistas	39.840	0,02
Afro-brasileiros	571.329	0,29
Umbanda	432.001	0,22
Candomblé	139.328	0,07
Judeus	101.062	0,05
Budistas	245.870	0,13
De outras orientais	181.579	0,09
Muçulmanos	18.592	0,01
Hinduístas	2.979	0,00
Esotéricos	67.288	0,03
De tradições indígenas	10.723	0,01
De outras religiosidades	1.978.633	1,01
Sem religião	12.330.101	6,29
Declaração múltipla	382.489	0,19
BRASIL(*)	169.411.759	100,00%

Não inclui 387.411 casos de religião não declarada, que correspondem 0,23% da população residente total 169.411.759.



Pierucci (2004) reitera que “para quem se interessa pela dinâmica do campo religioso, que segundo Bourdieu é, a um só tempo, campo de forças, campo de jogo e campo de batalha, as estatísticas, que acima ele apresentou são, além de inteiramente consistentes com a teorização sociológica mais canônica, muito significativas”. E se tornaram mais significativas à medida que ele foi examinando os censos das últimas décadas e concluía que as tabelas desvendaram as trajetórias declinantes que a teoria sociológica fazia-o supor estivessem ocorrendo.

2.4. A imigração judaica sefaradita no Rio de Janeiro e a formação da comunidade Bené-Herzl

A história dessa comunidade teve início por volta dos anos 20, quando os judeus sefaraditas oriundos da Turquia (Esmirna, Istambul e Urla) e Grécia (Salônica e Rodes), recém-chegados ao Rio de Janeiro e residentes no centro da cidade, reuniram-se numa sala alugada exclusivamente para os serviços religiosos de Rosh Hashaná⁴⁵ e Yom Kippur⁴⁶. Em 2 de novembro de 1921, esse pequeno grupo de 40 a 50 judeus, liderados por David Levy, Salomão, Silvain Hazan e Emmanuel Galano, fundaram a Sociedade Sionista Bené-Herzl⁴⁷.

Todos os imigrantes sefaraditas residentes no Rio se associaram à recém-fundada sociedade a fim de se unirem e de organizarem uma pequena comunidade nos moldes existentes nas cidades de origens, com objetivos religiosos, beneficentes e assistenciais, além de fins recreativos, sociais e culturais.

A primeira sede social foi alugada, num pequeno sobrado, localizado à Avenida Mem de Sá, nº 81, possuía uma sala e dois quartos e congregava os seus novos sócios e familiares a fim de transmitir a herança do passado aos seus filhos. No entanto, após quatro ou cinco anos, a sede da Avenida Mem de

⁴⁵ **Rosh Hashaná** (em hebraico ראש השנה, literalmente "cabeça do ano") é o nome dado ao ano-novo no judaísmo. Dentro da tradição rabínica, o Rosh Hashaná ocorre no primeiro dia do mês de Tishrei, primeiro mês do ano no calendário judaico rabínico e sétimo mês no calendário bíblico. (Wikipedia)

⁴⁶ Yom Kipur ou Kippur (do hebraico יום כיפור, IPA: [jóm ki'pur]) é um dos dias mais importantes do judaísmo. No calendário hebreu começa no crepúsculo que inicia o décimo dia do mês hebreu de Tishrei (que coincide com setembro ou outubro), continuando até o seguinte pôr do sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e reza intensa. (Wikipedia)

⁴⁷ Estes dados foram fornecidos pelo Sr. Isaac Emmanuel, uns dos fundadores da comunidade israelita Bené-Herzl, às entrevistadoras, Dra. Diana Kuperman (fundadora dos Programas de Estudos Judaicos da UFRJ e da UERJ) e a historiadora Karen Worchman, em dezembro de 1987. O depoimento do Sr. Isaac está publicado no livro "Heranças e Lembranças", nas páginas 159 a 163, edição de 1991.

Sá tornou-se pequena para abrigar tantos associados que chegavam ao Rio de Janeiro.

Salomon Silvain Hazan, então presidente da entidade, percebeu que era chegada a hora da Bené-Herzl, a primeira sociedade judaica do Rio de Janeiro, ter uma sede própria.

Os membros associados adquiriram, assim, o terreno da Rua Conselheiro Josino, 14, localizado entre as Ruas Riachuelo e Mem de Sá. A sede ficou pronta em 1929, e o dia de sua inauguração marcou época na história dos judeus da cidade do Rio de Janeiro. Todos os jornais noticiaram o acontecimento. Estava presente na cidade, naquele dia, um famoso time de futebol, constituído por jogadores judeus da Europa Central, além de uma célebre declamadora argentina, Berta Singerman.⁴⁸



Ilustração: 3- A pedra fundamental, colocada pelo fundador Salomon Hazan

⁴⁸ Informação cedida por Sr. Isaac Emmanuel.



Ilustração: 4- Pedra fundamental da Sinagoga da Rua Conselheiro Josino

Essa pequena comunidade judaica percebeu que havia a necessidade de um intercâmbio cultural e social para que moças e rapazes judeus pudessem se encontrar, se conhecer, e assim, dar continuidade à tradição judaica. Na presidência de Salomon Hazan, portanto, duas iniciativas foram tomadas nesse sentido. A primeira foi que as quintas-feiras eram dedicadas às atividades culturais e sociais.

. Creio que o grupo foi criado com algumas intenções, e uma delas era a aproximação das moças e dos rapazes. E o que significa deixar a assimilação para trás?) Com efeito, a partir daí, muitos casamentos foram realizados.

Em 1937, muitas mudanças ocorreram no país, com o presidente provisório Getúlio Vargas. Além do fechamento do Congresso e a outorga de uma nova Constituição Federal, Vargas decretou o fechamento de todos os partidos políticos e de todas as sociedades estrangeiras. Todas as entidades judaicas foram classificadas nesta categoria.

Havia, naquela época, um poderoso departamento federal, denominado DIP.⁴⁹ Seu chefe, Lourival Fontes, convocou representantes das diretorias de todas as instituições judaicas e declarou saber "que os judeus eram um povo ordeiro". Disse que nada havia contra as sociedades judaicas, no entanto, não poderia haver exceções às leis recém-impostas. Aconselhou aos líderes que esperassem algumas semanas e que as reabrissem, dando-lhes um cunho nacional.

O estatuto foi alterado, e o nome da sociedade passou a ser Centro Israelita Bené-Herzl. Os diretores deveriam ser brasileiros ou judeus naturalizados. Com o estatuto na mão, Isaac Emmanuel, o primeiro rabino do Centro, argumentou ao chefe do DIP que a sociedade não poderia ser classificada como estrangeira, pois, logo no primeiro artigo, havia um parágrafo dizendo que o termo Israelita, usado naquele estatuto, tinha um significado exclusivamente religioso.

Lourival Fontes aconselhou-o, então, apenas fazer a substituição da expressão Bené-Herzl pelo vocábulo brasileiro. Assim, a sociedade foi a única instituição judaica que não fechou e passou, daí em diante, a denominar-se Centro Israelita Brasileiro.

Durante 11 anos (1937 a 1948), devido a uma maciça migração dos judeus para o bairro de Copacabana, aliado à proclamação do Estado Novo e à Segunda Guerra Mundial, as atividades do Centro Israelita Bené-

⁴⁹ Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Cabia-lhe coordenar, orientar e centralizar a propaganda interna e externa, fazer censura ao teatro, cinema e funções esportivas e recreativas, organizar manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições, concertos, conferências, e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo. Vários estados possuíam órgãos filiados ao DIP, os chamados "Deips". Essa estrutura altamente centralizada permitia ao governo exercer o controle da informação, assegurando-lhe o domínio da vida cultural do país.

Herzl limitaram-se, exclusivamente, aos serviços religiosos habituais e à assistência beneficente e funerária.

Em 1948, Salvador Esperança assumiu a presidência do Centro e aconselhou alugar a propriedade da família Valentim Bouças, na Rua Pompeu Loureiro, onde hoje funciona o colégio Bar-Ilan, transferindo, assim, a parte recreativa para Copacabana. Nessa época, a diretoria era composta por Salvador Esperança, Alberto Behar, Matheus Menasché, Isaac Emanuel e Isaac Eduardo Hazan.

Em 1951, a família de Zeferino de Oliveira, proprietária do imóvel na Rua Barata Ribeiro, 489, ofereceu o imóvel para ser vendido a Salvador Esperança, empresário e incorporador. Ele, então, adquiriu o imóvel para instalação de um condomínio e reuniu vários interessados no novo empreendimento. No entanto, um membro da congregação, Isaac Schalom Benoziglio, fez a seguinte proposta: "Se você transformar a propriedade num clube israelita, eu contribuo com 15% do valor da aquisição". Salvador, mesmo em detrimento de seus interesses pessoais, aceitou a oferta. Desfez os negócios já concretizados e também conseguiu que alguns dos associados na incorporação participassem com parte ou com o total de seus créditos para o Centro Israelita Brasileiro Bené-Herzl.

O sonho concretizou-se. A base do clube estava solidificada, mas restava adaptar a mansão para que esta se transformasse em clube para o Centro. O arquiteto Raphael Guilherme Moussatché assumiu as obras, as reformas necessárias. Em 1951, inaugurou-se a nova sede social do Centro Israelita Brasileiro Bené-Herzl.



Ilustração: 5 - Centro Israelita Brasileiro Bené-Herzl em Copacabana

Em 1959, outro sonho realizou-se: o Lar dos Velhos Israelitas Bené-Herzl foi inaugurado na Rua Prudente de Moraes, 1017, Ipanema. A doação foi feita por Angelique Jessouroum e Elie Touriel.

Dessa forma, o Centro Israelita Bené-Herzl se desdobrava em dois departamentos: o Social, Esportivo e Recreativo e o Beneficente Religioso Ahava Vahessed. As esposas dos sócios, imediatamente, instituíram a Sociedade Beneficente de Damas Israelitas, presidida por Esther Esperança Esquenazi, que acalentava a fundação de um Lar dos Velhos há muitos anos.



Ilustração: 6 - Reunião das Damas Israelitas Sefaraditas nos Anos 40

O primeiro presidente do Lar dos Velhos Bené-Herzl foi Albert Behar, sucedido por Leon Roosevelt Musafir e Marcos Esquenazi. Atualmente, o presidente é Moisés Bencuya, e o vice-presidente, Hélio Touriel.

Em 1960/61 Isaac Hazan, filho de Salomon Hazan, foi eleito presidente, substituindo Vítor Hasson, assumindo um mandato tampão. Foi reeleito mais duas vezes, e ficou como presidente durante cinco anos, até 1966. Naquela época, o Hospital do Governo Estadual dava fundos para a sede na Rua Conselheiro Josino. Durante dois anos, a desapropriação do prédio foi impedida pelo Dr. Isaac Hazan. Porém, com ordem judicial, a comunidade entregou o prédio e, com o dinheiro da desapropriação, acrescido de doações, construiu uma sinagoga, o Templo Beth-EL em Copacabana.

A construção do Templo Beth-EL foi iniciada em 1964 e concluída em 1966. Em 1967, o estatuto do Centro recebeu um novo formato. A comunidade criou uma entidade que reunia os três corpos da Instituição. O Centro Israelita Brasileiro Bené-Herzl ficou como entidade de cúpula, tendo como federados os coirmãos Clube Israelita Brasileiro, Congregação Religiosa Israelita Beth-EL e o Lar dos Velhos Israelita Bené-Herzl. Todas as entidades são autônomas, com uma presidência na cúpula para colaborar na solução de eventuais problemas entre as federadas, hoje presidida por David Cohen.

De 1969 a 1973 e de 1982 a 1984, o presidente do CIB foi Isy Chonchol, que construiu o ginásio e a sauna. De acordo com o Diretor de Esportes da época, Júlio Fleischman, o CIB, nesse período, era um dos poucos clubes que possuíam um ginásio tão amplo, sendo solicitado o seu uso por outros clubes. Fleishman também se recorda das viagens feitas com os atletas mirins para

jogarem na Hebraica de São Paulo. De 1974 a 1980, na gestão de José Gomlevsky, foi construída e inaugurada a piscina do clube, motivo de orgulho dos associados.

A parte religiosa, hoje, se encontra fracionada. Hoje são cerca de 250 famílias associadas à Beth-EL:⁵⁰ 80% de sefaraditas turcos, egípcios e libaneses e 20 % de ashkenazis.

Esses dados confirmam as estatísticas que demonstram a imigração egípcia e libanesa terem se realizado bem mais tarde, por volta de 1970. Já a turca cessou após a Segunda Guerra Mundial.

O Clube Israelita Brasileiro (CIB), hoje, sofreu modificações administrativas. Antes era um clube fechado apenas para cerca de 300 famílias de judeus sefaraditas, atualmente, tendo os sócios sido reduzidos a um número bem pequeno (50), oferece seu espaço não só sociocultural como também o recreativo a qualquer pessoa, independentemente de etnia ou religião. No entanto, o símbolo judaico da Estrela de David permanece na entrada do Clube.



Ilustração: 7- Clube Israelita Brasileiro em Copacabana / RJ

⁵⁰ a sinagoga

CAPÍTULO 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de chegar ao destino, o porto seguro linguístico que é o estudo sobre a modalidade, será necessário um breve percurso através das pesquisas realizadas sobre crenças e narrativas pessoais/autobiográficas.

No entanto, cabe ressaltar que toda a trajetória teórica que compõe esta pesquisa tem como objetivo principal contribuir para elencar o estudo sobre modalidade na língua portuguesa.

O termo crença é estudado em diversas áreas do conhecimento, portanto, a definição desse conceito não só apresenta naturezas diferentes como também é retratada como um referencial complexo.

Exponho as contribuições dadas a esse estudo por diversas áreas de conhecimento na tentativa de situar o problema proposto em um contexto mais amplo da discussão acadêmica e, portanto, não reduzir a questão estudada ao recorte de minha própria pesquisa.

O processo dialógico com esses estudos contribuiu para construir a minha fundamentação teórica à medida que pude observar como o construto crenças já fora explorado na literatura.

Interligo conceitos como atitudes, valores e preconceitos na investigação das crenças, considerando Krüger⁵¹ (1986, p. 31) que explica que crenças, quaisquer que sejam, pessoais ou não, ideológicas ou científicas, encontram-se na estrutura de atitudes, preconceitos e valores, os quais se destacam pela função avaliativa, “tonalizando afetivamente o mundo que nos circunda, e, conseqüentemente, orientando o nosso comportamento em relação a ele”.

⁵¹ KRÜGER, Helmut. **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: E.P.U., 1986.

Aponto, nesta seção, tais elementos, buscando explicitar o sentido com que os utilizo neste trabalho e a forma como os compreendo e me posiciono frente a eles através das narrativas pessoais/autobiográficas como meio de promover o conceito de crenças.

3.1 Investigação sobre crenças

Quero deixar claro que o campo desta investigação situa-se na Sociolinguística e, assim sendo, considero que as crenças desempenham seu papel no ser humano e em sua forma de pensar, agir e lidar com as situações cotidianas. Dessa maneira, minha meta é menos a de discutir sobre a falta de objetividade da crença e mais a de compreender as relações entre as crenças e as ações do “self”, suas percepções e representações da realidade

De acordo com Barcelos⁵² (2004, p. 140), ao propor uma abordagem discursiva de crenças apresentada por Kalaja (2000, 2006), pressupõe que elas são construídas no discurso, que o uso da língua é social, situado historicamente e orientado para a ação, que a linguagem cria a realidade e que o conhecimento científico, bem como as concepções leigas, são construções sociais do mundo.

Dufva (2003 apud BARCELOS e ABRAHÃO, 2006) também investigam as crenças sob perspectivas discursivas, tanto vygotskianas como bakhtinianas, tendo como referencial o homem como sujeito histórico e a linguagem como prática social, culturalmente constituída. Constrói-se, daí, um

⁵² BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas. Linguagem & Ensino*, v.7, n.1, p. 123-156, 2004.

estreito vínculo entre o conceito de crenças e a perspectiva ideológica, inerente à linguagem e à educação. Para a autora, a cognição não acontece “dentro da cabeça de alguém, mas emerge no processo em progresso dentro de um sistema que consiste do indivíduo e de seu ambiente’ (p.136).

E foi começando minha investigação sobre crenças, lendo os trabalhos supracitados, que refleti que deveria alargar os meus horizontes a fim de que tivesse um conhecimento mais amplo que me proporcionasse entrar no mundo do conceito das crenças e do sistema de crenças para me envolver com “passos metódicos que começam pela observação e têm continuidade na ordenação de hipóteses, no estabelecimento de inferências e na submissão de conclusões a provas”⁵³ (DEWEY, 1959, p. 18, apud Rassi et al., 2007).

Meu próximo objetivo, dessa forma, será o de apresentar uma discussão sobre crenças à luz das diversas áreas que me fizeram entender e distinguir aquela vertente que mais se aproximava do encadeamento lógico das crenças dos membros da comunidade israelita sefaradita.

3.1.1 Floresta terminológica⁵⁴

Na Filosofia, a crença é definida por seu caráter subjetivo, pois é tomada como verdade por aquele que a aceita, mas não necessariamente possui uma correspondência exata com relação às entidades da realidade externa. Em oposição à razão ou ao conhecimento, prescinde de racionalidade, objetividade ou verificação empírica daquilo em que se crê. As discussões acerca das crenças

⁵³ RASSI et al. A presença de Aristóteles no livro “Como pensamos”, de John Dewey. Educação em Revista. Belo horizonte. N.46. p.83-107. Dez. 2007

⁵⁴ Conceito dado por Campbell (1963, apud ROKEACH, 1968, 1981) por revelar que crê que há pouco consenso sobre o que crença quer dizer.

estão, principalmente, no embate entre crença e razão, a partir de um enfoque que prega a busca pela verdade, ou verdades.

O filósofo francês Morin (2007, p. 44) introduz o conceito de noosfera, que engendra todas as sociedades humanas e é a “esfera das coisas do espírito, saberes, crenças, mitos, lendas, idéias, onde os seres nascidos do espírito, gênios, deuses, idéias-força, ganham vida a partir da crença e da fé.”

Segundo Morin (2007, p. 44-45), a noosfera é “uma duplicação transformadora e transfiguradora do real que recobra o real e parece se confundir com ele”. Apesar de ser divergente de uma cultura para outra, atrai todas as sociedades, envolve os seres humanos e, ao mesmo tempo em que depende dos indivíduos e das culturas humanas, estabelece-se de maneira autônoma, reinando na sociedade e impondo-se na forma de ideias, de crenças, de deuses, de ideologia.

Portanto, as entidades da noosfera (deuses, mitos, crenças, ideias) “autotranscendem” e mantêm, com os seres humanos, relações de simbiose, dispondo de suas vidas, possuindo-os, e emerge, de fato, uma relação de posseção recíproca quando essas ideias se tornam mitos, segurança e salvação.

Morin (2007, p. 103) postula que a mente humana revela-se no exercício de um pensamento racional (logos) e no exercício de um pensamento mítico (mythos). O pensamento racional trabalhará com informações objetivas da percepção e da rememoração, enquanto o pensamento mitológico trabalhará com “a virtude duplicada da representação”, que não é dissociável, pela mente, da alucinação ou do sonho. O autor conclui que “o pensamento tomará a imagem da

realidade para captar a realidade na imagem; o pensamento mitológico pega a realidade da imagem para alimentar o mundo imaginário. Morin (2007, p. 105) pondera que talvez seja nesse sentido que Wittgenstein evoca “a mitologia dos processos mentais”.

Esses dois pensamentos, mesmo sendo diferentes e opostos, estão imbricados em nossa vida e linguagem. No entanto, os dois não podem realmente traduzir-se um no outro. Morin (2007, p. 106) esclarece que a vantagem do pensamento racional é que pode traduzir na sua linguagem uma parte das suas significações míticas, enquanto que o pensamento mitológico não pode apropriar-se do pensamento racional crítico.

O pensamento estabelece uma dialógica entre o racional e o empírico, o lógico e o analógico, o racional e o mítico, o preciso e o vago, a certeza e a incerteza, a intenção e a ação, os fins e os meios. Por trás dessas dialógicas, há a dúvida, a vontade a imaginação, o sentimento, a angústia diante do mistério do mundo. O pensamento, portanto, implica todo o ser. (MORIN, 2007, p. 103)

Na Linguística Aplicada, as crenças sobre o ensino e a aprendizagem de línguas têm sido objeto de várias investigações, tanto no exterior⁵⁵ quanto no Brasil.⁵⁶ Segundo Barcelos (2004), o interesse por crenças surgiu de uma mudança no ensino e aprendizagem de línguas ocorrida na Linguística Aplicada, do foco no produto para foco no processo. A autora ainda revela que o começo das pesquisas ocorreu em meados dos anos 80, no exterior, e em meados dos anos 90, no Brasil, devido ao interesse crescente de pesquisadores pela área de crenças e no seu caso para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

⁵⁵ (HORWITZ, 1985; GARDNER, 1988; HOSENFELD, 1978; KERN, 1995; RILEY, 1989, 1994; WENDEN, 1986, 1987)

⁵⁶ (BARCELOS, 1995, 2000, 2004, 2006; FÉLIX, 1999; GIMENEZ, 1994; SILVA, 2000; SILVA, 2001, CONCEIÇÃO, 2004, entre outros).

Barcelos (2006, p. 18) define crenças como “uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, coconstruídos em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais”.

Barcelos e Kalaja (apud BARCELOS, 2006, p. 19-20) conceituam a natureza das crenças da seguinte forma: a) **dinâmicas**: as crenças modificam com o passar do tempo, ao longo de nossa vida; b) **emergentes**: socialmente construídas e situadas contextualmente; c) **experienciais**: a experiência é resultado das interações entre indivíduo e ambiente; d) **mediadas**: as crenças são instrumentos usados durante processos de interação entre pessoas ou tarefas, dependendo da situação em que se encontram; e) **paradoxais e contraditórias**: as crenças podem atuar como barreiras ou motivadoras para a aprendizagem (em relação ao ensino, sua pesquisa); f) **relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa**: com base no trabalho de Richardson (1996, apud BARCELOS, 2006), as autoras delineiam três maneiras de as crenças e ações se relacionarem: (1) as crenças influenciam as ações, em uma relação de causa e efeito; (2) ocorre uma relação interativa, em que crenças e ações se influenciam mutuamente; (3) uma relação hermenêutica, na qual tentam compreender as complicações dos contextos de ensino e das questões relativas ao pensamento e às ações do professor em seus contextos.

Barcelos (2004) mostra, no artigo “Crenças sobre Ensino e Aprendizagem de Línguas: Reflexões de uma década de pesquisa no Brasil”, que a pesquisa sobre crenças no Brasil pode ser apreciada em três fases: a) a

fase inicial, de 1990 a 1995; b) a fase de desenvolvimento e consolidação, de 1996 a 2001; c) fase de expansão, de 2002 até o presente.

Com esse quadro avaliativo, percebe-se o desenvolvimento das pesquisas em crenças também no Brasil, demonstrando, assim, aos linguistas aplicados as possibilidades investigadoras sobre crenças no ensino e aprendizagem de línguas.

Na Psicologia Social, o estudo das crenças também possui grande importância, já que toda a literatura moderna publicada sobre crenças e revista por mim para esta investigação aplica os conceitos epistemológicos dos psicólogos sociais.

Sendo assim, fico à vontade para estabelecer que é aqui, neste campo de conhecimento, que descobri o rumo que me conduzirá para o estudo no qual desejo me aprofundar.

Desse modo, faz-se necessário detalhar que, mesmo entre os psicólogos sociais, há diferenças nos níveis de explicação do comportamento social. A primeira vertente, a dos psicólogos sociais norte-americanos, adota predominantemente os níveis pessoais e interpessoais.⁵⁷ Por outro lado, os psicólogos sociais europeus, embora façam uso desses dois níveis pessoais e interpessoais, tendem a dispensar mais atenção aos níveis intergrupais e coletivos.⁵⁸

A Psicologia Social norte-americana norteia os estudos relacionados às atitudes. E concordo com Krüger (1986, p. 34) quando afirma que há muita divergência quanto à definição de atitudes sociais. No entanto, os de orientação cognitivista (ROKEACH, 1981; BEM, 2006) assentem no sentido de

⁵⁷ A Psicologia Social Psicológica (RODRIGUES et al. 2000, p.18).

⁵⁸ A Psicologia Social Sociológica (RODRIGUES et al. 2000, p.18).

definir atitude a partir da ideia de que se trata de uma disposição afetiva, “favorável (positiva) ou desfavorável (negativa) a um objeto social que pode ser aplicado a qualquer pessoa, grupo, objeto inanimado ou entidade abstrata, posicionado como objeto de afeição ou interesse social”.

Uma atitude, diz Rokeach (1981, p. 90), é “uma organização de crenças, relativamente duradoura, em torno de um objeto ou situação que predispõe que se responda de alguma forma preferencial”. O autor ressalta que as atitudes só são reservadas para as predisposições duradouras e não temporárias.

As inúmeras definições de atitudes, embora diverjam nas palavras usadas, convergem para caracterizar as atitudes sociais como sendo variáveis intervenientes (não observáveis, mas diretamente inferíveis de observáveis), como sendo integradas por três componentes claramente discerníveis: o componente cognitivo, o componente afetivo e o componente comportamental.⁵⁹

ATITUDES	CRENÇAS
Pouco influenciadas por fatores situacionais	Sociais e individuais
Implicam ações	Não necessariamente influenciam as ações
São latentes e não verbais	São, na maioria das vezes, verbalizadas
Envolvem predisposição favorável ou desfavorável	Às vezes paradoxal à ação
Duradouras e persistentes, formadas por experiências passadas	São dinâmicas
Fazem parte das crenças, mas nem todas as crenças fazem parte das atitudes	

Quadro comparativo: atitudes e crença (ROKEACH, 1981)

⁵⁹ ROKEACH, 1981, p.92; KRÜGER, 1986, p.35; RODRIGUES et al., 2000, p. 82-84.

A partir das características expostas dos termos crenças e atitudes, considero que tanto o conceito de crenças como o de atitudes serão adequados para a minha pesquisa, uma vez que as crenças de meus informantes envolvem-nos em ações favoráveis ou desfavoráveis em relação às afirmações verbalizadas.

Krüger (1986) reitera que, ao se pensar na vertente lógica, pode-se concluir que emoções e sentimentos são necessariamente precedidos por cognições. Sendo assim, os componentes cognitivos, afetivos e comportamentais das atitudes associam-se de tal forma que, se o sentimento for negativo, as representações e as condutas também o serão. E vice-versa.

Contudo, não há consenso quanto ao papel desempenhado pelas atitudes em relação ao comportamento a elas intimamente ligado.

Para Newcomb, Turner e Converse (1965), as atitudes humanas são propiciadoras de um estado de prontidão que, se ativado por uma motivação específica, resultará em um determinado comportamento; já Krech e Crutchfield (1948), Smith, Bruner e White (1956) e Katz e Scotland (1959) veem nas atitudes a própria força motivadora à ação.(RODRIGUES et al., 2000, p. 84).

Já na Psicologia Social europeia, a teoria da representação social surge através do psicólogo francês Serge Moscovici e é, mais tarde, desenvolvida por Denise Jodelet a partir dos anos 1980 (ARRUDA, 2002, p. 1). E Jodelet diz:

As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. (JODELET, 2002, p. 22 apud ARRUDA, 2002).

Apesar de não abordarem a questão das crenças diretamente, as representações sociais devem ser vistas como uma forma de saber prático que é construído socialmente pelo ser humano, por meio de informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais e ideológicos, ao realizar contato com a realidade e com o mundo social. Rompendo com as versões clássicas que dizem que todo o conhecimento deve estar alicerçado em um saber científico, reconhece, também, o senso comum como saber indispensável aos seres humanos.

Agora passo a digressionar, fazer uma reflexão filosófica, sobre vários temas correlacionados, suscitados através do meu estudo da comunidade sefaradita.

3.1. 2 Crenças, indivíduo, cultura e sociedade

Indivíduo, cultura e sociedade: cada um desses termos é, ao mesmo tempo, meio e fim - a cultura e a sociedade permitem a realização dos indivíduos; as interações entre os indivíduos permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade.

Não há sociedade humana, arcaica ou moderna sem cultura. No entanto, cada cultura é singular, já que constitui a herança social do ser humano e alimenta as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico, chegando a ser até incompreensíveis umas para as outras (MORIN, 2007, p. 64).

O autor pondera que, por diversas que sejam as culturas, elas possuem o mesmo fundamento: “conjunto de hábitos, costumes, práticas, savoir-faire, saberes, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, ritos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social”. E Morin (2008, p. 18-19) complementa:

Todo acontecimento cognitivo necessita de conjunção de processos energéticos, elétricos, químicos, fisiológicos, cerebrais, existenciais, psicológicos, culturais, lingüísticos, lógicos, ideais, individuais, coletivos, pessoais, transpessoais e impessoais, que se encaixam uns nos outros. O conhecimento é, portanto, um fenômeno multidimensional, de maneira inseparável, simultânea, físico, biológico, cerebral, mental, psicológico cultural e social.

Percebi a minha busca por conhecimento refletida/reproduzida em suas palavras. Concordo com o autor quando diz que é nesse quadro que o espírito humano elabora e organiza o seu conhecimento, utilizando os meios culturais disponíveis. Morin (2008) continua dizendo que “em toda a história humana, a atitude cognitiva interagiu de modo ao mesmo tempo complementar e antagônico com a ética, o mito, a religião, a política, o poder”.

E suas palavras, imediatamente, reportaram-me aos meus informantes e seus depoimentos quando a ética e a moral judaicas chegam a ser mais importantes do que a religião.

Ponderei, então, que estou frente a um fenômeno multidimensional, isto é, saberes que, ligados, permitem o conhecimento do conhecimento e não o esfacelamento do mesmo. Daí o autor ter criado um continente não reconhecido, inexplicado - a noosfera - onde o conhecimento se organiza em sistema de ideias (teorias, doutrinas) que necessitam de uma ciência nova: a noologia.

Deixo-me conduzir pelo conhecimento que não é isolado, “insular”, mas “peninsular”. O ato de conhecimento, ao mesmo tempo biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social, histórico, faz com que o conhecimento não possa ser dissociado da vida humana e da relação social. Os fenômenos cognitivos dependem de “processos infracognitivos e exercem influências metacognitivas”.

Sendo assim, Morin (2008) postula que, sem cultura, sem linguagem, sem conhecimentos acumulados no patrimônio social, o espírito⁶⁰ humano não teria atingido o mesmo desenvolvimento. A cultura é indispensável para a emergência do espírito e para o desenvolvimento total do cérebro, os quais são indispensáveis à cultura e à sociedade humana, as quais só existem e ganham consistência na e pelas interações entre os espíritos/cérebros dos indivíduos que a constituem. E Morin (2008, p. 85) diz:

A esfera das coisas do espírito é e continua inseparável da esfera da cultura: mitos, religiões, crenças, teorias, idéias. Essa esfera submete ao espírito, desde a infância, através da família, da escola, da universidade, etc., a um *imprinting*⁶¹ cultural; influência sem volta que criará na geografia do cérebro ligações e circuitos intersinápticos, isto é, seus caminhos, vias, limites.

O espírito, além disso, não é somente codirigido, mas é também co-ocupado pela sociedade, que permite compreender que possa ser possuído em razão dessa ocupação por deuses, mitos e ideias.

⁶⁰ Morin, em suas obras, quando fala em espírito humano, refere-se à mente humana.

⁶¹ O *imprinting* é a marca indelével imposta, primeiro, pela cultura social, que se mantém na vida adulta. O *imprinting* inscreve-se cerebralmente na primeira infância pela estabilização seletiva das sinapses, inscrições primeiras que vão marcar irreversivelmente o espírito individual no seu modo de conhecer e de agir. A isso se acrescenta e combina a aprendizagem, que elimina *ipso facto* outros modos possíveis de conhecer e pensar (MORIN, 2007, p. 302).

Já o mito é inseparável da linguagem, e, como *Logos, Mitos*, significa, na origem, palavra, discurso.⁶² Morin (2008, p. 175) lembra-nos:

Os mitos não falam somente da comogênese, nem somente da passagem da natureza à cultura, mas de tudo o que diz respeito à identidade, ao passado, ao futuro, ao possível, ao impossível, e de tudo o que suscita a interrogação, curiosidade, necessidade, aspiração. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo; tornam-na lendária e, geralmente, tendem a duplicar tudo o que acontece no mundo real e no mundo imaginário para ligá-los e projetá-los no mundo mitológico.

As discussões de Morin guiaram-me a refletir sobre Abraão e minha comunidade. Não digo aqui que Abraão é um personagem lendário, mas sim expresso que esse homem, forte e determinado, há 5769 anos, por meio de sua crença e fé, conduz um povo, o povo judeu.

3.1.3 Crenças e atitudes

Retorno aqui às atitudes para apresentar um estudo seminal de Daryl J. Bem (2006), psicólogo social americano, que, observando os estudos já realizados

(HEREK, 1986; KATZ, 1960; SMITH, BRUNER & WHITE, 1956), identificou e discutiu uma série de funções que podem ser atribuídas às crenças e atitudes.

Segundo Bem (2006), as crenças são proposições introduzidas aos seres humanos por meio dos sentidos⁶³ advindas de autoridades externas,⁶⁴ como pais, profetas, cultura, e são aceitas como verdades das verdades.⁶⁵

⁶² MORIN, 2008, p. 174.

⁶³ Sensory experience. Por exemplo: Espinafre tem um sabor horrível!

⁶⁴ Por exemplo: Deus é misericordioso!

⁶⁵ ...as given (verdades adquiridas) (tradução minha).

Por outro lado, as atitudes são entendidas como preferências, reações favoráveis ou desfavoráveis em relação a objetos, pessoas, situações ou qualquer outro aspecto do mundo.

Desse modo, crenças e atitudes são entendidas como retentoras de componentes cognitivos e afetivos que influenciam nosso *schemata*,⁶⁶ o modo de ver o mundo que nos circunda.

No entanto, desejo concentrar-me aqui nas cinco funções das crenças e atitudes obtidas por Bem⁶⁷ através de seus estudos, ressaltando sua proposição - que uma dada crença e atitude de um indivíduo exerce ao menos uma das funções explicitadas, como:

- Função instrumental - são crenças e atitudes que possuímos por razões práticas: estas expressam os nossos desejos de obtermos benefícios e recompensas a fim de evitar punições, isto é, evitar aquilo que nos é prejudicial e ser favorável ao que nos é benéfico;
- Função do conhecimento – são crenças e atitudes que funcionam como *schemata*, possuindo, assim, o papel de simplificar a realidade e direcionar a nossa percepção dos acontecimentos;
- Função de expressão de valor – são crenças e atitudes que expressam nossos valores e refletem nossos autoconceitos, ou seja, possuem esta função expressiva de valor/princípio de cada indivíduo. Tendem a ser coerentes e de difícil mudança;
- Função de autodefesa – são crenças e atitudes que nos protegem da ansiedade e das ameaças internas e externas, isto é, que nos ajudam a lidar com conflitos emocionais e defender a autoimagem. Esse conceito

⁶⁶ Conhecimento de mundo (tradução de mundo).

⁶⁷ Op. cit.

provém da teoria psicanalítica de Freud, que afirma que um mecanismo da autodefesa é a projeção. Por exemplo, o preconceito contra grupos minoritários fortalece a nossa autoimagem ao nos sentirmos superiores e diferentes;

- Função do ajustamento social – são crenças e atitudes que nos fazem sentir o elo de pertencimento como uma determinada comunidade ou grupo social. O conteúdo real das crenças e atitudes é menos importante do que os laços sociais que as mesmas nos oferecem. As crenças e atitudes tendem a mudar se as normas sociais, os princípios que governam o grupo, precederem-nas. É o caso de seguir uma determinada religião ou grupo político só porque outras pessoas (familiares, amigos) já os abraçaram.

Cabe ressaltar que as funções das crenças e atitudes supracitadas evidenciam a concepção do indivíduo como um ser participante e inerente de um grupo ou comunidade sociocultural. Esse aspecto descortina um grande papel das crenças: o papel social de harmonizar, estabilizar, equilibrar o grupo ao qual essas crenças pertencem.

3.1.4 Aspectos relacionados à mudança de crenças

Partindo do pressuposto de que crenças são uma forma de pensamento, todos nós, seres humanos, temos crenças e as desenvolvemos na interação e, por isso, pensamos coisas diferentes em determinados momentos de nossas vidas. Mudamos, mas mudar não é fácil. Por quê? Quais aspectos estão relacionados à mudança de crenças? Quais são os obstáculos à mudança de crenças? Nesta seção, abordo aspectos que podem se constituir em

obstáculos à mudança, tais como a natureza das crenças, a relação crença e ação e a influência dos fatores contextuais.

3.1.4.1 Crenças e ações

Segundo Rokeach (1981) e Richardson (1996 apud BARCELOS, 2006), as crenças devem ser avaliadas não apenas por meio de afirmações verbais dos informantes, mas também por meio de suas ações e intenções. É importante verificar as ações dos informantes para verificar se elas corroboram as afirmações verbais.

Ao perceber suas crenças como insatisfatórias, os indivíduos as rejeitam ou assimilam novas crenças. Na realidade, mudanças de crenças englobam mudanças das crenças, das ações ou de ambas?

Richardson (1996 apud BARCELOS, 2006, p. 22) compreende que há três maneiras possíveis de entender essa relação. A primeira seria uma **relação de causa-efeito**, ou seja, as crenças influenciam as ações. A segunda seria uma **relação interativa**, em que a influência entre crenças e ações é recíproca. E a terceira seria uma **relação hermenêutica**, na qual a relação entre crenças e ações seria uma complexa conexão entre contexto, pensamento e ações.

Na relação de causa-efeito, Richardson (1996 apud BARCELOS, 2006) enfatiza que as crenças influenciam as ações, exercendo um forte impacto no comportamento humano; na relação interativa entre crenças e ações adota-se a visão de que não só as crenças influenciam as ações, mas também as experiências e momentos de reflexão são fundamentais para uma provável

mudança nas crenças ou formação das mesmas. Segundo Barcelos (2006, p. 26), essa mudança ocorre devido a “momentos catalisadores de reflexão”, e “de conseqüente questionamento e/ou transformação de uma crença na prática”.

A autora descreve esses momentos catalisadores de reflexão como “gatilhos” que instigam problemas, dúvidas ou perguntas, proporcionando uma consciência da crença existente e seu possível questionamento no dizer e no fazer. Nesse momento, tomamos conhecimento do que acreditamos e conseguimos enxergar as diferentes possibilidades. Na relação interativa, como afirma Barcelos (2006),

Crenças têm impacto nas ações e as ações, por sua vez, afetam as crenças. Não é uma relação de causa e efeito. É uma relação em que a compreensão dos limites contextuais ajuda na compreensão das crenças, na qual a percepção e a análise do contexto auxiliam indivíduos reflexivos a interpretar suas crenças.

Woods (1996, p. 71) define essa área de tensão entre o que as pessoas pensam e o que fazem de “hotspots”, ou “pontos de tensão”, os quais se tornam de grande importância para o questionamento sobre futuras possíveis mudanças na prática ou nas ações. O autor utiliza os termos “abstract beliefs” ou “crenças abstratas” e “beliefs-in-action” ou “crenças em ação” para referir-se à discrepância entre crenças e ações.

As “crenças abstratas” referem-se a uma série de afirmações sobre “a maneira como as coisas são e a maneira como as coisas deveriam ser, as quais afirmamos que acreditamos e das quais somos, portanto conscientes”.

As “crenças em ação” referem-se à crença “que guia nossas ações de maneira inconsciente”. Conforme o autor, “o que dizemos que acreditamos pode não ser sempre o fator que influencia nossas ações. As pessoas podem

realizar ações que parecem ser inconsistentes com o que elas dizem que são suas crenças”.Tendo discutido as relações entre crenças e ações, discorro, na seção que se segue, a respeito da importância do contexto nas investigações das crenças.

3.1.4. 2 Crenças e a influência dos fatores contextuais

Nos últimos anos, vários pesquisadores têm ressaltado a importância do contexto nas investigações de crenças (BARCELOS, 2000, 2004, 2006; DUFVA, 2003; FANG, 1996; GRADEN, 1996; JOHNSON, 1994).

Para Dufva (2003, p. 135, apud BARCELOS, 2006), “as crenças dos sujeitos são consequência de uma série de interações nas quais eles se envolvem e dos discursos aos quais são expostos”. A crença enquanto estrutura de conhecimento torna-se, então, social e discursivamente constituída. Subjacente a essa ideia, encontra-se a natureza dinâmica das crenças apontada por Kalaja e Barcelos (2006).

Sendo as crenças um tipo de estrutura de conhecimento, estão ancoradas cognitivamente, social e culturalmente às atividades do indivíduo. A cada nova experiência, temos a chance de modificar uma determinada organização de opiniões, julgamentos e crenças. Como corrobora Dufva (2003, p. 136, apud BARCELOS, 2006), “as crenças resultam de processos contínuos de interação em que os indivíduos se envolvem durante a vida. Como esses processos são contínuos em sua natureza, as crenças são, também, não-estáticas e suscetíveis de mudanças”.

Posner et al. (1982 apud PAJARES, 1992, p. 320; apud BARCELOS, 2007) apresentam um modelo de mudança de crenças que usa os conceitos de assimilação e acomodação de Piaget. Assimilação seria o processo através do qual novas crenças seriam incorporadas ao sistema já existente, enquanto acomodação seria a reorganização do sistema existente para acomodar a informação nova, no caso, a nova crença. De acordo com Posner et al. (apud PAJARES, 1992, apud BARCELOS, 2007), ambos os processos resultam em mudança, “mas a acomodação requer uma alteração mais radical”. Quanto mais forte e enraizada uma crença, mais chances de que haja assimilação em vez de acomodação.

Posner et al. (1982 apud PAJARES, 1992, p. 321, apud BARCELOS, 2007) sugerem quatro condições para que os indivíduos achem uma anomalia desconfortável o suficiente para acomodar uma informação conflitante: a) “a compreensão de que a nova informação representa uma anomalia; b) a crença de que a nova informação deve ser reconciliada com crenças existentes; c) o desejo de querer reduzir as inconsistências entre as crenças; e d) a percepção das tentativas de assimilação como malsucedidas”. Mesmo após serem incorporadas à estrutura, as novas crenças “passam por testes e, se não forem eficientes, correm o risco de serem descartadas”.

3.1.4. 3 Crenças e dissonâncias cognitivas

Rokeach (1981), Krüger (1986) e Rodrigues et al. (2000) preconizam que as mudanças de crenças são analisadas à luz da teoria da dissonância cognitiva de Festinger (1957), cujo principal postulado é o que tendemos a preservar em etapas pós-decisionais, uma harmonia entre nossas crenças

(crenças) mais relevantes. Essa teoria surgiu com a publicação do livro de Leon Festinger⁶⁸ (1957, apud RODRIGUES ET al., 2000), “de notável valor heurístico”,⁶⁹ que tratava de fenômenos de formação e mudanças de atitudes. Rodrigues et al. (2000) aponta que a teoria desse autor procura um estado de harmonia em nossas cognições. O termo cognição refere-se a “qualquer conhecimento, opinião ou crença acerca do ambiente, acerca da própria pessoa ou acerca de seu comportamento” (FESTINGER, 1957, p. 3, apud RODRIGUES et al., 2000, p. 98). Rodrigues et al. (2000) explicita que as relações entre nossas cognições podem ser relevantes ou irrelevantes: quando os elementos cognitivos são relevantes, “diz-se que estão em dissonância se, considerando-se apenas os dois, o contrário de um seguir-se do outro. Como diz Festinger (1957) “x and y are dissonant if not-x follows from y” (p.13). Quando os dois elementos cognitivos relevantes estão em harmonia, diz-se que eles formam uma relação consoante”.

Brehn & Cohen (1962 apud RODRIGUES et al., 2000) contribuem com essa teoria, ressaltando dois pontos importantes. O primeiro é a ideia do compromisso⁷⁰ para a manifestação da força motivacional da redução da dissonância; o segundo é o destaque dado à noção de volição,⁷¹ como elemento básico na determinação da existência e da magnitude da dissonância.

Se não há um razoável grau de compromisso, de envolvimento, de uma pessoa no que concerne às cognições relevantes dissonantes, não há por que falar em dissonância cognitiva. Do mesmo modo, a magnitude da dissonância é função direta da quantidade de

⁶⁸ The theory of Cognitive Dissonance (apud RODRIGUES et al.,2000).

⁶⁹ RODRIGUES et al, 2000, p. 98.

⁷⁰ Commitment.

⁷¹ Volition.

deliberação livre (volição) da pessoa em engajar-se (comprometer-se em determinadas situações). (RODRIGUES et al, 2000).

Krüger (1986, p. 81) acredita que o “fenômeno da dissonância dependa de critérios (cognitivos e afetivos) particulares, que devem variar de uma pessoa a outra”. O autor avalia que um segundo fator contribua para a dissonância: o contexto sociocultural. Fatores sociais e culturais influem na determinação do nível de tolerância para a desarmonia, contradição e conflito entre crenças subjetivamente alojadas. E o autor prossegue com a seguinte definição:

Podem suceder relações dissonantes (contraditórias) entre crenças importantes para uma pessoa; essa situação, subjetivamente vivenciada, gera pressões no sentido da redução da dissonância; e, havendo um encaminhamento objetivo para a redução ou eliminação da dissonância, podem-se produzir mudanças de comportamento, reavaliação de crenças e exposição seletiva a novas informações. (KRÜGER, 1986).

3.1.5 Crenças e sistema de crenças

Para concluir, apresento a obra do psicólogo Milton Rokeach (1981) que tanto tem contribuído para os estudos a respeito do conceito de crenças e sistemas de crenças.

De acordo com esse autor, as crenças devem ser vistas como sendo aquilo que, para o sujeito, versa sobre o que é ou não verdadeiro, bom e belo com relação ao mundo que o cerca. Para Rokeach, crenças estão relacionadas não necessariamente ao que o sujeito expressa e/ou fala, mas sim àquilo em que ele realmente acredita, internamente, e que, por razões sociais ou pessoais, conscientes ou inconscientes, pode não ser verbalizado.

Assim sendo, as crenças, de acordo com o autor, não podem ser diretamente observadas, mas sim inferidas a partir de tudo o que o sujeito não apenas diz, mas também faz, ou seja, por meio de seu comportamento.

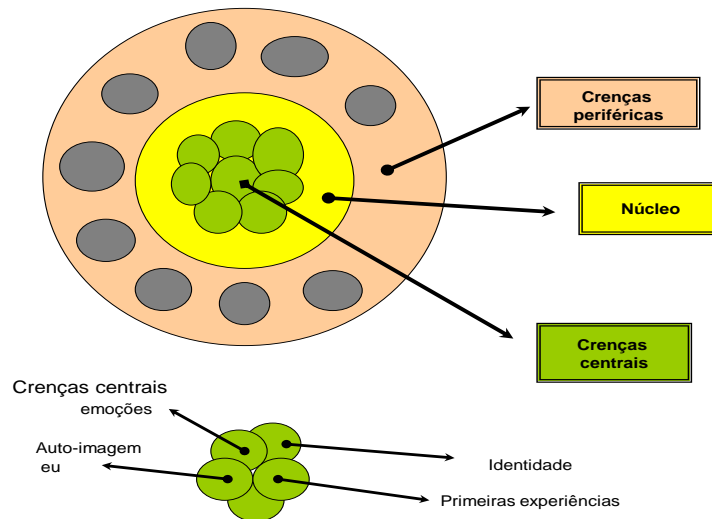
Rokeach (1981) parte do princípio de que, “a exemplo dos átomos, dos sistemas planetários e dos cromossomos e genes dos seres vivos, as crenças dos sujeitos, que, sem dúvida somam uma quantidade extremamente grande, precisam estar de alguma maneira organizada em um sistema (ou sistemas), com propriedades descritíveis, mensuráveis e observáveis. São assim formados os sistemas de crenças dos sujeitos”.

No sistema de crenças, nem todas as crenças são igualmente importantes para o sujeito, de maneira que variam em uma “dimensão central-periférica” (ROKEACH, 1981, p. 3). De acordo com o autor, a análise pode ser iniciada com três suposições:

- 1) nem todas as crenças são importantes para o sujeito,
- 2) quanto mais central for uma crença, tanto mais resistirá à mudanças,
- 3) quanto mais central for a crença que mudou, tanto mais difundidas as repercussões no resto do sistema de crenças.

A partir de Rokeach (1981), Barcelos (2007)⁷² apresentou, em um artigo escrito em 2007, uma figura que representasse a metáfora de um átomo que Rokeach usou para comparar com a estrutura das crenças. Assim que vi a figura criada por Barcelos (a figura será apresentada abaixo), decidi que seria por esse caminho que iria desvendar a análise da primeira e segunda gerações: adotaria a dimensão periférica-central.

⁷² Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. v.7- n. 2, 2007.



Representação da estrutura das crenças como crenças centrais e periféricas

As crenças centrais possuem quatro características: (a) são mais interconectadas com outras e, por esse motivo, se comunicam mais entre si e, dessa forma, trazem mais consequências para outras crenças; (b) estão mais relacionadas com a identidade e com o 'eu' do indivíduo; (c) são compartilhadas com outros; e (d) derivam de nossa experiência direta ("ver para crer"). As crenças centrais, talvez, poderiam se referir ao que Dewey (1933) denominou "crenças de estimacão", ou seja, crenças às quais nos apegamos e das quais não nos desfazemos facilmente. Essas crenças de estimacão estão mais ligadas à nossa identidade e à nossa emoção, assim como as crenças centrais. Já as crenças periféricas podem se referir a crenças

sobre gosto, “são arbitrárias, menos centrais e têm menos conexões” (PAJARES, 1992, p. 318, apud BARCELOS, 2007).

Quanto mais centrais as crenças (ou seja, incorporadas mais cedo, mais relacionadas com nossa emoção e identidade, e mais interrelacionadas com as outras crenças), mais difícil mudá-las porque uma mudança (adição ou abandono de uma crença) implicaria uma mudança em todo o sistema, conforme afirmado por Rokeach (1981) e Woods (1996). De acordo com Woods, a mudança de uma crença torna-se difícil então, pois, como estão interconectadas umas às outras, é preciso que haja uma desconstrução de algumas crenças para que outras possam ser incorporadas. É preciso não só haver uma alternativa para ocupar o lugar dessa crença como também essa alternativa ser reconhecida como plausível de ocupar esse lugar nessa estrutura.

Cabe aqui apresentar as quatro características centrais das crenças. Rokeach (1981) questiona: “Que tipos de crenças podem, razoavelmente ser vistas como relativamente superiores em encadeamento lógico-funcional ou em comunicação funcional com outras crenças?”. E dessa forma, o autor propõe as quatro seguintes proposições ou critérios de encadeamento lógico:

- Crenças existenciais versus crenças não existenciais. As crenças que diretamente dizem respeito à própria existência e identidade no mundo físico e social são tomadas como tendo mais ligações e consequências funcionais com outras crenças do que com aquelas que se referem menos à própria existência e identidade.
- Crenças compartilhadas versus crenças não compartilhadas sobre a existência e a autoidentidade. As crenças que se referem à existência e à autoidentidade podem ser compartilhadas ou não com outras. Aquelas

compartilhadas com outras são tidas como tendo mais ligações e consequências funcionais com outras crenças do que com aquelas não compartilhadas com outras.

- Crenças derivadas *versus* crenças não derivadas. Muitas crenças são aprendidas não com o encontro direto com o objeto da crença, mas, indiretamente, com pessoas e grupos de referência. Nós nos referimos a tais crenças como crenças "derivadas". As crenças derivadas são vistas como tendo menos ligações e consequências funcionais com as outras crenças do que com as crenças dos quais são derivadas.
- Crenças relativas e não relativas a questões de gosto. Muitas crenças representam mais ou menos arbitrariamente questões de gosto e são, frequentemente, percebidas pelo indivíduo que as retém. Tais crenças são vistas como tendo relativamente menos ligações e consequências com as outras crenças do que com as crenças que não representam arbitrariamente questões de gosto.

Uma vez que os quatro tipos de crenças já foram postulados, é racional que se espere que as crenças de cada tipo exibam efeitos funcionalmente similares, comportem-se de forma semelhante se forem sujeitas a pressões para mudar. E, além do mais, é esperado que as crenças mais centrais sejam mais resistentes à mudança do que as menos centrais, porque quanto mais centrais forem as crenças, mais ligações têm e, assim, mais consequências trazem para outras crenças do sistema total de crenças. Quanto maiores as consequências, maior o esforço requerido para reorganizar o conteúdo e as relações estruturais entre as várias crenças do sistema. E quanto maior o esforço, maior a motivação

da pessoa para resistir a essas pressões de mudança. Se, no entanto, as mudanças são induzidas às crenças centrais, elas devem trazer relativamente mais consequências para o resto do sistema de crenças do que seria o caso para as crenças menos centrais.

Em resumo, três hipóteses específicas estão contidas acima e detalhadas a seguir:

- 1) os tipos de crenças localizados ao longo de uma dimensão periférico-central são funcionalmente distintos;
- 2) quanto mais central for uma crença, tanto mais resistirá à mudança;
- 3) as mudanças das crenças centrais produzirão maiores mudanças no resto do sistema de crenças do que as mudanças das crenças menos centrais.

Um último autor que introduziu para delinear o conceito de crenças na Psicologia é Helmuth Krüger (1986), psicólogo e pesquisador do tema. O autor diz:

Crenças são proposições que afirmam ou negam uma relação entre dois objetos concretos ou abstratos, ou entre um objeto e algum atributo deste. Interessa considerá-las na sua origem, na formação e estrutura de sistema de crenças e, sobretudo, quanto ao grau de aceitação subjetiva de tais proposições além da influência que exercem o comportamento. (KRÜGER, 1986, p. 32)

Em termos de pesquisa, devemos descobrir as circunstâncias que geraram tais crenças, como elas se constituem em argumentos, passando a integrar o vasto conjunto das crenças individuais e o papel que estas desempenham na dinâmica do comportamento social, e não procurar averiguar o seu valor de verdade. (KRÜGER, 1986)

Bem, Rokeach e Diaz-Guerrero (apud KRÜGER, 1986) oferecem contribuições tanto teóricas quanto empíricas e experimentais que têm alcançado reconhecimento na pesquisa de crenças e sistema de crenças na psicologia social. Rokeach e Diaz (apud KRÜGER, 1986) definem-se por uma orientação cognitivista, ao passo que Bem adota o behaviorismo radical de Skinner. A distinção é que os primeiros interpretam as crenças na classe das classes intervenientes. Já Bem⁷³ as considera como manifestações do comportamento verbal, “tornando indispensável à análise do comportamento social a partir das linguagens de mando de tato” (apud KRÜGER, 1986, p. 33).

De acordo com Krüger (1986), das três pesquisas supracitadas “a mais bem-sucedida do ponto teórico é a teoria de Rokeach”, especialmente na hierarquização das crenças em quatro níveis a partir da noção de centralidade. Quanto mais centrais, quer dizer, quanto mais relevantes forem as crenças para as pessoas (é o caso das que se referem a nossa identidade) maior será a resistência oferecida para sua mudança e mais significativas serão as repercussões em toda a estrutura do sistema de crenças.

Krüger (1986), em seu texto “Crenças e sistemas de crenças”, procura abordar o conceito de crenças bem como sua importância aos estudos da Psicologia Cognitiva e da Psicologia Social. Inicia a discussão definindo o termo crença para o campo da Psicologia como sendo “qualquer proposição que afirme ou negue uma relação entre dois objetos, reais ou ideais, ou entre um objeto e algum atributo deste, aceita por ao menos uma pessoa.” Krüger afirma que as crenças são indispensáveis à conduta do sujeito porque o norteiam, dando sentido e direção. Alega o autor:

⁷³ Citado aqui pelo estudo entre crenças e atitudes e suas funções.

É importante salientar, a partir dos trechos acima destacados, que as crenças, a despeito de exercerem forte influência em nossas ações e personalidade, não necessariamente são assentidas de maneira consciente. Isso significa que é possível um sujeito agir de acordo com determinadas crenças das quais tem pouca consciência.

Além disso, ainda a respeito do trecho apresentado, vemos que a conservação subjetiva da crença (ou seja, o grau de aceitação e sustentação de uma crença pelo sujeito) e sua influência no comportamento são, de acordo com Krüger, mediada por uma motivação. Essa motivação, do nosso ponto de vista, está estreitamente relacionada à afetividade, aos sentimentos e emoções do indivíduo, o que significa que as crenças recebem e exercem, em certa maneira, uma influência da e na dimensão afetiva do sujeito.

Em conformidade com as contribuições de Rokeach que apresentamos anteriormente, Krüger também afirma que as crenças só podem ser verificadas indiretamente, através de indícios comportamentais, em especial os oferecidos pela linguagem. Ainda de maneira análoga a Rokeach, o autor considera que as crenças “tendem à associação, formando sistemas de crenças”⁷⁴ as quais proporcionam ao sujeito uma organização da realidade e “cujas propriedades lógicas e hierarquia de significado existencial vêm importando em pesquisas que visem explicar e compreender condutas sociais que praticamos e características de personalidade que conseguimos desenvolver” (KRÜGER, 1986, p. 14). Assim sendo, as crenças e sistemas de crenças fazem parte da maneira como o sujeito percebe o mundo, e:

“(...) nos oferecem uma imagem relativamente estável do mundo, da sociedade, de nós mesmos e dos outros. (...) orientamo-nos em nosso agir, inclusive moral, de acordo com tais representações, que

⁷⁴ Krüger, 1986, p. 14.

se organizam sob a forma de teorias, códigos, ideologias, doutrinas e argumentos os mais diversos.” (KRÜGER, 1986, p. 10).

Passo agora para outro pilar teórico desta investigação.

3.2 Narrativas: construtoras de identidades sociais, do “self” , do outro” e de dramaturgia

O ato de narrar histórias é tão inerente ao ser humano que, apesar de não termos tido instruções específicas de como contá-las, sabemos fazê-lo muito bem e até possuímos um vasto repertório. É um processo que se inicia mesmo antes que uma criança comece a falar: “desde pequenos já somos habituados à contação de histórias” (HARRÉ, 2001). Isso comprova que vivemos dentro de um cânone cultural de modelos de narrativas.

Em vez de ser uma entidade ontológica ou um modo representacional, narrativa, nos questionamos, opera especialmente como um modelo flexível. Um modelo, nos termos mais gerais, é um analógico. Liga o desconhecido ao conhecido. É usado para explicar ou interpretar um conjunto de fenômenos ao se referir a um conjunto de regras (ou schemata, estruturas, scripts, enquadres, símiles, metáforas, alegorias) que de uma ou outra maneira o conhecimento generalizado nos Nós observamos que os gêneros e formas de conhecimento de narrativas são altamente dependentes ao contexto cultural. No qual elas são usadas. É o cânone cultural que causa um analógico específico parecer plausível e inteligível. Ao mesmo tempo, narrativas operam como formas extremamente transformáveis de mediação entre o indivíduo (e as suas realidades específicas) e a cânone de cultura geral. Sob o aspecto, as narrativas são tanto modelos do mundo como do “self”. E através da nossa história que nós nos construímos como parte do mundo.⁷⁵ (BROCKMEIER & HARRÉ, 2001, p. 54)

As histórias que contamos a nosso respeito e a respeito dos outros são uma forma corrente de texto em nossa cultura. Frequentemente, sonhamos em

⁷⁵ Instead of being an ontological entity or a representational mode, narrative, we argue, works like an especially flexible model. A model, in most general terms, is an analogue. It links the unknown to the known. It is used in order to explain or to interpret a set of phenomena by referring to a set of “rules” (or schemata, structures, scripts, frames, similes, metaphors, allegories) that in one or another way encapsulate generalized knowledge. We have remarked that the genres and forms of narrative knowledge are highly dependent on the cultural context in which they are used. It is the cultural canon that makes a specific analogue appear plausible and intelligible. At the same time, narratives operate as extremely changeable forms of mediation between the individual (and their specific reality) and the generalized canon of culture. Viewed this way, narratives are both models of the world and models of the self. It is through our stories that we construct ourselves as part of our world⁷⁵. (BROCKMEIER and HARRÉ, 2001, p. 54)

narrativa, aprendemos, acreditamos e duvidamos, maldizemos, criticamos, amamos, detestamos e nos entregamos a devaneios em narrativa (SCHIFFRIN, 2001). Segundo Goffman (1974), narrar é quase uma compulsão, pois os indivíduos passam a maior parte de seu tempo narrando experiências passadas: as suas próprias e as dos outros. Contar histórias parece ser assim, uma forma privilegiada em nossa cultura para projeção de sentido. Desde relato de experiências cotidianas a grandes narrativas históricas, a rotina retórica se faz presente, levando-nos a concordar com Freeman (2001), quando diz que o ato de narrar histórias está inextricavelmente entrelaçado ao processo de construção de sentidos para o/no mundo social.

Nós desejamos oferecer um modo diferente, real e mais radical de imediatamente enquadrar os problemas. E esta é a idéia: a vida já está envolvida no tecer da narrativa. As implicações dessa formulação são divididas em duas partes: A primeira, nós discutimos que não há como falar sobre o que a vida significa, o que uma vida é sem a narrativa. A segunda idéia é que viver e cantar sobre a vida não são diferentes como já foi assumido tradicionalmente. Desta forma, é que nós queremos falar de identidade autobiográfica em termos da fabricação da narrativa da vida. ⁷⁶. (FREEMAN & BROCKMEIER, 2001, p.96)

⁷⁶ We wish to offer a different, and indeed more radical, way of framing the issues at hand. And that is the idea of that life is always already enmeshed within the fabric of narrative. The implications of this formulation are twofold. First, we argue that there is no way to speak of what a life means, what a life is, apart from narrative. The second idea is that living and telling a life are not as different as has traditionally been assumed. So it is that we may wish to speak of autobiographical identity in terms of the narrative fabric of life⁷⁶. (FREEMAN & BROCKMEIER, 2001, p. 96)

Como sugerem Brockmeier e Harré (2001), devemos entender as narrativas como “modus operandi” de práticas discursivas específicas, isto é, o tema ‘narrativa’ refere-se a uma variedade de formas, inerente ao ato de obter conhecimento, estruturar ações e ordenar experiências. Sendo esse guia sensível à natureza variável da realidade humana, o estudo de narrativas, então, nos convida a repensar a natureza da experiência humana como um quadro aberto e maleável que nos leva a uma realidade sempre em mutação e reconstrução.

Várias áreas de conhecimento teorizaram a narrativa, como, por exemplo, a psicologia social, a psicologia clínica, a antropologia, a sociologia e a sociolinguística (SCHIFFRIN, 1996). No entanto, foram os estudos sociolinguísticos de Labov e Waletzky (1967) que, primeiro, introduziram um modelo de análise narrativa para as versões orais da experiência pessoal, exercendo influência em outros pesquisadores por três décadas. No trabalho seminal desses dois pesquisadores, a narrativa de experiências pessoais se constitui um processo de recapitulação de experiências passadas por meio de enunciados ordenados temporalmente, refletindo a sequência dos eventos ocorridos.

Decorridos mais de quarenta anos desde a publicação do artigo de 1967, a abordagem proposta pelos dois sociolinguistas vem sendo criticada por ser um modelo estrutural que não favorece a um entendimento adequado sobre a natureza da língua e da comunicação com base nos quais os discursos devem ser entendidos (BRUNER, 1997; LINDE 1997; DURANTI, 1986; SCHIFFRIN, 1984, 2007). O modelo Laboviano não se interessa por categorias sociais, papéis em interação, nem pelo contexto – institucional, social,

interacional ou linguístico. Schiffrin (1996) percebe que o contexto é tratado como um tipo de armação fixa dentro do qual podem ser colecionados dados, e a identidade como uma característica fixa de um indivíduo. Essa autora também aponta que “nenhumas das visões estão abertas ao controle intencional por um indivíduo (*self*) ou pelo outro” ⁷⁷(2007, p. 52).

Narrativa é o meio pelo qual chegar a um entendimento do “self” como emergente das ações e experiências, ambos em relação aos temas gerais ou enredos e como localizados em um matrix cultural de significados, crenças e práticas. A forma, conteúdo e atuação da narrativa, , desta forma, tudo proporciona índices sensíveis d o nosso “self” e de nossa identidades culturais e sociais. SCHIFFRIN, 1996, p. 194).

Essa visão estática é contrastada pela referida autora com a visão dinâmica identitária e do contexto da qual a língua faz parte, através das expectativas do mundo e dos meios pelos quais os falantes podem transformar o próprio contexto. O aspecto identitário não é “dado” (*given*) no sentido variacionista, mas é projetada por meio da língua, de forma que dimensões diferentes sobre esse aspecto podem ser enfatizadas e desenfáticas pelo falante em relação a um contexto em particular.

É dito às pessoas para comunicar necessidades e emoções (estados internos) e idéias (representações internas do mundo); nada é dito ou insinuado sobre um self em interação com outros, um ego em sociedade, ou um ego em relação a sistemas de símbolo que são constituídos socialmente. (SCHIFFRIN, 2001, p. 51).

⁷⁷Narrative is a means by which to arrive at an understanding of the self as emergent from actions and experiences, both in relation to general themes or plots and as located in a cultural matrix of meanings, beliefs, and practices. The form, content, and performance of narrative thus all provide sensitive indices of our personal selves and our social and cultural identities. (SCHIFFRIN, 1996, p. 194).

Dentro dessa perspectiva, a dimensão interpessoal da comunicação é altamente significativa em relação à identidade e ao contexto como emergente no discurso. Uma implicação importante dessa visão é que "ambos não só estão abertos à manipulação intencional através do self, como também à negociação interpessoal entre o self e o outro" (SCHIFFRIN, 2007, p. 52-53).

As narrativas pessoais e autobiográficas são consideradas como verdadeiras performances de identidade (LINDE 1993, 1997) que se concretizam na relação dialógica entre o "eu" (self) e os "outros", pois "contar histórias é uma forma de fazermos coisas uns com os "outros", encontrando-se, assim, as histórias entrelaçadas com a nossa própria percepção da existência". Bruner (1987) chega mesmo a afirmar que nos tornamos as autobiografias narrativas pelas quais contamos nossas vidas.

Afloram-se, então, os seguintes questionamentos: Por que aplicar narrativas autobiográficas? O que as pessoas fazem quando elas se envolvem numa autobiografia? Numa autobiografia, os informantes expõem uma visão do "self", dos seus feitos, reflexões, pensamentos e lugar no campo social. E se, simplesmente, o pesquisador requisita: "Conte a história de sua vida. Como vocês constroem um filme/uma descrição de suas vidas?", surge a seguinte indagação: Qual é o processo pelo qual as pessoas constroem o que chamamos de "self" e de uma vida?

Brockmeier e Harré (2001) elencam que o narrador (informante) envolve-se na tarefa de descrever o progresso de um protagonista, na pessoa que compartilha seu nome. Ele deve, por compreensão, trazer aquele protagonista do passado para o presente de tal modo que o protagonista e o narrador finalmente se fundam e se tornem uma pessoa com uma consciência

comum. Dessa maneira, o protagonista do "passado" emerge e daí aponta o momento em que se torna o protagonista "presente". Uma pessoa precisa de uma teoria "do crescimento" ou pelo menos de transformação. Nesse momento, ela se converte numa criança que se converte no instrumento da contação. Sua vida torna-se dedicada à história ou à teoria na qual seu destino se encaixa através das etapas vividas ao longo dessa caminhada de crescimento. Ao recobrar essa criança, ela o faz usando as teorias e histórias da sua cultura.

A narrativa exige quatro constituintes gramaticais se for para ser efetivamente realizadas. É exigido, primeiramente um meio de enfatizar agentividade humana- ação direcionada em relação a objetivos controlados por agentes. Exige-se em segundo lugar, que uma ordem seqüencial seja estabelecida e mantida- que eventos e estados sejam "linearizados" em um modo padrão. Narrativa, em terceiro lugar, também exige uma sensibilidade para o que é canônico e que viola canonicamente a interação social. Finalmente, narrativa exige algo que se aproxima da expectativa do narrador, que não pode ser "sem expressão"⁷⁸. (BRUNER, 1990, p. 77)

Bruner, já nos anos 60, não temia usar palavras tais como "mente, e expectativas, e percepção, e significado". O autor acrescentava que "o mundo parece diferente, dependendo de como uma pessoa o percebe" (HARRÉ, 2006, p. 55 – 61, grifo meu). Mais tarde, nos anos 80, Bruner infundiu seus estudos com a ideia de que muito da vida mental é ordenada por narrativas culturais, histórias que as pessoas vivenciam nas suas atividades psicológicas e sociais, onde manipulam símbolos num processo coletivo. Essas conclusões levaram-no a explorar o papel da narrativa como princípio organizador e modulador do

⁷⁸ Narrative requires four crucial grammatical constituents if it is to be effectively carried out. It requires, first, a means for emphasizing human 'agentivity' - action directed toward goals controlled by agents. It requires, secondly, that a sequential order be established and maintained - that events and states be 'linearized' in a standard way. Narrative, thirdly, also requires a *sensitivity* to what is canonical and what violates canonicity in human interaction. Finally, narrative requires something approximating a narrator's perspective: it cannot, in the jargon of narratology, be 'voiceless'. (BRUNER, 1990, p. 77).

“pensamento e ação”. Por meio do seu livro intitulado “Atos de Significados”,⁷⁹ Bruner (1990) pontua modelos de “organização mental” pelos quais as pessoas/membros de um mesmo grupo social entendem-se, unem-se, atuando ao longo da vida de acordo com as suas crenças e desejos, lutando por objetivos, enfrentando obstáculos através dos quais eles evidenciam-se ou aperfeiçoam-se. A narrativa possui a característica de “ligar o que é comum ao que é notável”.

As descobertas de Bruner reportam-me aos estudos clássicos de Frederick Barlett (BARLETT, 1932 apud HARRÉ, 2006. p. 47-54) sobre a ênfase no conteúdo da lembrança ao observar as práticas sociais no ato de lembrar de um grupo de pessoas envolvidas na construção do relato no passado. O autor observou que “o ato de lembrar surge em esquemas”. Barlett (1932 apud HARRÉ, 2006) baseou sua argumentação em pesquisas nas quais, ao solicitar aos seus informantes que se lembrassem de uma situação, eles o faziam partindo sempre da impressão geral do todo e só depois disso é que partiam para construir os prováveis detalhes. A observação da construção dos detalhes favoreceu a conclusão dos estudos que postula, que é a “impressão geral’ que fica retida na lembrança. O autor estabeleceu a palavra “schema” (ou “schemata”) para denominar ‘o conhecimento de mundo” inerente a todos os seres humanos. Seus estudos têm trazido importantes contribuições no campo da Linguística, Sociolinguística e Psicolinguística. A tão conhecida “teoria dos esquemas” (schema theory) tem sido explorada em sala de aula de inglês como língua estrangeira para desenvolver nos alunos a habilidade de

⁷⁹ Acts of meaning.

leitura. Ultimamente, observa-se a aplicação dessa estratégia no ensino das outras habilidades tais como de falar, de ouvir e de escrever.

Todas as investigações supracitadas englobam questões relacionadas à compreensão dos significados emergentes, no discurso oral ou escrito, em um determinado contexto situacional. Cabe, aqui, ressaltar a definição de contexto (GOODWIN e DURANTI, 1997. p. 3-5), que afirma que este, para ser entendido, interpretado adequadamente e descrito relevantemente, necessita da análise de outros fenômenos/recursos tais como o ambiente cultural, a situação de fala, as suposições de conhecimento de mundo (schemata) compartilhadas, dentro das quais o evento está inserido. O contexto é, dessa forma, um enquadre (frame) que circunda o evento e oferece recursos para uma interpretação apropriada.

Dentre as características das narrativas já mencionadas, ressaltam-se algumas, apontadas por Bruner (2001), que enriquecem o arcabouço teórico das práticas narrativas como construção das identidades sociais. A primeira refere-se ao sentido da narrativa ter lugar em dois mundos: aquele da história que está sendo contada (o dos interlocutores) e o do mundo da história relatada (o dos personagens), ainda que esses dois mundos possam se entrecruzar. Ou, como diz Goffman (1974), “contar histórias é um exemplo especial da construção social da identidade na qual o que o indivíduo apresenta não é ele mesmo, mas uma história contendo um protagonista que também pode ser ele mesmo”. Wortham (2001), em seu livro intitulado “Narratives in Action”, também revela que a construção do “self” por meio da narrativa autobiográfica depende tanto da interrelação da representação quanto

da encenação (enactment), consonante, assim, com os outros pesquisadores, que afirmam que o narrador, nesse tipo de narrativa, constrói papéis duplos.

O segundo traço relevante refere-se ao fato de as narrativas deverem enfocar as pessoas e os seus estados intencionais, desejos, crenças. O relato também preserva uma ordem sequencial, propriedades das quais a vida constitui ou supõe-se que deva ser estabelecida. Estando esses pontos supramencionados corretos, autobiografias devem ser sobre o passado "par excellence", isto é, devem ser o gênero constitutivo do tempo passado.

Bruner (2001) observou que as autobiografias possuem 70% de verbos no passado e os 30% restantes no presente. Esses dados demonstram que as autobiografias são relatos realizados não só no passado como também no presente. Visto que as autobiografias trazem um protagonista para o presente, não devemos esperar que se trate do presente somente ao final do relato, como é comumente feito.

Bruner (1987), Mishler (1986) (apud WORTHAM, 2001) e outros questionam que a conexão entre os "selves" narrados e contados oferece poder à narrativa autobiográfica para construir o "self". Crites (1986, apud WORTHAM, 2001) contribui com os estudos sobre narrativa, afirmando que as do tipo autobiográfico fazem um elo entre os "selves" do passado e do presente, o que colabora para construir uma identidade coerente do narrador.

A narrativa deve também responder às perguntas "Por quê?", "Por que vale a pena contar essa história?", "O que essa história contém de interessante para relatá-la?". Nem tudo o que acontece nas nossas vidas é avaliado como interessante para contar. Consideramos que não há mérito nenhum em passar determinadas histórias para outros. A função "Por que contar?" impõe um

significado relevante e oculto sobre a narrativa. A narrativa deve não só ser sobre uma sequência de eventos através do tempo, compreensivelmente estruturada em termos de uma cultura canônica, como também ter algo que garanta a sua excepcionalidade. Bruner (1987) sustenta que aqui o narrador está preparado para lidar com a canonicidade e excepcionalidade.

O "turning point" (a complicação) é, também, uma relevante característica da narrativa. A "complicação" quer dizer que são aqueles episódios nos quais, para ressaltar o poder dos estados intencionais do agente, o narrador atribui uma mudança crucial/vital ou um certo momento na história do protagonista em relação a uma crença, convicção ou pensamento. Esse momento é entendido com um esforço crucial para individualizar uma vida para revelar o diferencial, e não como se tivessem "ligado o automático" e o protagonista começasse a contar a sua história.

Bruner (2001) considera a "complicação" um recurso para distinguir o comum, o esperado, do que é idiossincrático, único, individual, agentivo e performativo. Cabe ao protagonista avaliar, decidir o que é certo de acordo com as suas convicções, não devendo se importar com que as pessoas pensem. A "complicação" representa um momento na narração no qual as pessoas se sentem livres ou se libertam de fatos de suas histórias e, portanto, separam a consciência do narrador da do protagonista. As "complicações" são etapas em direção à consciência narradora. Todas essas passagens são marcadas por verbos que expressam atividades mentais. Isso significa que ocorre uma transformação interna e uma mudança que é intencional.

Portanto, ressaltamos que, ao observarmos o processo de autoformação, torna-se visível que podemos incorrer em erros, ao conceber o

“self” como fechado/trancado dentro da subjetividade do ser, como se estivesse hermeticamente selado. Muito pelo contrário, o “self” parece ser algo intersubjetivo, distribuído e compartilhado (Bruner, 2001).

Os estudos de Charles Taylor (1989) sobre o “self” preconizam que há um conceito que perdura ao longo do tempo: um comprometimento com um conjunto de crenças e valores aos quais as pessoas não desejam submeter-se ao escrutínio radical. É esse comprometimento que põe em evidência o aspecto retórico das autobiografias: o componente “avaliativo” do discurso autobiográfico. Para Taylor, “o que torna a narração justificável” é também um comprometimento com um conjunto de pressuposições sobre o “self”, o “self” em relação aos outros, a visão do “self” do mundo e o lugar do “self” nele.

Autobiografia é, portanto, uma forma de “tomar uma posição”, uma retórica performativa. Quando uma pessoa combina a retórica de autojustificação com os requisitos do gênero narrativo, chegamos perto do que Goodwin (1997) descreve como “fazer um momento no qual o “self” é construído, e sua força é a força que liga o centro ao resto do mundo, é um comprometimento que se perpetua no tempo, que garante uma estabilidade na concepção do “self”, mas também permite ao narrador autobiográfico manter uma aliança com os outros - aliança e oposição também.

Para Tajfel (1978, parte 1), ao definirmos o “self” e aliados, também definimos aqueles que estão fora do grupo, isto é, ao definirmos as nossas próprias qualidades e as qualidades daqueles com os quais nos aliamos, que são os grupos internos/*in-groups*, automaticamente, em contraste, revelamos o papel do grupo externo/*out-group*.

Assim sendo, Geertz (1988) pondera que a autobiografia constrói não só o “self”, mas também a cultura do “self”. O conceito de “rightness” parece ser pragmaticamente controlado, o que cada um pode viver entre aqueles com os quais interage no cenário onde deve funcionar.

É interessante contemplar o estereótipo romântico que insiste que uma pessoa pode encontrar o seu “self” somente se retirando do mundo como universitários de 1970 que pedindo por uma licença para viverem em uma cidadezinha no Maine ou Nepal ou ilhas Gregas para “se encontrarem”, Eu acho que isto é um vestígio de retardamento da noção da essência de um indivíduo que tem sido um ser independente da cultura em relação ao que um ser dirige/navega o mundo.⁸⁰. (BRUNER, 2001, p. 36).

É oportuno ratificar que o conceito de identidade aqui desenvolvido não é um conceito essencialista de uma identidade integral, originária e unificada. Essa concepção não tem como referência aquele segmento do “self” que permanece o mesmo, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tampouco se refere, se pensamos agora na questão da identidade cultural, àquele “self” coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros “selves”, mais superficiais ou mais artificialmente impostos, que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhada, mantém em comum (Hall, 1990), isto é, um “self” coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir o pertencimento cultural ou uma unidade imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças.

A concepção empregada nesse estudo reconhece que as identidades não são nunca unificadas, mas sim fragmentadas e fraturadas; nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo do discurso, das práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão,

⁸⁰ It is interesting to contemplate the Romantic stereotype that insists that one can “find” one’s Self only by withdrawing from the world - as with 1970’s undergraduates who would ask for a leave of absence to go live in a village in Maine or Nepal or the Greek Islands in order to “find themselves”. I think this is a lingering vestige of the notion of an “essential” self that has a being independent of the culture in terms of which one navigates the world⁸⁰. (BRUNER, 2001, p. 36).

assim, sujeitas a um processo constante de mudança e transformação. Hall (1996) argumenta que as discussões sobre identidade relacionam-se, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo em que nós nos tornamos, temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.

Para finalizar, sintetizo o arcabouço teórico construído até então, com a seguinte argumentação manifestada por Dr. Schiffrin (1996) no seu artigo intitulado “Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity”.

As identidades que nós revelamos e que outros interagem durante entrevistas sociolinguísticas, e durante as narrativas contadas durante tais entrevistas, são não menos situadas do que aquelas cuja relevância emerge durante outras atividades. Nós estamos constantemente nos colocando e recolocando, definindo-nos e redefinindo-nos e o nosso mundo, contando uma história sobre uma experiência pessoal é, meramente, outro exemplo de um processo que penetra nos nossos de falar, agir e ser no mundo. Talvez, integrara um entendimento de este processo em todas as áreas da sociolinguística nos ajudará a explicar como tanto a heterogeneidade social e linguística não são só produtos da comunidade como também processos interacionais situados localmente.⁸¹ (Schiffrin, 1996, p. 20)

A preocupação, também, com a fala como prática comunicativa que possui uma ordem interacional, como um nível distinto da organização do discurso, constitui uma ponte entre o linguístico e o social. A comunicação é, por natureza, um processo interativo, e Goffman (1981) já se questionava: “Quais são os sinais interativos observáveis pelos quais podemos descrever os tipos de envolvimento que os marca? Quais os papéis de fala que podemos

⁸¹ The identities that we display and that others act upon during sociolinguistic interviews, and during the narratives told during such interviews, are no less situated than those whose relevance emerges during other activities. We are continually locating and relocating ourselves, defining and redefining ourselves and our worlds: telling a story about a personal experience is merely another example of a process that pervades our ways of speaking, acting and being in the world. Perhaps integrating an understanding of this process into all areas of sociolinguistics will help us explain how both social and linguistic heterogeneity are not only community products, but also locally situated interactional processes⁸¹. (Schiffrin, 1996, p. 20)

identificar na interação e como são marcados no nível de comportamento? Quais são os processos dialógicos pelos quais os falantes compartilham conhecimentos e se posicionam em relação aos outros?”

Goffman (1981) demonstra, desse modo, a complexidade inerente a qualquer tipo de encontro face a face, onde, enquanto participantes, estamos, a todo o momento, introduzindo ou mantendo enquadres que organizam o discurso e são esses enquadres que orientam os participantes com relação às atividades em andamento. O conceito de “footing” de Goffman (1981) surge, assim, para caracterizar tanto o aspecto dinâmico dos enquadres quanto a sua natureza essencialmente discursiva. A posição do interlocutor, segundo Goffman, é a de quem procura entender o significado do discurso a partir do contexto interacional, indagando sempre “Onde se situa o contexto da fala?”, “Onde se situa a realidade de uma dada interação?”. Sinais sutis como “pitch”,⁸² tom de voz, entonação e expressão facial funcionam, em conjunto com as palavras, para enquadrar cada enunciado como séria, engraçada, polida, rude, irônica etc. A qualquer momento, um interagente/participante reage e causa reação ao outro. Comunicação é um fluxo constante no qual tudo é, simultaneamente, uma reação e um estímulo, um estímulo e uma reação. Os interagentes se mantêm movendo numa dança complexa que é sempre diferente, mas é constituída de passos similares. A constante mudança de ritmo e sequência é ajustada pela súbita metamensagem que enquadra o que está acontecendo de um momento a outro.

Goffman (1974), portanto, traçou os fundamentos teóricos de análise de quadros/esquemas a partir do trabalho de Barlett (1932) e Bateson (1972), no

⁸² Elevação da voz.

intuito de investigar a realidade socialmente constituída. Para isso propõe uma série de termos e conceitos para ilustrar como as pessoas usam múltiplas estruturas para dar sentido a eventos, mesmo quando ainda os estão construindo. O termo “footing” foi proposto para descrever como os participantes enquadram os eventos e, ao mesmo tempo, negociam as relações interpessoais, ou alinhamentos, que constituem tais eventos.

Alinhamento, postura ou projeção do indivíduo significa a relação do participante com o outro, consigo próprio, o “self”, e com o próprio discurso em construção (TANNEN, 1986). A autora evidencia que os participantes mudam constantemente de “footing” ao longo de seus turnos na fala, e que essas mudanças são características permanentes e naturais da mesma. Uma mudança de “footing” fomenta uma mudança de alinhamento e expressa a forma pela qual se conduz a produção ou a recepção de um enunciado. Uma mudança de “footing” é uma outra forma de falarmos de uma mudança do enquadre dos eventos.

Goffman (1981) também afirma que os membros de uma comunidade de fala projetam, a partir de suas experiências, esquemas de conhecimento de diversas naturezas que determinam as estruturas de expectativas que subjazem no desempenho comunicativo. Por sua vez, essas estruturas baseiam-se nos processos de percepção e interpretação da “realidade” e, portanto, das inferências que fazem ao longo do discurso. A ausência ou o conhecimento de esquemas diferenciados de âmbito social ou individual interferirá diretamente nas estruturas de participação, e, conseqüentemente, promoverá mudança de “footing”.

A inferência conversacional (GUMPERZ, 1982), processo segundo o qual faz sentido o que se passa em um dado discurso e em uma dada interação, depende de um grau de compartilhamento de conhecimentos (esquemas) de mundo. Esse processo depende também, e principalmente, de conhecimentos adquiridos sobre maneiras de interagir, isto é, são esquemas específicos de interação que incluem informações sobre como sinalizar significados ou como utilizar e depreender as pistas de contextualização⁸³ que ocorrem a todo momento em qualquer tipo de discurso. Essas metagensagens (BATESON, 1972) são indiretas e subentendidas, constituindo-se em um subsistema de sinais prosódicos, paralinguísticos e não verbais, entre outros recursos culturalmente estabelecidos. Erickson & Shultz (1982) e Tannen (1986, 1990) demonstram que esses sinais afetam de forma sutil, porém definitiva, a interação em curso, alterando, muitas vezes de forma radical, o contexto de fala.

Dentro dessa perspectiva, a noção de contexto é vista como uma criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro. Assim, na construção de uma comunicação cooperativa, os participantes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais “estáveis”, contidos nos esquemas compartilhados sobre os participantes (quem fala para quem), os tópicos (sobre o que se fala), o espaço (em que lugar), o tempo (em que momento), mas sobretudo a forma como os participantes sinalizam a cada momento o contexto interacional, ou seja, os enquadres.

De acordo com Goffman (1981), um enunciado nos propicia analisar a estrutura de participação, isto é, “os arranjos estruturais da interação”

⁸³ Em inglês o termo é “contextualization cues”.

(PHILIPS, 1972), o *status* de participação de cada participante que se manifesta ao desempenhar, apropriadamente, seu papel interacional. Em ambos os estudos, o foco de atenção incide sobre a configuração da fala - sobre os papéis dos falantes e ouvintes - e sobre o que estes sabem sobre o contexto social ou a situação de fala para interagirem apropriadamente.

O conceito de estrutura participativa (PHILIPS, ERICKSON e SCHULTZ, 1977, 1982) é associado ao papel discursivo e ao de identidade [social]. Portanto, define-se não só o conjunto de direitos e deveres comunicativos relacionados aos papéis dos participantes como também o desempenho de uma identidade social. Tanto a identidade social desempenhada pelos participantes como seus papéis comunicativos estão em constante mudança e são sinalizados por mudanças de “footing” ou alinhamento, que reenquadram, e os novos aspectos identitários, redefinindo, dessa forma, o contexto.

As narrativas autobiográficas são de natureza dialógica e envolvem os participantes na produção conjunta do discurso, ao sinalizarem e interpretarem a cada momento o contexto – “o que está se passando aqui e agora”. Portanto, não há significado que não seja situado, e as análises que caracterizam essa tradição são necessariamente uma interpretação dos fenômenos linguísticos, paralinguísticos, não verbais e sociais que cooperam no evento comunicativo.

Erving Goffman (1959)⁸⁴, ao discutir a representação do indivíduo na vida cotidiana, introduz a expressão expressividade e apresenta a perspectiva dramática para o entendimento das relações interativas das pessoas em

⁸⁴ Sua tese de Ph.D, título obtido na Universidade de Chicago em 1953, foi publicada em formato de livro pela primeira vez em editora de grande circulação em 1959, sob o título de *The Presentation of Self in Everyday Life*. No Brasil, essa obra veio a ser publicado bem mais tarde, em 1975, com o título de *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*.

sociedade. Esse elemento abre a consciência de que não vivemos sozinhos e que a racionalidade pretendida na ação dos autores organizacionais é condicionada pela interação entre os diferentes atores, entre o “self” e o “outro”, entre o “self” e a “audiência”, entre o papel que cada um desempenha e o que os outros desempenham. Aquilo que se quer exprimir não se pode fazê-lo sem considerar as interações que estão ligadas à própria performance do indivíduo. No modelo dramatúrgico, o autor evidencia três elementos da apresentação teatral: o palco, o ator e a plateia (ou audiência).

Erwing Goffman (1959, p. 229) postula que as pessoas, ao representarem, controlam as impressões, não necessariamente para enganar, mas para sustentar uma realidade, um acontecimento, um “self”. O autor distingue o “self” em dois aspectos: 1) o ator que cria essas impressões e 2) o personagem pelo qual a impressão é produzida numa atuação que engloba os dois. Na vida cotidiana, as pessoas não fornecem informações aos ouvintes, mas apresentam dramas a uma audiência (GOFFMAN, 1974, p. 508). É aqui que a metáfora dramatúrgica de Goffman emerge: abordar o “self” não nos distancia da encenação. A narrativa, dessa forma, propicia a construção social do “self” na qual “o que o indivíduo apresenta não é ele mesmo, mas uma história contendo um protagonista que, por acaso, é ele mesmo” (GOFFMAN, 1974, p. 541).

Os teóricos que defendem a perspectiva dramatúrgica de análise do comportamento acreditam que as pessoas, assim como os atores numa peça teatral, representam personagens quando interagem socialmente. Isso faz com que os interlocutores tenham uma visão/avaliação estereotipada dessa personagem.

Agora, vejamos a conexão das crenças com o “self”.

Os membros da comunidade compartilham não só das características gramaticais, lexicais, das formas lógicas da língua, dos tópicos, do modo como apresentam a informação, mas também dos comportamentos e crenças. Há uma dimensão dentro dessa comunidade que desenvolve uma outra identidade: a histórica. O contexto sócio-histórico combina as duas camadas: a cultural (a sincrônica) e a sócio-histórica (diacrônica) sobre os estudos da língua. Ademais, existe um terceiro aspecto inerente aos membros da comunidade: a imaginação. Isso significa que as comunidades e o discurso se caracterizam não só pelos fatos e artefatos, mas também pelos sonhos comuns, imaginações realizadas. Essas imaginações refletem-se e modelam a realidade cultural da comunidade. Benedict Anderson (1983, p. 8) defende que "a língua não só está intimamente ligada à cultura que é, que era, mas também à cultura da imaginação que governa as decisões e ações das pessoas mais além do que pensamos".

"(...) a cultura das práticas diárias baseiam-se na cultura das tradições e histórias compartilhadas. As pessoas se identificam como membros de uma sociedade quando elas podem ter um lugar na história dessa sociedade e se identificar com o modo que eles se lembram do passado, prestam atenção para o presente e antecipam o futuro". (BENEDICT ANDERSON, 1983, p.8).

E agora sigo em direção a apontar no principal pressuposto teórico desta investigação: a Manifestação da Modalidade na Linguagem.

3.3. Marcas de Modalidade: manifestação da subjetividade na Linguagem

Koch (2003) postula que muitos linguistas de países europeus como a França, Alemanha e a Inglaterra deram “atenção para a *linguagem enquanto atividade*, para as relações entre a língua e seus usuários e, portanto, para a ação que se realiza *na e pela* linguagem”. Conclui que daí surge a linguística pragmática e eu acrescento dizendo que também a teoria que permeia esta investigação: a Linguística Funcional (LF) ou o seu modelo aprimorado a Linguística Discursiva Funcional (LDF) (KOCH, 2003, p.10):

...visa descrever e explicar “a (inter)ação humana por meio da linguagem e a capacidade que os seres humanos têm de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados.

Na visão funcional da linguagem, a modalidade apresenta-se como o meio pelo qual o enunciador usa o seu discurso em prol de suas intenções. a expressão de atitude é a marca desse recurso, pois há uma preocupação com a forma de se emitir um enunciado para que o falante transmita sua mensagem e o ouvinte reaja de maneira positiva ou negativa em relação àquilo que está ouvindo.

Halliday (1994, p. 356) refere-se à modalidade como “a área do significado que fica entre o sim e o não”, incluindo “ora o sim e o não” e “tanto o sim como o não”. Devido ao fato de que julgamentos sobre a verdade e a falta de verdade, a certeza e a dúvida, a probabilidade e a possibilidade têm um importante papel em nossas vidas, eles permitem uma variedade de realizações lexicais, gramaticais e estratégicas. Há inúmeras formas de os

falantes/escritores sinalizarem as avaliações ou informações referenciais em seus textos.

Para Halliday (1989, p.45), o contexto é entendido em dois níveis: o contexto de cultura e o contexto de situação. O contexto de cultura é o contexto mais amplo, definindo a atividade social de determinada cultura de modo que os significados de um texto tenham uma finalidade. O contexto de situação é mais imediato, servindo para interpretar o contexto social do texto, ou seja, o meio em que os significados estão sendo trocados. E pelo fato de esta abordagem enfatizar tanto a importância do contexto cultural e social de um indivíduo, como a do uso de sua linguagem, Halliday (1989), portanto, elenca-se em escolhas linguísticas feitas para gerar uma série de significados que são organizados em sistemas representados por três grandes metafunções da linguagem: a ideacional, a interpessoal e a textual. Cabe ressaltar, aqui, que esses sistemas são acionados para garantir a interação entre os participantes de um evento comunicativo, ou para nomear ações ou participantes da mensagem ou, ainda, para tornar a mensagem estruturada e compreensível.

A **função ideacional** expressa o conteúdo do texto para representar o mundo exterior e interior do sujeito. Partindo do pressuposto de que a “transitividade é simplesmente a gramática da oração em seu aspecto ideacional” (1989, p. 150), Halliday defende que todos os enunciados incluem o componente ideacional, sendo um recurso primordial do significado no sistema linguístico. Nesse quadro, os elementos materiais, mentais e abstratos do ser humano estão embutidos.

Todos os enunciados do adulto estão envolvidos pelo conteúdo ideacional na transmissão de seu conhecimento de mundo. Isso pode ser testificado pela seguinte proposição:

Mas para o adulto o elemento ideacional na língua está presente em todos os seus usos; seja o que for que ele esteja fazendo com a língua, achar-se-á explorando seus recursos ideacionais, seu potencial para expressar um conteúdo em termos da experiência do falante e da experiência da comunidade linguística. (Halliday, 1994, p. 147).

A **função textual** envolve o texto nos seus aspectos estruturais e de formato, deixando o sujeito demonstrar sua experiência por meio de textos coesos e coerentes no sistema da língua. Essa macro-função permite que nós façamos a distinção entre uma mensagem de uma gramática ou de um dicionário (1989, p. 157). Refere-se aos elementos expressos no enunciado: o dado, o novo, o tema e o rema.

A **função interpessoal** envolve a participação do sujeito na expressão das ações sobre os outros no contexto social, desencadeando novas ações. Desde a nossa infância, interagimos com as pessoas numa relação “eu” e “você” da língua. Halliday (1989, p. 151) nos ensina que esse processo é uma macro-função, pois abarca todos os usos da língua a fim de estabelecer relações sociais e pessoais. Essa é **a marca da modalidade e do modo**, considerando que na oração, ocorre a seleção de um papel na situação de fala pelo falante, **o modo pela escolha de papéis para o receptor e a modalidade**.

Assim, Halliday (1994), dentro da perspectiva da linguística funcional, diz que a modalidade se refere à área do significado que fica entre o sim e o não,

entre o afirmativo e o negativo, ou seja, refere-se ao campo intermediário entre a polaridade positiva e a negativa. Halliday acrescenta ainda que esse significado vai depender da função da oração como evento interativo, ou seja, dos valores trocados no processo de interação. Se a oração veicula uma informação (proposição), a modalidade indicará algum grau de probabilidade ou “usuabilidade”. Caso veicule bens e serviços (proposta), a indicação será de obrigação ou inclinação. Com base nisso, Halliday apresenta dois tipos de modalidade a que chama modalização, no caso de a modalidade incidir sobre uma proposição; e modulação, no caso de incidir sobre uma proposta.

Percebe-se, nesse ponto que o tratamento dado pela lógica é invocado por Halliday, que relaciona modalização e modulação com o que é referido na semântica filosófica (KOCH, 2002, p.74 e NEVES, 2006, p. 159 e 1996, p.187), como modalidade epistêmica (ligada ao conhecimento) e modalidade deôntica (ligada ao dever ou conduta), respectivamente.

Na realidade, **a modalidade envolve aspectos diversos**. Desde a questão básica de definir a modalidade, até a questão de saber em que grau e por que meios o enunciador harmoniza a modalidade para concretizar a sua intenção de marcar seu enunciado. Procederei a um levantamento dos meios linguísticos de expressão da modalidade em língua portuguesa, fazendo uma leitura dos tipos de modalidade propostos por Neves (1996, 2006), para que possa perceber os modos de contemplar a enunciação e o enunciado.

3.3.1 Os modos de expressão da modalidade em português

As concepções e tipos de modalidade

A partir dos princípios funcionalistas abordados, podemos estabelecer correlações observando em Lock (1996, p. 193),

É possível definir modalidade amplamente e restritamente. Uma definição ampla incluiria todas as expressões de significados interpessoais que está entre existir e não existir ou entre fazer e não fazer. Uma definição restrita de modalidade inclui somente os auxiliares modais e seus usos, e às vezes também advérbios funcionando como Adjuntos Modais, tais como possivelmente, provavelmente, e certamente.

Lock (1996, p. 195), apresentando seus estudos sobre a marca discursiva modalidade, identifica dois caminhos para definir modalidade: 1) o de forma ampla engloba todas as expressões que implicam na interação entre as pessoas (a função interpessoal); 2) o de forma restrita se aplica aos auxiliares modais, que são os verbos “poder” e “dever”, representados em inglês por diferentes graus de possibilidade até atingir a obrigatoriedade: “might”, “may”, “could”, “can”, “should”, “have to”, “must” e os advérbios modais identificados como “certamente”, provavelmente” e “possivelmente”. O autor reconhece que na língua inglesa a modalidade epistêmica (de conhecimento) é expressa em três níveis: alto, médio e baixo: “certamente”, “provavelmente” e “possivelmente” respectivamente.

Bybee et al (1994, p. 176-77 e p.180) define modalidade como a gramaticização (“gramaticization”) das atitudes e opiniões subjetivas dos falantes. A autora considera as marcas de modalidade em quatro tipos; a modalidade orientada para o agente, a modalidade orientada para o falante, a epistêmica e a de “subordinação” (subordinating) para abranger os verbos que

são usados somente no modo subjuntivo ou com o verbo modal “should” em inglês como em “I suggest that he call you immediately” ou “I suggest that he should call you immediately” “Eu sugiro que ele lhe telefone imediatamente”, orações concessivas e de propósito.

Como nota Koch (1996, pp.86-87), “ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos ilocucionários de modalização, que atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece”. Entre os vários tipos de lexicalização possíveis das modalidades, a autora cita os seguintes: a) performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito, etc.; b) auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar, etc.; c) predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável; d) advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente, etc.; e) formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer, etc, + infinitivo; f) modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos do subjuntivo, uso do futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese, notícia não confirmada; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade, etc.; g) verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho, etc.; h) entoação: (que permite, por exemplo, distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral; i) operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo, etc.

Já em Neves (1996, 2006, p.167), a modalidade pode ser expressa por diferentes meios linguísticos, por exemplo:

a) por um verbo:

a1) (auxiliar) modal:

- Esse casarão **deve** ser ideal para o reumatismo de minha tia Margerita.

(ACM)

- O presidente da república **pode** e **deve** ser denunciado como coautor do homicídio do major Vaz. (AGO)

a2) verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber:

- **Acho** que por humilhação maior jamais passaram. (A)

b) por um advérbio, a que ainda pode associar-se um verbo modal:

- Garfos e Pedro Moreno cochichavam, discutindo **provavelmente** detalhes da agonia, Dona Leonor. (A)
- Esse exame propicia a visualização de vários dados, que **devem** ser **obrigatoriamente** pesquisados. (CLC)

A modalização por meio de advérbios pode incidir num constituinte, e não na proposição:

- Ela deu uma olhada nele e achou uma anotação meio estranha, **talvez um escólio**. (ACM)
- O ateniense, quando desconfia que alguém quer tornar os outros tão hábeis quanto ele próprio, zanga-se, **talvez por inveja**. (TEG)

c) por um adjetivo em posição predicativa:

Quem sabe se nada disso vai ser **necessário**? (FIC)

É **impossível** que o Brasil tome conhecimento de outra aberração. (RR)

É **preciso** que você fique perto de mim, sempre. (AQ)

a) por um substantivo:

- O homem não deve pensar muito, esta é a minha **opinião**. (OMT)
- Tenho a **impressão** que um dos grandes erros da política brasileira nestes últimos vinte anos tem sido a matematização da vida econômica. (POL-O)

A ocorrência de nome modalizador é bastante comum na posição de objeto de verbo-suporte, em que o verbo e o sintagma nominal objeto (em princípio, não-referencial) formam, conjuntamente, o predicado.

- Cada folha dobrada em quatro dá possibilidade para oito páginas impressas.
(LOP)

b) Pelas próprias categorias gramaticais (tempo / aspecto / modo) do verbo da predicação:

- E a discussão **ficaria** nisso. (A)

Essas categorias aparecem normalmente associadas a advérbios

modalizadores:

- Esta obra **talvez tenha sido** um dos livros didáticos mais importantes da época. (ATN)

Além desses elementos, expedientes puramente sintáticos podem ser usados na modalização dos enunciados.

a) A unipessoalização (que alterna com a primeira pessoa do singular) minimiza a participação do falante:

- Eu sei - disse o Ministro - que Vilar tem a admiração de vocês todos e, portanto, a minha também, mas **é preciso** que vocês, amigos dele, o advirtam. (Q)

b) O efeito contrário, entretanto, é obtido

- com intercalação ou apêndice de orações em primeira pessoa:

- Perguntou-me se eu estava ali há muito tempo e eu - **acredito** hoje - disse a minha primeira e mais grave mentira da vida: disse que não, havia subido para apanhá-lo, abarca aproximava-se do cais. (BB)
- Não que esteja contra. Mas o feminismo é pra mulheres muito especiais, eu **acho**. (E)

- com subordinação a orações em primeira pessoa:

- Mas **acho** que estou falando demais ... (R)

A modalidade é, pois, como já se disse anteriormente, um traço característico da função interpessoal, que diz respeito ao estabelecimento de

relações humanas. É, na verdade, a inserção do usuário da língua no evento discursivo.

De modo geral, entende-se por *modalidade* o posicionamento ou julgamento que o sujeito falante assume perante o conteúdo dos enunciados que produz. Considerando a intenção do falante e sua relação com o conteúdo dos seus enunciados, as modalidades são divididas em três categorias: a) **aléticas**: referem-se ao eixo da existência, da verdade das coisas relacionadas com o mundo ontológico (LYONS, 1977), fundamental no “equacionamento veredictório das proposições”, e, portanto central na lógica, mas periférica nas línguas naturais (KIEFER, 1987)⁸⁵; b) **deônticas**: referem-se ao eixo da conduta e da ordem, isto é, à linguagem das normas, e estão relacionadas aos valores de permissão, obrigação e volição; c) **epistêmicas**: referem-se ao eixo da **crença**, do saber, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas.

Givón (2001, p.300, apud NEVES, 2004) postula que a modalidade é uma categoria linguística mais ampla que “codifica a atitude do falante em relação à proposição”. Assim sendo, vale ressaltar a questão conceitual que envolve os termos verbo modal, modo verbal e modalidade. O verbo modal (dever, poder, ter que, entre outros), assim como o modo verbal (indicativo, subjuntivo, imperativo), é um dos recursos gramaticais disponíveis para expressar a modalidade em português. Enquanto o modo é expresso morfologicamente no verbo, a modalidade envolve o contexto semântico-pragmático, já que leva em conta a atitude do falante em relação ao conteúdo

⁸⁵ apud NEVES, 2006, 163)

daquilo que é enunciado, podendo ser expressa por meio de diferentes recursos linguísticos.

Modos de expressão e graus da modalidade no eixo do conhecimento (epistêmicos)

A avaliação epistêmica se situa em algum ponto do continuum que, a partir de um limite preciso, onde se encontra o (absolutamente) certo, se estende pelos indefinidos graus do possível. Há relação com o conhecimento e crença (em oposição ao fato). Sua origem é usualmente o falante, que conclui a partir de evidências se a proposição é verdadeira ou não. Expressões epistêmicas são usadas para expressar o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição.

Segundo NEVES (1996, 2006), “a modalidade epistêmica se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde se encontra o (absolutamente certo, se estende pelos indefinidos graus do possível”. Assim sendo, a língua portuguesa oferece inúmeras possibilidades ao falante para modalizar seu enunciado epistemicamente, ou seja, avaliar como verdadeiro o conteúdo deste, “apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvidas e sem nenhuma relativização” (Neves, 1996, p. 179), ou pode situá-lo nos graus do possível, relativizando-o, atitude justificada pelo não-conhecimento que o falante possui sobre um estado de coisas (para graduar a relativização do possível dentro do continuum da avaliação epistêmica, graus de certeza).

Palmer (1974, p.64) salienta que os anguladores (hedges) como I think, I suppose, certainly, perhaps, it seems to me etc⁸⁶, podem modificar, atenuar ou até fortalecer o comprometimento do falante. Para o autor, os anguladores são elementos instanciadores da modalidade epistêmica, apontando que “há potencialmente grande variação no grau de comprometimento do falante”.

Modos de expressão da modalidade no eixo da conduta (deônticos)

A modalidade deôntica têm sido classificada em dois tipos principais:

a) obrigação moral interna ditada pela consciência como em

- **Temos que** admitir que esta não é a realidade do artista brasileiro. (FSP)

b) obrigação material, externa, ditada por imposição de circunstâncias externas como em

- A oposição diz que num governo político como o FHC vai **ser necessário** um representante político para a bolsa. (FSP)
- Aqueles que recebem ajuda da associação **têm por obrigação** plantar uma árvore. (FOC)

Em uma obrigação interna, o predicado envolve o traço [+controle], permitindo que se opere a modalização deôntica do enunciado:

- Você **tem que** ter cuidado ou cai do burro. (DO)

Uma obrigação Interna negativa que envolva o traço [+controle] equivale, em um ato diretivo (que envolve um sujeito de segunda pessoa, a uma proibição.

- O senhor **não pode** fazer isso. **Não pode** dar a menor demonstração. (MMM)

Os tipos de modalidade, deôntico e epistêmico, já apresentados, são costumeiramente os mais reconhecidos no âmbito da modalidade, sendo o terceiro tipo ‘habilidade/capacidade’ inserido na modalidade deôntica. A

⁸⁶ Eu acho, eu suponho, certamente, talvez, parece-me que etc.

modalidade habilidade/capacidade constrói-se em termos de ausência ou presença de barreiras ou restrições:

- Bernardo **pode** nadar. (Ele sabe nadar, está apto a nadar; nada o impede de nadar)

Portanto, reconhece-se a natureza multissignativa dos modais. Há situações nas quais a fronteira entre a modalidade deôntica e a epistêmica é bastante tênue, podendo gerar o polissemantismo dos elementos:

- Uma classificação racional dos fatores ecológicos **deve** levar em conta principalmente as particularidades das reações dos seres submetidos a esses fatores. (ECG)

Neves (2002, p.62-63), no seu livro intitulado “**Gramática de usos**”, concentra e resume os Verbos Modalizadores da seguinte forma:

Há verbos que se constroem outros para modalizar os enunciados, especialmente para indicar modalidade epistêmica (ligada ao conhecimento) e deôntica (ligada ao dever). Esses verbos indicam, principalmente:

a) **Necessidade epistêmica**

Entendo que uma escola moderna **DEVE** ser eminentemente educativa, onde a fraternidade **DEVE** ser o meio e o amor **DEVE** ser o fim. (ORM)
E você **DEVERIA** ser uma espécie de teólogo ou guru da nova doutrina. (ACM)

b) **Possibilidade epistêmica**

Quando reina a ignorância, qualquer pequeno fato **PODE** se transformar em catástrofe. (FSP)
Não **PODE** ser que eu tenha feito isso - é muito ruim. (VEJ)
Carlos **DEVE** ter vindo. (A)
Era professor associado em Bologna e **DEVERIA** ter, como eu, uns 40 anos. (ACM)

c) **Necessidade deôntica (obrigatoriedade)**

E era ajuste que não **PODIA** demorar muito. (CA)
Bentinho, amanhã, **TENHO QUE** romper as estradas para Piranhas. (CA)
O dono da casa **DEVE** comer antes de todos os hóspedes e terminar

depois deles. (ISL)

PRECISAMOS ser gratos a Deus pelo que recebemos. (MAR)

d) Possibilidade deôntica

É Bento? **PODE** entrar, menino. (CA)

Se você é livre, **PODE** fazer o *que quiser*. (FSP)

Mas você não **PODE** dormir aqui. (OAQ)

Não se **DEVE** fumar na sala *de necropsia*. (Te)

Os verbos que exprimem a chamada **modalidade habilitativa** (indicação de capacidade) na verdade constituem **predicados**:

PODERIA fugir de Domício? (CA)

O bonde **PODE** andar até a velocidade de nove pontos. (VEJ)

Se não lhe interessa, **SEI** defender a minha. (ED)

Também não está no mesmo nível de uma **modalização epistêmica ou deôntica** a expressão de volição por meio de um verbo:

Eu também **QUERIA** viver longe de tudo isto, eu bem que me **QUERIA** ligar ao povo do mestre Jerônimo. (CA)

Bentinho **QUIS** correr para o quarto e Domício não permitiu. (CA)

E **QUERO** que peça perdão, por mim, a padre Luís. (A)

Reverendo conceitos básicos para prosseguir com a análise dos corpus, reitero nos termos de Neves (2002) que, no eixo deôntico/avaliativo, o julgamento se manifesta no “continuum que vai do absolutamente obrigatório ao permitido” (p. 196), com um controle “intrínseco” dos eventos. Já no eixo epistêmico, o julgamento “se situa em algum ponto do continuum que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) certo, se estende pelos limites e indefinidos graus do possível” (p.187); trata-se de um julgamento “extrínseco”.

Conforme já apontado, **os tipos deôntico e epistêmico** são costumeiramente os mais reconhecidos. Considero, pois, que a modalidade se

manifesta na interação verbal, para dar conta dos propósitos comunicativos dos falantes, não se restringindo, como poderia parecer à primeira vista, à categoria do verbo. Nesse sentido, o contexto é imprescindível no momento de interpretar o quanto de comprometimento há por parte do falante/escritor em relação ao que é dito/escrito.

O que se sabe é que, sob o olhar da gramática funcional, nas análises linguísticas de qualquer enunciado, deve-se considerar não só a forma e o conteúdo, como também a ligação entre eles, pois, o falante escolhe, entre diversas possibilidades, a mais apropriada ao seu propósito, motivando sua escolha pela intenção, pelo contexto, pelo grau de intimidade entre os interlocutores, pelo assunto a ser comunicado, etc. Desta forma, Assim, a estrutura reflete a organização e a estratégia discursiva usada.

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA

A metodologia desta investigação caracteriza-se pela análise de base qualitativa sobre estudos de crenças do “ser judeu” da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl.

Na pesquisa qualitativa, o social é visto como um mundo de significados passível de investigação, e a linguagem dos atores sociais e suas práticas são as matérias-primas dessa abordagem. O objeto da abordagem qualitativa é o nível dos significados, das atitudes, das crenças e dos valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana.

A investigação foi conduzida na comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl, escolhida não só por sua importância no contexto social e educacional da pesquisadora mas também por ter tido um papel modelo de comunidade judia sefaradita, preservando suas tradições culturais e linguísticas mesmo em exílio. Os dados foram coletados entre janeiro de 2008 a abril de 2009. As filmagens foram realizadas em agosto de 2009.

4.1 Natureza da pesquisa

A noção de crença empregada no estudo fundamenta-se em que as crenças são inferidas a partir de tudo que o que o sujeito não apenas diz, mas também faz. Podem possuir um encadeamento lógico e serem analisadas de acordo com uma dimensão periférica-central. No entanto, a prioridade, aqui, foi dada ao fenômeno lingüístico discursivo argumentativo: modalização.

A orientação qualitativa para o estudo de crenças favorece a ordenação dos dados por consenso, isto é, a identificação dos elementos consensuais e/ou divergentes entre os membros do grupo entrevistado. A pesquisa qualitativa oferece mecanismos para compreender a fundo as motivações, os sentimentos dos informantes, os aspectos sociais, culturais, tradicionais, religiosos envolvidos na relação com o “self” e com o “outro”. É próprio de a pesquisa qualitativa buscar identificar, na fala dos informantes, temas comuns oriundos das respectivas experiências e do mundo no qual os informantes vivem:

A pesquisa qualitativa é um multimétodo, envolvendo uma abordagem interpretativa natural, na tentativa de que os fenômenos façam sentido ou sejam interpretados em termos do significado que os informantes trazem aos investigadores. A pesquisa qualitativa envolve o estudo usado e uma variedade de dados empíricos – estudo de caso, experiência pessoal, estórias de vida introspectiva, textos observados, históricos, interacionais e visuais - que descrevem a rotina e os momentos problemáticos e significados nas vidas dos indivíduos.⁸⁷

A pesquisa qualitativa oferece várias abordagens para a coleta e análise de dados. Dentre todas, a abordagem/perspectiva interpretativa foi a que mais se adequou à presente investigação, ao objeto em estudo, aos métodos e às técnicas de coleta e de análise dos dados. As descobertas emergem em todas as fases do processo investigativo e culmina com as discussões, a constituição

⁸⁷ Qualitative research is a multimethod in focus, involving an interpreting, naturalistic approach to its subject matter. This means that qualitative researchers study things in their natural settings, attempting to make sense of, or interpret phenomena in terms of the meaning people bring to them. Qualitative research involves the studied use and collection of a variety of empirical materials – case study, personal experience, introspective, life story, interview, observational, historical, interactional and visual texts – that describe the routine and problematic moments and meanings in individual's lives. (DENZIN, NK & LINCOLN, YS, 2004, p. 2).

das amostras e a reprodução das mesmas que exponham o contexto discursivo nos quais esses dados, sob interesse, estão inseridos

4.2 Coleta de dados

Por causa do interesse recente por relatos da imigração judaica, o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro de São Paulo criou um Núcleo de História Oral e estudos judaicos tanto no Rio como em São Paulo, permitindo, assim, que eu também tivesse acesso às pesquisas e aos dados sobre os imigrantes judeus no Brasil oriundos de várias regiões, inclusive a de meu interesse, Esmirna, na Turquia.

Durante a minha imersão na comunidade sefaradita, descobri que uma jovem senhora sefaradita da segunda geração havia criado um coral de músicas ladinas para preservar a herança cultural dos “nossos”⁸⁸ pais. O ensaio com três músicos, um maestro e uma dançarina espanhola reviveram minha infância e minha adolescência. Não é um coral profissional, por isso os cantos desafinados ressoam, mas a alegria da “nossa” origem e tradição, irradiadas pelo salão do Clube Israelita Brasileiro tornam o nosso canto encantador.

Cabe ressaltar aqui que, para a viabilidade de minha investigação, foi de suma importância a acolhida carinhosa e respeitosa de todos os componentes do coral. Ao me conhecerem melhor, interessaram-se pela pesquisa e estavam sempre prontos a esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem.

⁸⁸ Digo “nossos”, pois sou filha de judeu. Em agosto de 1919, meu pai deixou Esmirna (Turquia) no sótão de um navio, conforme comprova seu passaporte. Minha avó Dora já havia feito o mesmo com o filho mais velho, que, contraindo tifo durante a viagem em fuga, foi largado em Nova York, onde uma família judia o amparou.

Integrante do coral Grupo de Cultura Sefaradi “Angeles e Malahines”,⁸⁹ passei a ser requisitada para todas as apresentações dirigidas pela Sra. Vitória Sulam Saul, falante fluente em ladino. A minha primeira performance foi na sinagoga ARI,⁹⁰ em Botafogo, para a celebração de Purim⁹¹ no dia 18 de março. A apresentação foi filmada, e o canto de resgate de “nossas” crenças é visível no rosto dessas “jovens senhoras”. Desde a primeira experiência, tem sido um sucessivo encontro de cantos festivos.

Nos dias 31/05 e 01/06 de 2008, houve o 5º Congresso Sefaradi⁹² no Templo Sidon, no Rio de Janeiro. Sob o tema “Os Caminhos Sefaradis”, a programação abrangia comunicações, por exemplo, sobre “Sefaradismo, Literatura e Identidade”, “Heranças do Passado, visões do Futuro” e “Conflitos de Gerações no Século XXI”.

Cabe ressaltar, também, que o departamento de História da UFRJ, por intermédio da Profª Dra. Mônica Grin, em setembro de 2008, viabilizou a criação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ). Esse Núcleo conta com a parceria e o apoio do Hillel-Rio,⁹³ coordenado pelo Prof. Michel Gherman, para a realização de atividades acadêmicas, cujo tema fundamental é o judaísmo em suas variadas expressões. Inclusive, em junho de 2008, o programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ e o Hillel promoveram a palestra do Prof. Dr. Nelson H. Vieira, do departamento de estudos judaicos da Brown University, USA, sobre “Visões Judaicas sobre Identidade: O Eu e o Outro”. A plateia era composta de jovens universitários,

⁸⁹ Anjos e Arcanjos, em ladino.

⁹⁰ ARI (Associação Israelita do Rio de Janeiro) situada na Rua General Severiano, 170.

⁹¹ A Rainha Esther consegue convencer o Rei da Pérsia, Ahashverósh, a não exterminar os judeus do seu império.

⁹² O Congresso Sefaradi é patrocinado pelo Conselho Sefaradi (CONFARAD). O Templo Sidon está situado na Rua Conde de Bonfim, 521, Tijuca.

⁹³ O Hillel está situado na Av. Borges de Medeiros 3429, Lagoa. O principal objetivo da instituição é conectar os jovens judeus entre si e à vida judaica.

professores, escritores e até de um sobrevivente do Holocausto. Após a palestra, o debate decorreu caloroso sobre os pontos-chave do judaísmo, que acrescentaram mais vivência real aos meus estudos.

Esses contatos com estudos e cultura judaica, não só em minha comunidade como em outras, contribuíram para um amadurecimento e fortalecimento cultural que me propiciou a percepção do momento de partir para as entrevistas, para a coleta de dados. Ademais, o fato de ter participado da comunidade fez com que os informantes tivessem confiança em meu trabalho como pesquisadora e que estivessem dispostos a falar sobre suas vidas.

4.2.1 Descrição do contexto da pesquisa

As narrativas pessoais/autobiográficas da segunda geração sefaradita foram coletadas dos informantes desta geração membros da comunidade Bené-Herzl de imigrantes oriundos da Turquia, ainda presentes no Centro Israelita Brasileiro (CIB).

A congregação muito mudou, já que são aceitos membros de procedência egípcia, libanesa e aeskenazis. Muitos descendentes dos associados, fundadores da congregação, sentiram diferenças no rumo dado e retiraram-se para a convivência em outras sinagogas.

Minha decisão foi, assim, de entrevistar aqueles filhos e filhas de famílias oriundas da Turquia, que constituíram uma única família judaica no CIB e que até hoje, perseveram, com certa atuação, na comunidade, retratando, dessa forma, a intenção comunitária original.

O tamanho da amostra demonstrada dependeu da riqueza dos dados coletados, que evidenciaram, por orientação, já atestar material para a minha investigação sobre o “ser judeu”.

4.2.2 Primeira fase: instrumentos, procedimentos e participantes

Não se pode perder de vista que trabalhar com entrevistas orais acarreta lidar, ainda que indiretamente, com o “paradoxo do observador” (LABOV, 1972), pois, para conseguir registrar a fala mais natural possível, a investigadora que esteve à frente da constituição desses *corpora* procedeu a uma observação sistemática, já que os informantes sabiam que estavam sendo filmados. Labov (1972, p. 209) comenta a questão: “(...) O problema não é sem solução: devemos também descobrir maneiras de complementar as entrevistas informais com outros dados, ou mudar a estrutura da situação da entrevista de uma forma ou de outra” (grifo meu).

Seguindo Labov, refleti sobre a estrutura da minha primeira entrevista assim que verifiquei o insucesso dos resultados, daí buscar em Labov (1972) os conselhos quanto ao “distanciamento do entrevistador”.

Durante essa primeira fase da investigação, tive a oportunidade de conhecer Vitória Sulam Saul, que é uma ativa preservadora da língua ladina. Além de gerenciar todas as atividades do Coral, as seleções musicais de acordo com os dias festivos, também é colecionadora da música ladina, e, por onde viaja, vai coletando material de toda sorte. Vitória, bilíngue, está escrevendo um livro de poesias em ladino, e, em seu lar judeu, ladino é falado para que a neta, terceira geração, conviva com as heranças culturais de seus antepassados. Vitória é voluntária no Lar dos Velhos, assistindo os idosos

judeus no mínimo três dias por semana. Sua atitude dinâmica de amor e fé de judia sefaradita também a levou a se candidatar à direção da Federação Israelita Brasileira do Rio de Janeiro (FIERJ).

Assim sendo, Vitória Saul, a dirigente do coral, requisitou-me até para filmar a atuação do “Angeles e Malahines” em um encontro de corais no Clube “Hebraica” em novembro de 2008. Vitória havia preparado para a apresentação “um Shabat típico da cultura sefaradita” de nossos pais com cânticos, preces, falas e velas acesas que representaram a tradição sefaradita para o sétimo dia da semana. Para o povo judeu, o Shabat, conforme Dr. David Gorodovits (2008) declara em seu livro⁹⁴ (p. 25), “trata-se não somente de um descanso físico, porém, muito mais que isso, de um dia para santificação e elevação do espírito: o alvo pelo qual sempre aspiram seu coração e sua alma”. O público presente no auditório do Clube “Hebraica” ovacionou o Coral “Angeles e Malahines”, e tudo se encontra registrado, para satisfação de todos os componentes do coral (média de idade entre 55 e 90 anos), que reviveram, com encantamento, as tradições de seus pais, mesmo que isso implicasse subir ao palco com suas bengalas.

4.2.3. Segunda fase: instrumentos, procedimentos e participantes

Concordo com Tarallo (2004) quando afirma que as narrativas pessoais/autobiográficas são “minas de ouro” que o pesquisador sociolinguista possui. O informante, ao narrar as suas experiências pessoais mais comoventes, libera-se de qualquer atenção à forma. Como postula o autor, “o

⁹⁴ GODOROVITS, David. No Espiral do Tempo: uma viagem pelo calendário judaico. Ed. Sêfer. 2008.

informante está tão envolvido emocionalmente com o que relatar que presta o mínimo de atenção ao como”. É essa situação natural de comunicação que todo pesquisador deseja alcançar.

Vale ressaltar que, no primeiro contato telefônico, após a minha identificação, as portas me foram abertas em questão de dois ou três dias. As entrevistas foram gravadas e/ou filmadas, dependendo da permissão dos entrevistados, e foram transcritas minuciosamente.

A escolha dos descendentes da segunda geração sefaradita da comunidade Israelita Bené-Herzl resultou da minha lembrança não só dos sobrenomes, ouvidos na infância e adolescência, como também dos novos a mim apresentados.

Após minha primeira entrevista, revi as falhas da primeira coleta de dados e a escolha da próxima abordagem me foi inspirada pela leitura do livro intitulado “Narrativas em Ação”⁹⁵ (WORTHAM, 2001). Para o autor, as narrativas autobiográficas são as mais propícias para a construção do “self” pelo seu poder interacional, representador e dramaturgicamente de encenação.⁹⁶

As narrativas, assim, posicionam o narrador em um mundo social que favorece a construção ou a transformação do “self”, em parte, já que, ao contar a sua “história”, o narrador encena papéis. Wortham (2001) exemplifica, com a narrativa de sua informante “Jane”, diferentes posições interacionais, de passiva a ativa, que ela demonstra enquanto vivia em um orfanato. O fato que me chamou muita atenção em sua pesquisa foi como um simples pedido feito a “Jane” tivesse trazido tantos frutos.

⁹⁵ “Narratives in Action” (Stanton Wortham, 2001, p. 2)

⁹⁶ Para o autor, o narrador encena vários papéis, possui diferentes posições interacionais durante a contação de sua história de vida: o que ele chama de “poder encenador” (enactment power) das narrativas autobiográficas.

Decidi, então, aplicar o mesmo método. Pedi ao meu informante o mesmo que Wortham (2001) requereu a “Jane”:

“Conte a história de sua vida como se fosse uma novela dividida em capítulos.”

Essa frase fez os dados fluírem. Essa técnica não estruturada possibilitou aos entrevistados contar suas histórias de vida, à sua maneira, para uma ouvinte atenta, alguém que já conheciam e com quem construíram alguma relação de confiança.

Além do mais, essa abordagem facilitou a descoberta de “motivações ocultas” sobre as questões investigadas nesta tese. O emprego, portanto, de dados provenientes de narrativas autobiográficas minimizou minha interferência como pesquisadora/documentadora - uma forma de se esquivar do “paradoxo do observador”.

Por questões de ética, a identidade dos informantes foi resguardada. Portanto, usei pseudônimos para a identificação dos mesmos. É importante ressaltar a participação voluntária dos informantes para essa investigação.

Os informantes são apresentados na análise com nomes fictícios e, por serem judeus, nomeei-os de acordo: D. Luna, Judith, Dora, Claire, para as mulheres e Dr. Israel, Prof. Jaime e Luciano, para os homens. Apenas três, durante o processo das entrevistas, pediram para não serem filmados. A idade dos entrevistados varia de 50 a 80 anos. Segue abaixo o quadro demonstrativo dos informantes:

FONTES DA COLETA DE DADOS	
SEGUNDA GERAÇÃO - DESCENDENTES DE JUDEUS TURCOS	
Fontes	Informantes
1. Relatos através de narrativas autobiográficas concedidos por membros da Comunidade Israelita Sefaradita Bené-Herzl.	1. D. Luna 2. Dora 3. D. Judith 4. Dr. Israel 5. Prof. Jaime 6. Claire 7. Luciano 8. V e J XXXXXX (fitas de áudio incompreensíveis)

Quadro - Fontes de coletas de Dados

Finalmente, arregaço as mangas para mergulhar na análise linguística que retratará e traçará a manifestação da modalidade neste corpus. Entretanto é bom rever os objetivos desta pesquisa:

1. observar as diferentes formas de modalização usadas como estratégias discursivas para a obtenção de vários efeitos de sentido;
2. verificar se há relações entre modalização e outros recursos como estratégias argumentativas discursivas;
3. apresentar questões teóricas metodológicas sobre modalização sob o viés da Teoria da Linguística Sistêmica Funcional;
4. relacionar o papel da modalização no funcionamento enunciativo-discursivo das narrativas pessoais/autobiográficas e as crenças do “ser judeu”.

Meu objetivo será contribuir para a inclusão de noções básicas sobre a modalidade no ensino que podem favorecer para a formação de bons e críticos usuários da língua portuguesa. Meu interesse, portanto, é identificar o uso da modalização, buscando entender como o processo de modalização se manifesta em situações comunicativas e como os sentidos são construídos na relação que se estabelece entre falante/ouvinte.

4.2.4. Terceira fase: questões em direção à análise

Finalmente, arregaço as mangas para mergulhar na análise linguística que retratará e traçará a manifestação da modalidade neste corpus. Entretanto é bom rever os objetivos desta pesquisa;

5. observar as diferentes formas de modalização usadas como estratégias discursivas para a obtenção de vários efeitos de sentido;
6. verificar se há relações entre modalização e outros recursos como estratégias argumentativas discursivas;
7. apresentar questões teóricas metodológicas sobre modalização sob o viés da Teoria da Linguística Sistêmica Funcional;
8. relacionar o papel da modalização no funcionamento enunciativo-discursivo das narrativas pessoais/autobiográficas e as crenças do “ser judeu”.

Meu objetivo será contribuir para a inclusão de noções básicas sobre a modalidade no ensino que podem favorecer para a formação de bons e críticos usuários da língua portuguesa. Meu interesse, portanto, é identificar o uso da modalização, buscando entender como o processo de modalização se manifesta em situações comunicativas e como os sentidos são construídos na relação que se estabelece entre falante/ouvinte.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DAS MARCAS DE MODALIDADE EM NARRATIVAS PESSOAIS/AUTOBIOGRÁFICAS DOS JUDEUS SEFARADITAS DA COMUNIDADE BENÉ-HERZL

A investigação, conduzida na comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl, foi realizada entre janeiro de 2008 a abril de 2009.

Em primeiro lugar, procedi com a interpretação dos dados segundo o complexo processo de avaliação subjetiva sistemática das crenças apresentada por Rokeach (1981) a fim de chegar às *crenças e ao sistema de crenças do “ser judeu”* da comunidade israelita sefaradita em estudo.

Em segundo lugar, dispus-me da teoria da gramática funcional para que, através do estudo linguístico da categoria subjetiva da linguagem: modalidade; as marcas do “ser judeu” emergissem do sistema linguístico e não de uma interpretação da investigadora.

5.1 Marco teórico para esta investigação

Considerarei abordar conceitos relativos a duas áreas: **às crenças e à modalidade**. Quanto às crenças, é fundamental ter em mente a forma de pensar de Rokeach (1981), pois esta irá me conduzir a um estudo de crenças e de sistema de crenças que podem variar em uma dimensão central-periférica na qual poderiam ser inferidas como relativamente superiores em encadeamento lógico-funcional ou em comunicação funcional com outras crenças. As crenças centrais possuem quatro características:

- 1) são mais interconectadas com outras e, por esse motivo, se comunicam mais entre si e, dessa forma, trazem mais consequências para outras crenças;

- 2) estão mais relacionadas com a identidade e com o “eu” do indivíduo;
- 3) são compartilhadas com outros;
- 4) derivam de nossa experiência direta (“ver para crer”). As crenças centrais, talvez, poderiam se referir ao que Dewey (1933) denominou “crenças de estimacão”, ou seja, crenças às quais nos apegamos e das quais não nos desfazemos facilmente. Essas crenças de estimacão estão mais ligadas à nossa identidade e à nossa emoção, assim como as crenças centrais. Já as crenças periféricas podem se referir a crenças sobre gosto, “são arbitrarias, menos centrais e têm menos conexões” (PAJARES, 1992, p. 318, apud BARCELOS, 2007).

Quanto à modalidade, abordo esta categoria gramatical no viés da Gramática Funcional, partindo da afirmação de Halliday (1994, p.362), de que “por meio da modalidade o falante associa à proposição/enunciado uma indicação de seu estatuto e validade segundo seu próprio julgamento; ele toma uma posição”.

Assim, no contexto situacional das narrativas pessoais/autobiográficas, os informantes modalizam seus enunciados epistemicamente a partir de suas intenções, da função que eles assumem no processo comunicativo e da forma como eles desejam que os interlocutores recebam as informações e deonticamente a partir de suas obrigações morais e sociais.

Givón (1984, apud NEVES, p.158) conclui que a investigação das modalidades na língua em uso, embora indissociável das bases lógicas que definem as proposições individuais, se redefine em função da sua inserção pragmática, ou seja, da sua inserção no escrito comunicativo, no qual a

expressão linguística e, portanto, as proposições que a compõem, é apenas um elemento dentro das relações entre falante e ouvinte, suas intenções comunicativas e suas reconstruções de intenções. Reconstruídas como parâmetros comunicativos, as modalidades proposicionais expressam atitudes, crenças e expectativas dos participantes da comunicação, considerados os enunciados reais como atos de fala que contêm proposições.

A pragmática, portanto, sendo o estudo do modo como os falantes modelam as suas mensagens em relação às expectativas que têm do estado atual da mente do ouvinte, favorece ao falante/escritor, quando interage, imprimir marcas no seu discurso, revelando comprometimento com o que diz, isto é, modalizando seu texto. A modalização, assim, permeia essa atitude do locutor perante o que enuncia. Para tanto, o usuário da língua produz uma expressão linguística indicadora de subjetividade na linguagem que revela uma intencionalidade do falante, estabelecendo-se como verdadeira estratégia de argumentação. Os modalizadores e a própria modalidade do ato de fala, isto é, o tipo frasal, tudo é usado na interação verbal para o ponto de vista do enunciadador.

Existe enunciado não modalizado? Neves (2006, p. 152) pontua que no estudo linguístico da modalidade muito já se discutiu sobre a existência ou não de enunciados modalizados. E reflete, dizendo (2006):

Se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca.

5.2 Objetivo da investigação

Este estudo permitirá conhecer melhor o que é “ser judeu” para as comunidades de descendentes sefaraditas sob o viés linguístico da categoria de estratégia discursiva: a modalidade.

Creio que contribuirá para que os membros dessa comunidade reflitam, de forma consciente, sobre o que é “ser judeu” sefaradita hoje na comunidade israelita Bené-Herzl, ao se defrontarem com os fatores de influência, com o contexto sociocultural e com os seus conflitos internos e externos aqui manifestados. Propiciará à própria comunidade o conhecimento sobre as crenças que “carrega”, possibilitando, dessa forma, ajudá-la a lidar/enfrentar a realidade sociocultural que desponta já há algum tempo e que um estudo sobre suas crenças fez desvendar suas origens, suas influências, mudanças e, quem sabe posso atrever a dizer, o seu desaparecimento. Contribuirá para a memória de uma ramificação de um povo que, com a sua história de expulsão marcada desde a Inquisição na Espanha, nunca vacilou em seguir avante o projeto de edificar a tradição e a cultura judaica por onde se estabelecesse.

Os judeus sefaraditas, “acostumados a enfrentar” as adversidades ao seu redor, agora se veem motivados a agir para que essa cultura não caia em extinção. É uma posição realista que, como bem explicita Morin, é na diversidade que há o uno e no uno há a diversidade. As gerações por vir terão a noção do que é não só aceitar as diferenças socioculturais como fazer perpetuar as suas também.

Este estudo teve o objetivo, também, de detalhar o que o judeu sefaradita pensa realmente de si e comprovar que as crenças deram origem às

suas formações como povo ou indivíduo, como elas evoluem, como se modificam ou permanecem iguais, como se agrupam em sistemas de crenças. Por fim, o estudo busca também identificar, descrever, categorizar e interpretar as crenças dos judeus sobre o “ser judeu”, confrontando e correlacionando as suas crenças com a práxis, podendo, dessa maneira, ponderar sobre a posição do “self” judaico em relação a si próprio e aos outros.

Considerando todos os componentes da situação estudada, a investigadora usou o princípio *êmico*, ao aproximar-se e interagir com os informantes, participando de suas atividades sociais, já descritas nesse trabalho (ensaios e apresentações como o coral “Angeles e Malehines”) e buscando esclarecimento de “comportamentos” com o intuito de estruturar os dados em processo de análise. Por outro lado, a investigadora possui um compromisso *ético*, preservando a identidade dos informantes e elaborando a investigação em uma relação direta e procedural entre a teoria e os dados.

5.3 Perguntas de Investigação

Quanto às crenças, o estudo formulou as seguintes perguntas de investigação:

- 1) Quais são as crenças que os judeus sefaraditas possuem em relação à religião?
- 2) Como as crenças dos judeus sefaraditas se articulam em forma de sistemas e que relações possuem entre si?
- 3) Como as crenças determinam os perfis individuais dos judeus e as suas culturas? Quais são as crenças comuns ou compartilhadas por essa cultura?

4) Como as crenças dos judeus sefaraditas afetam a sua prática? Afetam as suas decisões?

Quanto à modalidade, o estudo formulou as seguintes perguntas de investigação:

1. De que forma a modalização constitui estratégia discursiva nos depoimentos da segunda geração da comunidade israelita Bené-Herzl?
2. Como esse recurso discursivo de escala argumentativa é usado para a construção do “ser judeu” dessa comunidade em estudo?

5.4 Estrutura da investigação

Em primeiro lugar, contemplo o estudo sobre crenças desenvolvido foi concebido dentro de um paradigma de pesquisa que considerasse:

- 1) a inferência das crenças (ROKEACH, 1981);
- 2) a dificuldade de consenso do conceito crença (ROKEACH, 1981; KRÜGER, 1986);
- 3) a metodologia, o planejamento da investigação e a interpretação das crenças dentro de um viés que considere a representação da estrutura das crenças como crenças centrais e periféricas, a elaboração de mapas conceituais sobre as crenças de cada entrevistado e informantes, a análise das crenças, contemplando aspectos tais como: natureza, características, mudanças, relações entre crenças e ações, sejam elas dissonantes ou consonantes com o dizer, pensar e agir do sujeito.

Em segundo lugar, apresento o paradigma traçado em vista do estudo de modalidade:

1) a análise dos depoimentos segue o que se especificou no Capítulo 3.

2) a ordem de apresentação traz cada depoimento completo, o fragmento que ressalta o uso da categoria modalidade e um quadro apresentando o tipo de modalidade manifestada no trecho do relato.

3) O comentário sobre os dados que foram examinados. Usei o itálico para destacar a base modal aplicada pelo falante que está sob exame.

5.5 Procedimentos da análise

5.5.1 Investigação sobre Crenças

Para lograr total entendimento das crenças e sistemas de crenças sobre a pergunta de pesquisa “ser judeu”, é primordial traçar procedimentos, detalhados a seguir:

- 1) a interpretação das narrativas, visando identificar as crenças;
- 2) as crenças identificadas, prosseguir com a análise dos sistemas de crenças;
- 3) a observação da origem, influência, mudança e se há aquisição de novas crenças;
- 4) a verificação do dizer e do fazer de cada informante, no tocante à avaliação: se há dissonância ou convergência.

Na primeira fase, as crenças foram divididas em dois esquemas. O primeiro esquema representa todas as crenças manifestadas pelos entrevistados da primeira geração e pelos informantes da segunda geração

sobre o tema “ser judeu”. E o segundo esquema representa as crenças em uma dimensão central-periférica.

As crenças dos judeus sefaraditas de segunda geração giram em torno dos seguintes aspectos: **ser judeu/judia** é ter judaísmo tradicional, mas não ortodoxo; é ter judaísmo tradicional *light*; dar continuidade da tradição e cultura judaica de pai para filho; ter orgulho de ser judeu/judia; participar das festas religiosas; ter família protetora e unida; solidariedade entre judeus; ter a mãe como responsável pela transmissão da religião e cultura judaica; possuir a ética judaica; formar cidadãos íntegros, bons; ser descendente de imigrantes destemidos, fortes, determinados; ser povo tenaz; possuir atitudes corretas; ter consciência judaica e da ética; ter orgulho de ser judeu brasileiro; dar instrução aos filhos para que sejam alguma coisa na vida; não precisar de Deus; é pessoal; nascer judeu e morrer judeu; é transpor séculos: os gregos e egípcios tiveram seus áureos momentos na história universal, no entanto, hoje são “apagados”; superar guerras, distinções; ser determinado; ser muito mais do que seguir tudo que a religião prega; ser judeu é doutrina; acreditar na herança do povo judeu; se judeu/judia ortodoxo(a): kasher; seguir os mandamentos; seguir os ensinamentos de Deus; é abraçar a verdade de Deus; ter sentimento dentro do coração, ir à sinagoga; ser judeu/judia é ser diferente; ter comunidade empreendedora; ser por opção cultural; ser fantástico; ser judeu fervoroso e consciente, mas não religioso; é não perder a identidade judaica; ser meio-termo; ter certo papel na sinagoga.

Na segunda fase: os tópicos destacados na fase um (ou hipóteses de categorias) foram analisados (análise micro do tópico), buscando-se referência e confirmações do que foi dito em outros momentos da narrativa.

Na terceira fase, os desenhos de esquemas, que são interpretações, nas quais se atribuíram significados às crenças; dados empíricos inferíveis foram realizados, possibilitando, dessa forma, delimitar as crenças centrais e periféricas.

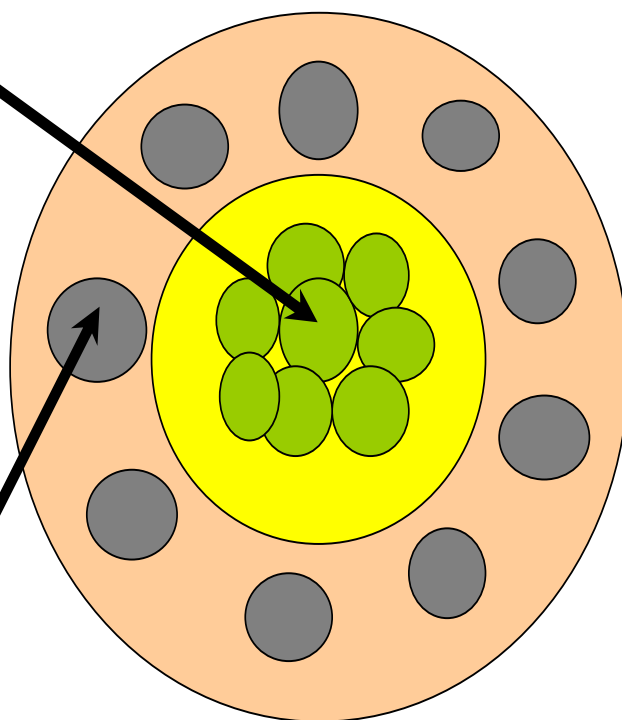
Com as duas análises anteriores cheguei ao sistema de crenças do “ser judeu”, representado em um mapa conceptual e, com a comparação dos mapas, verifiquei as crenças centrais e periféricas para cada geração de judeus sefaraditas, concluindo que as crenças, portanto, não são isoladas uma das outras, mas formam um conjunto ou sistema de crenças que se relacionam entre si segundo o seu grau de importância.

FONTES DA COLETA DE DADOS	
SEGUNDA GERAÇÃO - DESCENDENTES DE JUDEUS TURCOS	
Fontes	Informantes
1. Relatos através de narrativas autobiográficas concedidos por membros da Comunidade Israelita Sefaradita Bené-Herzl.	1. D. Luna 2. Dora 3. D. Judith 4. Dr. Israel 5. Prof. Jaime 6. Claire 7. Luciano 8. V e J XXXXXX (fitas de áudio incompreensíveis)

Quadro - Fontes de coletas de Dados

SEGUNDA GERAÇÃO

- **CRENÇAS CENTRAIS**
- JUDEUS TRADICIONAIS LIGHT
- CULTURA JUDAICA TRANSMITIDA EM FAMÍLIA
- CORRE NO SANGUE, i.e., NASCE E MORRE JUDEU
- ORGULHO DE SER JUDEU / JUDIA
- SOLIDARIEDADE ENTRE JUDEUS
- OBEDIÊNCIA ÀS LEIS JUDAICAS
- É FUNDAMENTAL QUE OS PAIS DÊEM INSTRUÇÃO AOS FILHOS
- ACREDITAR NA HERANÇA DO POVO JUDEU COMO POVO ELEITO POR DEUS
- PARTICIPAR DAS FESTAS JUDAICAS



- **CRENÇAS PERIFÉRICAS**
- É DOCTRINA
- É TRANSPOR SÉCULOS; GREGOS E EGÍPCIOS
- É SEGUIR A RELIGIÃO
- IR À SINAGOGA
- OPCÃO CULTURAL
- PASSA BEM NÃO REZANDO; NÃO PRECISA DE DEUS; NÃO TEM QUE TERCEIRIZAR PARA DEUS
- MULHER EDUCADA PARA O CASAMENTO
- É SENTIMENTO DO CORAÇÃO

Como postula Rokeach (1981), as crenças centrais são aquelas que estão diretamente ligadas à própria existência e identidade. Observei que as crenças relacionadas com a tradição e cultura judaica, a educação, comprometem fortemente a continuidade judaica: o “self judaico”. Desde a Inquisição, ser judeu sempre significou ir contra a corrente, ser contra a cultura vigente, o “self judaico” foi constantemente aprendido e reaprendido, encenado e reforçado nas festas judaicas, e passado adiante como um presente valioso para as próximas gerações. Os judeus compreenderam que, para dar continuidade ao judaísmo, a transmissão da tradição teria que ser seu primeiro dever e maior alegria. Como afirma o grão-rabino Sacks (2007), a “identidade judaica na diáspora foi e é uma questão da mente, não dos sentidos”. Creio que os dados dos entrevistados e informantes de ambas as gerações revelam como a tradição e a religião eram cultivadas no lar judeu com idas à sinagoga, convivência entre amigos e comunidade judaica.

Os imigrantes da primeira geração perceberam que, para permanecer relativamente integrados em sua cultura, deveriam se manter “em separado”, discriminado ou “guetonzado” – fechado em si mesmo – resultando em uma barreira à assimilação cultural e religiosa, criando, assim, muros invisíveis de proteção. Pressupõe-se que o comportamento de espera pelo Messias constituiu-se em uma atitude que o impede de apreciar os valores culturais e os benefícios sociais do seu entorno não judeu. Dessa forma, não fugindo à regra, os judeus sefaraditas, logo que aqui chegaram, procuraram criar a sua sinagoga e comunidade. A crença da convivência da comunidade está intimamente relacionada e encadeada logicamente com as crenças centrais da tradição e cultura religiosa judaica.

A crença do orgulho do “self judaico” perpetua a sua história e tradição e vice-versa. Os judeus sempre souberam quem eles eram e por que eram e conhecem sua história, suas tradições. Sabiam de onde vieram e onde tinham deixado o coração. Conheciam e conhecem Abraão, Moisés e os demais profetas porque tinham estudado suas palavras e debatido seu significado. A Torá era e é o lar portátil do judeu.

Quanto às crenças do ser “judeu” é ser diferente, essa idéia persiste, já que a informante D. Luna diz serem os judeus diferentes, e não só ela expressa seu orgulho em ser judia como todos os outros. Eu acredito que os judeus percebam sua identidade não como um acidente da história, mas como uma vocação religiosa, o chamado de Deus a Abraão para ser o povo eleito para introduzir o monoteísmo. Desde os dias de Moisés, os judeus têm vivido segundo as leis estabelecidas na Torá.

Se há um motivo condutor, um tema dominante conectando as várias eras do povo de Israel, é a entronização do estudo como valor judaico soberano.

O Judaísmo baseou sua sobrevivência na educação, na cultura do estudo e devoção à instrução e ao aprendizado. A entronização do estudo como valor judaico soberano é um motivo condutor, um tema dominante conectando as várias gerações do povo de Israel. A crença da instrução/educação aos filhos retrata que o judaísmo sempre baseou a sua sobrevivência na educação, na cultura do estudo. Os entrevistados da primeira geração comentam sobre seus estudos e que muitos saíam da Turquia para estudarem fora.

A crença sobre a solidariedade dos judeus deve ter originado devido ao fenômeno histórico das múltiplas diásporas: a solidariedade do exílio, que é compreendida como uma responsabilidade judaica coletiva e contínua. O sujeito judeu, o “self judeu”, forma laços que unem entre si os membros de sua comunidade com outros, próximos ou distantes, criando condições de vida e de organização social. Ambas as gerações descreveram momentos de acolhida pelos familiares e amigos que chegaram ao Brasil.

A crença da ética e moral judaica espera que cada sujeito volte-se para seu interior: os mandamentos da Torá não eram e nunca foram um código externo, mas uma disciplina interiorizada, parte do “self em si. Portanto, foi assim que os judeus puderam transmitir seu estilo de vida aos seus filhos. E identificamos essa transmissão da tradição na segunda geração que nasceu no Brasil. Estudos judaicos ponderam que a permanente orientação ético-moral do comportamento judaico associada ao monoteísmo caracteriza a sua marca distintiva em relação aos outros povos com os quais mantém contatos. Daí o Sr. Luciano e a Sra. Claire tanto enfatizarem certas atitudes judaicas, como a ética e a moral como traços distintivos de seus “selves”.

Em relação à crença do dinheiro, supõe-se que ela tenha se originado de um longo processo histórico, já que os europeus se acostumaram a identificar o judeu como dono de negócios - câmbio, empréstimo - enfim, um fazedor de dinheiro. Judeu, na opinião popular, tornara-se sinônimo ou símbolo disso tudo. A crença sempre difundida segundo a qual “os judeus têm dinheiro”, ou “têm mais dinheiro que os outros” não pode ser negada, já que pode ser estatisticamente verificável (MORIN,2007, p. 78). O filósofo francês Morin⁹⁷ (2007), de origem judia, explica que “o dinheiro constitui um meio de defesa, de

⁹⁷ Fatos descritos em seu livro ‘O Mundo Moderno e a Questão Judaica’.

proteção, de autonomia e de poder em um mundo hostil". O dinheiro pode oferecer meios de fugir, de comprar permissões de residências, enfim, de tentar sobreviver ao antissemitismo. Deutscher⁹⁸ (1970) cita que não foi a malícia que levou Marx a dizer "o verdadeiro Deus do judeu é o dinheiro". Marx também, dizia que a sociedade cristã, quanto mais e mais se tornava capitalista, mais e mais ficava judia. Estava firmemente convencido de que quando "a sociedade européia passasse do capitalismo para o socialismo, ambos cristãos e "judeus" deixariam de ser judeus, ou, por isso, mesmo cristãos". Deutscher não via nisso uma condenação moral para os judeus, mas uma consequência da função especial exercida por eles na sociedade cristã, já que, desde a Antiguidade, o comércio era uma atividade praticada principalmente pelos judeus.

Em relação à crença da continuidade, devido ao antissemitismo é uma verdade trágica que o maior "redefinidor" do "self judaico" foi Hitler. Auschwitz foi o terrível berço da nova consciência e da nova nação judaica. Os judeus pensam que pertencem àquela comunidade negativa dos que foram escolhidos para a perseguição e o extermínio. Concordo com o fato de que chega ser irreal pensar que o extermínio de 6 milhões de judeus desse novo alento ao judaísmo. A esse respeito, Deutscher (1970) diz: "Eu preferia seis milhões de homens e mulheres e crianças vivos e a extinção do judaísmo. Das cinzas de seis milhões de judeus ressurgiu a Fênix do judaísmo! Que ressurreição!". E ratifica:

Sou judeu, entretanto, pela força de minha incondicional solidariedade aos perseguidos e exterminados. Sou judeu porque

⁹⁸ Isaac Deutscher era jornalista judeu-polonês e fixou residência em Londres em 1939. Ele se tornou um grande conhecedor dos assuntos soviéticos ao escrever a biografia de Stalin.

sinto a tragédia judaica como a minha própria tragédia; porque sinto o pulsar da história judaica; porque daria tudo que pudesse para assegurar aos judeus auto-respeito e segurança reais e não fictícios

Creio que o que vem criando constantemente essa consciência judaica, injetando-lhe, sempre, nova vitalidade tem sido o hostil ambiente não judeu que o cerca. A diáspora⁹⁹ expôs os judeus a uma tremenda variedade de pressões e influências e, também, à grande diversidade de meios que tinham para defender-se da hostilidade e da perseguição. O ardor dos judeus de voltar ao século XVI demonstra que essa volta lhes ajudaria a recobrar ou a redescobrir o seu “self” cultural judaico. E os meus informantes permeiam essas introspecções em suas narrativas pessoais/autobiográficas.

As narrativas autobiográficas da segunda geração revelaram que o judaísmo não é mais uma religião de continuidade. Para os judeus, no entanto, o “self judaico” tem sido um problema na maior parte dos tempos e dos lugares no decorrer de nossa história. O motivo é simples. A identidade judaica não era fornecida pela cultura circundante, pois os judeus eram uma minoria num ambiente não judeu. Portanto, a continuidade judaica era provida pela família e pela comunidade. De acordo com Lewin (2007), há uma crise de continuidade judaica que advém justamente da fragilidade da família, pois a maneira como esta vive seu judaísmo tem influência direta sobre a forma pela qual a geração atual e a próxima escolhe/escolherá vivê-lo. Acrescenta, ainda, que as instituições da comunidade judaica também têm uma parcela de responsabilidade nessa crise, pois, em muitos países, propiciam o

⁹⁹ O conceito de diáspora, portanto, um abrangente significado político para marcar grupos étnicos identificados a uma mesma condição de pertencimento identitariamente associada a uma origem histórico-cultural comum. (SELTZER, 1990, apud LEWIN, 2007)

enfraquecimento da vida comunitária judaica. Creio que a responsabilidade do enfraquecimento da consciência judaica sefaradita deve-se à comunidade Bené-Herzl, por ter declinado em seu empenho de promover a continuidade das tradições culturais e sociais judaicas. As narrativas da segunda geração descortinaram um possível desaparecimento da comunidade sefaradita.

Para Freud (apud LEWIN, 2007), “a sobrevivência do judaísmo assume um caráter paradoxal, ou seja, fora dos padrões da normalidade histórica”. Em carta enviada a sua noiva na qual recorda o *Churban*¹⁰⁰ – a destruição do Templo, ele escreve: “Os historiadores dizem que se Jerusalém não houvesse sido destruída, nós, os judeus, teríamos desaparecido como tantos outros povos antes e depois de nós. Foi somente depois da destruição do Templo que o edifício invisível do judaísmo pôde ser construído.”

Se o judaísmo conheceu um destino diferente de outras civilizações que desapareceram quando seus santuários foram destruídos foi porque, segundo Freud, “um edifício invisível substituiu aquele de pedra, transferindo para a esfera pessoal a responsabilidade de cada um de criar seu templo interior”.

Lewin (2007) esclarece que, para a história judaica, o episódio da ruptura de Abraão caracteriza “duas significantes errâncias”. A errância inaugural é definida pela busca de Abraão pela terra que lhe fora prometida, Canaã, e a segunda apresentará o Exôdo do Egito, que dura 40 anos de travessia no deserto, novamente à procura de Canaã. Ser livre estava associado à Canaã, ao seu retorno, ao seu encontro profético. A autora afirma que “perseguir Canaã faz parte intrínseca do povo judeu durante sua longa trajetória histórica”. Por que essa determinação percorre séculos e milênios?

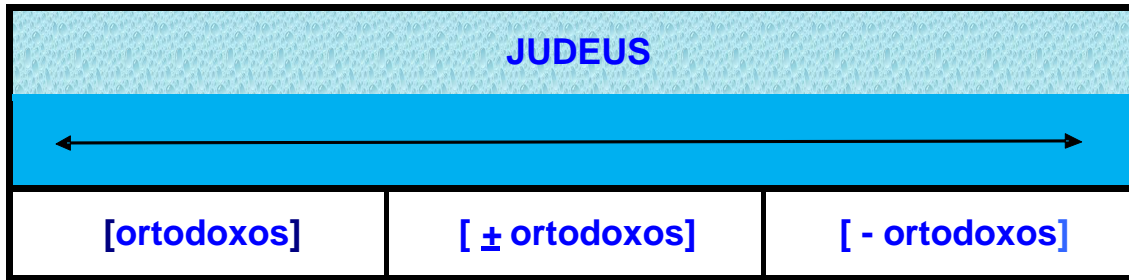
¹⁰⁰ Significa destruição.

Devido a toda a literatura lida para executar a análise dos *corpora*, embaso-me a responder tal pergunta. Os judeus veem Abraão não só como o patriarca do monoteísmo, fundador do judaísmo, mas também um exemplo incombustível de fé, força e tenacidade. Apesar de todas as situações de perseguições, expulsões, discriminações, recomeçam do zero e saem vitoriosos porque se sentem o povo eleito, protegido por Deus. O pensamento tradicional religioso judaico continuava e continua a ser o norte de sua conduta. Então surge mais uma crença central, que é a crença de ser o povo eleito.

As crenças dos judeus turcos sefaraditas foram construídas no discurso, imbricadas tanto na vida como na linguagem para revelar as suas percepções sobre o mundo e seus fenômenos, coconstruídos em suas experiências e, sendo assim, resultados de um processo interativo de interpretação e (re)significação.

Lewin (2007) relembra que a relevância dessa “pátria espiritual” é tão profunda que os judeus celebram seus rituais e preces voltados fisicamente para Jerusalém, além de se cumprimentarem a cada Ano-Novo judaico com a promessa da redenção “no ano que vem em Jerusalém”.

Prossigo agora com essa análise, depreendendo um *continuum* de dois tipos de crenças que revelam a identidade judaica, às quais denominei *crenças de qualidade* e *crenças de comportamento*. Estas foram depreendidas dos diversos comportamentos que os informantes afirmam seguir, enquanto aquelas foram detectadas por meio dos rótulos atribuídos pelos informantes “aos judeus”.



Quadro X: Continuum comportamental nas narrativas autobiográficas analisadas.

As crenças de qualidade mais recorrentes e explicitamente verbalizadas nos relatos sobre o “self” e o outro foram:

- a) Judeus são fortes; destemidos; determinados;
- b) Judeus são honestos e éticos;
- c) A família judia é protetora.

Quanto às crenças de comportamento, o fato de o teor argumentativo dos relatos ter se centrado na discussão sobre o papel de “ser judeu”, especialmente sobre o entendimento dos informantes quanto ao papel da tradição e religião judaica em suas vidas, propiciou-me a identificação de três tipos de identidades do “self judaico”. Esclareço que essas categorias não são estanques, pois flutuam em **um *continuum*** comportamental que foi desenvolvido em função da observação de comportamentos semelhantes e predominantes.

Essa análise subjetiva está de acordo com o que foi apresentado no início do Capítulo 1. Scliar (2005), em seus estudos, aponta três aspectos para se compreender a identidade judaica: a religiosa, a sionista e a cultural.

Assim sendo, os meus dados ressaltaram a identidade cultural já que a que remete aos judeus que não são religiosos, mas que “possuem apego histórico e cultural ao judaísmo, à música judaica, à arte judaica e à literatura. Considero, também a mais fraca e menos definida. A identidade cultural não possui nenhum comprometimento com a religião, com o templo e com os rituais.

5.5.2 Investigação sobre marcas de Modalidade

5.5.2.1 Análise do depoimento 01

Entrevista com a Sra Claire

1 **Claire**: Tenho 61 anos, nasci no Brasil, filha de imigrantes que vieram da Turquia, precisamente de Istambul. Os dois moravam no mesmo bairro e só vieram se conhecer aqui no Brasil, e casaram-se aqui, formaram uma família. Eu tenho um irmão e vivemos sempre aqui no Rio de Janeiro, e eu tive uma vida dentro da total normalidade do que é uma família de imigrantes, não muitas poses, porque eles vieram de lá sem nada, mas o objetivo maior, a responsabilidade maior que me era jogada era em relação à cultura. Eu tinha que estudar, por que sem estudar não se consegue ser ninguém na vida. E por questões financeiras, por que não, eu sempre estudei em escola pública, que na época eram as melhores...

...não se falava em política com os filhos pequenos, nem perto deles. Talvez resquícios de guerras, de problemas que eles já viveram, eles não tinham o

hábito de falar de política em casa. A família se reunia em torno de um único rádio, que tinha em casa, era o ponto centralizador da família...

Eu estudava pela manhã... Embora eu sendo judia, nunca me senti discriminada e nunca discriminei. Como judia, eu fazia questão, embora não fosse obrigada, de participar de todas as aulas de catecismo da escola com interesse e curiosidade, sem nunca ter me deixado envolver. Desde criança eu já era muito definida...

Eu estava terminando o primário, meu pai morreu e eu me vi na condição simples, ou passa num concurso de admissão, ou vai ter que parar de estudar, pois não há condição de manter numa escola particular. E isso funcionava bem na época, porque a carga de responsabilidade era tão grande, este era o caminho e isso a gente tinha que conseguir impulsionado pela importância que me mostraram da cultura... ...parei de estudar pra casar. Com 17 anos eu casei, casei por amor, e não por indicação, como era hábito na época, foi paixão. E eu me apaixonei por esta pessoa que está comigo até hoje, 17 anos mais velho que eu. E isso em nada influenciou na nossa vida. Poderia ter voltado a estudar, mas optei por criar os filhos, bastante, são 6, com intervalos grandes... Participei muito da criação deles. Eu não trabalhava fora, minha vida ficou muito em torno de marido e filhos... E tinha um desejo muito grande de uma maior participação na comunidade judaica, e o tempo não permitia... Hoje, com os filhos criados, hoje eu sou muito mais realizada nesse segmento, porque hoje eu faço o que eu gostaria de ter feito se eu tivesse feito uma faculdade, porque a minha opção seria psicologia ou assistência social. Sem formação, hoje é com isso que eu trabalho num serviço voluntário, então eu estou bastante satisfeita...

2 **Norma:** Quando você fala que se realizou, queria ser assistente social, fazer psicologia, e voltada agora para a comunidade judaica, você poderia se estender mais sobre isso?

3 **Claire:** Hoje eu trabalho num lar de idosos da comunidade judaica, mas também aberta à comunidade maior, participo e dirijo um grupo de cultura e canto serafadi, em que eu preservo a minha língua de raiz, que é o ladino, porque os meus vieram, não se tem documentos, mas com toda certeza, expulsos da Espanha, em tendo ido pra Turquia, eles se fixaram na Turquia, viveram muito bem lá, até a guerra. Na Primeira Guerra, eles se viram meio que forçados a sair de lá. Não expulsos, mas forçados. Meu pai, por exemplo, ele seria chamado pra guerra aos 15 anos, e isso ele não suportou. Ele preferiu desertar, ele saiu da Turquia de forma ilegal, ele fugiu da Turquia. E a minha mãe foi aconselhada, quer dizer, os pais dela foram aconselhados que a mandassem para o Brasil para que ela casasse e aqui constituísse família. Mas não foram expulsos. Mas eles passaram muito dessa cultura pros filhos aqui.

4 **Norma:** E como isso foi passado?

5 **Claire:** Isso foi passado naturalmente, no dia-a-dia, mas a pessoa tem que estar aberta pra receber a passagem da bagagem. Eu estava, mas meu irmão não. Ele não absorveu nada dessa cultura, quase que abominava até. Ele batia no peito e dizia: eu sou brasileiro. Eu nunca disse que eu não era! Eu sou brasileira, eu nasci aqui e me orgulho disso. Mas tem toda uma bagagem que foi imperativa na minha formação. Então isso era passado normalmente no dia-a-dia, e eu absorvia...

Eu absorvi muito essa cultura. Meus pais, os dois judeus, mas não ortodoxos, não ultrareligiosos. Eles eram tradicionais, a gente era, muitas vezes, chamados à atenção em casa: “Como você está fazendo isso? Um judeu não faz isso!” Não pra nos mostrar que nós éramos melhores do que todos, mas que não podíamos ser piores. Nós éramos filhos de imigrantes. Então nós tínhamos que ser um motivo de orgulho pro país que recebeu eles. Então eles vieram pra cá e fizeram a sua família, uma família digna do país que os recebeu. E eu sentia isso. Quando eles diziam “Um judeu não faz isso!”, na realidade, um judeu não pode fazer isso, ele tem que se mostrar sempre como uma pessoa extremamente digna, isso eu sentia.

E existia sim, um medo, velado, mas existia. Hoje, por acaso, eu tenho aqui no pescoço uns símbolos judaicos, e uso eles normalmente. Na minha época, até uns 12, 15 anos, minha mãe dizia: “Bota pra dentro, ninguém precisa saber o que você é.” Eles tinham medo, mas pelo menos os meus nunca sofreram nenhum tipo de discriminação, mas o medo existia. E eu nunca me senti capaz de julgá-los por que eu nunca vivi a guerra. E a cabeça de quem viveu guerra é outra. A gente não tem capacidade de avaliar o que seja. Então eu sempre respeitei muito este lado, mas sempre tive amigos judeus e não judeus, tive amigos filhos de imigrantes também, de outras culturas, eu tive amigo árabe, eu tive amigo italiano, e sem que nunca tivesse influído.

Agora, eu me sinto com uma responsabilidade muito grande de manter viva essa cultura, quando a grande maioria abandona. Abandona até por comodismo, não por ter nada contra, mas por simples comodismo. E eu acho que é uma bagagem muito rica, como qualquer outra cultura tem a sua riqueza própria, e não é pra ser deixada pra trás. Porque é muito fácil dizer “Ah! Mas é

uma língua morta!” Não, não é uma língua morta. Eu estou viva, eu falo, eu leio, eu escrevo em ladino, então não é uma língua morta, pelo menos enquanto eu existir. E isso faz com que eu tente criar alguma coisa hoje em ladino. Meio que a título de brincadeira, mas uma brincadeira séria. A gente começa a mexer, a escrever textos em ladino, o que é uma forma de manter essa cultura, é uma forma de imortalizar os meus, e eu me esforço bastante pra isso. Esforçar, modo de dizer, porque pra mim é um prazer imenso. Eu me esforço para passar pros outros. Mas pra mim, pra manter... Eu não sei se eu consegui passar pros meus filhos o tanto que eu gostaria, mas não sei até que ponto está armazenado dentro deles, e isso só aflore quando eu me for, que aí a necessidade da aproximação com esse elo seja maior. Porque de vez em quando eles me surpreendem com uma ou outra expressão em ladino...

6 Norma: Por exemplo...

7 Claire: Coisas bobas, porque não é só a expressão, é a maneira de ver as coisas. Por exemplo, a mulher judia é muito chegada a laços. Onde ela puder botar um laço, ela põe um laço, e esse laço elas chamam de fiombo. Então é muito comum... “Ih! Deu uma manchinha na roupa”, ou alguma coisa... “Ah! Mãe! Não tem problema, bota um fiombo que ninguém vê!” Então aí você vê, não só a expressão pela língua, mas a expressão pela vivência, a gente põe um laço por cima e acaba. A cultura judaica, por ser extremamente família, automaticamente é muito protetora. Às vezes a gente protege demais uns que não gostam de ser tão protegidos. Eles preferem se sentir mais independentes, mas a gente dá sempre um jeito de que eles sejam independentes, mas sempre que a gente pode, a gente dá um jeito não de cercear, mas de amparar, sim. De tentar não expor a nenhum tipo de risco, isso é muito... mas

isso de, um modo geral, é maternal, em qualquer cultura, talvez seja mais exacerbado na mãe judia, mas isso é instinto, a maternidade é instinto...

Mas hoje eu tenho mexido bastante com isso, e quero ver o que eu posso fazer mais...

8 Norma: Você diz pelo ladino?

9 Claire: Pelo ladino e pela própria cultura. E eu, como judia, eu me importo muito mais com a ÉTICA judaica do que com a PRÁTICA judaica. A ética judaica forma um bom cidadão, forma um cidadão íntegro; e a prática judaica, ao meu ver, limita. Isso é um pensamento meu, eu sou meio rebelde... Porque o judaísmo... ele confunde, ele mistura o amor à terra, o amor a Deus, o amor à vida, acima de tudo. Então acaba sendo tudo muito entrelaçado. As festas religiosas judaicas estão ligadas a Deus e à terra. É a festa da colheita que se dá em determinado momento, é a festa da árvore, tem sempre elementos na terra, ligados a Deus. Então isso me faz pensar se não será uma... Talvez esteja falando bobagem, não sei... Ficar limitada a um tipo de oração que deve ser dita nesse dia, nesse horário, enquanto eu me sinto com capacidade de me dirigir a Deus em qualquer momento quando meu coração mandar... eu não sei... Mas isso eu acredito que tenha vindo dos meus pais, e essa educação religiosa eu procurei passar pros meus filhos, inteiramente. Eu ficava, claro, muito chateada, quando num Ano-Novo nosso eu não conseguia que um ou outro não fosse à sinagoga. Eu ficava chateada, eu queria que todos fossem, mas no sentido mais da família do que da prática religiosa. Esta tem que vir de dentro pra fora. Por exemplo, no nosso dia de finados, que a gente vai às vésperas de Rosh Hashaná, no Ano-Novo, que a gente vai ao cemitério. Na primeira que eu pude sair fora dessa, eu saí. Eu ia pra

acompanhar minha mãe. Não tem um dia do ano específico pra eu chorar a morte do meu pai. Eu choro sempre que ele me faz falta. E esse ano, casualmente, está fazendo 50 anos da morte dele, e eu ainda choro de saudade. Então, com certeza, ele foi um homem merecedor disso, com certeza um homem bom. Como é que eu vou limitar um dia pra chorar por ele? É muito pouco. Sempre que ele me faz falta, e ele me faz falta não só quando eu estou num aperto não, ele me faz falta quando eu estou muito feliz, bate aquele pensamento: “que pena que ele não está aqui pra ver!”

Então, é muito grande pra se resumir num dia de finados. Eu não aceito isso. Aí é que entra a rebeldia. Não que eu ache que tenha que ser como eu quero, tem que ser como tem que ser, mas eu aceito ou não. Aliás, eu acho que Deus pensou em tudo, até quando nos deu o livre arbítrio. E eu faço uso dele. Me chamam às vezes de rebelde, mas eu só faço uso de um poder que ele me deu. E eu acho que é isso que...

10 Norma: Mas você se afastou de Deus?

11 Claire: Nunca. Eu me afasto sempre que possível das práticas religiosas IMPOSTAS. Eu sou uma judia tradicional. Eu vou à sinagoga, eu vou à sinagoga nas datas de festa, mas eu não quero me sentir obrigada. Eu vou porque me dá prazer, me dá satisfação, me dá conforto, torna mais nítido que eu sou um elo desta corrente imensa, essa consciência, desse estado de pertencimento, eu sei que eu pertenço a esta corrente, como um elo, e não serei eu que irei romper essa corrente nunca. Mas a minha cultura, que foi passada, foi essa, um judaísmo, como a gente diz hoje, mais “light”, fazer do ser judeu, do ser filho de imigrante, de conhecer a história de dificuldade deles,

um ponto de orgulho máximo, por tudo que eles conseguiram. Os imigrantes foram os grandes heróis da nossa história, destemidos, fortes, sabiam o que queriam determinados, e esse é o meu grande orgulho. Eu posso contar até uma passagem, pra mim, muito interessante, do porquê meu pai veio para o Brasil.

Por que o Brasil? Porque, no pós-guerra, ele, aos 15 anos, ele fugiu da Turquia foi pra França, trabalhou lá por uns anos, e aqueles comitês de buscas de parentes disseram pra ele que o irmão dele tinha vindo pra América. Subentendeu-se o Brasil, porque eles diziam que, quando vinham para o Brasil, eles vinham “fazer a América”, eles vinham procurar um emprego pra ganhar dinheiro. Ele juntou dinheiro, ganhou pisando uvas pra vinho na França, que era o emprego mais “ralé” que se podia ter. E ainda assim ele juntou dinheiro e veio pro Brasil e procurou o Leon SSSSS (o irmão). Qual não foi a surpresa dele, o Leon SSSSS que estava no Brasil era um homônimo, não era o irmão dele. Quando ele se viu sozinho, em terra estranha, sem conhecer a língua, sem a possibilidade de emprego, sem nada, ele... saiu dessa, se estabeleceu, casou, teve 2 filhos, formou o filho. Essa tenacidade eu acho que herdei dele e me orgulho muito disso. E quanto aos caminhos do judaísmo hoje no Brasil, eu acho que nós temos liberdade pra sermos ortodoxos ou não, eu nunca tive problemas, me agrada o convívio e a mescla com outras culturas, aí entra um sentimento mesmo de que é possível cada um continuar dentro da sua cultura sem abrir mão dela, e conviver com outras culturas. Eu não acho que, necessariamente, pra ser bom tenha que ser mesclado. Eu acho que pode ficar cada um na sua e haver uma harmonia, uma situação de tranquilidade...

[Retorna ao assunto da vida após o casamento]

Depois que eu casei, meu nome passou a ser Claire SSSS, e me dá a impressão que eu já nasci SSSSS. Assim eu me sinto. Os filhos estão criando seus filhos nos mesmos moldes. Acredito que vá dar certo como deu antes....Mas continuam essa tradição, a bagagem está sendo passada, e temos buscado formas de fazer deles pessoas integradas nessa vontade de prosseguir. O importante é isso. São quase 6.000 anos de bagagem. A gente não pode deixar a mala no meio do caminho e seguir sozinho. Não seria justo para com todos estes que vieram carregando a mala. E é isso... Eu acho que as coisas, às vezes, tão simples, passam a ter uma importância tão grande. Na escola da minha filha, no Liessin, na sétima série eles fazem um trabalho, do livro de família, onde eles tentam recolher toda a documentação, tudo que se têm todos os cacos dessa história toda, pra começar um livro. E, numa reunião de pais, quando estava sendo lançado aquele projeto, eles pediram que cada um levasse um objeto, de seus pais ou avós, que tivesse muita importância, mas que fosse um único objeto. É muito difícil você determinar um único objeto tão importante. E, de repente, me deu aquele estalo, e eu levei o cadeado que fechava a loja do meu pai. Um cadeado grande, pesado. E daí saiu um texto que vai ser publicado no meu livro, se Deus quiser.

12 Norma: Em ladino?

13 Claire: Em ladino. E é bonito. Sem modéstia, é um texto bonito, e ela fala da importância daquela peça de ferro na vida da gente. Ela trancava, protegia, mais do que a loja, ela protegia o nosso sustento, e esse é sagrado...

Fragmento 1

Tenho 61 anos, nasci no Brasil, filha de imigrantes que vieram da Turquia, precisamente de Istambul. Os dois moravam no mesmo bairro e só vieram se conhecer aqui no Brasil, e casaram-se aqui, formaram uma família. Eu tenho um irmão e vivemos sempre aqui no Rio de Janeiro, e eu tive uma vida dentro da total normalidade do que era uma família de imigrantes, não muitas posses, porque eles vieram de lá sem nada, mas o objetivo maior, a responsabilidade maior que me era jogada era em relação à cultura. Eu tinha que estudar, por que sem estudar não se consegue ser ninguém na vida. E por questões financeiras, por que não, eu sempre estudei em escola pública, que na época eram as melhores...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
Verbo (aux.) modal	<u>Eu tinha que estudar, por que sem estudar não se consegue ser ninguém na vida</u>	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>

Fragmento 2

- Eu estava terminando o primário, meu pai morreu e eu me vi na condição simples, ou passa num concurso de admissão, ou vai ter que parar de estudar, pois não há condição de manter numa escola particular. E isso funcionava bem na época, *porque a carga de responsabilidade era tão grande, este era o*

caminho e isso a gente tinha que conseguir impulsionado pela importância que me mostraram da cultura..

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
Verbo (aux.) modal	- <u>ou vai ter que parar de estudar</u>	- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
Verbo (aux.) modal	- <u>e isso a gente tinha que conseguir impulsionado pela importância que me mostraram da cultura</u>	- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)

Fragmento 3

- Eu estudava pela manhã... **Embora eu sendo judia**, nunca me senti discriminada e **nunca** discriminei. **Como judia, eu fazia questão**, embora não fosse obrigada, de participar de todas as aulas de catecismo da escola com interesse e curiosidade, **sem nunca ter me deixado envolver**. Desde criança eu já era muito...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Um enunciado deonticamente modalizado</u>	-eu <u>fazia questão</u> , - <u>sem nunca ter me deixado envolver</u> .	-Necessidade deôntica (volição) - Modalidade de raiz/dinâmica (TALMY, 1988) ¹⁰¹

¹⁰¹ Talmy (1988, apud NEVES, 2006, p. 192-193) sugere para a modalidade de forças e barreiras um significado epistêmico, por outro lado, Sweetzer (1990, apud NEVES, 2006, p. 192-193) prefere entender a modalidade como referente a forças e barreiras intencionais. É proposto, afinal, que a análise de capacitação ou habilitação se faça em ligação com os conceitos de forças e barreiras sociofísicas generalizadas.

Fragmento 4

• Eu absorvi muito essa cultura. Meus pais, os dois judeus, mas não ortodoxos, não ultrareligiosos. Eles eram tradicionais, a gente era, muitas vezes, chamados à atenção em casa: “Como você está fazendo isso? Um judeu não faz isso!” Não pra nos mostrar que nós éramos melhores do que todos, mas que não podíamos ser piores. Nós éramos filhos de imigrantes. Então nós tínhamos que ser um motivo de orgulho pro país que recebeu eles. Então eles vieram pra cá e fizeram a sua família, cá e fizeram a sua família, uma família digna do país que os recebeu. E eu sentia isso. Quando eles diziam “Um judeu não faz isso!”, na realidade, um judeu não pode fazer isso, ele tem que se mostrar sempre como uma pessoa extremamente digna, isso eu sentia.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
- Verbo (aux.) modal	- mas que <u>não podíamos ser piores</u> . Nós éramos filhos de imigrantes.	- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
- Verbo (aux.) modal	-Então nós <u>tínhamos que ser</u> um motivo de orgulho pro país que recebeu eles.	- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
-Verbo (aux.) modal	-um judeu <u>não pode fazer</u> isso,	- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
- Verbo (aux.) modal	-ele <u>tem que se mostrar</u> sempre como uma pessoa extremamente digna, isso eu sentia	- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)

Fragmento 5

Às vezes a gente protege demais uns que não gostam de ser tão protegidos. Eles preferem se sentir mais independentes, mas a gente dá sempre um jeito de que eles sejam independentes, mas sempre que a gente pode, a gente dá um jeito não de cercear, mas de amparar, sim. De tentar não expor a nenhum tipo de risco, isso é muito... mas isso de, um modo geral, é maternal, em qualquer cultura, talvez seja mais exacerbado na mãe judia, mas isso é instinto, a maternidade é instinto... Mas hoje eu tenho mexido bastante com isso, e quero ver o que eu posso fazer mais...

8 **Norma:** Você diz pelo ladino?

9 **Claire:** Pelo ladino e pela própria cultura. E eu, como E eu, como judia, eu me importo muito mais com a ÉTICA judaica do que com a PRÁTICA judaica. A ética judaica forma um bom cidadão, forma um cidadão íntegro; e a prática judaica,..

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Um enunciado deonticamente modalizado</u>	<u>E eu, como E eu, como judia, eu me importo muito mais com a ÉTICA judaica do que com a PRÁTICA judaica. A ética judaica forma um bom cidadão, forma um cidadão íntegro;</u>	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>

Fragmento 6

Por exemplo, no nosso dia de finados, que a gente vai às vésperas de Rosh Hashaná, no Ano-Novo, que a gente vai ao cemitério. Na primeira que eu pude sair fora dessa, eu saí. Eu ia pra acompanhar minha mãe. Não tem um dia do ano específico pra eu chorar a morte do meu pai. Eu choro sempre que ele me faz falta. E esse ano, casualmente, está fazendo 50 anos da morte dele, e eu ainda choro de saudade. Então, com certeza, ele foi um homem merecedor disso, com certeza um homem bom. Como é que eu vou limitar um dia pra chorar por ele? É muito pouco. Sempre que ele me faz falta, e ele me faz falta não só quando eu estou num aperto não, ele me faz falta quando eu estou muito feliz, bate aquele pensamento: “que pena que ele não está aqui pra ver!” Então, é muito grande pra se resumir num dia de finados. Eu não aceito isso. Aí é que entra a rebeldia. Não que eu ache que tenha que ser como eu quero, tem que ser como tem que ser, mas eu aceito ou não. Aliás, eu acho que Deus pensou em tudo, até quando nos deu o livre arbítrio. E eu faço uso dele. Me chamam às vezes de rebelde, mas eu só faço uso de um poder que ele me deu. E eu acho que é isso que...

10 **Norma:** Mas você se afastou de Deus?

11 **Claire:** Nunca. Eu me afasto sempre que possível das práticas religiosas IMPOSTAS. Eu sou uma judia tradicional. Eu vou à sinagoga, eu vou à sinagoga nas datas de festa, mas eu não quero me sentir obrigada. Eu vou porque me dá prazer, me dá satisfação, me dá conforto, torna mais nítido que eu sou um elo desta corrente imensa, essa consciência, desse estado de

pertencimento, eu sei que eu pertenço a esta corrente, como um elo, e não serei eu que irei romper essa corrente Nunca. Mas a minha cultura, que foi passada, foi essa, um judaísmo, como a gente diz hoje, mais “light”, fazer **do ser judeu, do ser filho de imigrante**, de conhecer a história de dificuldade deles, um ponto de **orgulho** máximo, por tudo que eles conseguiram.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	Não que <u>eu ache que tenha que ser</u> como eu quero,	<u>-Possibilidade epistêmica</u> <u>-Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
<u>Verbo (aux.) modal</u>	<u>tem que ser como tem que ser</u> , mas eu aceito ou não.	<u>- Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	Aliás, <u>eu acho que</u> Deus pensou em tudo, até quando nos deu o livre arbítrio. E eu faço uso dele. Me chamam às vezes de rebelde, mas eu só faço uso de um poder que ele me deu.	<u>-Possibilidade epistêmica</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	E eu <u>acho que é isso que...</u>	<u>Possibilidade epistêmica</u>
<u>-Verbo (aux.) modal</u>	mas eu <u>não quero me sentir</u> obrigada.	<u>Necessidade deôntica</u> ¹⁰³ (obrigação moral interna)
<u>-Advérbio modalizador</u>	<u>NUNCA</u> ¹⁰²	<u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)

¹⁰² Os advérbios NUNCA e SEMPRE estão relacionados à conduta; modalidade deôntica.

¹⁰³ Goosens (1985, NEVES, 2006, p.161) propõe uma modalidade relacionada aos significados de capacidade e volição e a nomeia de modalidade facultativa..

Fragmento 7

Por que o Brasil? Porque, no pós-guerra, ele, aos 15 anos, ele fugiu da Turquia foi pra França, trabalhou lá por uns anos, e aqueles comitês de buscas de parentes disseram pra ele que o irmão dele tinha vindo pra América. Subentendeu-se o Brasil, porque eles diziam que, quando vinham para o Brasil, eles vinham “fazer a América”, eles vinham procurar um emprego pra ganhar dinheiro. Ele juntou dinheiro, ganhou pisando uvas pra vinho na França, que era o emprego mais “ralé” que se podia ter. E ainda assim ele juntou dinheiro e veio pro Brasil e procurou o Leon SSSSS (o irmão). Qual não foi a surpresa dele, o Leon SSSSS que estava no Brasil era um homônimo, não era o irmão dele. Quando ele se viu sozinho, em terra estranha, sem conhecer a língua, sem a possibilidade de emprego, sem nada, ele... saiu dessa, se estabeleceu, casou, teve 2 filhos, formou o filho. Essa tenacidade eu acho que herdei dele e me orgulho muito disso. E quanto aos caminhos do judaísmo hoje no Brasil, eu acho que nós temos liberdade pra sermos ortodoxos ou não, eu nunca tive problemas, me agrada o convívio e a mescla com outras culturas, aí entra um sentimento mesmo de que é possível cada um continuar dentro da sua cultura sem abrir mão dela, e conviver com outras culturas. Eu não acho que, necessariamente, pra ser bom tenha que ser mesclado. Eu acho que pode ficar cada um na sua e haver uma harmonia, uma situação de tranquilidade...

<p align="center"><u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u></p>	<p align="center"><u>DEPOIMENTO 01</u></p>	<p align="center"><u>TIPO DE MODALIDADE</u></p>
<p><u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u></p>	<p><u>-Essa tenacidade eu acho que herdei dele e me orgulho muito disso. E quanto aos caminhos do judaísmo hoje no Brasil,</u></p>	<p><u>Possibilidade epistêmica</u></p>
<p><u>verbo de significação plena de atitude proposicional</u></p>	<p><u>-eu acho que nós temos liberdade pra sermos ortodoxos ou não, eu nunca tive problemas, me agrada o convívio e a mescla com outras culturas, aí entra um sentimento mesmo.</u></p>	<p><u>Possibilidade epistêmica</u></p>
<p><u>Adjetivo em posição predicativa</u></p>	<p><u>-aí entra um sentimento mesmo de que <u>é possível</u> cada um continuar dentro da sua cultura sem abrir mão dela, e conviver com outras culturas.</u></p>	<p><u>Possibilidade epistêmica</u></p>
<p><u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u></p>	<p><u>-Eu não acho que, necessariamente,</u></p>	<p><u>Possibilidade epistêmica</u></p>
<p>-Verbo (aux.) modal</p>	<p><u>-pra ser bom <u>tenha que ser</u> mesclado.</u></p>	<p><u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p>
<p><u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u></p>	<p><u>-Eu acho que <u>pode ficar</u> cada um na sua e haver uma harmonia, uma situação de tranquilidade..</u></p>	<p><u>Possibilidade epistêmica</u></p>
<p>- Verbo (aux.) modal</p>		<p><u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p>

Fragmento 8

• Os filhos estão criando seus filhos nos mesmos moldes. Acredito que vá dar certo como deu antes.... Mas continuam essa tradição, a bagagem está sendo passada, e temos buscado formas de fazer deles pessoas integradas nessa vontade de prosseguir. O importante é isso. São quase 6.000 anos de bagagem. A gente não pode deixar a mala no meio do caminho e seguir sozinho. Não seria justo para com todos estes que vieram carregando a mala. E é isso... Eu acho que as coisas, às vezes, tão simples, passam a ter uma importância tão grande.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 01</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u> <u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	<p>Acredito que vá dar certo como deu antes.... Mas continuam essa tradição, a bagagem está sendo passada,</p> <p>-... <u>Eu acho que as coisas, às vezes, tão simples, passam a ter uma importância tão grande.</u></p>	<u>Possibilidade epistêmica</u> <u>Possibilidade epistêmica</u>

5.5.2.2 Análise do depoimento 02

Entrevista com o Sr. Luciano

1 **Luciano:** ...venho de uma criação “quase judaica”. Essa criação, veio dos meus pais, que são oriundos da Turquia, os dois da mesma cidade, Esmirna, e se conheceram aqui no Brasil, e se casaram aqui. Meu pai veio, não sei muito bem, porque meus pais tinham um princípio muito interessante: às crianças, a gente não tem que dar muito conhecimento. Criança é criança.

Nossa história é outra coisa (supõe-se pelo fato das questões de guerras e fugas em função disto)...

Minha mãe, por exemplo, veio pra trabalhar numa granja que um tio meu tinha em Uberaba, Minas... Meu pai veio também pra tentar a vida na América, pelo que eu pude perceber. Depois, ele mandou vir a mãe, o irmão, quando se estabeleceu. Ele começou vendendo roupa na feira, pra poder sobreviver. Pouco eu sei dessa estória. Eu sei que meu pai “cumpria” as principais datas judaicas, o Rosh Hashaná e o Yom Kipur. Pessach também era muito importante em casa. Minha mãe sempre fazia um Pessach mais especial, a partir de minha avó, mãe de minha mãe, que sempre mantinha o acendimento da vela na sexta-feira à noite, mas não eram religiosos de frequentar a sinagoga não. Minha mãe era muito mais prática de viver do que de pensar religiosamente. Por exemplo, ela dizia: “Você tem que ser direito, você não pode fazer coisas erradas... Você tem que ser direito, não é ficar na sinagoga lendo os livros, porque isso não adianta nada! Você tem que ter uma atitude correta, como todo mundo! Respeitar todo mundo!”

Meu pai, a mesma coisa. Tanto que nem Bar Mitzvá eu não fiz. Primeiro, porque era época de guerra, era 1943, eu tinha 13 anos, em plena guerra. Então meus pais acharam por bem não mexer nesse negócio de Bar Mitzvá, porque estava tudo muito confuso, inclusive porque se tinha notícia de que o Getúlio (Vargas) era mais “assim” lá com alemães, e sabia-se que a vida dos judeus não era muito das melhores na Europa. Com a invasão alemã, eles tinham alguma notícia, então, eles acharam por bem deixar a religião “pra lá”...

O fato é que a religião entrou em mim da seguinte forma: não adianta ficar rezando e lendo a Torá. Atitudes são mais importantes do que ficar rezando e

pedindo a Deus. Não tem que pedir a Deus coisa nenhuma. Assim, eu comecei a entender. A gente tem que ser correto. A consciência de cada um é muito mais importante do que “passar a bola” pra Deus pra resolver os problemas nossos. Não, nós temos que agir de acordo com uma consciência específica e direita. Isso eu aprendi. Tanto assim que eu só comecei a ter alguma noção de religião mesmo depois de casado, porque a minha mulher tinha lá sua convicção religiosa, sem ser ortodoxa. Mas ela tinha lá suas normas de seguir a religião, de acordo com os princípios que ela mesma tem. Não ficar rezando nem nada, tem que ter uma consciência judaica, uma consciência da ética nossa...

O sentido religioso, pra mim, depende de cada um. Tem gente que, se não ficar rezando toda sexta-feira de noite, todo sábado de manhã, passa mal. Eu passo muito bem, não indo rezar.

Depois de casado (com Claire SSSSS)... Meus filhos fizeram Bar Mitzvá, Bat Mitzvá. Ela cuidou dessa parte fundamental da religião, os preceitos básicos, que é fazer o Brit Milah, o Bar Mitzvá, o Bat Mitzvá, isso tudo fizemos certinho. Fizemos, porque ela norteou dessa forma (quem ensina a tradição judaica é a mãe judia). Por mim... Eu não fiz Bar Mitzvá... Eu fiz junto com meu filho. Na hora que ele subiu à Tevah, pra ler a Torá, pela primeira vez, eu não tinha subido, minha mulher inventou que eu tinha que fazer na mesma hora também... E fiz, junto com meu filho, aos 13 anos dele.

2 Norma: Mas teve que tomar curso, estudar...

3 Luciano: Que estudar coisa nenhuma, estudar o quê! Eu li ali o que me deram pra ler, e o Bar Mitzvá estava feito, acabou-se. Pra mim, não faz falta a religião, porque eu tenho a consciência de como eu devo agir...

4 **Claire:** (consciência) Judaica...

5 **Luciano:** Judaica sim, eu não nego os meus mais de 6.000 anos de descendência, pelo contrário, eu tenho muito orgulho disso, de pertencer a um povo tenaz e capaz de fazer o que determina. Eu pertenço a este povo, eu só não peço a Deus coisa nenhuma, não preciso dele, eu me norteio por minha consciência. Eu não rezo... Não preciso, eu tenho a minha consciência. Eu vou pro mesmo lugar que o religioso vai (relacionando à morte), nem precisa rezar pra me encomendar lá em cima, que vou me dar muito bem com eles! Eu sei que, quando eu tiver lá, não vai dar problema nenhum, vou me dar bem com todos, tranquilo! Não precisa rezar ninguém aqui, por sete dias, sentar no chão... Não precisa. Eu vou me dar bem lá em cima, ou lá embaixo, sei lá! Em qualquer lugar...

6 **Norma:** O Sr. estudou, se formou em quê?

7 **Luciano:** É, uma das questões fundamentais dos meus pais era esta. Tem que ter instrução, tem que estudar, tem que ser alguma coisa na vida, o que quer que seja, você vai pra sua carreira de escolha, mas tem que ser alguém na vida... E eu me formei em engenheiro civil. Trabalhei nessa profissão muito tempo, tenho muito orgulho dela...

8 **Norma:** Mas agora o Sr. não está inserido na comunidade judaica?

9 **Luciano:** Não, não estou.

10 **Norma:** Mas o Sr. não está cantando no /?/?

11 **Luciano:** É, estou, faço parte desse grupo, mas é mais por diletantismo... A gente canta a língua dos meus pais (ladino), embora eles

tivessem uma coisa muito peculiar, eles, quando vieram fugidos de uma situação de vida difícil, eles tentaram não lembrar... Eles falaram o ladino, mas tentando não falar, tentando falar mais o português do que o ladino, eles não quiseram manter aquelas tradições, só a judaica, vamos dizer, das grandes festas, mas canções em ladino, que eles cantavam lá na Turquia, quiseram esquecer tudo.

12 **Claire:** Nem a sua avó?

13 **Luciano:** Nem a minha avó. Porque eles vieram tentar uma vida melhor. Então, o passado eles quiseram esquecer. Então, o pouco de ladino que a gente ouvia em casa era de “vó”... Pouca coisa, nem tinha muito. Muito mais tinha minha sogra. Ela falava muito mais o ladino...

14 **Norma:** Se o Sr. não convivia na comunidade judaica, como é que o Sr. conheceu a D. Claire?

15 **Luciano:** Foi um negócio assim... interessante. Eu nunca ia à sinagoga, não ia. Então tinha uma festa...Yom Kipur... vamos lá... Fui acompanhar meu pai. E aí eu vi uma mocinha assim andando... esta está /?! E aí a gente marcou uma palestra ali, conversamos, marcamos cinema, daí...foi!

Só que eu tive uma coisa muito interessante. Quando eu saí pra casar, que eu fui até a casa dela, e ela vestida de noiva, saindo pra ir à sinagoga, uma vizinha falou: “Ela está casando com o avô dela!” Ela tinha 17, e eu 34. Eu era bem mais velho, então a “turma” ficava “meio assim”: “Será que esse cara vai aguentar essa mocinha?” Aguentei! E estamos até hoje.

16 **Claire:** Não que ele não esteja sendo verdadeiro, não é isso que eu quero dizer, mas que aí dentro pulsa forte um coração judeu, eu tenho certeza. A

relação com Deus, eu diria até que por ele ser feliz, ele não se dê conta, de quantas vezes ele já disse “Meu Deus do Céu!”

17 Luciano: Ah! Sim, mas isso como expressão verbal!

18 Claire: O que me parece, e isso a gente bate bem juntinho, é não responsabilizar, não terceirizar pra Deus responsabilidades que são nossas. É quase uma obrigatoriedade que se dá a Deus de ouvir a gente, porque a gente rezou. Não é bem assim. A gente age, a gente tem atitude. Eu tenho muito mais religiosidade que ele, não tenha dúvida, mas eu procuro muito Deus pra agradecer por tudo que eu tenho, pra agradecer por males que não me atingiram, do que ficar pedindo e terceirizando pra Ele. Tanto que existe, em todas as religiões, inclusive no Judaísmo, a expressão “Temor a Deus”. Eu não tenho, eu não sinto temor de Deus. Muito pelo contrário, eu sinto amparo, e eu acredito que o temor só possa vir de uma consciência pesada... A gente se orgulha de ser judeu, a gente se orgulha de ser brasileiro... e a gente deve isso ao Brasil, pelo fato de terem recebido nossos pais... A gente se orgulha por ser humano, por ser brasileiro, por ser judeu, e por ser do bem.

Fragmento 1

Meu pai veio também pra tentar a vida na América, pelo que eu pude perceber. Depois, ele mandou vir a mãe, o irmão, quando se estabeleceu. Ele começou vendendo roupa na feira, pra poder sobreviver. Pouco eu sei dessa estória. Eu sei que meu pai “cumpria” as principais datas judaicas, o Rosh Hashaná e o Yom Kipur. Pessach também era muito importante em casa. Minha mãe sempre fazia um Pessach mais especial, a partir de minha avó, mãe de minha mãe, que sempre mantinha o acendimento da vela na sexta-feira à noite,

mas não eram religiosos de frequentar a sinagoga não. Minha mãe era muito mais prática de viver do que de pensar religiosamente. Por exemplo, ela Por exemplo, ela dizia: “Você tem que ser direito, você não pode fazer coisas erradas... Você tem que ser direito, não é ficar na sinagoga lendo os livros, porque isso não adianta nada! Você tem que ter uma atitude correta, como todo mundo! Respeitar todo mundo!

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 02</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<p>Verbo (aux.) modal</p> <p>- Verbo (aux.) modal</p> <p>- Verbo (aux.) modal</p> <p>- Verbo (aux.) modal</p>	<p>Meu pai veio também pra tentar vida na América, pelo que <u>eu pude perceber</u>. Depois, ele mandou vir a mãe, o irmão, quando se estabeleceu</p> <p><u>Você tem que ser direito,</u></p> <p><u>você não pode fazer</u> coisas erradas...</p> <p><u>Você tem que ser direito, não é</u> ficar na sinagoga lendo os livros, porque isso não adianta nada!</p>	<p><u>Capacidade modalizada deônticamente</u></p> <p>- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p> <p>- <u>Possibilidade deôntica (proibição)</u></p> <p>- <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p>

- Verbo (aux.) modal	<u>Você tem que ter uma atitude correta, como todo mundo!</u> <u>Respeitar todo mundo!”</u>	<u>- Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)
----------------------	--	--

Fragmento 2

4. Claire: (consciência) Judaica...

5 Luciano: Judaica sim, eu não nego os meus mais de 6.000 anos de descendência, pelo contrário, eu tenho muito orgulho disso, de pertencer a um povo tenaz e capaz de fazer o que determina. Eu pertenço a este povo, eu só não peço a Deus coisa nenhuma, não preciso dele, eu me norteio por minha consciência.

Eu não rezo... Não preciso, eu tenho a minha consciência. Eu vou pro mesmo lugar que o religioso vai (relacionando à morte), nem precisa rezar pra me encomendar lá em cima, que vou me dar muito bem com eles! Eu sei que, quando eu tiver lá, não vai dar problema nenhum, vou me dar bem com todos, tranquilo!_Não precisa rezar ninguém aqui, por sete dias, sentar no chão... Não precisa. Eu vou me dar bem lá em cima, ou lá.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 02</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
Verbo (aux.) modal	Eu pertencço a este povo, eu só não peço a Deus coisa nenhuma, <u>não preciso dele</u> , eu me norteio por minha consciência.	- <u>Necessidade epistêmica</u>
Verbo (aux.) modal	Eu não rezo... <u>Não preciso</u> , eu tenho a minha consciência. Eu vou pro mesmo	- <u>Necessidade epistêmica</u>
Verbo (aux.) modal	lugar que o religioso vai (relacionando à morte), <u>nem precisa rezar</u> pra me	- <u>Necessidade epistêmica</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	encomendar lá em cima, que vou me dar muito bem com eles! <u>Eu sei que</u> , quando eu tiver lá, não vai dar problema nenhum	- <u>Possibilidade epistêmica</u>
Verbo (aux.) modal	vou me dar bem com todos, tranquilo! <u>Não precisa rezar</u> , ninguém aqui, por sete dias, sentar no chão... <u>Não precisa</u> . Eu vou me dar bem lá em	- <u>Necessidade epistêmica</u>
Verbo (aux.) modal	cima, ou lá.	- <u>Necessidade epistêmica</u>

Fragmento 4

O Sr. estudou, se formou em quê?

7 **Luciano:** É, uma das questões fundamentais dos meus pais era esta. Tem que ter instrução, tem que estudar, tem que ser alguma coisa na vida, o que quer que seja, você vai pra sua carreira de escolha, mas tem que ser alguém na vida...

E eu me formei em engenheiro civil. Trabalhei nessa profissão muito tempo, tenho muito orgulho dela... A gente se orgulha por ser humano, por ser brasileiro, por ser judeu, e por ser do bem.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 02</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<p><u>-Verbo (aux.) modal</u></p> <p><u>Verbo (aux.) modal</u></p> <p><u>Verbo (aux.) modal</u></p> <p><u>Verbo (aux.) modal</u></p>	<p>É, uma das questões fundamentais dos meus pais era esta. <u>Tem que ter instrução,</u></p> <p><u>tem que estudar,</u></p> <p><u>tem que ser</u> alguma coisa na vida, o que quer que seja, você vai pra sua carreira de escolha,</p> <p>mas <u>tem que ser</u> alguém na vida... A gente se orgulha por ser humano, por ser brasileiro, por ser judeu, e por ser do bem.</p>	<p><u>- Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p> <p><u>- Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p> <p><u>- Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p> <p><u>- Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)</p>

5.5.2.3 Análise do depoimento 03

Entrevista com Dr. Israel

1 **Dr. Israel:** Você nasce, você é criado numa casa judaica, tem uma mãe que é judia, tem um pai que é judeu, então, desde pequeno, você começa a ver a formação, a tradição dentro de sua casa. A tradição, você ainda não entende, até que você chega ao Bar Mitzvá. Quando chega na época do

preparo pro Bar Mitzvá, você começa a ter mais consciência do que seja a religião, porque você vai começar a aprender a rezar por sua conta. Mas você reza por quê? Porque a gente precisa saber se você vai ter fé em alguma coisa, porque aquela coisa que você vai ser /?/: porque existe Deus. Quem é Deus? É todo poderoso, ele pode tudo... então... a fé. O resto é consequência. Se você tem fé, você reza, se você não tem, você nem pensa naquilo, porque, pra você, aquela entidade é uma entidade invisível. E tudo aquilo que é invisível você acha que é abstrato e não existe...

Os católicos fazem imagens porque eles não vêem o Deus, então eles fazem o Cristo na cruz. Aquilo é como se fosse um mantra pra eles, eles estão vendo o Cristo na cruz, e aquilo leva eles a pensar no Pai de Cristo, que é Deus. Nós, judeus, não temos nada disso, nós vivemos uma religião inteiramente abstrata, a nossa religião não nos dá nenhuma substância física, só tem a Tora. Aqueles rolos da Lei, feitos em pergaminhos, são os textos, não pode ter nenhum erro. A confecção da Torá é uma coisa extremamente complexa...

A Torá, na verdade, é a Bíblia. O Velho Testamento é o que está na Torá. O Novo Testamento foi o que ficou na Bíblia impressa, que é utilizada pelos católicos, protestantes...

Então, a identidade do indivíduo é criada dentro dessa vivência familiar... Porque, veja bem, eu pego uma entrevista que eu dei há uns anos atrás, é uma entrevista biográfica, porque eu começo contando quem é meu pai, quem é minha mãe, que idade eu tenho... Mas, então, uma das perguntas que a entrevistadora fez foi: "Como é que vocês comemoravam?" Só os feriados...

Não, eu até contei um fato interessante, que, quando chegava época de Rosh Hashaná, como era hábito lá na /terra/, /?/ e compra tudo novo, então nós éramos quatro irmãos, meu pai dava dinheiro pra minha mãe e dizia assim: você vai e comprar roupa pros seus filhos /?/, e tinha roupinha pra meninos... e aí ele comprava. Mas a roupa não acabava em um ano...

Então, nós íamos a todas as festas religiosas, porque meu pai tinha uma obrigação, fiquei com ele desde cedo... Então nós íamos às festas. Meu avô Jacó era um dos patrocinadores, então ele fazia uma Sucá lá em cima do /?/, na Conselheiro Josino. Ali eles ficavam vários dias fazendo as comemorações de Sucá. No Yom Kipur, ficávamos o dia inteiro na sinagoga. A partir dos 13 anos, nós fazíamos jejum de 24 horas. Meu pai não trabalhava, ele fechava a loja dele em Kipur por dois dias, em Rosh Hashaná também fechava a loja por dois dias. Todos os judeus fechavam /?/, todos fechavam e iam pra sinagoga.

Então, tem as festas. Eu sempre ia pra casa do meu avô. Ou Rosh Hashaná, Pessach. Porque Pessach é uma festa muito interessante, que reúne a família. Tem a Matzá, tem aqueles doces todos, tem aquela tradição toda, tem a história da saída do Egito, então é uma coisa ilustrativa pras crianças. Então, você vai vendo essas coisas, todos os anos se repetem, e essas coisas vão embrenhando em você, como hábito, como costume, o que quer que seja. E aí tem a parte religiosa. Depois fica na sala de culto, e aí você lê, tira a Torá, então as pessoas são chamadas a ler a Torá, seguindo uma ordem, primeiro é chamado um Cohen*, depois é chamado um Levi*, depois ...
(*sobrenomes judaicos)

Primeiro são chamados os Cohens, que eram os sacerdotes, é a classe nobre dos sacerdotes. Depois eram chamados os Levis, que era a classe intermediária, e depois Israel, que era o povo, a plebe ignara. Então a sinagoga obedece o mesmo ritual, ela chama inicialmente essas pessoas. Depois ela vai chamando as pessoas que querem subir, ou que estão por alguma razão necessitando em subir. Às vezes uma comemoração, saiu de uma doença, ganhou na loteria, tem um parente que está passando mal e quer que melhore de saúde, vai lá e faz sua oração -, a oração pros pais, pros mortos da família - porque na sinagoga, no dia de Rosh Hashaná ou Kipur, ou os sábados, ou quintas-feiras, quando você pede pra ser chamado pra leitura da Torá, chama-se Aliá, a subida, então você sobe pra ler a Torá (refere-se ao fato de que, nessas ocasiões, se a pessoa vai fazer a leitura, tem de fazer a oração pros mortos da família). Então você vai criando uma identidade. Meu pai não era religioso, mas era tradicionalista, então ele seguia a tradição, ele sabia rezar perfeitamente bem, ele foi a liderança nessa época aqui no Rio de Janeiro, no Bené-Herzl, ele foi a liderança executiva de tudo isso. /?/, as pessoas davam dinheiro, contribuía, mas, de fato, ele carregou a carruagem pra onde ela foi, construiu a sede social de lá e manteve ela durante anos, mesmo atravessando a ditadura, que foi uma época muito difícil e que nessa época foi que se colocou o nome da comunidade...

Você vai formando... (a identidade judaica). Até o Bar Mitzvá é uma coisa, depois você começa a andar com seus próprios pés. E depois seus pais não existem mais e você continua andando, porque você já tem uma cabeça formada, você já é um adulto. E aí você tem fé ou você não tem fé. Eu não sou uma pessoa religiosa. Meu pai não era religioso, ele era tradicionalista,

acreditava em Deus, ia à sinagoga, obedecia às tradições, mas ele não comia kasher integralmente, porque o “judeu que é judeu” tem que comer kasher. Ele não comia porco, não comia camarão, as coisas que são proibidas ele não comia. Não sendo religioso, mas ele era tradicionalista, obedecia às tradições. E passou isso pra nós. Quer dizer, eu tenho mais 3 irmãos, nenhum deles é religioso, mas todos são tradicionalistas. Nenhum de nós, depois dos 13 anos, deixou de fazer jejum no Kipur, de 24 horas. Nós fazemos 24 horas de jejum sem água, sem comida, sem nada. Nós seguimos a tradição...

As pessoas, às vezes, me dizem: “Você não vem à sinagoga sempre, não vem aqui estar conosco, é muito importante, é muito bom...” Eu digo: “Olha aqui, eu acho que Deus não é surdo. Então você fica rezando, repetindo cem mil vezes a mesma coisa, puxando o saco de Deus. Ele não é surdo, se ele quiser te atender, ele vai atender seja na primeira, na segunda ou na terceira vez. Agora mil vezes você repetir a mesma coisa, eu acho que é desnecessário.” “Ah! Mas isso é blasfêmia que você fala...” Bom, isso é problema seu. Eu acredito nisso, então não venho. Eu venho pra comemoração da morte dos meus pais, dos meus avós, dos meus irmãos, meus tios, isso eu venho fazer, faço a leitura da Torá, e tudo bem. Agora, não vou ficar aqui. Por exemplo, vocês estão lendo a Torá. A Torá é uma coisa sagrada, é claro...”

Eu acho que não deveriam ter traduzido a Torá pro português...

2 **Norma:** Traduziram?

3 **Dr. Israel:** Sim, tem livros de leituras de rezas. Você já leu a Torá de fato e viu quanta besteira tem lá dentro? Ora! Quem tem fé acha que tudo aquilo é sagrado. Mas tem tanta coisa estranha, errada, fora do direito das

coisas e das pessoas dentro da Bíblia, tanta mortandade, tantas guerras entre tribos, desalojamentos de coisas, então eu acho que na Torá tem coisas muito boas, mas também tem muitas besteiras. E dizer que é tudo sagrado, um pacote só, eu não concordo com isso. Eu estou lendo em português e estou vendo a quantidade de coisas que...

O que tem no Velho Testamento é isto, e o que tem no Novo Testamento é aquilo. O Novo Testamento só fala em bondade. O Velho Testamento só fala em guerras, mortalidade, os sacrifícios no templo, de animais, cabrito, carneiro, até boi. O fedor, aquela sujeira de sangue, não havia água encanada, não havia esgoto, nada disso. Isso é coisa de 100 anos pra cá. Então, meu modo de pensar é esse. Minha fé é essa, eu tenho fé em Deus, eu rezo pra Ele, em português, em qualquer língua que você queira, e essa é minha fé. Agora o resto... a religião diz que tem que ser assado, eu quero assim, eu faço assim... eu posso rezar em casa, posso acender minhas velas por alma dos meus entes queridos desaparecidos, tenho meus pensamentos voltados pra eles, tenho minha fé religiosa...

4 Norma: Mas a oração que o Sr. faz, é sua ou do livro?

5 Dr. Israel: Você faz o que você quiser! A oração não precisa ser do livro não. O livro é um roteiro.

6 Norma: Como é que é essa continuidade dessa fé? Olha só: saíram lá do tempo da segunda queda do templo, a segunda destruição, vieram pra Península Ibérica, vieram essas gerações todas, saíram da Península Ibérica, vão pra Turquia, vem pra cá, e nós estamos mais esses anos todos, e continuam com a fé, sendo judeus, isso é muito interessante...

7 Dr. Israel: Uma vez eu escrevi um discurso, eu fui presidente do CIB por 6 anos, e eu escrevi o seguinte: “Os judeus com uma Torá nos ombros e uma prece nos lábios conseguiram atravessar os séculos, com todas as guerras e destruições e chegaram até hoje”

Então, não precisa muita coisa. Você não pode destruir nenhum segmento da sociedade que esteja baseado em princípios, em doutrinas. Pela força até é destruído, mas quando você tem uma... mas por que a religião segura todo mundo? Porque você diz Meu Deus! Isso segura todo mundo até aqui embaixo, porque a pessoa tem fé em Deus, ou em Cristo... então, isso segura, é um ícone, é um mantra... O Nuzman dizia que a religião é o ópio dos povos. O cara precisa da religião pra se segurar, alguma coisa tem que ser responsável pelo que acontece ou que venha a acontecer, que poderá acontecer. Então, eu vejo a religião desse jeito. Eu acho que qualquer uma delas é boa, desde que você acredite.

8 Norma: E o Sr. se considera judeu?

9 Dr. Israel: Eu sou judeu, evidentemente. Eu nasci judeu, tenho que morrer judeu. Eu não vou abdicar da minha religião, não tem nem porquê.

10 Norma: Não é só a religião, tem toda uma história, uma raça, uma etnia, tudo...

11 Dr Israel: O judaísmo tem sido discutido. O judeu é um povo, é uma raça, é uma religião, o que é o judeu? O judeu é isso. É gente que aceitou as tábuas da lei, que é a Torá, respeita essa Torá, e vê com as preces dessa Torá na língua até hoje, veio andando através dos séculos até hoje. Agora onde estão os gregos, onde estão os romanos? Eles não tinham uma essência, a

religião pro judeu é a essência da sobrevivência do judeu. Você pode não ser religioso. Mas você é judeu? Você acredita que você é judeu? Então, você vai sobreviver. Olha, o que os judeus já sofreram de perseguição, de mortandade, de destruição, /?/ isso é quando existia o Estado, que era uma nação, como é hoje o Estado de Israel, eram nações, com reis, com instituições assentadas. Como é que o judeu resistiu até hoje? É uma doutrina. Quem não tem doutrina não chega a lugar nenhum.

12 Norma: E a Torá é essa doutrina?

13 Dr. Israel: Evidentemente a Torá é o roteiro da tua vida. Você vai lendo aquilo, você segue aquele negócio, que você acha que aquilo é sagrado, você bota o teu sagrado todo naquele negócio, e você segue. Eu sou um caso a parte, eu acho que tem coisas que não merecem, não deveriam nem estar, mas como é uma história, tem coisa boa e coisa ruim, tá tudo escrito ali...

Meu pai chegou aqui em 1912; meus avós, em 26. Ele veio da cidade de Urlá, Turquia, que, como eu disse a você, são 20 km afastada de /?/. Eles falavam turco, um pouco de grego. Meu pai falava turco, falava grego, falava francês, falava um pouco de italiano, falava português e falava ladino. Meu avô falava turco e falava ladino. Com a minha avó, ele falava ladino, com as filhas, ele falava ladino. Eles tiveram vários filhos, que vieram pro Brasil. Duas filhas ficaram na Turquia. [...] meu pai, como casou com uma eskenazi, não falava o ladino em casa. Eu só comecei a ouvir o ladino quando, em uma certa época, meu pai trouxe meus avós pra morarem em nossa casa. Aí meu pai falava com eles em ladino, e a gente ia escutando. Minha mãe também ia aprendendo. A gente foi aprendendo assim, de ouvido.

14 Norma: E a sua esposa é sefaradi?

15 **Dr. Israel:** Não, eskenazi. Os pais dela são da Romênia.

Não, a mãe é russa, de Kiev, e o pai é da Romênia. Ela fala ídiche, fala hebraico. Quer dizer, ela não quer falar. Ela sabe o hebraico e o ídiche. Sabe inglês, francês, português e até russo ela sabe um pouco. E foi assim, nós aprendemos o ladino de ouvido, do meu pai com meus avós, e foi entrando.

Fragmento 1

Então você vai criando uma identidade. Meu pai não era religioso, mas era tradicionalista, então ele seguia a tradição, Você vai formando... (a identidade judaica). Até o Bar Mitzvá é uma coisa, depois você começa a andar com seus próprios pés. E depois seus pais não existem mais e você continua andando, porque você já tem uma cabeça formada, você já é um adulto. E aí você tem fé ou você não tem fé. Eu não sou uma pessoa religiosa. Meu pai não era religioso, ele era tradicionalista, acreditava em Deus, ia à sinagoga, obedecia às tradições, mas ele não comia kasher integralmente, porque o “judeu que é judeu” tem que comer kasher. Ele não comia porco, não comia camarão, as coisas que são proibidas ele não comia.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 03</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação plena</u>	Meu pai não era religioso, ele era tradicionalista, acreditava em Deus, ia à sinagoga <u>obedecia</u> às tradições...	<u>-Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>

Fragmento 2

Não sendo religioso, mas ele era tradicionalista, obedecia às tradições. E passou isso pra nós. Quer dizer, eu tenho mais 3 irmãos, nenhum deles é religioso, mas todos são tradicionalistas. Nenhum de nós, depois dos 13 anos, deixou de fazer jejum no Kipur, de 24 horas. Nós fazemos 24 horas de jejum sem água, sem comida, sem nada. Nós seguimos a tradição...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 03</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<p><u>-verbo de significação plena</u></p> <p><u>-Um enunciado deonticamente modalizado</u></p>	<p>Não sendo religioso, mas ele era tradicionalista, <u>obedecia</u> às tradições. E passou isso pra nós. Quer dizer, eu tenho mais 3 irmãos,</p> <p>-Nenhum de nós, depois dos 13 anos, <u>deixou de fazer</u> jejum no Kipur, de 24 horas. Nós fazemos 24 horas de jejum sem água, sem comida, sem nada. Nós seguimos a tradição..</p>	<p><u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u></p> <p>-Modalidade de raiz/dinâmica (TALMY, 1988)¹⁰⁴</p>

Fragmento 3

4 Norma: Mas a oração que o Sr. faz, é sua ou do livro?

¹⁰⁴ Talmy (1988, apud NEVES, 2006, p. 192-193) sugere para a modalidade de forças e barreiras um significado epistêmico, por outro lado, Sweetzer (1990, apud NEVES, 2006, p. 192-193) prefere entender a modalidade como referente a forças e barreiras intencionais. É proposto, afinal, que a análise de capacitação ou habilitação se faça em ligação com os conceitos de forças e barreiras sociofísicas generalizadas.

5 **Dr. Israel:** Você faz o que você quiser! A oração não precisa ser do livro não. O livro é um roteiro. Então, não precisa muita coisa. Você não pode destruir nenhum segmento da sociedade que esteja baseado em princípios, em doutrinas. Pela força até é destruído, mas quando você tem uma... mas por que a religião segura todo mundo? Porque você diz “Meu Deus!” Isso segura todo mundo até aqui embaixo, porque a pessoa tem fé em Deus, ou em Cristo... então, isso segura, é um ícone, é um mantra... O Nuzman dizia que a religião é o ópio dos povos. O cara precisa da religião pra se segurar, alguma coisa tem que ser responsável pelo que acontece ou que venha a acontecer, que poderá acontecer. Então, eu vejo a religião desse jeito. Eu acho que qualquer uma delas é boa, desde que você acredite.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 03</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo (aux.) modal</u>	Você faz o que você quiser! A oração <u>não precisa ser do</u> livro não. O livro é um roteiro.	-Necessidade epistêmica
<u>Verbo (aux.) modal</u>	Então, <u>não precisa</u> muita coisa.	-Necessidade epistêmica
<u>Verbo (aux.) modal</u>	<u>Você não pode destruir</u> nenhum segmento da sociedade que esteja baseado	-Possibilidade deôntica/ epistêmica
<u>Verbo (aux.) modal</u>	<u>tem que ser</u> responsável pelo que acontece ou que venha a acontecer, que	Necessidade deôntica
<u>Verbo (aux.) modal</u>	<u>poderá acontecer.</u> Então, eu vejo a religião desse jeito.	(obrigação moral interna)

<p align="center"><u>-Verbos de significação plena de atitude proposicional</u></p>	<p align="center"><u>Eu acho que</u> qualquer uma delas é boa, desde que <u>você acredite</u></p>	<p align="center">-Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</p> <p align="center">-Possibilidade epistêmica</p>
--	--	---

Fragmento 4

8 Norma: E o Sr. se considera judeu?

9 Dr. Israel: Eu sou judeu, evidentemente. Eu nasci judeu, tenho que morrer judeu. Eu não vou abdicar da minha religião, não tem nem porquê. O judeu é isso. É gente que aceitou as tábuas da lei, que é a Torá, respeita

essa Torá, e veio com as preces dessa Torá na língua até hoje, veio andando através dos séculos até hoje. Agora onde estão os gregos, onde estão os romanos? Eles não tinham uma essência, a religião pro judeu é a essência da sobrevivência do judeu. Você pode não ser religioso. Mas você é judeu?

<p align="center"><u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u></p>	<p align="center"><u>DEPOIMENTO 03</u></p>	<p align="center"><u>TIPO DE MODALIDADE</u></p>
<p><u>Advérbio modalizador</u></p> <p><u>Verbo (aux.) modal</u></p> <p align="center">Verbo de significação plena de atitude proposicional</p>	<p><u>Eu sou judeu, evidentemente. E nasci judeu, tenho que morrer judeu</u></p> <p><u>Eu não vou abdicar</u> da minha religião, não tem nem porquê. O judeu é isso.</p>	<p><u>Possibilidade epistêmica</u></p> <p><u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u></p> <p><u>Necessidade epistêmica</u></p>

<u>Verbo (aux.) modal</u>	a religião pro judeu é a essência da sobrevivência do judeu. <u>Você pode não ser religioso</u> . Mas você é judeu?	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u> e <u>Possibilidade epistêmica</u>
---------------------------	---	---

Fragmento 5

Você acredita que você é judeu? Então, você vai sobreviver. Olha, o que os judeus já sofreram de perseguição, de mortandade, de destruição, /?/ isso é quando existia o Estado, que era uma nação, como é hoje o Estado de Israel, eram nações, com reis, com instituições assentadas. Como é que o judeu resistiu até hoje? É uma doutrina. Quem não tem doutrina não chega a lugar nenhum.

12 Norma: E a Torá é essa doutrina?

13 Dr. Israel: Evidentemente a Torá é o roteiro da tua vida.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 03</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u> <u>Advérbio modalizador</u>	<u>Você acredita que você é judeu? Então, você vai sobreviver.</u> Norma: E a Torá é essa doutrina? Dr. Israel: <u>Evidentemente a Torá é o roteiro da tua vida.</u>	<u>Possibilidade epistêmica</u> <u>Possibilidade epistêmica</u>

Fragmento 6

Você vai lendo aquilo, você segue aquele negócio, que você acha que aquilo é sagrado, você bota o teu sagrado todo naquele negócio, e você segue. Eu sou um caso á parte, eu acho que tem coisas que não merecem, não deveriam nem estar, mas como é uma história, tem coisa boa e coisa ruim, tá tudo escrito ali...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 03</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	<u>-que você acha que aquilo é sagrado, você bota o teu sagrado todo naquele negócio, e você segue.</u>	<u>Possibilidade epistêmica</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	<u>– Eu sou um caso á parte,₁ eu acho que tem coisas que não merecem, não deveriam nem estar,</u>	<u>Possibilidade epistêmica</u>
<u>Verbo (aux.) modal</u>	<u>mas como é uma história, tem coisa boa e coisa ruim</u>	<u>Possibilidade epistêmica / Possibilidade deôntica</u>

5.5.2.4 Análise do depoimento 04

Entrevista com Dora

1 **Dora**: [...] que ajude também a progredir na nossa religião, o Judaísmo, principalmente para nós, sefaradis.

Eu não tive uma educação muito judaica, porque eu não estudei em escola judaica. Mas a origem dos meus pais...

Meu pai veio muito jovem da Turquia, de Istambul, que era a antiga Constantinopla, e, naturalmente, naquela época, os judeus turcos eram chamados para o serviço militar, e era uma coisa muito rigorosa, segundo meu pai falava. Então os pais deles mandavam para outros países, outros lugares distantes, os filhos que podiam desenvolver uma profissão fora da Turquia, fora de Constantinopla. Enfim, meu pai saiu muito cedo de Istambul, com 17, 18 anos. Ele largou a mãe, o pai e mais duas irmãs que ele tinha, e foi à vida. Pegou o navio, deve ter primeiro parado em algum porto da Europa e depois ele parou em Nova Iorque, que ele me contava que tinha uma tia e um primo lá. Que em Nova Iorque, quando o navio chegou, ele até deu “adeus” a um primo dele que se chamava Isaac, que eu cheguei a conhecer.

Em seguida, ele seguiu para a América, que era o “novo mundo”, pra quem quisesse iniciar uma nova vida de trabalho, e veio parar no Rio de Janeiro. Mas antes disso ele morou muitos anos em Santiago de Cuba. Meu pai deve ter vivido em Cuba por uns 10 anos pelo menos. Ele fez muito dinheiro lá. De lá mandava dinheiro para o pai e para as irmãs, para pagar o colégio delas, que estavam em Istambul. E de lá é que, depois, ele veio pro Brasil. Então, quando ele chegou ao Brasil, já devia ter uns 30, 32 anos, porque, quando ele casou com a minha mãe, ele já tinha quase uns 35. Minha mãe tinha 20. Então ele já era bem maduro. Aí, eles tiveram uma filha antes de mim, que faleceu com uns dois anos, de difteria.

Eu e minha irmã tivemos uma educação muito cerceada, aquela educação não religiosa, mas antiga, e que não dava para ter tanta abertura. E nós fomos educadas para o casamento, não para o trabalho, para o mundo.

E aí eu conheci meu ex-marido, sou casada pela segunda vez. Meu ex-marido, que é o pai dos meus filhos, conheci com 15 anos, com 16 fiquei noiva. E aí, acabou! Não precisava mais estudar, estava preparada pro casamento. E assim foi. Com 19, 20 anos, me casei, tive filho logo – o mais velho tem 42 anos – e 3 anos depois tive outro. Com 30, 32 anos, resolvi fazer faculdade, e aí, fiz Direito.

Tem também a estória da origem da família da minha mãe, Família Bentes. Da minha mãe, eram 6 irmãs e 1 irmão. Minha mãe era de Esmirna (Turquia), e meus avós, quando vieram para o Brasil, foram pra São Paulo. Meu avô veio na frente com meu tio, que era o único homem da família, e eles arranjaram emprego e moradia para minha avó e as 6 irmãs que ficaram. Sendo que a irmã mais velha já estava casada e veio morar em Porto Alegre. Minha mãe era a caçula das irmãs, tinha uns 4, 5 anos. Então ela já estudou aqui no Brasil, foi alfabetizada em São Paulo, então ela era a única que falava o português sem aquele sotaque nosso ladino. As outras irmãs, como tinham estudado na Turquia, algumas falavam até francês, e vinham com aquele sotaque espanhol bem carregado. Não conseguiam falar direito o português, mas todas elas se casaram e moraram em São Paulo. E minha mãe, que ficou a única solteira, conheceu meu pai numa das viagens dela ao Rio de Janeiro. E como ia nascer um sobrinho dela, minha mãe veio pra ajudar. E essa irmã conhecia meu pai. E eles se conheceram, se apaixonaram, e, em seguida, se casaram.

2 Norma: Gostaria que você narrasse SUA estória de vida pessoal.

3 **Dora:** [...] somente quando conheci a Turquia, que é país da minha origem, da origem dos meus pais, quando conheci minhas tias, minhas primas irmãs, que moram em Istambul, tudo isso foi uma emoção muito grande [...] não estudei em escola judaica, me casei, tive um filho, depois outro, uma educação reprimida [...] meu neto mais velho agora em novembro já vai fazer Bar Mitzvá [...] fui estudar...

4 **Norma:** E seu marido aceitou?

5 **Dora:** [...] meu marido aceitou, sempre me deu muita força.

[...] nos separamos “pelos motivos que os casais se separam”, mas quando me separei, meu filho mais velho tinha acabado de se casar... após 5 anos sozinha, fui morar com outra pessoa.

Minha mãe era muito religiosa, ela fazia a Pessach, ela fazia questão... Naquela semana inteira não comíamos pão, minha mãe fazia as Minas de Matzá, mamãe preparava os bolinhos para levarmos de merenda pro colégio; ela acordava muito cedo e fritava aqueles bolinhos, com ovos, mel, e embrulhava para levarmos de lanche, porque ela não permitia que comêssemos pão e farinha a semana inteira. Ela fazia o Yom Kipur, Rosh Hashaná, ela matava as galinhas, chamava uma pessoa, que matava um galo, uma galinha e duas frangas, que era para mim e minha irmã, fazia aquela cerimônia toda, cortava, limpava o sangue, tudo direitinho.

6 **Norma:** Seu pai sempre estava presente?

7 **Dora:** Sempre presente. Meu pai era um homem que acompanhava muito minha mãe. Minha mãe seguia religiosamente isso. Ela ia à sinagoga em Pessach, Rosh Hashaná, Yom Kipur, obrigava a gente a fazer jejum o dia

inteiro de Yom Kipur. Ela fazia. Meu pai, no final da vida, já era um homem muito doente, com doença de Parkinson há uns 8 anos, mas ele fazia o jejum, ele foi um homem que, na juventude, bebia muito, mas no dia do Yom Kipur, ele fazia isso sagrado. Não fumava, não bebia, não tomava nem um copo d'água. Ele ficava o dia todo em casa, ele respeitava! E aí de noite a gente ia pro jantar, quebrar o jejum, com suco de laranja, pão com azeite, pão-de-ló, burrequitas, depois que a gente chegava da sinagoga.

Meu pai faleceu em 1985. Já estava muito doente, mas minha mãe não estava. Ela tinha tido um câncer 10 anos atrás. E um ano e meio depois que meu pai faleceu, ela se foi. O câncer dela se manifestou com metástase nos ossos. E aí ela teve um fim muito triste, ficou quatro meses numa cama. Morreu com 65 anos naquela época.

[...] e aí que, uns 2 ou 3 anos depois que ela faleceu, eu me separei. E eu não me habituei a fazer as festas, a comemorar as festas como ela comemorava. Eu ia à sinagoga no Yom Kipur, Rosh Hashaná, mas eu não conseguia mais fazer jejum, eu já não tinha mais cabeça, já não tinha mais pra que, pra quem, quando você não tem mais objetivo.

Aí, quando vieram meus netos, eu quis fazer para mostrar aos meninos. Logo depois que meu neto nasceu, com 2 anos, meu filho se mudou pra São Paulo, com minha nora, e fizeram a vida deles lá.

8 Norma: Sua nora é judia?

9 Dora: Não, ela se converteu, porque quis se converter, casar em sinagoga, e eu fiquei muito feliz, porque partiu dela, ninguém pediu. Ela quis. E ela faz questão que meu neto faça o Bar Mitzvá, tudo é muito livre, na

educação deles lá. “Meu neto, você quer participar?” Ele quis. Ótimo. Está estudando, vai toda semana na CIP, em São Paulo. E vamos comemorar o Bar Mitzvá dele no final do ano, se Deus quiser.

10 **Norma:** E seu segundo filho, casou com judia?

11 **Dora:** Não, casou com católica (Goi) também, mas ela não se converteu. Mas ela não é religiosa. Tanto não é que minha neta estuda no Liessin, com 5 anos. Também estuda lá por que ela quis colocar lá.

Lá ela faz o Shabat. Está se preparando para o Rosh Hashaná. Toda sexta-feira vai de roupinha branca pra acender vela do Hanucá. Eu estou orgulhosa. Coisa que não fiz quando criança, então me sinto muito orgulhosa.

12 **Norma:** Seu primeiro casamento foi com judeu?

Foi! Eu casei na ARI (Associação Religiosa Israelita) com o Lemler, o grão-rabino Dr. Lemler.

13 **Norma:** E ele era judeu praticante, seu primeiro marido?

14 **Dora:** Não. Meus filhos fizeram Bar Mitzvá na ARI, todos os dois, mas ele não era muito praticante não. A família dele também não. Meus pais eram muito mais.

15 **Norma:** A netinha que estuda no Liessin mora no Rio de Janeiro, né?

16 **Dora:** Sim, em Copacabana.

17 **Norma:** Então agora você tem um estímulo pra fazer (as tradições).

Tenho, tenho! Vou ter que aprender tudo de novo, fazer uma reciclagem, mas faço isso com muito gosto, acho isso muito bonito. Ela me fala algumas letras em hebraico, algumas palavras, algumas cores, então é uma

novidade, até por que nós, sefaradis, a gente não fala hebraico, nem iídiche. É o ladino, o espanhol que nós entendemos, mas que os ashkenazis também não entendem.

18 **Norma:** E com seu segundo marido, você deu alguma continuidade?

19 **Dora:** Não. Ele também é judeu, ashkenazi, a família dele veio toda da Polônia, antes da guerra, família Band. Sou casada com Paulo Band, mas não é religioso também. Se tiver que ir, ele vai, respeita, mas desde que o conheço não vi muita religiosidade.

20 **Norma:** E ele segue as tradições?

21 **Dora:** Não, não.

22 **Norma:** Mas as festas de Pessach?

23 **Dora:** Olha, a gente vai, eu, minha irmã e uma grande amiga. Nós sempre passávamos as festas religiosas ora na casa dela, ora na casa da minha irmã. Então, atualmente, ela faz mais na casa dela, pois as filhas dela sabem muito, são casadas com judeus, e a gente faz a reza, fazemos nossa festividade.

[...] Os compromissos de cada um nos dias de hoje... Não dá pra dizer “Não pode! Tem que fazer!”, não dá pra obrigar os filhos, que tem seus trabalhos importantes pra fazer, a deixar de fazê-los em função de uma data festiva nossa. Infelizmente. Eu falo isso com lástima, porque, se fosse meu pai e minha mãe, me obrigariam a fazer. Mas...

24 **Norma:** E o que faz com que você se sinta judia? Sim, porque você se considera judia.

25 **Dora:** Claro! Isso corre no sangue. Vou te dizer: se eu ouço uma música na televisão, uma Hava Nagila (música judaica, cujo título significa “Alegremo-nos”), eu chego a me arrepiar. Se eu vejo uma cena numa sinagoga, uma coisa que me emocione, a adrenalina me sobe, me emociono toda. É o sangue da gente. Eu te contei a estória de quando eu entrei na sinagoga em Rodes.

Ano passado... Faz exatamente um ano que eu estive na Grécia e na Turquia, pela segunda vez. Fui visitar minha família em Istambul, minha tia, minhas primas e primos. E depois eu fui a Atenas, fiquei nas Ilhas Gregas, fiquei três dias em Mikonos, Rodes e Santorini.

Em Rodes tem uma comunidade judaica muito grande, que migrou na época da Inquisição. Não sei se eles foram direto pra Rodes ou se antes tentaram ir pra Turquia ou outra capital europeia. Mas em Rodes havia uma comunidade sefaradi, não ashkenazi, enorme. Tem muitas famílias sefaradis no Rio de Janeiro que são originárias de Rodes. Talvez os descendentes hoje estejam vivos, claro. E eu estive na cidade velha de Rodes, onde ainda existe um muro cercando (as cidades antigas todas eram cercadas por muros), e lá dentro tem uma sinagoga antiga, que funciona até hoje. Nessa sinagoga, ainda são realizadas algumas cerimônias e alguns casamentos. E essa sinagoga tem um casal sul-africano de judeus que toma conta. No dia que eu estive lá, eu entrei na sinagoga. Atrás dela tem um museu do antigo gueto que existia nessa cidade antiga de Rodes. [...] Na frente da sinagoga tem uma placa de bronze

em homenagem às famílias...[muita emoção] As famílias sefaradis que lá estiveram e habitaram. Com certeza, nossas famílias, avós, bisavós, não se sabe quem, estiveram lá! Porque o nome da família da parte do meu pai, que era Pilossof, está lá escrito em bronze. E o nome da família da minha mãe, que era Bentes, também está lá escrito! Eu tenho assinalado isso lá, e isso foi muita emoção! Eu estou falando isso... você está vendo que não sou religiosa [ainda bem emocionada].

26 **Norma:** Mas é uma emoção mesmo...

27 **Dora:** Mas quando falo disso, mostra minha religiosidade, meu sentimento, entendeu? Aqui dentro.

28 **Norma:** Eu entendo isso porque, é como se 500 anos depois... Não são só 500 anos. Saíram /?/ do tempo de Salomão, vão pra Península Ibérica, depois vêm pra cá, e dando continuidade...

29 **Dora:** Tem uma fuga muito grande, né? É um caminho a percorrer que parece interminável, né? Porque muitos deles ainda continuam em busca, né? Vai lá, vai cá, fazer a vida aqui, fazer a vida lá... mas nós estamos aqui!

Fragmento 1

Minha mãe era muito religiosa, ela fazia a Pessach, ela fazia questão...

Naquela semana inteira não comíamos pão, minha mãe fazia as Minas de Matzá, mamãe preparava os bolinhos para levarmos de merenda pro colégio; ela acordava muito cedo e fritava aqueles bolinhos, com ovos, mel, e embrulhava para levarmos de lanche, porque ela não permitia que comêssemos pão e farinha a semana inteira. Ela fazia o Yom Kipur, Rosh

Hashaná, ela matava as galinhas, chamava uma pessoa, que matava um galo, uma galinha e duas frangas, que era para mim e minha irmã, fazia aquela cerimônia toda, cortava, limpava o sangue, tudo direitinho.

6 **Norma:** Seu pai sempre estava presente?

7 **Dora:** Sempre presente. Meu pai era um homem que acompanhava muito minha mãe. Minha mãe seguia religiosamente isso. Ela ia à sinagoga em Pessach, Rosh Hashaná, Yom Kipur, obrigava a gente a fazer jejum o dia inteiro de Yom Kipur. Ela fazia. Meu pai, no final da vida, já era um homem muito doente, com doença de Parkinson há uns 8 anos, mas ele fazia o jejum.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 04</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo (aux.) modal</u>	ela <u>não permitia</u> que comêssemos pão e farinha a semana inteira. Ela fazia o Yom Kipur, Rosh Hashaná,.	<u>- Possibilidade deôntica</u>
<u>Verbo (aux.) Modal</u>	Minha mãe seguia religiosamente isso. Ela ia à sinagoga em Pessach, Rosh Hashaná, Yom Kipur, <u>obrigava a gente a fazer</u> jejum o dia inteiro de Yom Kipur. Ela fazia.	<u>-Necessidade deôntica</u>

Fragmento 2

[...] e aí que, uns 2 ou 3 anos depois que ela faleceu, eu me separei. E eu não me habituei a fazer as festas, a comemorar as festas como ela comemorava. Eu ia à sinagoga no Yom Kipur, Rosh Hashaná, mas eu não conseguia mais fazer jejum, eu já não tinha mais cabeça, já não tinha mais pra que, pra quem, quando você não tem mais objetivo.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 04</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo (aux.) modal</u>	Eu ia à sinagoga no Yom Kipur, Rosh Hashaná, mas <u>eu não conseguia mais fazer jejum</u> , eu já não tinha mais cabeça, já não tinha mais pra que, pra quem, quando você não tem mais objetivo.	<u>Capacidade deônticamente modalizada</u>

Fragmento 3

E o que faz com que você se sinta judia? Sim, porque você se considera judia?

25 Dora: Claro! Isso corre no sangue. Vou te dizer: se eu ouço uma música na televisão, uma Hava Nagila (música judaica, cujo título significa “Alegremonos”, eu chego a me arrepiar. Se eu vejo uma cena numa sinagoga, uma coisa que me emocione, a adrenalina me sobe, me emociono toda. É o sangue da

gente. Eu te contei a estória de quando eu entrei na sinagoga em Rodes. As famílias sefaradis que lá estiveram e habitaram. Com certeza, nossas famílias, avós, bisavós, não se sabe quem, estiveram lá! Porque o nome da família da parte do meu pai, que era Pilossof, está lá escrito em bronze. E o nome da família da minha mãe, que era Bentes, também está lá escrito! Eu tenho assinalado isso lá, e isso foi muita emoção! Eu estou falando isso... você está vendo que não sou religiosa [ainda bem emocionada]. Tem uma fuga muito grande, né? É um caminho a percorrer que parece interminável, né? Porque muitos deles ainda continuam em busca, né? Vai lá, vai cá, fazer a vida aqui, fazer a vida lá... mas nós estamos aqui! Mas quando falo disso, mostra minha religiosidade, meu sentimento, entendeu? Aqui dentro.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 04</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de percepção física</u>	Eu estou falando isso... <u>você está vendo que não sou religiosa</u> [ainda bem emocionada].	<u>Enunciado epistemicamente modalizado</u>

5.5.2.5 Análise do depoimento 05

Entrevista com D. Luna

1 **Norma:** Primeiro, antes de começar, gostaria de saber: seus pais vieram de onde?

2 D. Luna: Meus pais vieram de Rodes. Meu pai, quando veio, já não era tão criança. Eles tinham 20 e poucos... 20 por aí, ele veio com a mamãe solteira, minha avó materna e minha avó paterna, isto é, mãe dele e mãe da minha mãe. Eles casaram assim que chegaram aqui e continuaram. Meu pai foi um comerciante na rua Gomes Freire, uma casa enorme de fazendas, aí ele trouxe os irmãos.

3 Norma: Igualzinho ao Sr. Salomon Razan, que tinha fazendas importadas, francesas...

4 D. Luna: É, todo o mundo tinha loja na Gomes Freire, então o Sr. Behar também tinha, todo mundo tinha loja ali. E ele trazia fazendas de Paris, era lindo. Eu conhecia as costureiras todas, era tudo mais fino, não tinha também tanta roupa pra comprar em loja, as lojas eram limitadíssimas. E ele casou com a mamãe, ele mandou vir, ele pagou a passagem dos dois cunhados e dos três irmãos. E quando eles chegaram, como é feito em toda família grande, eles fizeram uma sociedade, enfim, ninguém tinha dinheiro pra colocar, mas eles foram trabalhar todos juntos, e fundaram a Casa Renascer. Então, o mesmo nome daquela casa de móveis. E quando eles fizeram uma loja de roupas de homem, chamada casa Parkton... A casa Parkton era na Av. Rio Branco, ponto espetacular, e vendiam roupas de homem, e depois, pararam de trabalhar, alguns faleceram, aí meu pai, já idoso, meu pai não podia... nem imaginaria parar de trabalhar, porque ele era muito...ativo, muito ativo. Ele foi presidente da comunidade Bené-Herzl, da parte do clube, da parte da sinagoga, ele tinha um trânsito muito bom na área, com o Dr. Lembler. Ele era um homem muito ligado nessas coisas, papai era muito ativo mesmo. E a comunidade nossa era uma maravilha. Era unida, era boa, era bonita, era empreendedora. Sabe, nos dias de

festa, você... eu não sou uma pessoa que vou na sinagoga, eu não sou uma pessoa religiosa, nem eu, nem José, mas a gente ia na sinagoga com outro alento, outro prazer. Agora a gente não reconhece nem mais o outro, as músicas, porque eu não falo hebraico, mas as músicas que se cantavam, é diferente. As pessoas, todo mundo que se criou naquele ambiente, festas lindas, todo mundo congoçando, todo mundo se encontrando, era muito bonito.

5 Norma: Muito bonito, eu tenho excelentes recordações.

6 D. Luna: Você tem, imagina eu também. Bom, depois meu pai foi fazer o curso de corretor, de vender... bolsa, ações. Ele era danado meu pai, velhinho ele foi fazer isso, e passou a fazer isso também, até que ele faleceu. Ele faleceu, /?/, aí mamãe faleceu. Ela era muito doente, e a gente ficava muito em hospital. Ela tinha... tudo que você imaginar ela tinha, coitada, tudo de uma vez só. Era muito ruim. Ela faleceu, ele ficou muito triste. Ele gostava muito da mamãe. Ele dizia que perdeu os dois braços e as duas pernas depois que a mamãe faleceu. Aos poucos ele foi se... ele não se levantou nunca mais, você sabe, ele dizia: “Eu só estou vivo por causa de você, teu irmão e os teus filhos.” Mas ele realmente não tinha mais prazer de viver, ele era um homem cheio de vida.

7 Norma: Agora eu gostaria que a senhora contasse sua estória de vida, como se fosse uma novela, narrando... uns capítulos principais da sua vida.

8 D. Luna: Bem, eu, como todo pai judeu, ele me botou pra estudar inglês particular, francês particular, dança de “balezinho” e piano. E colégio. E aí, o judeu normalmente bota essas coisas na cabeça dos filhos, que tem /?/ que o invasor não tira. Enfim, aí eu fui estudar e tomei um gosto tremendo pelo

inglês. Francês eu falo, mas não tanto como o inglês. Espanhol eu falo... espanhol, eu falo muito bem, mas o inglês é meu idioma top, digamos assim. Aí eu fui estudando, estudando, estudando, e, quando eu tinha 17 anos, eu conheci o José. Ele era 10 anos mais velho que eu, 10, 11 anos mais velho. Eu não tava pensando nem em namorar, nem em casar. Eu tinha me formado em clássico, eu queria era curtir e fazer qualquer coisa. Enfim, a gente namorou pra lá, pra cá, dava certo, não dava, até que a gente casou, graças a Deus, por que ele foi um marido maravilhoso.

E durante a juventude, você sabe que o pessoal da comunidade fazia aquelas festas, todo mundo ia dançar, com papai e mamãe sentados em cadeiras tudo em volta...

9 Norma: É, família, né?

10 D. Luna: Era época quase que "jurássica", em termos de agora... bem, aí eu conheci José. Eu casei muito jovem. Quando a gente casou, tivemos filhos - Clarisse e Sérgio. Sérgio é advogado, tá continuando com o escritório do pai, é até muito melhor na parte dele, graças a Deus, e Clarisse, que não quis estudar direito, foi estudar publicidade, é publicitária, enfim, mas os meus dois netos maiores são advogados e estão trabalhando também no escritório, Camila e Alexandre. Alexandre se forma neste fim de ano, Camila já se formou. Enfim, e durante a nossa vida a gente teve as crianças, Clarisse nasceu praticamente no mesmo ano em que a gente casou, Sérgio 3 anos mais tarde, quando as crianças eram menores, a gente botou papai e mamãe em casa pra tomar conta deles e fizemos nossa primeira viagem à Europa. Foi uma maravilha. Foi em... 64 foi o ano da revolução, então foi 1960. E fomos adoramos, viajamos. Na segunda viagem, já levamos as crianças. E, na terceira e na quarta, eles já gostavam de ir

/?/, a gente vai perder um pouquinho de aula e eu dizia: “Não tem problema, depois eles repõem.” Realmente, graças a Deus, depois eles repuseram. Teve uma vez, em 64, a gente foi pra Israel...

Depois de 64 até ele ficar doente, eu acho que eu fui... até 1995... ele começou a ficar doente em 1995, mas depois ele ficou realmente... a gente ainda conseguiu fazer uma ou duas viagens. A gente ia todo ano, a gente ia viajar, ou EUA, ou Europa, a gente gostava muito, e ele era nosso grande divertimento, e era fácil viajar. Você comprava uma passagem, você ia, pagava em prestações, mas acontece que você não tinha essa bagunça federal, que está agora aqui. Tinha, mas você não tinha... você viajava com facilidade, você comprava a passagem, você embarcava e tudo bem. Agora aqui tem que esperar que não tá, que o avião tá atrasado, e não sai mais. Eu não entendo como ficou essa bagunça. Nós viajavamos muito bem, muito direito, ninguém atrasava, o mundo era outro, o Brasil certamente era outro, o Rio de Janeiro então nem se fala.

11 **Norma:** Agora eu gostaria que a Sra. pudesse fazer o seguinte pra mim... agora a Sra. vai contar a estória assim, me dando um título: A minha vida como judia. Essa mesma estória de vida, desde a Sra. pequenininha, em casa com o Sr. Mateus Menashé, a mesma estória, como judia.

12 **D. Luna:** Olha aqui... meu pai era um homem... não era religioso, era muito, muito Kasher...não, desculpe, ele não era nem Kasher, ele não era. Ele era religioso, mas nem era Kasher...

13 **Norma:** O meu também não.

14 **D. Luna:** E posso dizer mais: nenhum dos sefaradis que vieram de Esmirna, de Rodes, de Istambul - agora já foram embora -, nenhum deles fazia (xxx), como hoje você vê as pessoas askenazis fazendo pra valer. Meu pai, engraçado, meu pai foi presidente do CIB, da sinagoga, na parte religiosa, e ele transitava por todos... pela Hebraica, pelo Lemler, por tudo ele transitava, mas ele não era Kasher, engraçado isso. Isso foi uma coisa que até o José me explicou. Eu cresci nesse lado judeu, sem dúvida nenhuma, mas sem aquelas...obrigatoriedades que, talvez...enfim, nós crescemos num lar judaico, sem sombra de dúvidas, meu irmão fez Bar Mitzvá, eu não fiz o Bat Mitzvá, porque naquela época não se botava as meninas pra fazer. Eu acho que a nossa congregação era até um pouquinho *light* demais, demais, olha bem a minha palavra, aí a gente...como judia, mas sempre judia eu ia à sinagoga nas festas, evidentemente. A gente ia em qualquer festa que tinha, a gente ia com papai e mamãe, e tudo, eu ia no Rosh Hashaná, ia em Pessah, eu ia em todos os lugares porque papai e mamãe estavam lá. Eu era... Nós sempre tivemos um lar judeu, porque papai era muito ativo na comunidade, papai foi amicíssimo do Dr. Lemler, da ARI. Então ele ia pra lá, ele sempre telefonava, convidava, com a /?/, presidente da /?/. Papai tinha muito, muito entrosamento. Quando eu casei, não havia ainda aquele entrosamento com o pessoal askenazi propriamente dito, então meu casamento foi todo de sefaradis porque não tinha, não tinha... não era uma coluna já antiga.

Enfim, aí casei. Não, noivei com José, conheci José, ele mais velho, muito amigo dos meus primos, que eram mais velhos também. Não podia sair de noite... papai não... então ficava escutando música, escutando "hit parade", escutando aquelas coisas americanas que eu gostava, escutando música

clássica e lendo, lendo, lendo. Naquela época a gente não saía. Eu só podia sair jovem com meus primos, e foi por isso que eu conheci o José. Enfim, a gente noivou, a gente casou... o pai do José não era nada religioso, e José não era um homem religioso tampouco, mas o José foi, e isso não é só dito por mim não. José era um dos judeus mais conscientes e mais fervorosos, e mais...tudo isso são livros dele, tá tudo encadernado, mas é tudo coisa dele, não é livro que você bota por aí não, e lá no escritório também...aqui na minha casa tem livro em todo quarto. Quarto da minha filha, quarto do meu filho, no meu quarto, só falta botar no banheiro. Mas só livro, porque eu também gostava muito de ler... eu lia os romances, todos /?/, e tudo isso são judaicas dele, e o José também não era um homem religioso. No princípio ele mal frequentava os judeus, ele tinha dois amigos, ele estudava Direito, ele tinha dois amigos que eram de nomes de /?/, nome de gente assim de sociedade, eles eram amicíssimos.

Enfim. Aí você não vai ser, porque você é judeu. Aí o José se deu conta... e aí foi procurar... “O que é isso? Eu estou sendo posto de lado por amigos meus de 5, 6 anos de faculdade.” E de colégio, estudaram no /?/ com ele. “E estou sendo posto de lado por uma turma porque eu sou judeu? Em que eu sou diferente deles?” Aí ele começou... seu Isidoro não era religioso, nada, nada. Mas seu Isidoro era um homem tão santo, tão bom... olha, que pessoa boa! O José adorava ele.

15 Norma: Como era o nome do pai dele?

16 D. Luna: Isidoro Eskenazi Pernidji, veio de Istambul e tinha uma avó também que era mãe da mãe dele, e morava todo mundo junto, na República

do Peru, que, naquela época, as famílias moravam todas juntas, que ele adorava aquela senhora, que faleceu quase com 90 anos.

Aí o José começou a ler porque que ele era diferente, e ele se tornou um judeu por opção, por leitura, por cultura, e um judeu muito de alma, sabe, muito verdadeiro, não era desses de ir pra sinagoga, lá no princípio, porque mamãe estava lá. Eu ia também, mas ele não era assim religioso de fazer Kasher, mas ele era muito mais nobre, culto e verdadeiro do que muitas pessoas que vivem batendo no peito, sabe? Ele era mesmo, ele se tornou um judeu tão... /?/, tinha gente, tinha um grupo de padres que vinha pra cá pra conversar, ele entrava nesse grupo esclarecido. Ele falava com um linguajar nada pomposo, nada de mil adjetivos e quinhentos advérbios, ele conversava como a gente tá conversando, mas tudo que ele dizia você podia tomar nota porque era... E a gente conheceu muita gente lá fora. Eu ia junto, eu já falava inglês, então sempre era uma vantagem; ele falava inglês, ele falava francês. Quando ele tinha que fazer algum discurso, eu ficava corrigindo o discurso dele no quarto, mas foi uma vida muito rica, muito boa. A gente conheceu gente de alto gabarito, nas esferas judaicas, especialmente nos EUA, porque o pessoal era de uma... eu acho que tudo deteriorou no mundo. Agora eu não sei, porque eu estou totalmente por fora, e, nos últimos anos, ele também já não estava mais, mas eu não creio que tinha a qualidade que tinha naquela época. Não sei, talvez o ser humano em geral era melhor naquela época. A gente tá muito cercado de maldade, de guerras, de coisas ruins, o mundo todo mal, eu acho que tudo isso respinga na gente, não sei, eu posso estar falando uma bobagem.

Eu fico tão aborrecida. O Brasil foi um país tão acolhedor pro meu pai e pra todos os imigrantes que vieram naquela época. Eles fizeram suas famílias,

eles formaram os filhos, a gente vivia bem, ninguém era milionário, mas a gente tinha comida, tinha lugar onde morar direito, ou particular, ou aluguel, tinha uma vida muito, muito boa. Meu pai se fez aqui, papai perdeu quase todo dinheiro que ele tinha amalhado porque mamãe era muito doente, não tinha plano de saúde, e entra em hospital, sai de hospital, era uma coisa! Mas ele tinha loucura pela minha mãe e ele fazia tudo, ele não economizava nada com ela, mas, sem plano de saúde, você imagina que o dinheiro estava indo embora, se esvaía. Imagina se fossem os preços de agora, mas era outra época, outra cabeça, eu não sei, o CIB era uma grande família, a gente conhecia todo mundo, e os filhos, e os netos, todo mundo se conhecia. O CIB era um ambiente saudável, divertido, alegre, faziam festas homéricas que os jovens tinham prazer em ir.

17 Norma: E a Sra. estava contando então que ele foi mergulhar no judaísmo.

18 D. Luna: Mergulhou, e mergulhou de peito e com vontade. Aí ele ficou, ele se enfrontou no judaísmo e ficou lá, ele não se bazofiava, José nunca falava em voz alta, nem nunca dizendo “eu sou”, “eu sei”. Ele tinha isso mesmo, mas, aos poucos, as pessoas foram descobrindo que ele tinha uma cabeça excepcional. E tinha mesmo. Tinha, além de cultura, discernimento. As pessoas vinham aqui pra pedir conselho de vida própria, particular, ele não era conselheiro, mas, ele tinha uma cabeça... meu pai também fazia muito disso, mas o José tinha uma cultura judaica que muito judeu Kasher, religioso, acho que não tem, talvez só os grandes rabinos.

19 Norma: E depois que ele passou a ler, ele passou a fazer os ritos em casa, ele mudou alguma coisa?

20 **D. Luna:** Ele se tornou um judeu por opção cultural e não por... eu não posso tirar a palavra emoção. Por emoção, por sentimento também, mas a gente não fazia Kasher. Dia de Yom Kipur, ninguém trabalhava. Até hoje meu filho não trabalha, fecha o escritório - tá cheio de *boys*, de sócios -, ele não trabalha. Eu faço jantares, a gente faz jantar de Pessah, mamãe fazia antigamente, depois eu passei a fazer quando ela ficou doente. A gente sempre reunia, sempre, a gente continua jantando em Yom Kipur, Rosh Hashaná, Pessach. Meu filho também não é... a gente não fez um lar religioso, talvez estivesse até errado, a gente nunca deixou de ser judeu, meus filhos são superjudeus, mas nós não somos religiosos, eu não sei se é bom, ou se é mau.

21 **Norma:** O que eu gostaria de saber é como se dá essa continuidade judaica... como é que seus filhos...você disse “meus filhos são judeus.”

22 **D. Luna:** Meus filhos são judeus. A minha filha agora está fazendo um curso de Cabala, isso é.../?! Ela quer fazer, deixa fazer, porque pra você ser cabalista, nem os grandes sábios judeus da antiguidade, levava séculos e séculos e não sabiam nada. Mas tudo bem, tudo é cultura. O Sérgio não é um judeu de sinagoga, tanto que, no segundo casamento, ele não está casado com uma judia, o primeiro sim. Meus dois netos são inteiramente judeus. Meu outro neto é judeu, fez circuncisão, tem o nome do pai, mas, se a mãe vai deixar fazer Bar Mitzvá, a gente não sabe. O José não era religioso mesmo, a gente fazia as festas, mas o José era muito mais ligado ao judaísmo pela cultura. Você já foi a Israel?

23 **Norma - Não.**

24 **D. Luna:** Ah!, você tem que fazer disso um programa de vida, e você tem que imaginar que ali era um campo árido. É o mesmo campo que, quando

você vê na fronteira com o pessoal árabe, você só discerne que é judaico quando você vê tudo brotando, árvores numa floresta, o mesmo solo, que não tem água, que não tem irrigação, e é um solo áspero, e você chega lá e você vê o que esse povo conseguiu fazer. A linha demarcatória é uma coisa tênue de fronteira. Você vê no chão, tem uma cerquinha, um arame farpado, e você vê as fronteiras. Você vê a diferença nos campos floridos, nos morangos todos protegidos, como é que eles conseguiram. A terra é a mesma, é o mesmo barro, é a mesma rocha, é a mesma areia, e eles fizeram...

Esses judeus não são fáceis, graças a Deus, são fantásticos, são fantásticos. O que eles conseguiram fazer! Um país com mil defeitos, mas três mil qualidades, ou mais, com povos de cada... agora gente que já nasceu lá, pegaram os etíopes e incluíram eles na sociedade. Quando nós fomos uma vez a um seminário, começaram a nos mostrar os etíopes, que uns já estavam como professor de matemática da universidade. Eles deram cultura pros caras. Os caras vieram, não sabiam nem comer, não sabiam nem o que era aparelho sanitário, nem nada, eles vieram...

25 Norma: Zero.

26 D. Luna: Zero. Os marroquinos também, quando foram pra Israel, os judeus marroquinos, levaram 25 anos pra haver uma assimilação, agora com o pessoal, os etíopes, está havendo mais rápido uma assimilação. Fantástico, fantástico! Porque eles descobriram o filão, que é a educação, eles foram pro colégio, eles foram fazer o curso, eles foram todos pra universidade, tinham que ir pro exército também aos 18 anos. São pessoas cultas e educadas, enquanto essa...

27 **Norma:** Eu entendo o que a Sra. está falando, porque eu encontrei, nós encontramos, vendo o que a Sra. falou há pouco, eles vieram pra cá porque era a terra da promessa, era a terra do futuro...

28 **Norma:** Prometida!

29 **D. Luna:** Os americanos também, quando foram para os EUA, eles eram até /?/, e era mesmo! Os imigrantes russos foi que começaram a fazer cinema nos EUA, e aí desandou nessa maravilhosa... todo mundo...os EUA sem cinema, o mundo todo pára. Mas foi começado por imigrantes russos, judeus.

30 **Norma:** judeus...

31 **D. Luna:** Judeus, todos eles. E eles vieram... meu pai se fez, meu pai depois não ganhou mais dinheiro porque ele gastou tudo na mamãe, tudo! Mamãe ficou quase que um ano no hospital, isso uma vez, porque as outras vezes ela ficava... mas acontece que, eles puderam me dar tudo que eles não tiveram. Era piano, era inglês, era francês, era não sei o que, tudo! A gente viajava no verão pra Buenos Aires, porque tínhamos parentes e amigos, é outra vida! A gente curtiu a vida, e todos conseguiram se fazer, ninguém ficou bilhardário. Alguns ficaram...o Sr. Hazan ficou milionário...

32 **Norma:** Ficaram, alguns ficaram...

33 **D. Luna:** Ele teve bancos e tudo...

34 **Norma:** É, é...

35 **D. Luna:** E o Behar, Behar tinha casa de câmbio. Papai nunca ficou milionário, nunca, mas sempre nos deu boa vida. A gente passava verões em Buenos Aires, verão em Petrópolis, a gente... não faltava nada, nada! Nada mesmo. Ele era um pai extremosíssimo, tudo que ele podia fazer por nós, ele fazia, adorava mamãe, idolatrava mamãe, tudo que ela queria, ele fazia, enfim. Foi um... mas agora não é assim não...

36 **Norma:** Não!

37 **D. Luna:** Agora você não pode fazer uma vida normal, boa, porque era uma vida boa. Eu não precisei trabalhar de mocinha. Eu queria, mas ele não deixava...

38 **Norma:** Não, eu também não...

39 **D. Luna:** Eu acabei o curso, agora eu vou fazer estereografia em inglês, porque naquela época era estereografia...

40 **Norma:** É...

41 **D. Luna:** Porque precisava... eu queria ser secretária de executivos, eu achava que era um espetáculo... ele dizia: "Ah!, vai estudando." Mas ele não queria me deixar não.

42 **Norma:** O meu também não me deixou não...

43 **D. Luna:** Mas ele me botava pra estudar. "Vai estudar estereografia? Estereografia! Fazia mais inglês? Fazia mais inglês!" E ele me botava pra estudar mais... e depois eu reparei que ele não ia me deixar trabalhar. Aí eu

casei. Aí eu fui trabalhar, já casada com José. Mas a gente teve uma vida muito boa...

44 **Norma:** Não! Nada! Meu pai faleceu em 75. Encontramos um bilhete dele, e dentre as 3 coisas que ele tinha de mais felicidade, ter se naturalizado brasileiro!

45 **D. Luna:** Presta atenção! Eu não consegui com meu irmão pegar cidadania italiana, porque, que meu pai, quando veio, Rodes era italiana. Papai falava turco, grego, italiano, francês, espanhol e ladino. O espanhol dele era ladino. E quando ele chegou aqui, ele se ensinou, sozinho, ele não foi pra curso nenhum inglês. Ele tinha um dom pra línguas, acho que eu puxei isso dele também.

46 **Norma:** É, eu também...

47 **D. Luna:** Mas... isso aqui era a terra da bonança. Ele trouxe os cunhados e vieram pra aqui e se fizeram muito bem. Eles ficaram no mesmo posto que papai, mas só que... as mulheres não eram tão doentes, e papai... não tinha condição naquela época... mamãe era muito doente, e papai queria sempre o melhor médico, senão não servia pra mulher dele. Ele gastou o dinheiro todo, coitado. Fez tudo que foi possível com a minha mãe, no sentido de cuidados. Mas... do que estávamos falando?

48 **Norma:** Justamente da terra prometida...

49 **D. Luna:** Mas o Brasil era! O Brasil era!

50 **Norma:** Por que você não conseguiu a...? (Referindo-se à cidadania italiana)

51 **D. Luna:** Assim que ele botou o pé aqui, ele se naturalizou, assim que ele botou o pé aqui. Acho que isso é que está dificultando um pouco. Eu gostaria de ter. Eu não vou viajar mais porque não tenho mais saúde, nem mais idade pra viajar, não posso andar muito, e se você faz uma viagem e não anda pra cima e pra baixo, pra mim não me serve. E... mas eu queria que eles tivessem pelo menos uma opção. Não é que a Itália é um grande país, porque a Europa também não está muito bem das pernas, vamos falar a verdade...

52 **Norma:** Agora voltando assim, a senhora tocou num ponto do espanhol, do ladino, né...?

53 **D. Luna:** José adorava ladino, José tinha muitas revistas da Bélgica e de Caracas, que era sefaradis, de espanhol, ele adorava receber essas revistas. Ainda não terminaram as...

54 **Norma:** As assinaturas...

55 **D. Luna:** As assinaturas, então quando elas chegam, eu leio porque eu acho muito bonitinho.

56 **Norma:** E o “seu pai” falava em casa?

57 **D. Luna:** Ah, claro! Ladino. Eu aprendi espanhol e comecei a aprender francês em casa. Quando eles não queriam que a gente entendesse alguma coisa, eles falavam em francês. Eu era uma esponja. Aí depois eu fui tomar aula particular de francês também, pra aprender direito. Mas começavam a falar em francês, pra que as crianças não entendessem...

58 **Norma:** E eles falavam espanhol-ladino entre eles?

59 **D. Luna:** Espanhol-ladino. Papai falava português perfeitamente, ele era um cara dotado pra línguas, mas sempre ladino, e eu aprendi a falar espanhol muito bem, porque eu peguei o ladino e virou “portunhol”, portenho mesmo, porque a gente ia pra Buenos Aires muitas vezes, porque eu também tenho facilidade pra idioma, então eu aprendi a falar com o acento de Buenos Aires, não o da Espanha, que é lindo...

60 **Norma:** É, lindíssimo, eu fui estudar na Espanha.

61 **D. Luna:** Aí eu já falaria... teria que pensar muito, e não daria pra conversar...Mas o ladino a gente nunca perdeu, tem umas expressões muito engraçadas, em ladino, e aí, ele...

62 **Norma:** Como, por exemplo, a senhora se lembra?

63 **D. Luna:** Ah, tem uns ditados...

64 **Norma:** Eu me lembro assim de barminán.

65 **D. Luna:** Barminán é uma palavra turca! Porque ladino tem muito hebraico, muito turco e alguma coisa grega. As comidas, por exemplo, são tudo coisas gregas. Boyos, Yaprak, você vai na Grécia e pede Yaprak, eles vão te trazer folhinhas de uva recheadas. Você lembra de Yaprak?

66 **Norma:** Lembro...

67 **D. Luna:** Baklavá, aquele doce maravilhoso, Kataif...

68 **Norma:** E a Burreca, né...?

69 **D. Luna:** Burreca, sim! Sefaradis sem Burreca! Eles chamam de /?/, tanto os turcos... porque Rodes foi turca, grega, italiana, francesa ela não foi,

mas eles estudavam na Alliance Israelite Université, que aí já pegava a cultura francesa. Então, ali era uma pequena...

70 **Norma:** “ONU”, né...?

71 **D. Luna:** É.. uma “ONUzinha” mesmo. Papai aprendeu o inglês aqui. E português pra ele foi fácil porque ele já falava ladino, e já falava italiano. E o francês, porque nós temos os mesmo radicais e a mesma gramática, a gramática que não é lá é a inglesa, que é diferente.

72 **Norma:** E seu marido, falava ladino em casa, com os pais?

73 **D. Luna:** Não, ele falava português, mas de vez em quando eles tiravam um... não está me ocorrendo nada agora... lembra do personagem de djoha? O personagem de djoha existia em sefaradi /?/ o bobo, que ele falava as coisas, e tinham piadas de djoha, e até hoje me mandam pelo computador, é muito engraçado, então as piadas de djoha eram piadas de ladino, em espanhol, e o djoha era o nosso bobo, e aí a gente falava /?/ djoha (“você é um bobão”), mas no bom sentido, djoha tinha livrinhos de estória muito boas sobre ele, acho que em eskenazi, também em ídiche, tem um cara que eles consideram assim meio bobão, um cara que fala bobagem, que diz besteira, eu não sei o equivalente, não sei mesmo.

74 **Norma:** E seus filhos pegaram também? Alguma coisa foi passada de ladino pra eles?

75 **D. Luna:** Não. A gente não falava ladino em casa. O José nasceu aqui, estudou aqui e eu também, a gente só falava português. Meus filhos foram aprender inglês, eu ensinei inglês pra eles também, eu dava aulas particulares,

então todo nosso grupo de jovens que já tinham filhos, todos eles eram da idade dos meus filhos, e foram muitos, vieram estudar comigo, no particular. O Sérgio fala ladino sim, não tão bem quanto José e eu, porque o José ainda tinha contato com o pai dele e com meu pai, é diferente, a gente... eles vieram de uma casa em que a gente falava português. Inglês eles aprenderam, depois eles foram estudar Direito, Camila também, as duas coisas, Direito de profissão, e direito de “falar direito”, e Sérgio fala um francês perfeito, minha filha fala melhor o inglês do que o francês, mas entende, e ladino entendem tudo. E quando tem alguma coisa no computador que mando pra eles, é engraçado, o barminán que você falou é engraçado, mas o barminán, eu acho que é turco, que o ladino tem hibrit (hebraico), turco, francês /?/, é ótimo, /?/, isso é espanhol também. Não se esqueça que nós viemos todos da Península Ibérica, a mãe, de solteira se chamava Ferrera, quando ela casou...a vovó se chamava Ferrera. Depois a vovó casou, ela virou Israel. Depois de Israel ela virou Menashé. Mas ela se chamava Ferrera, quer mais português que isso, ou espanhol...?

76 **Norma:** Espanhol, não tem como...

77 **D. Luna:** José tem livros com esse estudo, da Península Ibérica, e nós viemos de lá mesmo. Tem livros aqui de nomes... tem muitas amigas que dizem: “Procura o meu nome, procura o meu nome...”, e ele dava mesmo o nome deles. Tinha até umas fisioterapeutas que vinham até fazer fisioterapia neles aqui, uma delas me contou... agora, ela tem uns 30 anos agora, ela me contou a seguinte estória: o pai era de Portugal, tinha que ser de Portugal, de Trás dos Montes, daqueles lugares assim, da Beira, aquelas coisas... mas era “batata” isso, viu? Ela disse que o pai dela, eles perderam um menino, um

irmão menor, teve um acidente e perderam o irmão menor. Então que a mãe dele, a mãe da criança quis arranjar uma roupa pra enterrar o bebê, e a sogra disse: “Não, você vai enterrar na mortalha.” Ela disse: “Puxa!” (a mãe não era de Portugal), e foi enterrado na mortalha. “Por que ela não me deixou enterrar com a roupa nova bonitinha que ele tinha?” Porque ela devia ser descendente de judeu, e nós judeus enterramos até hoje na mortalha. Não é com roupa, com traje de festa, e não sei o quê. Então quando ela me contou isso, eu falei /?/, descendente. Aí a gente viu o nome aqui, ali, de pessoas dela, eles são católicos... mas eles vieram de Portugal. E a gente...

78 **Norma:** Eles devem ter vindo da Península Ibérica e fugiram por causa da Inquisição...

79 **D. Luna:** Sem dúvida!

80 **Norma:** E foram obrigados a virar cristãos, cristãos novos.

81 **D. Luna:** Eles foram obrigados a virar cristãos novos. A babá dos meus filhos, Glória Alves da Cruz, “cruz” é um nome típico de /?/, você sabe os nomes típicos...

82 **Norma:** Pereira...

83 **D. Luna:** Lopes, dessa moça também é judaico. Dessa moça que eu te contei, o nome dela de solteira é Lopes, aí a Glória dizia, ela era católica, fervorosa, ia na missa, se benzia, pra lá e pra cá, e ela dizia que, na terra dela, em Portugal, os pais, em dia de festas religiosas, ou o que fosse... não, não era festa nenhuma, toda sexta-feira, a mãe dela acendia velas e fechava as cortinas. Se você tivesse dito à Glória que ela era..., e ela morava em Trás dos

Montes também, se você tivesse dito isso pra Glória, ela se matava, porque ela era tão católica, e ela era descendente de judeu. Quem é que fecha as cortinas pra acender uma vela? Os judeus.

84 **Norma:** O Shabat...

85 **D. Luna:** O Shabat, mas os judeus, porque não queriam que o povo de fora visse.

86 **Norma:** É! Exatamente!

87 **D. Luna:** Eles praticavam o judaísmo...

88 **Norma:** Escondido!

89 **D. Luna:** Claro! O judaísmo era... até... nós fomos a Belmonte uns 10 anos atrás. Não sei se você escutou dizer que em Belmonte descobriram uma comunidade de portugueses judeus, então os franceses sefaradis religiosos fizeram... nós fomos perseguidos pelo... eles estavam abolindo o /?/ de expulsão, estavam abolindo fazendo os 500 anos de expulsão, os /?/ de expulsão, dos judeus, o presidente, a gente foi ao palácio dele em Belém, Jorge Bensauld Sampaio. Ele levou a mãe dele. José fez um discurso no teatro Santa Maria, o teatro Santa Maria ficava no centro de Lisboa, e lá embaixo... enfim lá tinha sido exatamente o lugar das execuções, as forcas, os garrotes...

90 **Norma:** ... da Inquisição...

91 **D. Luna:** Mas então a gente foi fazer esse negócio em Belmonte. E tinham os franceses sefaradis que foram com o rabino de Paris, rabino da França, também Sitruk, que era o grão-rabino sefaradi, mas eles eram todos

marroquinos. O rito era ligeiramente diferente do nosso, eles não falavam ladino, aliás, eles nem se misturaram, as mulheres estavam, assim, “grã-finérrimas” cheias da gaita e com casacos de vison, e levaram comidas kasher pra comer, nos dias de vir da França de ônibus. Não sei como eles cozinhavam isso. Comida kasher naqueles fogareiros, eles não comiam nos lugares que a gente comia não, nos restaurantes, eles comiam, e muitas senhoras, de nível altíssimo financeiro, isso não quer dizer nada. Aí nós fomos pra Belmonte, então eles reabriram a sinagoga, Pedro Álvares Cabral nasceu em Belmonte, eu não sei se ele era judeu...

92 **Norma:** ..era, desconfio, todo mundo desconfia...

93 **D. Luna:** E lá tem a estátua dele. José foi fazer...

94 **Norma:** A dúvida sobre isso, o questionamento sobre isso...

95 **D. Luna:** Pois é, em Belmonte tem a estátua dele. Se ele era, mas tem o escrivão Pero Vaz de Caminha também...

96 **Norma:** Também, também...

97 **D. Luna:** Não é mais dúvida, é certo.

98 **Norma:** É certo.

99 **D. Luna:** Então, acontece o seguinte. Mas você, pra se aprofundar nessas coisas, você tem que pegar Anita Novinski, você pode procurar o número dela, conversar com ela. Ela é professora, catedrática da USP, e ela sabe pra “chuchu”. Ela escreveu...

100 **Norma:** Ela mora em SP?

101 **D. Luna:** É, em SP, mas ela é o lugar. Porque eu estou te dando fatos ao léu e fatos pessoais. Ela vai te dar coisas muito...

102 **Norma:** Históricas né...?

103 **D. Luna:** Certas, com datas e com tudo. Eu não estou me lembrando das datas. Mas enfim, aí nós fomos, fomos à sinagoga, assistimos, eles deram duas Torás de presente, era tudo lindo... e depois eu e José, nós escapulimos e fomos falar com um velhinho que dizia: “O dia está lindo como Adonai.” Assim eles falavam. Porque eram judeus que depois tinham se mantido na /?/, e aí a gente foi à casa deles e da senhora. José adorou isso. Pra ele foi o contato melhor, melhor que na sinagoga. Eles contaram... Eu não sei ler, disse o velhinho, já devia ter seus 80 e poucos, mas meu filho sabe, eles diziam: “Nós somos judeus, fomos judeus, mas a gente não podia falar fora, era tudo escondido.” A Mezuzá escondida ficava pra dentro, eles cerravam as cortinas, mas eles faziam o “Shabatinho” deles. Agora pegando... o cume da nossa ida à Belmonte, foi a visita à casa desse casal, pra ele foi maravilhoso, porque ele escreveu no livro sobre isso. Depois a gente pegou um garotinho: “Como é que você se chama?” Eu não sei, eu não me lembro do nome. Ele disse: “Ora, pois! Eu sou judeu!” Garotinho, de 10, 12 anos. Uma beleza. José ficou tão satisfeito, que você nem imagina...

104 **Norma:** Mas por que ele dizia que era judeu?

105 **D. Luna:** Porque ele descendia de judeus. Agora já é mais aberto. Quando a gente foi, eles inauguraram uma sinagoga, em Belmonte, que é um povoadinho. Agora já não tinha esse problema. E o Porto também tem judeus, porque a gente também foi ao Porto...foi muito bom...

106 **Norma:** Eram os marranos?

107 **D. Luna:** Todos eles eram marranos, descendentes de judeus marranos (a palavra marrano representava os judeus portugueses que foram convertidos à força para a religião cristã no final do séc. XV em Portugal), espanhóis ou portugueses. Eles ficaram na Espanha e em Portugal, não houve reino mais rico do que o califado e na Espanha, que estava ao lado dos árabes e dos judeus. A cultura era igual. Eles eram grandes sábios, grandes astrônomos, eles viam pela lua. Os árabes também, sabe...

108 **Norma:** Fala-se muito sobre a mãe judia...

109 **D. Luna:** Ah! a mãe judia é um “horror”... o filho dela sempre é o melhor...tem milhares de piadas...elas são fantásticas! E a mãe judia, isso é mais no pessoal ashkenazi, ela faz aqueles jantares... Que nós não comemos, isso é o pessoal ashkenazi que come, é o /?/... que não é comida judaica, isso é comida dos poloneses e dos russos... A nossa comida (no caso, sefaradi) é baseada na Turquia, na Grécia e na Itália porque a gente veio desses lugares... mas até hoje as comidas de Rosh Hashaná, Yom Kipur e Pessach, é /?/, que dá um trabalho danado...

Fragmento 1

8 **D. Luna:** Bem, eu, como todo pai judeu, ele me botou pra estudar inglês particular, francês particular, dança de “balezinho” e piano. E colégio. E aí, o judeu normalmente bota essas coisas na cabeça dos filhos, que tem /?/ que o invasor não tira. Enfim, aí eu fui estudar e tomei um gosto tremendo pelo inglês . Francês eu falo, mas não tanto como o inglês. Espanhol eu falo... espanhol, eu

falo muito bem, mas o inglês é meu idioma top, digamos assim. Aí eu fui estudando, estudando, estudando,

Mas ele me botava pra estudar. “Vai estudar estereografia? Estereografia! Fazia mais inglês? Fazia mais inglês!” E ele me botava pra estudar mais... e depois eu reparei que ele não ia me deixar trabalhar.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 05</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo modal</u>	como todo pai judeu, ele <u>me botou pra estudar inglês particular, francês particular, dança de “balezinho” e piano. E colégio. E aí, o judeu normalmente bota essas coisas na cabeça dos filhos, que tem /?! que o invasor não tira. Enfim, aí eu fui estudar</u>	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>
<u>Verbo modal</u>	<u>Mas ele me botava pra estudar. “Vai estudar estereografia? Estereografia! Fazia mais inglês? Fazia mais inglês!”</u>	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>
<u>Verbo modal</u> <u>Enunciado deonticamente modalizado</u>	<u>E ele me botava pra estudar mais... e depois eu reparei que ele não ia me deixar trabalhar.</u>	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u> <u>Modalidade de raiz/dinâmica (TALMY, 1988)¹⁰⁵</u>

¹⁰⁵ Talmy (1988, apud NEVES, 2006, p. 192-193) sugere para a modalidade de forças e barreiras um significado epistêmico, por outro lado, Sweetzer (1990, apud NEVES, 2006, p. 192-193) prefere entender a modalidade como referente a forças e barreiras intencionais. É proposto, afinal, que a análise de capacitação ou habilitação se faça em ligação com os conceitos de forças e barreiras sociofísicas generalizadas.

Fragmento 2

• 12 **D. Luna:** Olha aqui... meu pai era um homem... não era religioso, era muito, muito Kasher...não, desculpe, ele não era nem Kasher, ele não era. Ele era religioso, mas nem era Kasher... 14 ...mas ele não era Kasher, engraçado isso. Isso foi uma coisa que até o José me explicou. Eu cresci nesse lado judeu, sem dúvida nenhuma, mas sem aquelas...obrigatoriedades que, talvez...enfim, nós crescemos num lar judaico, sem sombra de dúvidas, meu irmão fez Bar Mitzvá, eu não fiz o Bat Mitzvá, porque naquela época não se botava as meninas pra fazer.. .15. A gente ia em qualquer festa que tinha, a gente ia com papai e mamãe, e tudo, eu ia no Rosh Hashaná, ia em Pessah, eu ia em todos os lugares porque papai e mamãe estavam lá. Eu era... Nós sempre tivemos um lar judeu, porque papai era muito ativo na comunidade, papai foi amicíssimo do Dr. Lemler, da ARI. Então..o pai do José não era nada religioso, e José não era um homem religioso tampouco. O José também não era um homem religioso. No princípio ele mal frequentava os judeus, ele tinha dois amigos, ele estudava Direito, ele tinha dois amigos que eram de nomes de /?/, nome de gente assim de sociedade, eles eram amicíssimos.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 05</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Enunciado deonticamente modalizado</u>	. Eu cresci nesse lado judeu, sem dúvida nenhuma, mas sem aquelas...obrigatoriedades que, talvez...enfim, nós crescemos num lar judaico, sem sombra de dúvidas, meu irmão fez Bar Mitzvá, eu não fiz o Bat Mitzvá, porque naquela época não se botava as meninas pra fazer.. .15. A gente ia em qualquer festa que tinha, a gente ia com papai e mamãe, e tudo, eu ia no Rosh Hashaná, ia em Pessah, eu ia em todos os lugares porque papai e mamãe estavam lá.	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>

5.5.2.6 Análise do depoimento 06

Entrevista com Judith

1 **Norma:** De onde vieram o seu pai e a sua mãe?

2 **Judith:** Papai nasceu em Paris. E depois os pais dele vieram pra cá...

Depois, meus avós mandaram ele estudar fora. Aí que ele pegou a guerra, ele foi parar em Esmirna, ele teve catando lixo nas latas de lixo, não tinha comida pra comer, eles falavam /?/...

3 **Norma:** E foi lá que ele encontrou papai, eles vieram amigos de lá... Não sabia que titio tinha nascido na França. [surpresa]

4 **Judith:** O pessoal morava na Bélgica, estava passando pela França, e ele nasceu em Paris. E minha mãe... minha avó nasceu na Grécia, em Creta, onde depois saiu de lá. Meu avô /?/...

Foi aí que eles tiveram a mamãe e o resto dos filhos. Mamãe era muito linda... e começaram a perseguir ela em Esmirna, estupros... aí ela teve que vir pro Brasil. Enquanto isso a família do meu pai, colocava um retrato da mamãe, através do tio Samuel, eles botavam ela e a prima deles, o retrato delas no açucareiro de manhã, e aí o papai todo dia olhava: “Eu não quero casar! Mamãe, me deixa, por favor!” “Mas olha como ela é linda, olha como ela é linda...” No final ele concordou e mandou trazer ela, aí ela veio, foi eleita Miss Campana, de um navio chamado Campana. Eles pararam lá no meio do caminho, e um homem perguntou: “Como é que a senhora é turca? Não pode ser! Com essa cara, com esse corpo, turca!” E aí começou a chamar todo mundo: “Vem ver uma turca, vem ver uma turca!” Linda mamãe, linda!

Aí papai, quando ela viu papai, achou ele muito magrinho, mas tudo bem. Pela minha mãe e meu pai, eles querem que eu case. E papai foi um acontecimento na vida dela, ele era muito legal.

5 Norma: E eles se davam muito bem...

6 Judith: A rainha dele, botava ela no colo, ainda com quantos anos... antes dele morrer ainda botava ela no colo, “minha rainha!, minha rainha!” Ele /?/, mas a mamãe, ele tratava como uma rainha. “Não aborreçam sua mãe!”

7 Norma: E vice-versa, né...?

8 Judith: Ele era muito mais paquerador que ela, mais carinhoso. Mamãe tinha um jeito mais distante de ser. Ela nunca falava conosco sobre nada, então nós aprendemos tudo errado, deturpado. Nem sobre o judaísmo a gente sabia muito, a gente sabia que tinha o Yom Kipur, que tinha o Pessah, mas não sabia o que era, o que não era, a pergunta dos filhos em Pessach... nada, não sabia nada. Sabia que eu fazia o jejum desde os 9 anos, mas também não estava entendendo o porquê. E meus filhos continuaram minha tradição, até que eles... nós passamos esta fase, eu fui crescendo, me formei advogada, sem querer, foi sem querer...

Eu nem sei como aprendi inglês, pra mim, era normal. O francês, mamãe falava muito bem, aprendi em casa, e o espanhol, por causa do ladino. Então não era difícil pra mim...

Eu cantei uma época... e aí um homem de televisão me perguntou: “Júlia, porque você não vai ser cantora?” E eu disse: “Ah!, tem tempo...” “Mas o tempo passa.”, disse ele. Mas ainda bem que eu não fui cantora, porque na

minha religião, mulher não pode ficar encantando homens com a voz, e eu sou religiosa.

9 **Norma:** Você pode repetir? Eu não entendi...

10 **Judith:** A mulher não pode encantar um homem, nem com os cabelos, nem com a voz, não pode seduzir. Então, eu só podia cantar pra mulher...

11 **Norma:** Agora vamos mudar o título, agora você vai contar a estória de uma judia...

12 **Judith:** Não tem o que contar, porque eu, até meus filhos irem pra Israel, eu não sabia o que era judaísmo. Através da ida pra Israel, eu comecei a aprender (os dois filhos de Júlia são rabinos em Israel. O terceiro faleceu num acidente), ler...então, eu não sabia nada, sobre Yom Kipur, Rosh Hashaná, então agora a gente já conhece tudo. Então eu sou uma judia ortodoxa, faço Kasher, e tento seguir o melhor possível os mandamentos. A única coisa que o rabino me autorizou, ele disse: “Você pode, pelo amor de Deus! Você pode de vez em quando ver um filme na televisão. Então, a partir das 18 horas, você pode ver televisão.” Aí me liberou, mas antes eu fico estudando...

Eu na minha vivência como judia, se restringia às /?/ que a gente fazia através da música que eu cantava em festas pra arrecadar fundos. Não tinha assim vivência judia propriamente dita, com conhecimento total do que é o judaísmo, que é uma coisa maravilhosa, a coisa mais perfeita que já vi na minha vida.

13 **Norma** - Eu fico assim... porque você foi criada assim como eu, no ambiente, eles vieram, me parecia tão forte na casa do tio Luciano...

14 **Judith:** Mas não era... papai era mais nacionalista, mas judeu, de religião, eles não eram. Eles não frequentavam a sinagoga, só em Yom Kipur e Rosh Hashaná. Mamãe ia, papai levava eles. Depois que houve essas coisas da guerra, depois que mamãe veio pra cá, ela ficou atemorizada, e ela detestava esse negócio das pessoas pedirem dinheiro, donativos. Quando eu botei meus filhos, então eu concordei que eles fossem pessoas ligadas ao judaísmo, que eles vinham de vez em quando pedir donativos. Mamãe ficava horrorizada: "Teus filhos não são pedintes!" Então, toda minha vida, toda minha vivência hoje em dia, é pra arranjar dinheiro pra eles, porque eu tenho várias coisas, mas não estou podendo vender. É obra de Deus. Talvez eu vá primeiro, e eles consigam depois...

15 **Norma:** Mas eu queria perguntar mais uma coisa. Como se dá essa continuidade? 'Bernardo' casou com judia?

16 **Judith:** Não.

17 **Norma:** A primeira?

18 **Judith:** A primeira.

19 **Norma:** Você casou com Aaron SSSS, a Carminha casou com judeu. Então, como foi essa continuidade, e seus filhos hoje estão encaminhados no judaísmo. Esse elo é muito interessante...

20 **Judith:** Só Deus sabe... 'Bernardo' casou com judia, mas depois casou com uma sueca.

21 **Norma:** Mas ela segue o estudo dele?

22 **Judith:** Não, não. Não adianta a gente ser judeu sem seguir os ensinamentos de Deus. Ele quer fazer o que, Shabat, que é a primeira coisa que tem que fazer, /?/, respeitar o sábado, não fazer nenhuma obra, não atender telefonema, não andar de elevador, não pegar um carro, comer kasher. Tudo isso, pra ele, que é casado com uma sueca, é difícil. Porque ele foi diplomata, ele ia a festas, de vez em quando ele comia alguma coisa. Então não deu. Carmem é casada com Roberto também. Nem ela seguia, nem ele seguia judaísmo. Ele nem sabia o que era isso, nem quis as rezas depois, só fizeram rezas lá na ARI, e que não é considerado por nós, ortodoxos, um lugar assim... eles tocam com música, eles fazem coisas que a gente não faz...

23 **Norma:** E os meninos... seguiram?

24 **Judith:** Meus netos?

25 **Norma:** Não, seus filhos.

26 **Judith:** Depois que Aaron teve o derrame, Gilberto achou que devia ir pra Israel descobrir a verdade, e salvar a família.

27 **Norma:** Que verdade?

28 **Judith:** A verdade, e ela te libertará. E ele queria essa liberdade. Ele estudava física, ele era engenheiro, mas ele queria saber por que ele tinha muitas dúvidas, passou por várias experiências em vários países, com muitas dúvidas sobre tudo. E Carlos Alberto foi atrás dele. Foi pra poder comprar uma arma, porque ele era policial, trabalhava com o Brizola.

29 **Norma:** Quem?

30 **Judith:** Carlos Alberto, meu filho. Depois dele ter feito odontologia, depois de ter feito medicina três anos, ele não sabia mais o que ia fazer. Então ele foi pra polícia. E ficava perseguindo bandido. E era do serviço especial. E aí, quando ele foi pra Israel, ele disse: “Mamãe, vou passar nos EUA e comprar um revólver, porque nós não estamos muito bem guarnecidos.” Eu virei e disse: “Olhe pro céu e /?/.” Então é assim que eu faço...

Fragmento 1

12 **Judith:** Não tem o que contar, porque eu, até meus filhos irem pra Israel, eu não sabia o que era judaísmo. Através da ida pra Israel, eu comecei a aprender (os dois filhos de Júlia são rabinos em Israel). O terceiro faleceu num acidente), ...então, eu não sabia nada, sobre Yom Kipur, Rosh Hashaná, então agora a gente já conhece tudo. Então eu sou uma judia ortodoxa, faço Kasher, e tento seguir o melhor possível os mandamentos. A única coisa que o rabino me autorizou, ele disse: “Você pode, pelo amor de Deus! Você pode de vez em quando ver um filme na televisão. Então, a partir das 18 horas, você pode ver televisão.” Aí me liberou, mas antes eu fico estudando...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 06</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	então, <u>eu não sabia</u> nada, sobre Yom Kipur, Rosh Hashaná,	<u>Possibilidade epistêmica</u>
<u>Verbo de significação plena de atitude proposicional</u>	então agora <u>a gente</u> já <u>conhece tudo.</u>	<u>Possibilidade epistêmica</u>

<u>Verbo modal</u>	Então eu sou uma judia ortodoxa, faço Kasher, e tento <u>seguir o melhor possível os mandamentos.</u>	<u>Capacidade/habilidade deonticamente modalizada</u>
--------------------	---	---

Fragmento 2

Eu na minha vivência como judia, se restringia às /?/ que a gente fazia através da música que eu cantava em festas pra arrecadar fundos. Não tinha assim vivência judia propriamente dita, com conhecimento total do que é o judaísmo, que é uma coisa maravilhosa, a coisa mais perfeita que já vi na minha vida.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 06</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Enunciado epistemicamente modalizado através do adjetivo dito avaliativo (maravilhoso(a))</u>	. <u>Não tinha assim vivência judia propriamente dita, com conhecimento total do que é o judaísmo, que é uma coisa maravilhosa, a coisa mais perfeita que já vi na minha vida.</u>	<u>Percepção epistêmica realizada através da possibilidade epistêmica</u>

Fragmento 3

20 **Judith:** Só Deus sabe... 'Bernardo' casou com judia, mas depois casou com uma sueca.

21 **Norma:** Mas ela segue o estudo dele?

22 **Judith:** Não, não. Não adianta a gente ser judeu sem seguir os ensinamentos de Deus. Ele quer fazer o que, Shabat, que é a primeira coisa que tem que fazer, /?/, respeitar o sábado, não fazer nenhuma obra, não atender telefonema, não andar de elevador, não pegar um carro, comer kasher. Tudo isso, pra ele, que é casado com uma sueca, é difícil.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 06</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Enunciado epistemicamente modalizado</u> <u>Verbo (aux.) modal</u> <u>Verbo (aux.) modal</u>	<p>Não, não. <u>Não adianta a gente ser judeu sem seguir os ensinamentos de Deus.</u></p> <p><u>Ele querer fazer o que, Shabat, que é a primeira coisa que tem que fazer, /?/, respeitar o sábado, não fazer nenhuma obra, não atender telefonema, não andar de elevador, não pegar um carro, comer kasher.</u></p>	<u>Possibilidade epistêmica</u> <u>Volição deonticamente modalizada</u> <u>Necessidade deôntica</u> (obrigação moral interna)

Fragmento 4

Carmem é casada com Roberto também. Nem ela seguia, nem ele seguia judaísmo. Ele nem sabia o que era isso, nem quis as rezas depois, só fizeram rezas lá na ARI, e que não é considerado por nós, ortodoxos, um lugar assim... eles tocam com música, eles fazem coisas que a gente não faz...

23 **Norma:** E os meninos... seguiram?

24 **Judith:** Meus netos?

25 **Norma:** Não, seus filhos.

26 **Judith:** Depois que Aaron teve o derrame, Gilberto achou que devia ir pra Israel descobrir a verdade, e salvar a família.

27 **Norma:** Que verdade?

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 06</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo de significação de atitude proposicional</u> <u>Verbo (aux.) modal</u>	<u>Gilberto achou que</u> <u>devia ir pra Israel descobrir a verdade, e salvar a família.</u>	<u>Possibilidade epistêmica</u> <u>Necessidade epistêmica e necessidade deôntica</u>

Fragmento 5

Judith: A verdade, e ela te libertará. E ele queria essa liberdade. Ele estudava física, ele era engenheiro, mas ele queria saber por que ele tinha muitas dúvidas, passou por várias experiências em vários países, com muitas dúvidas sobre tudo. E Carlos Alberto foi atrás dele. Foi pra poder comprar uma arma, porque ele era policial, trabalhava com o Brizola.

29 **Norma:** Quem?

30 **Judith:** Carlos Alberto, meu filho. Depois dele ter feito odontologia, depois de ter feito medicina três anos, ele não sabia mais o que ia fazer. Então ele foi pra polícia. E ficava perseguindo bandido. E era do serviço especial. E aí, quando ele foi pra Israel, ele disse: “Mamãe, vou passar nos EUA e comprar um revólver, porque nós não estamos muito bem guarnecidos.” Eu virei e disse: “Olhe pro céu e /?/.” Então é assim que eu faço...

E chegando lá, E chegando lá, ele viu o Gilberto. Viu mais ou menos as coisas com ele, ficou uma semana lá, duas semanas, aí telefonou pra mim: “Mamãe, isso aqui é verdade, e eu não posso deixar, virar as costas pra verdade.” Então ele abriu mão de tudo, daquele negócio que ele fazia, asa delta, piscina, porque piscina só usam lá em Israel separado homem e mulher. É muito rigor. E os filhos estão acompanhando os netos. São obras de arte, os meus netos...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 06</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Verbo (aux.) modal</u>	“Mamãe, isso aqui é verdade, e eu não posso deixar, virar as costas pra verdade.”	<u>Necessidade deôntica (obrigação moral interna)</u>

5.5.2.7 Análise do depoimento 07

Depoimento do Prof. Jaime.

1 **Prof. Jaime:** ...estórias mesmo, a gente não sabe muito. A SSSS até que contou umas estórias lá da Turquia. Eles eram vizinhos em Istambul.

...Naquele tempo cada comunidade praticamente se isolava. Era muito pouco os contatos entre comunidades. Isso ela contava, não sei.

2 **Norma:** Dá pra entender completamente, porque, até aqui, eles era muito fechados. Eu vivi 18 anos dentro de uma comunidade, o CIB, do Rio de Janeiro.

3 Prof. Jaime: Eu não. Eu vivia numa vila, porque nós fomos muito pobres. Quando eu nasci, meu pai já estava num processo de empobrecimento muito grande. Tanto é que a gente ficou dependente da sociedade beneficente. Até o CIB nos ajudou, o Bené-Herzl nos ajudou naquela época e tudo, como a própria comunidade de Niterói. E minha mãe foi ser cobradora, e meu pai foi ser /?/ aqui na sinagoga. Aí eu convivi algum tempo nessa sinagoga, porque meu pai morreu pouco tempo depois. Meu pai morreu quando eu tinha 11 anos, em 1950. Ele tinha 63 anos.

Aí minha mãe que foi o esteio de casa esse tempo todo, e ela era cobradora das sociedades israelistas... então, eu tive muito contato com a comunidade aqui de Niterói. Se bem que aqui tem muito pouco sefaradi, aqui é predominantemente ashkenazi. O pessoal era os russos, os palestinos e também tinham os poloneses, que eram mais ou menos excluídos do contato. Só mais tarde que tudo acabou se unificando. E sefaradi eram pouquíssimas famílias aqui em Niterói.

4 Norma: E por que os poloneses eram excluídos?

5 Prof. Jaime: Porque polonês e russo sempre foram... eles /?/ é diferente. Ambos falam ídiche, mas a pronúncia é diferente.

6 Norma: Não sabia...

7 Prof. Jaime: Por exemplo os russos, lituanos, etc. falam (mut = bom). Os poloneses (git), e assim muitas e muitas palavras. Até o ritual dentro da sinagoga é um pouquinho diferenciado. Quer dizer, o ritual é o mesmo, as pronúncias são diferenciadas...

Então, na minha família, você que se interessa muito por essa coisa de línguas, mamãe falava muitas expressões em ladino. Meu pai, eu julgava que era analfabeto. Meu pai mal assinava o nome em português. Mas depois eu compreendi que meu pai não era analfabeto. Meu pai escrevia em rashi. Rashi eram umas letras próprias, mais ou menos cursivas, tipo árabe, mas escrevendo em ladino. Eu não leio uma palavra do que ele escrevia. E também escrevia em hebraico. Eu tive pouco contato com meu pai. Naquele tempo criança era criança. Durante muito tempo, meus avós mandavam calendários judaicos, lá da Turquia. Depois não mandavam mais, e ele então passou a fazer ele mesmo.

8 Norma: E ele era religioso ortodoxo?

9 Prof. Jaime: Não. Porque sefaradi sempre foi meio termo. Sefaradi sempre foi um pouquinho mais pacífico. O ashkenazi que é mais extremado. Tem sim, sefaradi extremado. Hoje em dia tem aparecido muito, e eu fico até um pouco preocupado com o futuro desses fundamentalistas. Os rabinos que a gente vê hoje em dia estão mais pra fundamentalistas. E tem também as congregações liberais. E elas são discriminadas.

10 Norma: É, elas são discriminadas. Eu mesma vi isso nas entrevistas...

11 Prof. Jaime: Eu, sinceramente, frequento uma sinagoga ortodoxa. Aqui em Niterói até que tem. Mas eu, meu pensamento é liberal. Mas é o que eu tenho, eu vivo em Niterói, me componho direitinho, mas meu pensamento não vai ser diferente porque vão me impor. Não, ninguém vai me impor coisa nenhuma,...minhas irmãs se casaram, tiveram 3 filhos cada uma...

12 Norma: E o senhor, quantos filhos teve?

13 **Prof. Jaime:** Eu não tive filho nenhum. Eu fui a “parte seca” da família, que não continuei com o nome.

14 **Norma:** “Parte seca” é bem típico né...

15 **Prof. Jaime:** É, fala-se...

16 **Norma:** É bem sefaradi. Essa expressão “parte seca” é bem sefaradi. Eu ouvi muito essa expressão quando pequena.

17 **Prof. Jaime:** Em casa mamãe falava muitas palavras em ladino, e a gente aprendia /?/, vários costumes e tudo. Mamãe era uma pessoa muito liberal.

...não perco minha identidade judaica, não nego que sou judeu, /?/. Eu tenho minha formação, na sinagoga tenho um certo papel...

Os sefaradis, chegaram antes dos ashkenazis aqui. Tanto é que um dia eu estava comentando com um amigo o seguinte: “Os sefaradi se preocuparam muito com a lojinha, os filhos seguindo o comércio dos pais. Os ashkenazis, que vieram numa outra condição, muito pior, eles queriam formar mentes, queriam formar o homem judeu, não o judeu aquele religioso, mas o homem de bem. Eles queriam que o filho fosse médico, doutor. E a segunda geração, a primeira geração nascida no Brasil, essa primeira geração de ashkenazi, o sonho de todos os prestamistas era ter um filho doutor. E aí se formaram muitos doutores. Eram médicos, advogados, engenheiros.” Essas outras profissões, foram depois. Eu fui ser professor, eram outras circunstâncias...

...eu sou judeu, primeiro porque nasci judeu. Fui criado dentro de um lar de tradição. E quando papai era vivo, tinha Shabat, quer dizer, um Shabat, ele fazia o /?/, e mamãe sempre acendeu lamparina, sempre. Fiz Bar Mitzvá depois que papai já tinha morrido e tudo, veio até a congregação do Bené-Herzl, especificamente pra minha Bar Mitzvá na sinagoga aqui de Niterói, poucas pessoas de Niterói, mais gente que veio do Rio pra isso...

Então, continuei convivendo, até que comecei a trabalhar regularmente e comecei a deixar de frequentar, mas sempre nos /?/ do meu pai, Rosh Hashaná e Yom Kipur, eu ia à sinagoga. Sempre ashkenazi aqui em Niterói.

18 Norma: Mas é judeu né...?

19 Prof. Jaime: Óbvio! E sempre com a /?/. Mas durante muito tempo, mesmo depois que eu voltei, mais de 20, 30 anos, quando voltei a frequentar de novo, muita gente ainda me conhecia como “o filho da cobradora”. Só começou a sair esse nome de “filho da cobradora” quando eu fui a Israel. Aí muita gente: “Ah! Mas você foi a Israel?” Eu dizia: “Sim, por que não?” Nós somos muito preconceituosos... me apresentaram uma série de moças judias /?/, mas eu não quis nenhum contato por que eu estava muito arrasado...

...ficar só é muito difícil, pra homem é muito difícil. Eu trabalhava muito, mas tinha uma empregada que vinha duas vezes por semana, etc. Mas você precisa de uma família...

Bom, e eu também nunca deixei de me identificar com os judeus. Sempre me interessei muito pelo /?/ em Israel... nunca deixei de me identificar. No primeiro dia que comecei o relacionamento com minha primeira esposa, que foi apresentada num jantar de despedida de duas colegas que trabalhavam

com a gente lá em Itaipu, o pessoal começou a brincar comigo, e aí me forçaram a convidá-la a ir ao cinema...

Mas nunca ...como judeu eu nasci e pretendo morrer. Não como judeu ortodoxo, judeu tradicional...

...esse mandamento do amor em nome Dele... quantas matanças foram, quantas perseguições nós sofremos? E falam em amor? A gente quer justiça...

...então você tem normas pra seguir. Se você quiser, você segue, se não quiser, você não segue. Mas é tudo a maneira conforme você faz. É o livre-arbítrio. Pra mim é fundamental o livre-arbítrio. O que eu mais gosto no judaísmo é o livre-arbítrio, base justiça e não ter seletismo...

Bom, você falou até /?/, que infelizmente as moças judias não querem saber de judeus... depois que fiquei viúvo, quando eu já comecei a predispor a começar, a pensar em refazer minha vida, então tinham professoras judias que trabalhavam no colégio dele. Aí ele dizia: "Ah!, vou te apresentar a fulana." Sabe os que elas diziam? "Não quero saber desses cueções" ... e alguns judeus ortodoxos, chegaram aos 40, 45, não se casaram, e nem vão se casar, porque querem uma mulher submissa. Tem uma ou outra até que aceita a submissão, mas a maior parte não aceita. Eu tenho um amigo ortodoxo, que também casado com uma que, eles dois juntos aceitaram serem ortodoxos, e vivem um inferno de casamento. São essas coisas... então eu penso um pouco diferente, mas me submeto...

20 Norma: Mas o senhor é mais esclarecido...

21 Prof. Jaime: E como! Me submeto à hierarquia. Eu não ofendo ninguém, mas também não quero ser ofendido. Então, eu sei as restrições que existem.

Mas se você começa a tirar das congregações todos aqueles que não seguiram a cartilha, você acaba. Eu tenho o meu jeito de pensar, e mais do que isso, externar meu pensamento...

Fragmento 1

Meu pai escrevia em rashi. Rashi eram umas letras próprias, mais ou menos cursivas, tipo árabe, mas escrevendo em ladino. Eu não leio uma palavra do que ele escrevia. E também escrevia em hebraico. Eu tive pouco contato com meu pai. Naquele tempo criança era criança. Durante muito tempo, meus avós mandavam calendários judaicos, lá da Turquia. Depois não mandavam mais, e ele então passou a fazer ele mesmo.

8. **Norma:** E ele era religioso ortodoxo?

9. **Prof. Jaime:** Não. Porque sefaradi sempre foi meio termo. Sefaradi sempre foi um pouquinho mais pacífico...

11 **Prof. Jaime:** Eu, sinceramente, frequento uma sinagoga ortodoxa. Aqui em Niterói até que tem. Mas eu, meu pensamento é liberal. Mas é o que eu tenho, eu vivo em Niterói, me componho direitinho, mas meu pensamento não vai ser diferente porque vão me impor. Não, ninguém vai me impor coisa nenhuma.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 07</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Enunciado deonticamente modalizado</u>	<u>porque vão me impor. Não, ninguém vai me impor coisa nenhuma</u>	<u>Necessidade deôntica</u>

Fragmento 2

- 17 Prof. Jaime: Em casa mamãe falava muitas palavras em ladino, e a gente aprendia /?/, vários costumes e tudo. Mamãe era uma pessoa muito liberal.

...não perco minha identidade judaica, não nego que sou judeu, /?/. Eu tenho minha formação, na sinagoga tenho um certo papel...

...Eu sou judeu, primeiro porque nasci judeu. Fui criado dentro de um lar de tradição. E quando papai era vivo, tinha Shabat, quer dizer, um Shabat, ele fazia o /?/, e mamãe sempre acendeu lamparina, sempre. Fiz Bar Mitzvá depois que papai já tinha morrido e tudo, veio até a congregação do Bené-Herzl, especificamente pra minha Bar Mitzvá na sinagoga aqui de Niterói, poucas pessoas de Niterói, mais gente que veio do Rio pra isso...

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 07</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<u>Enunciado deonticamente modalizado</u>	<u>...não perco minha identidade judaica, não nego que sou judeu, /?/. Eu tenho minha formação, na sinagoga tenho um certo papel... Eu sou judeu, primeiro porque nasci judeu. Fui criado dentro de um lar de tradição.</u>	<u>Modalidade de raiz/dinâmica (TALMY, 1988)¹⁰⁶</u>

Fragmento 3

- Bom, e eu também nunca deixei de me identificar com os judeus. Sempre me interessei muito pelo /?/ em Israel... nunca deixei de me identificar.

Mas nunca ... como judeu eu nasci e pretendo morrer. Não como judeu ortodoxo, judeu tradicional... É o livre-arbítrio. Pra mim é fundamental o livre-arbítrio. O que eu mais gosto no judaísmo é o livre-arbítrio, base justiça e não ter seletismo...

¹⁰⁶ Talmy (1988, apud NEVES, 2006, p. 192-193) sugere para a modalidade de forças e barreiras um significado epistêmico, por outro lado, Sweetzer (1990, apud NEVES, 2006, p. 192-193) prefere entender a modalidade como referente a forças e barreiras intencionais. É proposto, afinal, que a análise de capacitação ou habilitação se faça em ligação com os conceitos de forças e barreiras sociofísicas generalizadas.

<u>MODO DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE</u>	<u>DEPOIMENTO 07</u>	<u>TIPO DE MODALIDADE</u>
<p><u>Enunciado epistemicamente modalizado</u></p> <p><u>Enunciado deonticamente modalizado</u></p>	<p><u>Bom, e eu também nunca deixei de me identificar com os judeus. Sempre me interessei muito pelo /?/ em Israel... nunca deixei de me identificar.</u></p> <p><u>Como judeu eu nasci e pretendo morrer. Não como judeu ortodoxo, judeu tradicional...</u></p>	<p><u>Modalidade de raiz/dinâmica (TALMY, 1988)¹⁰⁷</u></p> <p><u>Intenção/volição deonticamente modalizada</u></p>

¹⁰⁷ Talmy (1988, apud NEVES, 2006, p. 192-193) sugere para a modalidade de forças e barreiras um significado epistêmico, por outro lado, Sweetzer (1990, apud NEVES, 2006, p. 192-193) prefere entender a modalidade como referente a forças e barreiras intencionais. É proposto, afinal, que a análise de capacitação ou habilitação se faça em ligação com os conceitos de forças e barreiras sociofísicas generalizadas.

5.5.3 Análise da Manifestação da Modalidade na Construção do “ser judeu” nos depoimentos dos membros de segunda geração da Comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl

Em seu depoimento, a informante, Claire, apresenta como pauta de discussão a transmissão recebida, a relação dos seus pais com a religião e as práticas religiosas originárias da Turquia, o papel importante deles na transmissão do judaísmo, sentimentos com relação a Israel, exemplos de conduta dados pelos pais e pela comunidade, vivências de relacionamento com outras etnias, sentimentos com relação à “bagagem transmitida há seis mil anos” e afetos com relação a “ser judeu”.

O momento atual, também, foi priorizado: o sentimento de pertencer a uma comunidade, de sua inserção na comunidade judaica nesta cidade tanto como voluntária no Lar dos Velhos em Ipanema como também diretora do Coral “Angeles e Malahines” que com seus cantos contribui para perpetuar o ladino, a língua de origem dos pais. Ela revela, também, atitudes, desejos e valores e expectativas com relação aos filhos.

Enfim, modalização, revisitada no capítulo 3, é o sustentáculo de esse estudo na medida em que ela permite explicitar as posições do sujeito falante em relação a seu ouvinte, a ele mesmo e ao seu propósito comunicativo. É a marca que o sujeito deixa no seu discurso.

Centro as minhas análises nos enunciados que me levam a identificar marcas modalizadoras do dizer, uma vez que a informante, com o intuito de argumentar, recorre a lexicalizações de modalidade, e, desse modo, deixa imprimir graus de engajamento com o seu próprio dizer. Portanto, para

sustentar seus argumentos, ela lança mão de um conjunto de conhecimento e crenças que podem explicitar ou não a fonte do seu saber (evidências).

Portanto, a informante permite que se opere através de o verbo modal *ter* que + infinitivo, em frases tais como “eu **tinha que estudar ...**/ a gente **tinha que conseguir ...** / nós **tínhamos que ser** um motivo de orgulho.../ um judeu...ele **tem que se mostrar** sempre como uma pessoa digna..., a modalidade deôntica que perpassa ao enunciado a informação da importância dada pelos judeus à educação dos seus filhos. A modalização escolhida pela informante evidencia que há uma obrigação interna ditada pela consciência, pelos valores morais impostos por uma consciência maior que imprime o que é “ser judeu”. Um judeu para ser judeu tem que seguir um sistema de convenções morais, legais ou sociais do que é “ser judeu”. Revela-se, aqui, através do seu enunciado, o eixo de conduta/comportamento que avalia o continuum que vai do absolutamente obrigatório ao permitido para os judeus serem reconhecidos como judeus.

E é nesse momento que percebo que a informante alterna essa obrigação/dever com enunciados ora em primeira pessoa do singular, ora em terceira pessoa do singular: um judeu / a gente e ora em primeira pessoa do plural.

Roulet, seguindo Bally (1942)¹⁰⁸ desvela que os modalizadores explícitos trazem um traço explícito do falante. Neves (2006) acrescenta que a modalização do enunciado com orações em primeira pessoa do singular e plural o falante demarca o seu lugar, maximizando a sua participação e

¹⁰⁸ apud NEVES, 2006, p.170.

inclusão no ato comunicativo. Quem diz “a gente” é entendido como autor e mentor ou pelo menos compartilhador da idéia de que “a gente tinha que conseguir...”. Se assim não for, e o falante quiser deixar isso registrado, eximindo-se da responsabilidade, ele deve anunciar a fonte externa da idéia/informação. Vejamos alguns exemplos:

*Eu tenho um irmão e vivemos sempre aqui no Rio de Janeiro, e eu tive uma vida dentro da total normalidade do que é uma família de imigrantes, não muitas posses, porque eles vieram de lá sem nada, mas o objetivo maior, a responsabilidade maior que me era jogada era em relação à cultura. **Eu tinha que estudar**, por que sem estudar não se consegue ser ninguém na vida.*

*Eu estava terminando o primário, meu pai morreu e eu me vi na condição simples, ou passa num concurso de admissão, ou **vai ter que parar** de estudar, pois não há condição de manter numa escola particular. E isso funcionava bem na época, porque a carga de responsabilidade era tão grande, este era o caminho e **isso a gente tinha que conseguir** impulsionado pela importância que me mostraram da cultura...*

*Eles eram tradicionais, a gente era, muitas vezes, chamados à atenção em casa: “Como você está fazendo isso? Um judeu não faz isso!” Não pra nos mostrar que nós éramos melhores do que todos, mas que não podíamos ser piores. Nós éramos filhos de imigrantes. Então **nós tínhamos que ser** um motivo de orgulho pro país que recebeu eles. Então eles vieram pra cá e fizeram a sua família, uma família digna do país que os recebeu.*

NEVES (1996, p.176) menciona que o uso da unipessoalização minimiza a participação do falante. O comprometimento do falante ficou atenuado, pois todo o seu saber e argumentação estão sustentados por sua experiência de vida. Entende-se, por princípio, que a falta de marca indicativa da fonte (a falta de marca evidencial) implica que essa fonte seja o próprio falante, filtro natural das proposições por ele expressas.

Desta forma, quando a informante descreve algo como possível/provável apresenta a qualificação como independente da sua avaliação. O adjetivo modal está incidindo sobre a predicação, portanto fica fora do eixo falante-ouvinte, constituindo, assim, um recurso que sugere distanciamento, ligado à crença da informante sobre a verdade da proposição. A língua oferece, assim, o adjetivo modalizador possível para graduar a relativização do possível dentro daquele continuum em que a única certeza é não haver certeza (modalidade epistêmica), como este exemplo explicita:

*E quanto aos caminhos do judaísmo hoje no Brasil, eu acho que nós temos liberdade pra sermos ortodoxos ou não, eu nunca tive problemas, me agrada o convívio e a mescla com outras culturas, aí entra um sentimento mesmo de que é **possível** cada um continuar dentro da sua cultura sem abrir mão dela, e conviver com outras culturas.*

A modalização epistêmica, que envolve uma atitude do falante, necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento, com a qual o falante pode não estar comprometido. E nos enunciados em primeira pessoa, a informante, Claire, ao registrar não-certeza, ao situar seu enunciado no eixo graduável do possível, posiciona-se no registro da atenuação para expressar sua opinião. Ela evita exprimir certezas, marcando o enunciado com

declarações de não certeza/ desconhecimento. Segundo Diz Kerbrat-Orecchioni (1977, apud NEVES, 1996, p.192), o falante ao confessar suas dúvidas e incertezas, ao invés de perder, ganha em credibilidade, o que considera uma “astúcia discursiva”, já que “o falante se beneficia de um crédito de honestidade”. Vejamos a seguir os empregos de verbos de opinião e de crença (atitude proposicional), como achar, acreditar, em primeira pessoa do singular:

*Não que eu **ache que** tenha que ser como eu quero, tem que ser como tem que ser, mas eu aceito ou não. Aliás, **eu acho que** Deus pensou em tudo, até quando nos deu o livre arbítrio. E eu faço uso dele. Me chamam às vezes de rebelde, mas eu só faço uso de um poder que ele me deu. E **eu acho que** é isso que...*

*Essa tenacidade **eu acho que** herdei dele e me orgulho muito disso. E quanto aos caminhos do judaísmo hoje no Brasil, **eu acho que** nós temos liberdade pra sermos ortodoxos ou não, eu nunca tive problemas, me agrada o convívio e a mescla com outras culturas, aí entra um sentimento mesmo de que é possível cada um continuar dentro da sua cultura sem abrir mão dela, e conviver com outras culturas. **Eu não acho que**, necessariamente, pra ser bom tenha que ser mesclado. **Eu acho que** pode ficar cada um na sua e haver uma harmonia, uma situação de tranquilidade*

*Os filhos estão criando seus filhos nos mesmos moldes. **Acredito que** vá dar certo como deu antes....Mas continuam essa tradição, a bagagem está sendo passada, e temos buscado formas de fazer deles pessoas integradas nessa vontade de prosseguir. O importante é isso. São quase 6.000 anos de*

*bagagem. A gente não pode deixar a mala no meio do caminho e seguir sozinho. Não seria justo para com todos estes que vieram carregando a mala. E é isso... **Eu acho que** as coisas, às vezes, tão simples, passam a ter uma importância tão grande.*

Klinge (1996, apud Neves, 2006, p.178) pondera que ao se atribuir aos próprios verbos modais responsabilidade pela expressão dos diferentes tipos e graus de modalidade, negligencia-se o papel representado pelo contexto. Assim sendo, a oposição entre epistêmico e não epistêmico não reside propriamente nos modais e, sim, na contextualização retratada. Portanto, o contexto é entendido como um conjunto de hipóteses de que um ouvinte dispõe e que dele se utiliza para interpretar uma elocução, codificando, desta forma, o conteúdo proposicional da sentença.

Os verbos **modais em português, poder e dever**, são os responsáveis por imprimir um leque de valores semântico-pragmáticos no contexto em que ocorrem. Assim, é possível perceber que não se pode contar com formas fixas de interpretação dos verbos poder e dever. Deve-se considerar que neles estão embutidas diversas possibilidades de interpretação e que os valores que eles assumem dependem dos enunciados nos quais estão sendo utilizados. Portanto, o caráter semântico-pragmático da modalidade que é interpretada no contexto discursivo passa a ser de extrema importância para essa análise.

Nos depoimentos dos informantes, Claire, Luciano, Dr. Israel e Judith, o verbo poder como modal (relato de conduta e conhecimento) corrobora para o fato de que a modalidade reflita o envolvimento do falante em relação ao que é dito. Muitas vezes, é dada ao ouvinte a oportunidade de decisão em situações

que podem gerar interpretações deônticas (habilidade/capacidade/permissão/obrigação) e epistêmicas, ou apenas epistêmicas. Os dados, a seguir, analisados no corpus ilustram o caráter “multissemântico” de o modal poder, permitindo-lhe que se ajuste a diversas situações comunicativas (possibilidade/habilidade). Coquet (1976, apud NEVES, 1996, p.179) indica que “a língua não é um espaço fechado e abstrato, mas, sim, um universo discursivo, um espaço polêmico no qual as significações se colocam em oposição e em interação”. Resulta, assim, em um caso de interpretação epistêmica do verbo poder, sugerindo que o falante conclua e ao mesmo tempo sugira, a partir de certas evidências, que o verbo poder permite que o interprete de maneira deôntica e, ao mesmo tempo, epistêmica. Isso porque, além de o verbo sugerir que o homem tem capacidade (deôntica) para mudar suas atitudes, ele também sugere que há possibilidade de isso acontecer (epistêmica) tais como:

*Eu não acho que, necessariamente, pra ser bom tenha que ser mesclado. Eu acho que **pode ficar** cada um na sua e haver uma harmonia, uma situação de tranquilidade...*

*Meu pai veio também pra tentar a vida na América, pelo que eu **pude perceber**. Depois, ele mandou vir a mãe, o irmão, quando se estabeleceu. Ele começou vendendo roupa na feira, pra **poder sobreviver**.*

Cabe ressaltar, aqui, o sentimento de pertencimento ao judaísmo dos informantes que se traduz em um orgulho da sua identidade judaica que gera o desejo por trabalhos na comunidade e principalmente por transmitir esta identidade para seus filhos e netos.

O significado do que é ser judeu traduz-se na possibilidade de poder ser judeu sem ser religioso, pelo sentimento, “sinto-me judia” como revela a informante Dora, pela relação com a família e suas raízes, com a história do povo judeu, pelo pertencimento a uma comunidade e principalmente pela possibilidade de ser judeu de acordo com o significado dado a este fato na vida de cada um. Afirmam que ao passarem para seus filhos e netos a essência daquilo que acreditam: o orgulho, o sentimento, a crença e a valorização de ser judeu, estão se sentindo responsáveis pela continuidade do judaísmo. Percebo que essa é a perspectiva modalizada retratada no nos enunciados dos informantes tais como:

*Eu absorvi muito essa cultura. Meus pais, os dois judeus, mas não ortodoxos não ultrareligiosos. Eles eram tradicionais, a gente era, muitas vezes, chamado à atenção em casa: “Como você está fazendo isso? **Um judeu não faz isso!**” Não pra nos mostrar que nós éramos melhores do que todos, mas que **não podíamos ser piores**.*

*Então nós tínhamos que ser um motivo de orgulho pro país que recebeu eles. Então eles vieram pra cá e fizeram a sua família, cá e fizeram a sua família, uma família digna do país que os recebeu. E eu sentia isso. Quando eles diziam “**Um judeu não faz isso!**”, na realidade, um judeu não pode fazer isso, ele tem que se mostrar sempre como uma pessoa extremamente digna, isso eu sentia.*

*Minha mãe era muito mais prática de viver do que de pensar religiosamente. Por exemplo, ela Por exemplo, ela dizia: “Você tem que ser direito, você **não pode fazer** coisas erradas... Você tem que ser direito, não é*

ficar na sinagoga lendo os livros, porque isso não adianta nada! Você tem que ter uma atitude correta, como todo mundo! Respeitar todo mundo!

*Os filhos estão criando seus filhos nos mesmos moldes. Acredito que vá dar certo como deu antes.... Mas continuam essa tradição, a bagagem está sendo passada, e temos buscado formas de fazer deles pessoas integradas nessa vontade de prosseguir. O importante é isso. São quase 6.000 anos de bagagem. A gente **não pode deixar** a mala no meio do caminho e seguir sozinho. Não seria justo para com todos estes que vieram carregando a mala. E é isso... Eu acho que as coisas, às vezes, tão simples, passam a ter uma importância tão grande.*

*Você faz o que você quiser! A oração não precisa ser do livro não. O livro é um roteiro. Então, não precisa muita coisa. Você **não pode destruir** nenhum segmento da sociedade que esteja baseado em princípios, em doutrinas. Pela força até é destruído, mas quando você tem uma... mas por que a religião segura todo mundo?*

*E chegando lá, E chegando lá, ele viu o Gilberto. Viu mais ou menos as coisas com ele, ficou uma semana lá, duas semanas, aí telefonou pra mim: "Mãe, isso aqui é verdade, e **eu não posso deixar**, virar as costas pra verdade." Então ele abriu mão de tudo, daquele negócio que ele fazia, asa delta, piscina, porque piscina só usam lá em Israel separado homem e mulher. É muito rigor. E os filhos estão acompanhando os netos. São obras de arte, os meus netos...*

A ocorrência desses enunciados evidencia a incidência dos modalizadores deônticos que incidem sobre a conduta moral e social para definir uma modalidade inerente “realis” que compõe uma asserção de fato:

- ***Um judeu não faz isso!*** Não pra nos mostrar que ***nós éramos melhores do que todos, mas que não podíamos ser piores.***
- Quando eles diziam ***“Um judeu não faz isso!”***, na realidade, ***um judeu não pode fazer isso, ele tem que se mostrar sempre como uma pessoa extremamente digna, isso eu sentia.***
- *Minha mãe era muito mais prática de viver do que de pensar religiosamente. Por exemplo, ela dizia: “Você tem que ser direito, você não pode fazer coisas erradas...”*
- *O importante é isso. São quase 6.000 anos de bagagem. A gente não pode deixar a mala no meio do caminho e seguir sozinho. Não seria justo para com todos estes que vieram carregando a mala.*

Essas asserções descortinam a interessante ligação entre modalidade e a noção de primeiro plano ou foreground e de segundo plano ou background. Quanto á modalidade, o “realis” se liga, em princípio, ao foreground e o “irrealis” ao background.

Givón (1984, apud NEVES, 2006, p.189) postula que;

Essas correlações são probabilísticas, não absolutas. Entretanto, o autor afirma que elas pertencem mais ao discurso narrativo, a um texto de narrativa pessoal onde se estabelece uma moldura modal que coloca os eventos em um mundo real, configurando-se um estatuto factual.

Ocorre que, como diz Stutterheim (1988, apud NEVES, 2006, p.199):

Na enunciação de um enunciado, um núcleo formado pelas especificações nos domínios de referência a pessoa ou objeto, e de

referência a predicados (ações, propriedades, etc.) é ancorado por meio das referências temporal e espacial, e à relação estabelecida entre os diferentes componentes significativos é dado um estatuto de validade, que é o valor modal.

Concluindo, destaco um trecho do depoimento do Dr. Israel onde percebo a mudança do escopo da polaridade negativa. Nos exemplos supracitados, os informantes usaram “eu **não posso deixar/você não pode destruir/ fazer/ ser**”. Entretanto, há uma proposição que ressalta uma diferença de escopo e, conseqüentemente, de significação no contexto.

Quando Dr. Israel afirma “você **pode não ser religioso**, mas você é judeu”, ele quer ressaltar a possibilidade e não a proibição. O verbo modal na polaridade simples exprime uma modalidade epistêmica de um judeu não ser religioso, entretanto, assim mesmo ele será um judeu como vemos a seguir:

*Eu sou judeu, evidentemente. Eu nasci judeu, tenho que morrer judeu. Eu não vou abdicar da minha religião, não tem nem porquê. O judeu é isso. É gente que aceitou as tábuas da lei, que é a Torá, respeita essa Torá, e veio com as preces dessa Torá na língua até hoje, veio andando através dos séculos até hoje. Agora onde estão os gregos, onde estão os romanos? Eles não tinham uma essência, a religião pro judeu é a essência da sobrevivência do judeu. **Você pode não ser religioso. Mas você é judeu?***

Há no corpus, também, a presença de advérbio modalizador epistêmico que expressa uma avaliação a respeito do valor de verdade do que é dito no enunciado. A função deste modalizador é asseverar, marcar a concordância do falante, ratificando o conteúdo proposicional. Percebe-se que o escopo de incidência do advérbio modalizador recaiu sobre o enunciado “eu sou judeu”,

confirmando que a intenção do Dr. Israel é reforçar o seu saber sobre esse assunto. O conteúdo do enunciado, “eu sou judeu, **evidentemente**. Eu nasci judeu, tenho que morrer judeu” é apresentado pelo falante como um fato. O advérbio modalizador tem por função asseverar o saber do Dr. Israel, saber esse, que é sustentado pelo argumento “**evidentemente**”. Segundo Neves (2000), o emprego de advérbios asseverativos não garante que o conteúdo do que se diz seja verdadeiro ou nãoverdadeiro, ou possível: “os que esses advérbios indicam é que o falante quer marcar seu enunciado como digno de crédito”.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha pesquisa teve o objetivo de investigar as crenças sobre o “ser judeu” da primeira e da segunda geração da comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl através de narrativas autobiográficas que permitissem que as crenças pudessem ser mais evidenciadas, partindo do princípio como o conceito de crenças e o sistema de crenças seriam construídos através do discurso e do contexto situacional dos informantes.

O interesse e entusiasmo em pesquisar imigrantes judeus sefaraditas oriundos da Turquia nunca decresceram, esmoreceram, apesar dos contratempos que um estudo prolongado deva acarretar. Muito pelo contrário, o meu retorno à sociedade israelita sefaradita fez-me tornar mais sensível às diferenças, aos conceitos de crenças imbuídos não só em nós como também no “outro” a fim de que me levasse a refletir sobre crenças, tipos, funções e em um possível encadeamento lógico.

A presente investigação tem como meta também reforçar o papel das narrativas autobiográficas para a construção do “self”, de suas relações com a história narrada, como os outros, judeus e não judeus. Acreditei desde o princípio que as narrativas contribuíssem para a fabricação das crenças no momento em que as histórias de vida fossem encenadas.

Os resultados encontrados quanto à origem das crenças mostrou que essas crenças são fundamentalmente influenciadas por alguns fatores: a) tradição judaica transmitida em família; solidariedade entre judeus; convivência em comunidade; religiosidade; ser fruto do ambiente; obediência às leis judaicas; herança do povo judeu de ser eleito por Deus; continuidade que

transpõe séculos; fé e força herdada do patriarca Abraão e seus filhos Isaac e Jacó. E nesse grupo insiro todos os entrevistados da primeira geração. Sem exceção, todos foram identificados no tradicional meio-termo. Todos os informantes acreditam que a tradição familiar é um elemento importante na continuidade do judaísmo, mas não há diferença entre eles, já que, através dos relatos, demonstraram que tudo fizeram para dar continuidade ao judaísmo.

As crenças demonstraram não serem isoladas uma das outras, mas formam um conjunto ou sistema de crenças que se relacionam entre si segundo o seu grau de importância. Há um encadeamento lógico na dimensão central-periférica. A investigação procurou determinar a localização exata das crenças dentro dos sistemas porque elas são de vários tipos e variam em termos de importância e influência; podem ser até mesmo contraditórias e conterem dilemas.

Também determinei a centralidade das crenças e sua localização mais periférica à rede. A complexidade dos sistemas de crenças varia de acordo com a experiência de cada informante. Tais sistemas podem ser mais ou menos complexos na sua organização estrutural e na relação com as outras crenças.

Outro fator a ser observado foi a mudança. O modelo conceptual de Posner et al. (1982, apud BARCELOS, 2006) explicita como os conceitos das crenças podem ser mudados. Os autores entendem que as crenças metafóricas e os conceitos são centrais para uma concepção e responsáveis por filtrarem novas informações antes de estas se tornarem conhecimento adquirido.

Para Postner et al.¹⁰⁹ é pela assimilação que novas informações são incorporadas dentro de crenças já existentes na ecologia, e a acomodação acontece quando a nova informação não pode ser assimilada, então as crenças existentes são substituídas ou reorganizadas. No entanto, as crenças serão substituídas se provadas insatisfatórias.

Foi possível verificar mudanças de crenças nessa investigação somente nas narrativas dos informantes da segunda geração.

Cada informante possui princípios, crenças e saberes próprios que são colocados em prática quando agem em sociedade e estes não são necessariamente iguais de um informante para o outro porque o que guia as ações é oriundo de experiências únicas e individuais daquele informante e de sua forma pessoal de ver e perceber o mundo.

A investigação também mostrou que há variações de abordar o que é ser judeu. Percebi que a ideia dentro das diferentes concepções vistas nessa investigação não segue mais com tanto rigor os seus princípios, mas sim, segue a abordagem / a filosofia própria de cada informante, dando uma nova roupagem ao conceito de judaísmo.

Conhecer as crenças dos informantes da comunidade permitiu conhecer dimensões variadas do seu pensamento, comportamento e conhecimento; permitiu ver como as crenças interferem em suas ações e decisões; permitiu conhecer as suas dúvidas, dilemas e conflitos ao ter que dar sentido às mudanças ocorridas, à realidade da época em que vivem; permitiu conhecer melhor o informante e que crenças trazem consigo, quais permanecem,

¹⁰⁹ 1982, apud BARCELOS, 2006.

modificam-se ou são rejeitadas; permitiu conhecer o que crenças e saberes passam a adquirir com as situações práticas vividas; permitiu identificar os sistemas de crenças dos informantes e comparar os sistemas de um informante com o outro, como as práticas individuais de cada um e, assim, esclarecer, à luz do conhecimento teórico, conceitos, conflitos e informações equivocadas que possam interferir em sua prática mais tarde.

Enfim, permitiu que os informantes descendentes refletissem sobre o processo de continuidade/assimilação, de uma forma geral, sobre o que fazem, sobre o que pensam, sobre o que acreditam e o que defendem em sua prática, uma vez que o descendente, conhecendo as suas crenças, conhece a si mesmo, e conhecer a si mesmo significa conhecer o seu “self”, os seus “patrícios”, todos herdeiros do legado de Abrão, Isaac e Jacó.

Concluirei, agora, introduzindo os informantes com encadeamentos lógicos de mudança:

O Informante LUCIANO

Os pais não eram religiosos de frequentarem a sinagoga (para demonstrar a questão do que é ser judeu – nem sempre ser fiel a tudo). E um dia ele aprendeu que não adianta ficar rezando e lendo a Torá. Atitudes são mais importantes do que ficar rezando e pedindo a Deus: “não tem que pedir a Deus coisa nenhuma. A consciência de cada um é muito mais importante do que passar a bola para Deus para resolver os problemas”.

O que é ser judeu para o Sr. Luciano? Tem orgulho de ser judeu, de pertencer a um povo tenaz e capaz de fazer o que determina. Ele pertence a esse povo, mas só não pede a Deus coisa nenhuma. Ele não precisa de Deus. Ele se norteia com a sua consciência. Ele não precisa de oração, tem a sua consciência. Vai pelo mesmo lugar que o religioso vai se morrer. Ele se diz judeu e não precisa de Deus? Dessa forma, ser judeu deve ser mais do que levar em conta a religião. Além disso, creio que há aqui, além da dissonância cognitiva, a discrepância entre crença e ações e a presença de assimilação de outra crença construída com influências extras da cultura vigente no país em que vive. É como se o Sr. Luciano tivesse mudado a noção primeira de ser judeu. É mais interessante. Eu, a investigadora, que convivi com ele e esposa, sei o quanto o Sr. Luciano se empenha nas atividades da preservação do coral ladino, participando não só do canto, dos ensaios, como também da encenação das festas da tradição religiosa judaica.

O informante Dr. ISRAEL

A tradição judaica formou o seu lar judeu. Ele concorda que a identidade judaica do indivíduo é criada dentro da vivência familiar. Os pais judeus tradicionais acreditavam em Deus, iam à sinagoga, obedeciam às tradições, mas não eram religiosos. A família dele seguiu a tradição: o pai fechava a loja e ia à sinagoga em dias de festas judaicas.

Ele continua a ponderar que a religião diz que “tem que ser assim, que tem que ser assado. Eu posso rezar em casa. Eu tenho minha fé religiosa. Você faz a oração que quiser. A oração não precisa ser do livro. O livro é um

roteiro”. E adiciona: “sou judeu porque nasci judeu, tenho que morrer judeu e não vou abdicar da minha religião, não tem porquê”.

No entanto, o Dr. Israel não anda 100% na linha, não faz tudo que a torá prescreve. Para ele, ser judeu é mais do que seguir **tudo** que a religião prega. O judeu é aquele que aceitou as tábuas da lei, que é a Torá, que respeita essa Torá e veio com as preces dessa Torá andando através dos séculos até hoje. Ele se apresenta para o mundo como judeu, ele se intitula judeu, “respeita a Torá”, mas, no discurso anterior, demonstra não seguir 100% da lei judaica. Parece haver uma diferença entre o que ele quer passar para o outro e o que ele realmente é/como realmente age. Wortham (2006) revela que há aqui a construção do “self”, consoante com a representação de papéis duplos (enactment) do narrador. Para Goffman (1974), aqui emerge a metáfora dramática: o ator, no caso o meu informante, cria impressões, talvez visando passar uma visão estereotipada do seu próprio “self”.

A informante D. JUDITH

Agora com 75 anos, Judith é uma judia ortodoxa, faz kasher, e tenta seguir os mandamentos o melhor possível. O rabino a autorizou que, a partir das 18:00 horas, ela pode ver televisão. Antes ela fica estudando o judaísmo. “O judaísmo é uma coisa maravilhosa, a coisa mais perfeita que já vi na minha vida”. Os pais não eram religiosos. Para Judith não adianta ser judeu sem seguir os ensinamentos de Deus. O filho Roberto foi a Israel descobrir a verdade e salvar a família. “A verdade, que ela te salvará”. E ele queria essa liberdade. O outro filho, Carlos Alberto, foi atrás do irmão em Israel, e de lá telefonou e disse: “Isso aqui é verdade, eu não posso deixar, virar as costas

para a verdade". E agora os netos de Judith estão dando continuidade. Que a verdade é ser judeu? Judith foi a minha única informante da segunda geração que está localizada no continuum [+ortodoxo].

O informante PROF. JAIME

Sefaraditas nunca foram judeus ortodoxos, sempre foram um meio-termo. Frequenta uma sinagoga ortodoxa em Niterói, mas o seu pensamento não vai ser diferente, e não vão impor coisa alguma a ele.

Por outro lado, o professor Jaime diz: “não perco minha identidade judaica, não nego que sou judeu. Eu tenho minha formação, na sinagoga, tenho certo papel. Sempre me identifiquei com os judeus, sempre me interessei muito por Israel e nunca deixei de me identificar. Como judeu nasci e pretendo morrer. Não como judeu ortodoxo, mas o judeu tradicional. O que eu mais gosto no judaísmo é o livre-arbítrio, como base a justiça, e não tem seletismo.

O Prof. Jaime se intitula um judeu tradicional, mas ele se enquadra como tradicional, mas, na verdade, está mais para liberal. As afirmações verbais do Prof. Jaime se contradizem. As suas crenças são contraditórias com as ações, o que me leva a concluir que ser judeu para essa segunda geração não é seguir um determinado padrão, pois há vários padrões de judeus: judeus ortodoxos + judeus meio-termo (no meio) + judeus mais liberais (a maioria atualmente).

Devo declarar que as duas linhas de investigação abraçadas por mim conduziram-me a refletir com Morin (2008, p. 66) o seguinte:

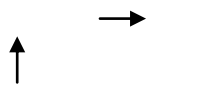
“A profunda dificuldade consiste em conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. Aqueles que vêem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana; aqueles que tendem a ver a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas.”

A diversidade das culturas, a diversidade dos indivíduos entre eles e a diversidade interior dos indivíduos não podem ser compreendidas nem a partir de um princípio simples de unidade nem a partir de uma plasticidade mole, modelada pelas culturas ao sabor das circunstâncias.

A unidade humana não pode reduzir-se a um termo, a um critério, a uma determinação (nem somente genética, cerebral, mental, cultural).

Devemos conceber uma unidade que garanta e favoreça a diversidade, uma diversidade inscrita na unidade. A unidade complexa: unidade na diversidade, diversidade na unidade, unidade produtora de diversidade, diversidade produtora de unidade; é a unidade de um complexo gerador, chamada pelo jovem Marx de homem genérico, que gera efetivamente diversidade ilimitada.

unidade ----. diversidade



A diáspora da humanidade, a partir dos tempos pré-históricos, não produziu cisão genética durante 100 mil anos ou mais. Pigmeus, negros, amarelos, índios, brancos remetem à mesma espécie, dispõem dos mesmos caracteres fundamentais; mas a diáspora permitiu a expressão da diversidade; a variedade de indivíduos, de espíritos, de culturas tornou-se fonte de

inovações e de criações em todos os campos. O tesouro da humanidade está na diversidade criadora, mas a fonte da sua criatividade está na sua unidade geradora.

E aí surgem os modalizadores, um fenômeno linguístico, muito rico de nossa língua portuguesa. A modalidade, portanto, interpretada nos moldes comunicativos considera a presença do falante/ escritor e ouvinte/leitor. O primeiro, através de recursos linguísticos pode deixar transparecer na proposição o seu grau de envolvimento com relação ao que é dito. Já no segundo, é atribuída a “tarefa” de interpretar o grau de modalidade que a proposição carrega.

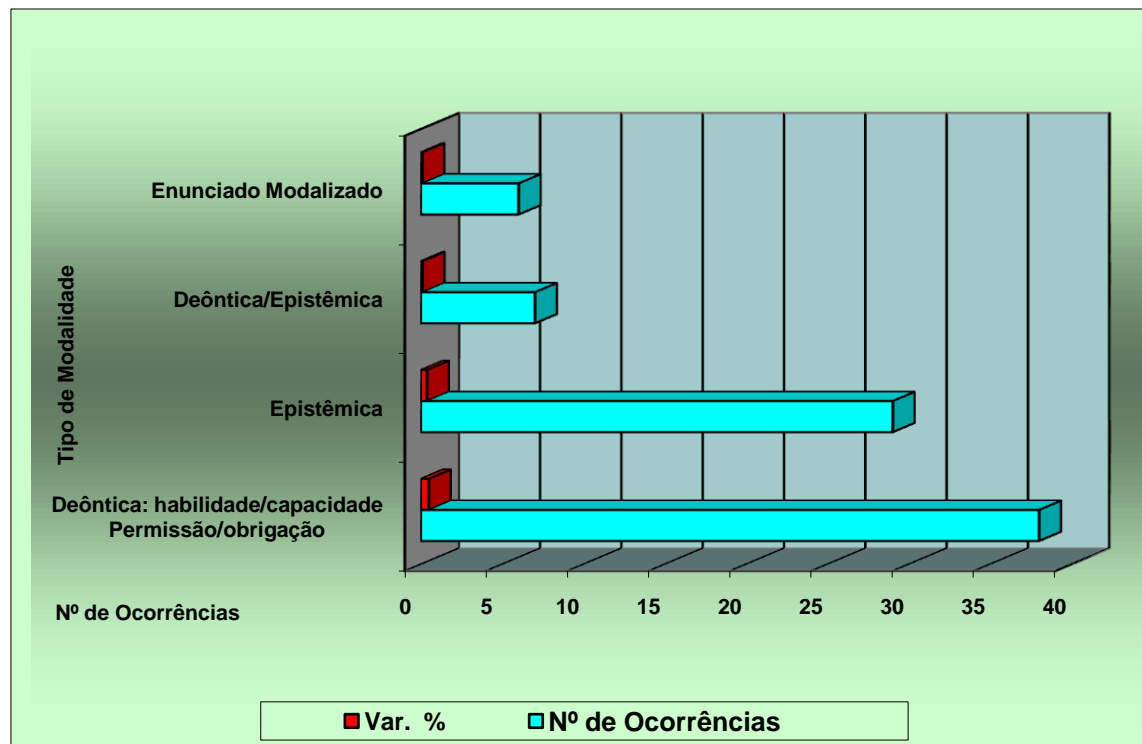
Quando nos propomos a jogar “o jogo” temos sempre fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, ou seja, pretendemos atuar sobre o outro. Desta forma, convém afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, pois orientamos os enunciados de acordo com os nossos propósitos comunicativos, isto é, de força argumentativa.

Segundo Neves (2004), Ducrot destaca que toda língua possui em sua gramática recursos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados e a argumentativa, assim, está inscrita na própria língua. A esses recursos denominam-se marcas linguísticas da enunciação. Outras vezes, tais elementos, são denominados modalizadores já que têm a função de determinar o modo como aquilo que se diz é dito. Portanto, as perguntas do estudo foram respondidas, suscitando a sugestão de que a modalidade seja esse grande fenômeno da língua a ser considerado nas salas de aula de língua materna,

por consistir em um domínio necessário aos usuários dessa língua, tendo em vista as implicações diretas e indiretas do uso ou não uso dos modalizadores na interação social. A modalidade é um importante recurso para a produção de sentido; sentidos que variam do bem sutil ao bem explícito.

No corpus analisado, os resultados evidenciaram que há maior ocorrência de modalizadores deônticos, fato que sugere que “o ser judeu” desta comunidade israelita sefaradita Bené-Herzl está associado à modalidade deôntica de obrigação moral intrínseca. Ser judeu significa: **“Quem nasce judeu, morre judeu”**. Os resultados podem, também, ser verificados através dos quadros abaixo que ilustram os dados obtidos nesta investigação de acordo com o tipo de modalidade.

Tipo de Modalidade	Nº de Ocorrências	Var. %
Deôntica: habilidade/capacidade permissão/obrigação	38	47,5%
Epistêmica	29	36,3%
Deôntica/Epistêmica	7	8,8%
Enunciado Modalizado	6	7,5%
Total	80	100,0%



BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, M. H. (Org.). **Crenças e Ensino de Línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes, 2006, p. 189-202.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 17, nov. 2002.

BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1995.

_____. **Understanding teachers' and students' language learning beliefs in experience: a Deweyan approach**. Tese (Doutorado em ensino de inglês como segunda língua) - College of Education, The University of Alabama, Tuscaloosa, 2000.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v.1, n.1, 2001, p. 71-92.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, v.7, n.1, 2004, p.123-156.

BARCELOS, A.M.F. & VIEIRA ABRAHÃO, M.H. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas – foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes, 2006.

BECKER, Gaby & FREIDENSON, Marília. **Passagem para a América: Relatos da imigração judaica em São Paulo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.

BEM, Daryl J. **Introduction to Beliefs Attitudes and Ideologies**. New York: Cornell University, 2006.

BENCHIMOL, Samuel. Eretz. **Amazônia: os Judeus da Amazônia**. Manaus: Ed.Valer, 2008.

BENTES, Abraham R. **Os Sefaradim e a Hakitía**. Belém: Mitograph Ed., 1981.

BORGER, Hans. **Uma História do Povo Judeu: de Canaã à Espanha**. São Paulo: Editora Sêfer, 1999.

_____. **Uma História do Povo Judeu: das margens do Reno ao Jordão**. São Paulo: Editora Sêfer, 2002.

BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. **Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

BYBEE, Joan ; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World**. USA: The University of Chicago Press, 1994.

CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. **Funcionalismo Holandês: da Gramática Funcional À Gramática Funcional do Discurso**. Signótica Especial, N. 2, P. 167-180, 2006

CARBAUGH, Donal & BROCHMEIER, Jens. **Narrative and Identity: Studies in Autobiography, Self and Culture**. USA: John Benjamin Publishing Co., 2001.

CHAFE, W. **Discourse, Consciousness, and Time: The Flow and Displacement of Conscious Experience in speaking and writing**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

_____. "Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View." In: LI, Charles, ed., **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

_____. "Integration and involvement in speaking, writing and oral literature." In: TANNEN, D. (ed.). **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood, NJ: Ablex, 1982.

CHIFFRIN, Deborah. **In other words: variation in reference and narrative**. New York: Cambridge University Press, 2006.

CUNHA, M, RIBEIRO, A & RASSI, N. A presença de Aristóteles no livro "Como pensamos" (John Dewey). Citação de Dewey (1959) In: **Revista Belo Horizonte**, Belo Horizonte, n. 46, p. 83-107, dez. 2007.

DE FINA, Ana. **Identity in Narrative: A study of immigrant discourse**. USA: John Benjamin Publishing Co., 2003.

DECOL, René Daniel. **Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus**. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. Judeus no Brasil: explorando os dados censitários*. **RBCS - Revista brasileira de ciências sociais**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 147-160, jun. 2001.

DEUTSCHER, Isaac. **O Judeu não-judeu e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 1970.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. New York: Cambridge University Press, 1992.

EDWARDS, Derek. Narrative Analysis. In: JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nikolas. **The Discourse Reader**. New York: Routledge, 2006, p. 227-238.

FASOLD, Ralph. **The Sociolinguistics of Society**. USA: Blackwell, 2004.

_____. **The Sociolinguistics of language**. USA: Blackwell, 2003.

FUKS, Saul. **Tribunal da História: Julgando as Controvérsias da História Judaica**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações Ltda, 2005.

GEE, James Paul. **An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method**. New York: Routledge, 2001, p. 11-92.

GOFFMAN, Erving. Footing. Trad.de Beatriz Fontana. In: GARCEZ, Pedro M.; RIBEIRO, Branca Telles (Org.) **Sociolingüística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 107-148.

GOFFMAN, E. Footing. **Forms of Talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981. p. 124 – 159.

GRINBERG, Keila. **Os judeus no Brasil: Inquisição, Imigração e Identidade**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2005.

GOODWIN, Charles; DURANTI, Alessandro. **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press., 1992, p. 1-42.

GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. Trad. De José Luiz Meurer e Vivian Heberle. In: GARCEZ, Pedro M.; RIBEIRO, Branca Telles

(Org.). **Sociolingüística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 45-84.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

HALL, Stuart & TADEU DA SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; TADEU DA SILVA, Tomaz (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. USA: Oxford University Press, 1999.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, Ruqaiya. **Language, Context and Text: Aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HARRÉ, Rom. **Key Thinkers In Psychology**. Great Britain: Sage, 2006

HARRÉ, Rom, & MOGHADDAM, Fathali. **The Self and the Others**. USA: Praeger, 2003.

HENGEVELD, K. Clause Structure and Modality in Functional Grammar. In: AUWERA, J. & GOOSENS, L. **Ins and Outs of the Predication**. Holland: Foris Publications, 1987.

HENGEVELD, K & MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. New York: Oxford University Press, 1998.

KRÜGER, Helmuth. **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: E.P.U.,1986.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. The transformation of reality in narrative syntax. In: LABOV, W., **Language in the Inner City**. Philadelphia: U. of Pa. Press, 1972.

_____. **Uncovering the event structure of narrative**. Georgetown University Round Table. Georgetown: Georgetown University Press, 2001.

LABOV, W. & WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of personal experience. In: **Proceedings of the 1996 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society**. Seattle: University of Washington Press,

LEVY, Michel. **Em ladino**. São Paulo: Edicon,1993.

LEWIN, Helena. Ressonância e dissonância judaicas: a diáspora e o exílio como objetos do literário. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, 2007. Acesso em: 05/09

LINDE, C. **Life Stories. The Creation of Coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

LILLENTHAL, A. O povo de Deus, quem é? In: LEWIN, H. (Org.). **Judaísmo: memória e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997. p. 155-164.

LOCK, Graham. **Functional English Grammar: an Introduction for Second Language Teachers**. Cambridge; Cambridge Language Education, 1996.

MISHLER, E.G. **Storylines. Craftartists' Narratives of Identity**. London: Harvard University Press, 1995.

_____. Narrativa e Identidade: a Mão Dupla do Tempo. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINA, A.; BAMBERG, M. **Discourse and Identity**. USA: Cambridge, 2006.

MIZRAHI, Rachel. **Imigrantes Judeus do Oriente Médio em São Paulo e no Rio de Janeiro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MORIN, Edgar. **O mundo moderno e a questão judaica**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2007.

_____. **Cultura e barbárie Europeias**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2009.

_____. **O Método 3: O conhecimento do Conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **O Método 5: A humanidade da Humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O mundo Moderno e a Questão Judaica**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Introdução ao pensamento Complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

NEVES, Maria Helena Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org). **Gramática do Português Falado**. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996.

_____. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. P. 151-221.

_____. **Gramática de Usos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOVINSKY, Anita. et alli. Um legado dos Judeus Sefaraditas. In: **Congresso Sefaradi: Confarad II**. São Paulo: Edith Produções Gráficas, 2006.

_____. **Inquisição**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

PALMER, F.R. **Modality and the English Modals**. U.S.A.:Longman, 1979.

_____. **The English Verb**. U.S.A.:Longman, 1980.

PEDRERO-SANCHEZ, Maria Guadalupe. **Os judeus na Espanha**. São Paulo: Editora Guordano, 1994.

PERNIDJI, Joseph Eskenazi. A Inquisição e os Judeus. In: FUKS, Saul. **Tribunal da História: Julgando as Controvérsias da História Judaica**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações Ltda, 2005.

_____. **Das Fogueiras da Inquisição às Terras do Brasil**. Rio de Janeiro: Imago Publicações Ltda, 2005.

QUENTAL-ALMEIDA, L. **Clinical Interpretation and the Reframing of Experience**: Evidence from Therapeutic Discourse. Unpublished Ph.D Dissertation - Georgetown University, Georgetown, 1987.

QUENTAL, L. Comunicações Paradoxais e o Conceito de Duplo Vínculo. In: **Linguagem, Interação e Cognição**. Editado por M.C. Mollica & L. P. Moita Lopes. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. Alinhamentos e Estrutura de Participação em uma Entrevista Terapêutica. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos 20 - Sociolinguística**.

Editado por G.M. Oliveira e Silva & F. Tarallo. Campinas, SP: Unicamp, 1991. p. 91-112.

_____. Unidades de Análise e Unidades do Discurso. In: ANPOLL, 1988, Rio de Janeiro. **Anais do congresso.**

RODRIGUES, A; ASSMAR, E; JABLONSKI, B. **Psicologia Social.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

ROKEACH, Milton. **Crenças, atitudes e valores: uma teoria de organização e mudança.** Rio de Janeiro: Editora Interciência Ltda, 1981.

SCHIFFRIN, D., DE FINA, A. & BAMBERG, M. **Discourse and Identity.** Cambridge. USA. 2006.

_____. **Selves and Identities in Narrative and Discourse.** USA: John Benjamin Publishing Co., 2007.

SCHIFFRIN, Deborah. **In Other words: variation in reference and narrative.** USA: Cambridge, 2006.

_____. **Narrative as Self-portrait: Sociolinguistic Constructions of Identity Language in Society.** Volume 25. N. 2. C.U.P., June, 1996.

SHKEDI, Asher. **Multiple Case Narrative: a qualitative approach to studying multiple populations.** USA: John Benjanmins Publishing Co., 2005.

SORJ, Bernardo. Exílio-Diáspora, os Judeus e Israel. In: FUKS, Saul. **Tribunal da História: Julgando as Controvérsias da História Judaica.** Rio de Janeiro: Ediouro Publicações Ltda, 2005.

TANNEN, D. What's in a frame? surface evidence for underlying expectations. In: FREEDLE, R. (Org.) **New Directions in Discourse Processing.** Norwood: Ablex, 1979.

TANNEN, D.; Wallat, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: Examples from a medical interview. In: **Social Psychology Quarterly**. 50, 1987.

TANNEN, Deborah. **Conversational style: analyzing talk among friends**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TANNEN, Deborah. **Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversation discourse**. New York: Cambridge University Press, 2007.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ed Ática, 2004.

VIEIRA, Nelson. **Construindo a Imagem do Judeu**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WOODS, D. **Teacher cognition in language teaching: Beliefs, decision-making, and classroom practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WORTHAM, Stanton. **Narratives in Action: Strategy for Research and Analysis**. New York: Teachers College Press., 2001.

YOUNG, Katherine, Narrative Embodiments: Enclaves of the self in the realm of medicine. In: JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nikolas. **The Discourse Reader**. New York: Routledge, 2006, p. 407-419.

ANEXO

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

DEPOIMENTOS DOS JUDEUS SEFARADITAS DA COMUNIDADE BENÉ-HERZL DA SEGUNDA GERAÇÃO

1 Entrevista com a Sra Claire

1 **Claire:** Tenho 61 anos, nasci no Brasil, filha de imigrantes que vieram da Turquia, precisamente de Istambul. Os dois moravam no mesmo bairro e só vieram se conhecer aqui no Brasil, e casaram-se aqui, formaram uma família. Eu tenho um irmão e vivemos sempre aqui no Rio de Janeiro, e eu tive uma vida dentro da total normalidade do que é uma família de imigrantes, não muitas posses, porque eles vieram de lá sem nada, mas o objetivo maior, a responsabilidade maior que me era jogada era em relação à cultura. Eu tinha que estudar, por que sem estudar não se consegue ser ninguém na vida. E por questões financeiras, por que não, eu sempre estudei em escola pública, que na época eram as melhores...

...não se falava em política com os filhos pequenos, nem perto deles. Talvez resquícios de guerras, de problemas que eles já viveram, eles não tinham o hábito de falar de política em casa. A família se reunia em torno de um único rádio, que tinha em casa, era o ponto centralizador da família...

Eu estudava pela manhã... Embora eu sendo judia, nunca me senti discriminada e nunca discriminei. Como judia, eu fazia questão, embora não fosse obrigada, de participar de todas as aulas de catecismo da escola com

interesse e curiosidade, sem nunca ter me deixado envolver. Desde criança eu já era muito definida...

Eu estava terminando o primário, meu pai morreu e eu me vi na condição simples, ou passa num concurso de admissão, ou vai ter que parar de estudar, pois não há condição de manter numa escola particular. E isso funcionava bem na época, porque a carga de responsabilidade era tão grande, este era o caminho e isso a gente tinha que conseguir impulsionado pela importância que me mostraram da cultura...

...parei de estudar pra casar. Com 17 anos eu casei, casei por amor, e não por indicação, como era hábito na época, foi paixão. E eu me apaixonei por esta pessoa que está comigo até hoje, 17 anos mais velho que eu. E isso em nada influenciou na nossa vida. Poderia ter voltado a estudar, mas optei por criar os filhos, bastante, são 6, com intervalos grandes... Participei muito da criação deles. Eu não trabalhava fora, minha vida ficou muito em torno de marido e filhos...

E tinha um desejo muito grande de uma maior participação na comunidade judaica, e o tempo não permitia... Hoje, com os filhos criados, hoje eu sou muito mais realizada nesse segmento, porque hoje eu faço o que eu gostaria de ter feito se eu tivesse feito uma faculdade, porque a minha opção seria psicologia ou assistência social. Sem formação, hoje é com isso que eu trabalho num serviço voluntário, então eu estou bastante satisfeita...

2 Norma: Quando você fala que se realizou, queria ser assistente social, fazer psicologia, e voltada agora para a comunidade judaica, você poderia se estender mais sobre isso?

3 **Claire:** Hoje eu trabalho num lar de idosos da comunidade judaica, mas também aberta à comunidade maior, participo e dirijo um grupo de cultura e canto serafadi, em que eu preservo a minha língua de raiz, que é o ladino, porque os meus vieram, não se tem documentos, mas com toda certeza, expulsos da Espanha, em tendo ido pra Turquia, eles se fixaram na Turquia, viveram muito bem lá, até a guerra. Na Primeira Guerra, eles se viram meio que forçados a sair de lá. Não expulsos, mas forçados. Meu pai, por exemplo, ele seria chamado pra guerra aos 15 anos, e isso ele não suportou. Ele preferiu desertar, ele saiu da Turquia de forma ilegal, ele fugiu da Turquia. E a minha mãe foi aconselhada, quer dizer, os pais dela foram aconselhados que a mandassem para o Brasil para que ela casasse e aqui constituísse família. Mas não foram expulsos. Mas eles passaram muito dessa cultura pros filhos aqui.

4 **Norma:** E como isso foi passado?

5 **Claire:** Isso foi passado naturalmente, no dia-a-dia, mas a pessoa tem que estar aberta pra receber a passagem da bagagem. Eu estava, mas meu irmão não. Ele não absorveu nada dessa cultura, quase que abominava até. Ele batia no peito e dizia: eu sou brasileiro. Eu nunca disse que eu não era! Eu sou brasileira, eu nasci aqui e me orgulho disso. Mas tem toda uma bagagem que foi imperativa na minha formação. Então isso era passado normalmente no dia-a-dia, e eu absorvia...

Eu absorvi muito essa cultura. Meus pais, os dois judeus, mas não ortodoxos, não ultrareligiosos. Eles eram tradicionais, a gente era, muitas vezes, chamados à atenção em casa: “Como você está fazendo isso? Um judeu não faz isso!” Não pra nos mostrar que nós éramos melhores do que

todos, mas que não podíamos ser piores. Nós éramos filhos de imigrantes. Então nós tínhamos que ser um motivo de orgulho pro país que recebeu eles. Então eles vieram pra cá e fizeram a sua família, uma família digna do país que os recebeu. E eu sentia isso. Quando eles diziam “Um judeu não faz isso!”, na realidade, um judeu não pode fazer isso, ele tem que se mostrar sempre como uma pessoa extremamente digna, isso eu sentia.

E existia sim, um medo, velado, mas existia. Hoje, por acaso, eu tenho aqui no pescoço uns símbolos judaicos, e uso eles normalmente. Na minha época, até uns 12, 15 anos, minha mãe dizia: “Bota pra dentro, ninguém precisa saber o que você é.” Eles tinham medo, mas pelo menos os meus nunca sofreram nenhum tipo de discriminação, mas o medo existia. E eu nunca me senti capaz de julgá-los por que eu nunca vivi a guerra. E a cabeça de quem viveu guerra é outra. A gente não tem capacidade de avaliar o que seja. Então eu sempre respeitei muito este lado, mas sempre tive amigos judeus e não judeus, tive amigos filhos de imigrantes também, de outras culturas, eu tive amigo árabe, eu tive amigo italiano, e sem que nunca tivesse influído.

Agora, eu me sinto com uma responsabilidade muito grande de manter viva essa cultura, quando a grande maioria abandona. Abandona até por comodismo, não por ter nada contra, mas por simples comodismo. E eu acho que é uma bagagem muito rica, como qualquer outra cultura tem a sua riqueza própria, e não é pra ser deixada pra trás. Porque é muito fácil dizer “Ah! Mas é uma língua morta!” Não, não é uma língua morta. Eu estou viva, eu falo, eu leio, eu escrevo em ladino, então não é uma língua morta, pelo menos enquanto eu existir. E isso faz com que eu tente criar alguma coisa

hoje em ladino. Meio que a título de brincadeira, mas uma brincadeira séria. A gente começa a mexer, a escrever textos em ladino, o que é uma forma de manter essa cultura, é uma forma de imortalizar os meus, e eu me esforço bastante pra isso. Esforçar, modo de dizer, porque pra mim é um prazer imenso. Eu me esforço para passar pros outros. Mas pra mim, pra manter... Eu não sei se eu consegui passar pros meus filhos o tanto que eu gostaria, mas não sei até que ponto está armazenado dentro deles, e isso só aflore quando eu me for, que aí a necessidade da aproximação com esse elo seja maior. Porque de vez em quando eles me surpreendem com uma ou outra expressão em ladino...

6 Norma: Por exemplo...

7 Claire: Coisas bobas, porque não é só a expressão, é a maneira de ver as coisas. Por exemplo, a mulher judia é muito chegada a laços. Onde ela puder botar um laço, ela põe um laço, e esse laço elas chamam de fiombo. Então é muito comum... “Ih! Deu uma manchinha na roupa”, ou alguma coisa... “Ah! Mãe! Não tem problema, bota um fiombo que ninguém vê!” Então aí você vê, não só a expressão pela língua, mas a expressão pela vivência, a gente põe um laço por cima e acaba. A cultura judaica, por ser extremamente família, automaticamente é muito protetora. Às vezes a gente protege demais uns que não gostam de ser tão protegidos. Eles preferem se sentir mais independentes, mas a gente dá sempre um jeito de que eles sejam independentes, mas sempre que a gente pode, a gente dá um jeito não de cercear, mas de amparar, sim. De tentar não expor a nenhum tipo de risco, isso é muito... mas isso de, um modo geral, é maternal, em qualquer cultura, talvez seja mais exacerbado na mãe judia, mas isso é instinto, a maternidade é instinto...

Mas hoje eu tenho mexido bastante com isso, e quero ver o que eu posso fazer mais...

8 Norma: Você diz pelo ladino?

9 Claire: Pelo ladino e pela própria cultura. E eu, como judia, eu me importo muito mais com a ÉTICA judaica do que com a PRÁTICA judaica. A ética judaica forma um bom cidadão, forma um cidadão íntegro; e a prática judaica, ao meu ver, limita. Isso é um pensamento meu, eu sou meio rebelde... Porque o judaísmo... ele confunde, ele mistura o amor à terra, o amor a Deus, o amor à vida, acima de tudo. Então acaba sendo tudo muito entrelaçado. As festas religiosas judaicas estão ligadas a Deus e à terra. É a festa da colheita que se dá em determinado momento, é a festa da árvore, tem sempre elementos na terra, ligados a Deus. Então isso me faz pensar se não será uma... Talvez esteja falando bobagem, não sei... Ficar limitada a um tipo de oração que deve ser dita nesse dia, nesse horário, enquanto eu me sinto com capacidade de me dirigir a Deus em qualquer momento quando meu coração mandar... eu não sei... Mas isso eu acredito que tenha vindo dos meus pais, e essa educação religiosa eu procurei passar pros meus filhos, inteiramente. Eu ficava, claro, muito chateada, quando num Ano-Novo nosso eu não conseguia que um ou outro não fosse à sinagoga. Eu ficava chateada, eu queria que todos fossem, mas no sentido mais da família do que da prática religiosa. Esta tem que vir de dentro pra fora. Por exemplo, no nosso dia de finados, que a gente vai às vésperas de Rosh Hashaná, no Ano-Novo, que a gente vai ao cemitério. Na primeira que eu pude sair fora dessa, eu saí. Eu ia pra acompanhar minha mãe. Não tem um dia do ano específico pra eu chorar a morte do meu pai. Eu choro sempre que ele me faz falta. E esse ano,

casualmente, está fazendo 50 anos da morte dele, e eu ainda choro de saudade. Então, com certeza, ele foi um homem merecedor disso, com certeza um homem bom. Como é que eu vou limitar um dia pra chorar por ele? É muito pouco. Sempre que ele me faz falta, e ele me faz falta não só quando eu estou num aperto não, ele me faz falta quando eu estou muito feliz, bate aquele pensamento: “que pena que ele não está aqui pra ver!”

Então, é muito grande pra se resumir num dia de finados. Eu não aceito isso. Aí é que entra a rebeldia. Não que eu ache que tenha que ser como eu quero, tem que ser como tem que ser, mas eu aceito ou não. Aliás, eu acho que Deus pensou em tudo, até quando nos deu o livre arbítrio. E eu faço uso dele. Me chamam às vezes de rebelde, mas eu só faço uso de um poder que ele me deu. E eu acho que é isso que...

10 Norma: Mas você se afastou de Deus?

11 Claire: Nunca. Eu me afasto sempre que possível das práticas religiosas IMPOSTAS. Eu sou uma judia tradicional. Eu vou à sinagoga, eu vou à sinagoga nas datas de festa, mas eu não quero me sentir obrigada. Eu vou porque me dá prazer, me dá satisfação, me dá conforto, torna mais nítido que eu sou um elo desta corrente imensa, essa consciência, desse estado de pertencimento, eu sei que eu pertencço a esta corrente, como um elo, e não serei eu que irei romper essa corrente nunca. Mas a minha cultura, que foi passada, foi essa, um judaísmo, como a gente diz hoje, mais “light”, fazer do ser judeu, do ser filho de imigrante, de conhecer a história de dificuldade deles, um ponto de orgulho máximo, por tudo que eles conseguiram. Os imigrantes foram os grandes heróis da nossa história, destemidos, fortes, sabiam o que

queriam, determinados, e esse é o meu grande orgulho. Eu posso contar até uma passagem, pra mim, muito interessante, do porquê meu pai veio para o Brasil.

Por que o Brasil? Porque, no pós-guerra, ele, aos 15 anos, ele fugiu da Turquia foi pra França, trabalhou lá por uns anos, e aqueles comitês de buscas de parentes disseram pra ele que o irmão dele tinha vindo pra América. Subentendeu-se o Brasil, porque eles diziam que, quando vinham para o Brasil, eles vinham “fazer a América”, eles vinham procurar um emprego pra ganhar dinheiro. Ele juntou dinheiro, ganhou pisando uvas pra vinho na França, que era o emprego mais “ralé” que se podia ter. E ainda assim ele juntou dinheiro e veio pro Brasil e procurou o Leon SSSSS (o irmão). Qual não foi a surpresa dele, o Leon SSSSS que estava no Brasil era um homônimo, não era o irmão dele. Quando ele se viu sozinho, em terra estranha, sem conhecer a língua, sem a possibilidade de emprego, sem nada, ele... saiu dessa, se estabeleceu, casou, teve 2 filhos, formou o filho. Essa tenacidade eu acho que herdei dele e me orgulho muito disso. E quanto aos caminhos do judaísmo hoje no Brasil, eu acho que nós temos liberdade pra sermos ortodoxos ou não, eu nunca tive problemas, me agrada o convívio e a mescla com outras culturas, aí entra um sentimento mesmo de que é possível cada um continuar dentro da sua cultura sem abrir mão dela, e conviver com outras culturas. Eu não acho que, necessariamente, pra ser bom tenha que ser mesclado. Eu acho que pode ficar cada um na sua e haver uma harmonia, uma situação de tranquilidade...

[Retorna ao assunto da vida após o casamento]

Depois que eu casei, meu nome passou a ser Claire SSSS, e me dá a impressão que eu já nasci SSSSS. Assim eu me sinto. Os filhos estão criando

seus filhos nos mesmos moldes. Acredito que vá dar certo como deu antes.... Mas continuam essa tradição, a bagagem está sendo passada, e temos buscado formas de fazer deles pessoas integradas nessa vontade de prosseguir. O importante é isso. São quase 6.000 anos de bagagem. A gente não pode deixar a mala no meio do caminho e seguir sozinho. Não seria justo para com todos estes que vieram carregando a mala. E é isso... Eu acho que as coisas, às vezes, tão simples, passam a ter uma importância tão grande. Na escola da minha filha, no Liessin, na sétima série eles fazem um trabalho, do livro de família, onde eles tentam recolher toda a documentação, tudo que se tem, todos os cacos dessa história toda, pra começar um livro. E, numa reunião de pais, quando estava sendo lançado aquele projeto, eles pediram que cada um levasse um objeto, de seus pais ou avós, que tivesse muita importância, mas que fosse um único objeto. É muito difícil você determinar um único objeto tão importante. E, de repente, me deu aquele estalo, e eu levei o cadeado que fechava a loja do meu pai. Um cadeado grande, pesado. E daí saiu um texto que vai ser publicado no meu livro, se Deus quiser.

12 Norma: Em ladino?

13 Claire: Em ladino. E é bonito. Sem modéstia, é um texto bonito, e ela fala da importância daquela peça de ferro na vida da gente. Ela trancava, protegia, mais do que a loja, ela protegia o nosso sustento, e esse é sagrado...

1.1 Recordações de Pessach

Os 60 anos do aniversário do Estado de Israel foram comemorados no Rio de Janeiro, nos dias 31/05 e 01/06 de 2008, com a realização do 5º Congresso Sefaradi “*Os Caminhos Sefaradis*” no Templo Sidon da Tijuca.

Após uma palestra sobre o ladino, a Sra Claire, falante fluente em ladino e membro do coral “Angeles e Malahines”, apresentou um texto por ela escrito sobre as suas recordações de Pessach (A tradução segue após o texto).

1 Para mi, ke soy ija de estamboulis y ermuera de esmirlis, nasida en Brasil, de todas las fiestas nuestras, Pessach es la ke mas me aze akodrar la kaza de mis padres, a empesar por el idioma ke se uzava en el dia en dia. Todo empesava en Purim.

2 “Purim, Purim lanu , Pessach en la mano.”

3 Ayde! Empesar echos de moed!

4 Dicho esto era komo ke meter a funksionar una makina.....

5 Boyadear la kasa. Areglar todo lo ke estava enkantonado, alimpiar los almarios de ropas, kitar afuera todo lo ke no se kiere mas, alimpiar las kozas de plata, enfin, del tavan asta el suelo se tenia ke mirar...

6 Despues era lavar los manteles ke se van a meter a la mesa, los platos de Pessach, la keará y todo lo mas.

7 Por otro lado, la cocina tomava otro ayre. El vino ya se estava aziendo en los katramizes. No se puedia menearlo kon kucharas de metal y si solo kon

kucharas de palo. El kudiado todo era para ke no se iziera vinagre. El olor de vino tomava toda la kaza.

8 Y la matzá?

9 La tenemos ke merkar! Ayde, la merkaremos de akel ijiko ke la vende para ayudar a su madre! Es Zahut! Y por mijor mo la trae en kaza!

10 Las gainas mi madre las yevava al shohet para azer las kaparot. Las yevava embrujadas y atadas de los pies, y se venia, presto, a kaza porke las tenia ke desplumar.

11 Un día antes de Pessach y el piskado ya estava merkado.

12 En aziendo las fritadas, la vida entera mos se iba pasando por los ojos komo si fuera sinema y sin kerer unas kuantas lagrimas kaen sovre la mesa. Mi madre se akodrava de sus ermanos, kuando chicos, trokando los biervos de la Hagadá.

13 En la mesa ande se azian las komidas se via alzeites, vedruras, guevos.

14. En aziendo los echos se empesava a kantar musikas de la Hagada 15
"Este es el pan de la aflicion ke komieron nuestros padres en tiera de Ayifto..."

16 Y entre risas y yoros todo se azia.

17 Y ya vino la ora del Seder!

18 Kon ke alegria se dizia el kidush y se bezava a los ijos.

19 Mi padre ke se yamava Moshe traya a kaza su amigo Aron (ke no tenya famya en Brasil) y ansi, orozos, teníamos en las kaveseras de la mesa, Moshe y Aron!

20 En kantando el kavritiko las kreaturas bushkavan el afikoman.

21 Eyas lo topavan y mozotros topavamos la certeza de tenermos pasado a muestros ijos tanto la estoria de los djudios en Ayifto kuantu el amor por la libertad ke es el bien mayor para todos los djudios.

Tradução do texto em ladino para o português

1 Para mim, que sou filha de istambulis e nora de esmirlis, nascida no Brasil, de todas as nossas festas, Pessach é a que mais me faz recordar da casa de meus pais, a começar pelo idioma que se usava no dia-a-dia. Tudo começava com Purim.

2 “Purim, Purim meu, chegou Pessach”

3 Vamos! Começaremos a preparação para Pessach!

4 Dito isto, era como que funcionar uma máquina...

5 Pintar a casa. Arrumar tudo o que estava nos cantos da casa, limpar os armários de roupa, livrar-se de tudo o que não se queria mais, limpar as coisas de prata, enfim, do teto até o chão, tudo tinha que brilhar para que nos víssemos refletidas nele.

6 Depois era lavar os talheres que se vão colocar à mesa, os pratos de Pessach, o prato com os símbolos e tudo mais.¹¹⁰

7 Por outro lado, a cozinha tomava outro ar. Já se estava fazendo o vinho nos potes. Não podia mexê-lo com colheres de metal e sim com colheres de pau. O cuidado todo era para que não se tornasse vinagre. O aroma do vinho tomava toda a casa.

8 E a matzá?¹¹¹

9 Temos que comprá-la! Vamos! Nós a compraremos daquele menino que a vende para ajudar a sua mãe! Boa ação! E melhor ainda a entrega em casa!

10 As galinhas, minha mãe as levava ao matador kasher para quebrar todo o mal. Ela as trazia embrulhadas, com os pés atados, e voltava depressa à casa porque ela as tinha que depenar.

11 Um dia antes de Pessach, e o peixe já estava comprado.

12 Ao fazer as fritadas, a vida inteira ia passando por nossos olhos como se fora cinema, e, sem querer, algumas lágrimas caíam sobre a mesa. Minha mãe se recordava de seus irmãos, quando pequenos, fazendo uma paródia da história de Hagadá.¹¹²

13 Na mesa onde faziam as comidas, viam-se azeites, verduras e ovos.

¹¹⁰ Prato para a celebração de Pessach com os símbolos e espaços definidos para o ovo, a raiz amarga e etc.

¹¹¹ Pão de farinha com água para a celebração de Pessach.

¹¹² "Narração"; é o texto utilizado para os serviços da noite do [Pessach](#), contendo a leitura da história da libertação do povo de [Israel](#) do [Egito](#).

- 14 Ao começar os afazeres, começavam a cantar músicas da Hagadá.¹¹³
- 15 “Este é o pão da aflição que comeram nossos pais na terra do Egito...”
- 16 E, entre risos e choro, tudo se fazia.
- 17 E já vinha a hora do começo da reza de Seder!
- 18 Com que alegria se dizia a prece de santificação e se beijava os filhos.
- 19 O meu pai, que se chamava Moisés, trazia à casa seu amigo Aron (que não tinha família no Brasil) e, assim, chorosos, tínhamos, nas cabeceiras da mesa, Moisés e Aron!
- 20 E cantando a música que marca o final do ritual de Pessach, as pessoas procuravam o “presente”.¹¹⁴
- 21 Eles concordavam, e nós também, com a certeza de termos passado aos nossos filhos tanto a história dos judeus quanto o amor pela liberdade, que é o bem maior para todos os judeus.

1.2 Adágios¹¹⁵ em ladino

Moisés Mishel Levy (1993), filho de judeus da Península Ibérica, compilou ‘los dichos’ em ladino através de sua mãe e familiares. Como ele próprio afirma em seu livro intitulado “Em ladino”, a compilação desses “dichos” é um esforço em preservar uma língua que foi transmitida por tradição oral de geração a geração, mas que atualmente encontra-se em extinção.

¹¹³ Músicas de Pessach.

¹¹⁴ Parte do Seder: guarda-se um pedaço de matzá e procura-se por um presente escondido pela casa.

¹¹⁵ Ditos populares

Comentando-os e traduzindo-os, Moisés Levy nos convida a compartilhar de sua herança cultural: experiências que permeiam o povo judeu. Apresentarei dois conjuntos de adágios: o primeiro, relacionado ao tema **decisão**, e o segundo, ao tema **luta**.

Em relação à decisão

“Tomar decisão é tomar atitudes”. Tomar atitudes é assumir algum tipo de comportamento que trará algum tipo de consequência boa ou má para o decisor.

É comum o judeu sempre pedir conselho aos mais antigos, anciãos, que possam ter mais experiência da vida. Na ausência de informação, na ansiedade, na grande dúvida que os assola, aparece sempre uma mensagem da sabedoria de seus ancestrais.

"Para jugar conosca: las leyes el dinero y la puerta de salida" - Para jogar conheça: as regras do jogo, o dinheiro e a porta de saída. Lembram-se do pessoal que vai a Las Vegas, Monte Carlo ou Punta Del Leste e perde tudo no jogo?

A pessoa começa a se preocupar por antecipação, sofrendo adiantadamente. Alguém chega e diz: **“Angústia no seu tempo”**.

"Onde la olla se manea, algo hay" - Onde se mexe algo na panela é porque existe algo, ou onde há fumaça há fogo. Este provérbio é aplicado a polêmicas entre terceiros ou boatos.

"Primeiro saltés después digas hop" - Pular primeiro e depois dizer oba! não contar com a vitória antes de tê-la.

"Preguntando i demandando se va o Istambul" - Perguntando e procurando se chega a Istambul (Turquia).

"Todos tudo saven" - Todo mundo tudo sabe. Este provérbio, em casos em que uma pessoa se encontra indecisa quanto a algo que não conhece. Hoje, diríamos: procure um especialista (médico, psiquiatra, advogado, engenheiro, economista, etc.). Todos tudo sabem.

"Mi mujer se fue a dormir con el sultan, a quien voy a reclamar?" - Minha mulher foi se deitar com o sultão, a quem vou reclamar? Metáfora para uma situação que não tem solução.

"Despues de Purim, platicus" - Depois de encerrada a festa de Purim, pratinhos com doces.¹¹⁶ Diz-se daquelas atitudes tomadas muito tempo depois. Exemplo: pegar professor particular de Matemática depois que o filho já foi reprovado.

"Mas vien cuatro ojos que dos" - Quatros olhos enxergam mais que dois. Este provérbio é aplicado sempre que nos dirigimos a alguém à procura de conselho. Aliás, é sempre prudente que nos cerquemos de mais informação toda vez que precisarmos decidir algo importante. Quatros olhos enxergam, ou deveriam enxergar, mais do que dois.

"Di dos males il más chico" - De dois males, o menor.

¹¹⁶ É costume enviar-se um pratinho com doces depois da festa de Purim. É interessante como o sentido foi adaptado.

"Salir de Herodes y entrar en Pilatus" - Sair de Herodes e entrar em Pilatos (sobre mudança de cidade, de emprego, etc., trocando o mau pelo ruim).

"Clavo quinta clavo" – Um prego tira outro prego. Uma situação se resolve com outra situação.

"Mi ojo no se engana" - Meu olho não se engana.

"De anio en anio, no toma banio" - De ano em ano, não toma banho. É aquele caso do sujeito que deixa o tempo passar e nada resolve.

"Quien pregunta no erra" - Quem pergunta não erra.

"Cada cosa su ora" - Cada coisa em sua hora.

Em relação à luta

"El jidió y el gato caen en pie" - O judeu e o gato caem em pé. As sucessivas provações nos ensinaram a nunca nos abatermos. Por isso, temos grande capacidade de adaptação. Não conseguem nos derrubar. Isso vale para todas as situações, como, por exemplo, perda de emprego, negócios que não deram certo. Esperança, gente!

"Los males tuyos no contes a ninguno - al enemigo lo alegrarás" - Não conte seus males a ninguém, especialmente ao inimigo, que ficará contente.

"Deje-me entrar me faziré lugar" – Deixe-me entrar que, daí por diante, me arrumarei sozinho. Este provérbio serve para imigração,

colocação em emprego, etc.

"Um tal de Hitler no quiere judios en las escuelas" - Um tal de Hitler não quer judeus nas escolas. Minha bisavó, judia sefaradita típica do século XIX, já estava meio gaga, coitadinha, quando vieram comunicar-lhe que Hitler havia instituído o "numerus clausus", uma das primeiras leis anti-semitas, em que havia limitação ao número de judeus a serem admitidos nas escolas tanto primárias, como secundárias e superiores. Isto era no início, em Viena.

"Dió que lhe dé salud. Judiós que se van a yeshivá" - Disse a velhinha, Deus lhe dê saúde. Lugar de judeus é na escola judaica.

"No hay lenha sin fumo" - Não há lenha sem fumo. "Escapa um ponto, viverás um mundo" (sobre as perseguições).

"El hombre de un libro es periclosa" - O homem de um livro só é perigoso (Hitler).

"Si no eres fuerte di los brazos seas di cavesa" Esta é bem típica de judeus perseguidos no galut (diáspora): se você não é forte dos braços, seja-o na cabeça; conselho para usar a inteligência contra a força bruta.

2 Entrevista com o Sr. Luciano

1 Luciano: ...venho de uma criação "quase judaica". Essa criação, veio dos meus pais, que são oriundos da Turquia, os dois da mesma cidade, Esmirna, e se conheceram aqui no Brasil, e se casaram aqui. Meu pai veio, não sei muito bem, porque meus pais tinham um princípio muito interessante: às crianças, a gente não tem que dar muito conhecimento. Criança é criança.

Nossa história é outra coisa (supõe-se pelo fato das questões de guerras e fugas em função disto)...

Minha mãe, por exemplo, veio pra trabalhar numa granja que um tio meu tinha em Uberaba, Minas... Meu pai veio também pra tentar a vida na América, pelo que eu pude perceber. Depois, ele mandou vir a mãe, o irmão, quando se estabeleceu. Ele começou vendendo roupa na feira, pra poder sobreviver. Pouco eu sei dessa estória. Eu sei que meu pai “cumpria” as principais datas judaicas, o Rosh Hashaná e o Yom Kipur. Pessach também era muito importante em casa. Minha mãe sempre fazia um Pessach mais especial, a partir de minha avó, mãe de minha mãe, que sempre mantinha o acendimento da vela na sexta-feira à noite, mas não eram religiosos de frequentar a sinagoga não. Minha mãe era muito mais prática de viver do que de pensar religiosamente. Por exemplo, ela dizia: “Você tem que ser direito, você não pode fazer coisas erradas... Você tem que ser direito, não é ficar na sinagoga lendo os livros, porque isso não adianta nada! Você tem que ter uma atitude correta, como todo mundo! Respeitar todo mundo!”

Meu pai, a mesma coisa. Tanto que nem Bar Mitzvá eu não fiz. Primeiro, porque era época de guerra, era 1943, eu tinha 13 anos, em plena guerra. Então meus pais acharam por bem não mexer nesse negócio de Bar Mitzvá, porque estava tudo muito confuso, inclusive porque se tinha notícia de que o Getúlio (Vargas) era mais “assim” lá com alemães, e sabia-se que a vida dos judeus não era muito das melhores na Europa. Com a invasão alemã, eles tinham alguma notícia, então, eles acharam por bem deixar a religião “pra lá”...

O fato é que a religião entrou em mim da seguinte forma: não adianta ficar rezando e lendo a Torá. Atitudes são mais importantes do que ficar rezando e

pedindo a Deus. Não tem que pedir a Deus coisa nenhuma. Assim, eu comecei a entender. A gente tem que ser correto. A consciência de cada um é muito mais importante do que “passar a bola” pra Deus pra resolver os problemas nossos. Não, nós temos que agir de acordo com uma consciência específica e direita. Isso eu aprendi. Tanto assim que eu só comecei a ter alguma noção de religião mesmo depois de casado, porque a minha mulher tinha lá sua convicção religiosa, sem ser ortodoxa. Mas ela tinha lá suas normas de seguir a religião, de acordo com os princípios que ela mesma tem. Não ficar rezando nem nada, tem que ter uma consciência judaica, uma consciência da ética nossa...

O sentido religioso, pra mim, depende de cada um. Tem gente que, se não ficar rezando toda sexta-feira de noite, todo sábado de manhã, passa mal. Eu passo muito bem, não indo rezar.

Depois de casado (com Claire SSSSS)... Meus filhos fizeram Bar Mitzvá, Bat Mitzvá. Ela cuidou dessa parte fundamental da religião, os preceitos básicos, que é fazer o Brit Milah, o Bar Mitzvá, o Bat Mitzvá, isso tudo fizemos certinho. Fizemos, porque ela norteou dessa forma (quem ensina a tradição judaica é a mãe judia). Por mim... Eu não fiz Bar Mitzvá... Eu fiz junto com meu filho. Na hora que ele subiu à Tevah, pra ler a Torá, pela primeira vez, eu não tinha subido, minha mulher inventou que eu tinha que fazer na mesma hora também... E fiz, junto com meu filho, aos 13 anos dele.

2 Norma: Mas teve que tomar curso, estudar...

3 **Luciano:** Que estudar coisa nenhuma, estudar o quê! Eu li ali o que me deram pra ler, e o Bar Mitzvá estava feito, acabou-se. Pra mim, não faz falta a religião, porque eu tenho a consciência de como eu devo agir...

4 **Claire:** (consciência) Judaica...

5 **Luciano:** Judaica sim, eu não nego os meus mais de 6.000 anos de descendência, pelo contrário, eu tenho muito orgulho disso, de pertencer a um povo tenaz e capaz de fazer o que determina. Eu pertenço a este povo, eu só não peço a Deus coisa nenhuma, não preciso dele, eu me norteio por minha consciência. Eu não rezo... Não preciso, eu tenho a minha consciência. Eu vou pro mesmo lugar que o religioso vai (relacionando à morte), nem precisa rezar pra me encomendar lá em cima, que vou me dar muito bem com eles! Eu sei que, quando eu tiver lá, não vai dar problema nenhum, vou me dar bem com todos, tranquilo! Não precisa rezar ninguém aqui, por sete dias, sentar no chão... Não precisa. Eu vou me dar bem lá em cima, ou lá embaixo, sei lá! Em qualquer lugar...

6 **Norma:** O Sr. estudou, se formou em quê?

7 **Luciano:** É, uma das questões fundamentais dos meus pais era esta. Tem que ter instrução, tem que estudar, tem que ser alguma coisa na vida, o que quer que seja, você vai pra sua carreira de escolha, mas tem que ser alguém na vida... E eu me formei em engenheiro civil. Trabalhei nessa profissão muito tempo, tenho muito orgulho dela...

8 **Norma:** Mas agora o Sr. não está inserido na comunidade judaica?

9 **Luciano:** Não, não estou.

10 **Norma:** Mas o Sr. não está cantando no /?/?

11 **Luciano:** É, estou, faço parte desse grupo, mas é mais por diletantismo... A gente canta a língua dos meus pais (ladino), embora eles tivessem uma coisa muito peculiar, eles, quando vieram fugidos de uma situação de vida difícil, eles tentaram não lembrar... Eles falaram o ladino, mas tentando não falar, tentando falar mais o português do que o ladino, eles não quiseram manter aquelas tradições, só a judaica, vamos dizer, das grandes festas, mas canções em ladino, que eles cantavam lá na Turquia, quiseram esquecer tudo.

12 **Claire:** Nem a sua avó?

13 **Luciano:** Nem a minha avó. Porque eles vieram tentar uma vida melhor. Então, o passado eles quiseram esquecer. Então, o pouco de ladino que a gente ouvia em casa era de “vó”... Pouca coisa, nem tinha muito. Muito mais tinha minha sogra. Ela falava muito mais o ladino...

14 **Norma:** Se o Sr. não convivia na comunidade judaica, como é que o Sr. conheceu a D. Claire?

15 **Luciano:** Foi um negócio assim... interessante. Eu nunca ia à sinagoga, não ia. Então tinha uma festa...Yom Kipur... vamos lá... Fui acompanhar meu pai. E aí eu vi uma mocinha assim andando... esta está /?! E aí a gente marcou uma palestra ali, conversamos, marcamos cinema, daí...foi!

Só que eu tive uma coisa muito interessante. Quando eu saí pra casar, que eu fui até a casa dela, e ela vestida de noiva, saindo pra ir à sinagoga, uma vizinha falou: “Ela está casando com o avô dela!” Ela tinha 17, e eu 34. Eu era

bem mais velho, então a “turma” ficava “meio assim”: “Será que esse cara vai aguentar essa mocinha?” Aguentei! E estamos até hoje.

16 **Claire:** Não que ele não esteja sendo verdadeiro, não é isso que eu quero dizer, mas que aí dentro pulsa forte um coração judeu, eu tenho certeza. A relação com Deus, eu diria até que por ele ser feliz, ele não se dê conta, de quantas vezes ele já disse “Meu Deus do Céu!”

17 **Luciano:** Ah! Sim, mas isso como expressão verbal!

18 **Claire:** O que me parece, e isso a gente bate bem juntinho, é não responsabilizar, não terceirizar pra Deus responsabilidades que são nossas. É quase uma obrigatoriedade que se dá a Deus de ouvir a gente, porque a gente rezou. Não é bem assim. A gente age, a gente tem atitude. Eu tenho muito mais religiosidade que ele, não tenha dúvida, mas eu procuro muito Deus pra agradecer por tudo que eu tenho, pra agradecer por males que não me atingiram, do que ficar pedindo e terceirizando pra Ele. Tanto que existe, em todas as religiões, inclusive no Judaísmo, a expressão “Temor a Deus”. Eu não tenho, eu não sinto temor de Deus. Muito pelo contrário, eu sinto amparo, e eu acredito que o temor só possa vir de uma consciência pesada...

A gente se orgulha de ser judeu, a gente se orgulha de ser brasileiro... e a gente deve isso ao Brasil, pelo fato de terem recebido nossos pais...

A gente se orgulha por ser humano, por ser brasileiro, por ser judeu, e por ser do bem.

3 Entrevista com Dr. Israel

1 **Dr. Israel:** Você nasce, você é criado numa casa judaica, tem uma mãe que é judia, tem um pai que é judeu, então, desde pequeno, você começa a ver a formação, a tradição dentro de sua casa. A tradição, você ainda não entende, até que você chega ao Bar Mitzvá. Quando chega na época do preparo pro Bar Mitzvá, você começa a ter mais consciência do que seja a religião, porque você vai começar a aprender a rezar por sua conta. Mas você reza por quê? Porque a gente precisa saber se você vai ter fé em alguma coisa, porque aquela coisa que você vai ser /?/: porque existe Deus. Quem é Deus? É todo poderoso, ele pode tudo... então... a fé. O resto é consequência. Se você tem fé, você reza, se você não tem, você nem pensa naquilo, porque, pra você, aquela entidade é uma entidade invisível. E tudo aquilo que é invisível você acha que é abstrato e não existe...

Os católicos fazem imagens porque eles não vêem o Deus, então eles fazem o Cristo na cruz. Aquilo é como se fosse um mantra pra eles, eles estão vendo o Cristo na cruz, e aquilo leva eles a pensar no Pai de Cristo, que é Deus. Nós, judeus, não temos nada disso, nós vivemos uma religião inteiramente abstrata, a nossa religião não nos dá nenhuma substância física, só tem a Tora. Aqueles rolos da Lei, feitos em pergaminhos, são os textos, não pode ter nenhum erro. A confecção da Torá é uma coisa extremamente complexa...

A Tora, na verdade, é a Bíblia. O Velho Testamento é o que está na Torá. O Novo Testamento foi o que ficou na Bíblia impressa, que é utilizada pelos católicos, protestantes...

Então, a identidade do indivíduo é criada dentro dessa vivência familiar... Porque, veja bem, eu pego uma entrevista que eu dei há uns anos atrás, é uma entrevista biográfica, porque eu começo contando quem é meu pai, quem é minha mãe, que idade eu tenho... Mas, então, uma das perguntas que a entrevistadora fez foi: "Como é que vocês comemoravam?" Só os feriados...

Não, eu até contei um fato interessante, que, quando chegava época de Rosh Hashaná, como era hábito lá na /terra/, /?/ e compra tudo novo, então nós éramos quatro irmãos, meu pai dava dinheiro pra minha mãe e dizia assim: você vai e comprar roupa pros seus filhos /?/, e tinha roupinha pra meninos... e aí ele comprava. Mas a roupa não acabava em um ano...

Então, nós íamos a todas as festas religiosas, porque meu pai tinha uma obrigação, fiquei com ele desde cedo... Então nós íamos às festas. Meu avô Jacó era um dos patrocinadores, então ele fazia uma Sucá lá em cima do /?/, na Conselheiro Josino. Ali eles ficavam vários dias fazendo as comemorações de Sucá. No Yom Kipur, ficávamos o dia inteiro na sinagoga. A partir dos 13 anos, nós fazíamos jejum de 24 horas. Meu pai não trabalhava, ele fechava a loja dele em Kipur por dois dias, em Rosh Hashaná também fechava a loja por dois dias. Todos os judeus fechavam /?/, todos fechavam e iam pra sinagoga.

Então, tem as festas. Eu sempre ia pra casa do meu avô. Ou Rosh Hashaná, Pessach. Porque Pessach é uma festa muito interessante, que reúne a família. Tem a Matzá, tem aqueles doces todos, tem aquela tradição toda, tem a história da saída do Egito, então é uma coisa ilustrativa pras crianças. Então, você vai vendo essas coisas, todos os anos se repetem, e essas coisas vão embrenhando em você, como hábito, como costume, o que quer que seja. E aí tem a parte religiosa. Depois fica na sala de culto, e aí você lê, tira a Torá, então as pessoas são chamadas a ler a Torá, seguindo uma ordem, primeiro é chamado um Cohen*, depois é chamado um Levi*, depois ... (*sobrenomes judaicos)

Primeiro são chamados os Cohens, que eram os sacerdotes, é a classe nobre dos sacerdotes. Depois eram chamados os Levis, que era a classe intermediária, e depois Israel, que era o povo, a plebe ignara. Então a sinagoga obedece o mesmo ritual, ela chama inicialmente essas pessoas. Depois ela vai chamando as pessoas que querem subir, ou que estão por alguma razão necessitando em subir. Às vezes uma comemoração, saiu de uma doença, ganhou na loteria, tem um parente que está passando mal e quer que melhore de saúde, vai lá e faz sua oração -, a oração pros pais, pros mortos da família - porque na sinagoga, no dia de Rosh Hashaná ou Kipur, ou os sábados, ou quintas-feiras, quando você pede pra ser chamado pra leitura da Torá, chama-se Aliá, a subida, então você sobe pra ler a Torá (refere-se ao fato de que, nessas ocasiões, se a pessoa vai fazer a leitura, tem de fazer a oração pros mortos da família). Então você vai criando uma identidade. Meu pai não era religioso, mas era tradicionalista, então ele seguia a tradição, ele sabia rezar perfeitamente bem, ele foi a liderança nessa época aqui no Rio de

Janeiro, no Bené-Herzl, ele foi a liderança executiva de tudo isso. /?/, as pessoas davam dinheiro, contribuía, mas, de fato, ele carregou a carruagem pra onde ela foi, construiu a sede social de lá e manteve ela durante anos, mesmo atravessando a ditadura, que foi uma época muito difícil e que nessa época foi que se colocou o nome da comunidade...

Você vai formando... (a identidade judaica). Até o Bar Mitzvá é uma coisa, depois você começa a andar com seus próprios pés. E depois seus pais não existem mais e você continua andando, porque você já tem uma cabeça formada, você já é um adulto. E aí você tem fé ou você não tem fé. Eu não sou uma pessoa religiosa. Meu pai não era religioso, ele era tradicionalista, acreditava em Deus, ia à sinagoga, obedecia às tradições, mas ele não comia kasher integralmente, porque o “judeu que é judeu” tem que comer kasher. Ele não comia porco, não comia camarão, as coisas que são proibidas ele não comia. Não sendo religioso, mas ele era tradicionalista, obedecia às tradições. E passou isso pra nós. Quer dizer, eu tenho mais 3 irmãos, nenhum deles é religioso, mas todos são tradicionalistas. Nenhum de nós, depois dos 13 anos, deixou de fazer jejum no Kipur, de 24 horas. Nós fazemos 24 horas de jejum sem água, sem comida, sem nada. Nós seguimos a tradição...

As pessoas, às vezes, me dizem: “Você não vem à sinagoga sempre, não vem aqui estar conosco, é muito importante, é muito bom...” Eu digo: “Olha aqui, eu acho que Deus não é surdo. Então você fica rezando, repetindo cem mil vezes a mesma coisa, puxando o saco de Deus. Ele não é surdo, se ele quiser te atender, ele vai atender seja na primeira, na segunda ou na terceira vez. Agora mil vezes você repetir a mesma coisa, eu acho que é desnecessário.” “Ah! Mas isso é blasfêmia que você fala...” Bom, isso é problema seu. Eu acredito nisso,

então não venho. Eu venho pra comemoração da morte dos meus pais, dos meus avós, dos meus irmãos, meus tios, isso eu venho fazer, faço a leitura da Torá, e tudo bem. Agora, não vou ficar aqui. Por exemplo, vocês estão lendo a Torá. A Torá é uma coisa sagrada, é claro...”

Eu acho que não deveriam ter traduzido a Torá pro português...

2 Norma: Traduziram?

3 **Dr. Israel:** Sim, tem livros de leituras de rezas. Você já leu a Torá de fato e viu quanta besteira tem lá dentro? Ora! Quem tem fé acha que tudo aquilo é sagrado. Mas tem tanta coisa estranha, errada, fora do direito das coisas e das pessoas dentro da Bíblia, tanta mortandade, tantas guerras entre tribos, desalojamentos de coisas, então eu acho que na Torá tem coisas muito boas, mas também tem muitas besteiras. E dizer que é tudo sagrado, um pacote só, eu não concordo com isso. Eu estou lendo em português e estou vendo a quantidade de coisas que...

O que tem no Velho Testamento é isto, e o que tem no Novo Testamento é aquilo. O Novo Testamento só fala em bondade. O Velho Testamento só fala em guerras, mortalidade, os sacrifícios no templo, de animais, cabrito, carneiro, até boi. O fedor, aquela sujeira de sangue, não havia água encanada, não havia esgoto, nada disso. Isso é coisa de 100 anos pra cá. Então, meu modo de pensar é esse. Minha fé é essa, eu tenho fé em Deus, eu rezo pra Ele, em português, em qualquer língua que você queira, e essa é minha fé. Agora o resto... a religião diz que tem que ser assado, eu quero assim, eu faço assim... eu posso rezar em casa, posso acender minhas velas

por alma dos meus entes queridos desaparecidos, tenho meus pensamentos voltados pra eles, tenho minha fé religiosa...

4 Norma: Mas a oração que o Sr. faz, é sua ou do livro?

5 Dr. Israel: Você faz o que você quiser! A oração não precisa ser do livro não. O livro é um roteiro.

6 Norma: Como é que é essa continuidade dessa fé? Olha só: saíram lá do tempo da segunda queda do templo, a segunda destruição, vieram pra Península Ibérica, vieram essas gerações todas, saíram da Península Ibérica, vão pra Turquia, vem pra cá, e nós estamos mais esses anos todos, e continuam com a fé, sendo judeus, isso é muito interessante...

7 Dr. Israel: Uma vez eu escrevi um discurso, eu fui presidente do CIB por 6 anos, e eu escrevi o seguinte: “Os judeus com uma Torá nos ombros e uma prece nos lábios conseguiram atravessar os séculos, com todas as guerras e destruições e chegaram até hoje”

Então, não precisa muita coisa. Você não pode destruir nenhum segmento da sociedade que esteja baseado em princípios, em doutrinas. Pela força até é destruído, mas quando você tem uma... mas por que a religião segura todo mundo? Porque você diz Meu Deus! Isso segura todo mundo até aqui embaixo, porque a pessoa tem fé em Deus, ou em Cristo... então, isso segura, é um ícone, é um mantra... O Nuzman dizia que a religião é o ópio dos povos. O cara precisa da religião pra se segurar, alguma coisa tem que ser responsável pelo que acontece ou que venha a acontecer, que poderá acontecer. Então, eu vejo a religião desse jeito. Eu acho que qualquer uma delas é boa, desde que você acredite.

8 **Norma:** E o Sr. se considera judeu?

9 **Dr. Israel:** Eu sou judeu, evidentemente. Eu nasci judeu, tenho que morrer judeu. Eu não vou abdicar da minha religião, não tem nem porquê.

10 **Norma:** Não é só a religião, tem toda uma história, uma raça, uma etnia, tudo...

11 **Dr Israel:** O judaísmo tem sido discutido. O judeu é um povo, é uma raça, é uma religião, o que é o judeu? O judeu é isso. É gente que aceitou as tábuas da lei, que é a Torá, respeita essa Torá, e vê com as preces dessa Torá na língua até hoje, veio andando através dos séculos até hoje. Agora onde estão os gregos, onde estão os romanos? Eles não tinham uma essência, a religião pro judeu é a essência da sobrevivência do judeu. Você pode não ser religioso. Mas você é judeu? Você acredita que você é judeu? Então, você vai sobreviver. Olha, o que os judeus já sofreram de perseguição, de mortandade, de destruição, /?/ isso é quando existia o Estado, que era uma nação, como é hoje o Estado de Israel, eram nações, com reis, com instituições assentadas. Como é que o judeu resistiu até hoje? É uma doutrina. Quem não tem doutrina não chega a lugar nenhum.

12 **Norma:** E a Torá é essa doutrina?

13 **Dr. Israel:** Evidentemente a Torá é o roteiro da tua vida. Você vai lendo aquilo, você segue aquele negócio, que você acha que aquilo é sagrado, você bota o teu sagrado todo naquele negócio, e você segue. Eu sou um caso a parte, eu acho que tem coisas que não merecem, não deveriam nem estar, mas como é uma história, tem coisa boa e coisa ruim, tá tudo escrito ali...

Meu pai chegou aqui em 1912; meus avós, em 26. Ele veio da cidade de Urla, Turquia, que, como eu disse a você, são 20 km afastada de /?/. Eles falavam turco, um pouco de grego. Meu pai falava turco, falava grego, falava francês, falava um pouco de italiano, falava português e falava ladino. Meu avô falava turco e falava ladino. Com a minha avó, ele falava ladino, com as filhas, ele falava ladino. Eles tiveram vários filhos, que vieram pro Brasil. Duas filhas ficaram na Turquia. [...] meu pai, como casou com uma eskenazi, não falava o ladino em casa. Eu só comecei a ouvir o ladino quando, em uma certa época, meu pai trouxe meus avós pra morarem em nossa casa. Aí meu pai falava com eles em ladino, e a gente ia escutando. Minha mãe também ia aprendendo. A gente foi aprendendo assim, de ouvido.

14 **Norma:** E a sua esposa é sefaradi?

15 **Dr. Israel:** Não, eskenazi. Os pais dela são da Romênia. Não, a mãe é russa, de Kiev, e o pai é da Romênia. Ela fala ídiche, fala hebraico. Quer dizer, ela não quer falar. Ela sabe o hebraico e o ídiche. Sabe inglês, francês, português e até russo ela sabe um pouco. E foi assim, nós aprendemos o ladino de ouvido, do meu pai com meus avós, e foi entrando.

4 Entrevista com Dora

1 **Dora:** [...] que ajude também a progredir na nossa religião, o Judaísmo, principalmente para nós, sefaradis.

Eu não tive uma educação muito judaica, porque eu não estudei em escola judaica. Mas a origem dos meus pais...

Meu pai veio muito jovem da Turquia, de Istambul, que era a antiga Constantinopla, e, naturalmente, naquela época, os judeus turcos eram chamados para o serviço militar, e era uma coisa muito rigorosa, segundo meu pai falava. Então os pais deles mandavam para outros países, outros lugares distantes, os filhos que podiam desenvolver uma profissão fora da Turquia, fora de Constantinopla. Enfim, meu pai saiu muito cedo de Istambul, com 17, 18 anos. Ele largou a mãe, o pai e mais duas irmãs que ele tinha, e foi à vida. Pegou o navio, deve ter primeiro parado em algum porto da Europa e depois ele parou em Nova Iorque, que ele me contava que tinha uma tia e um primo lá. Que em Nova Iorque, quando o navio chegou, ele até deu “adeus” a um primo dele que se chamava Isaac, que eu cheguei a conhecer.

Em seguida, ele seguiu para a América, que era o “novo mundo”, para quem quisesse iniciar uma nova vida de trabalho, e veio parar no Rio de Janeiro. Mas antes disso ele morou muitos anos em Santiago de Cuba. Meu pai deve ter vivido em Cuba por uns 10 anos pelo menos. Ele fez muito dinheiro lá. De lá mandava dinheiro para o pai e para as irmãs, para pagar o colégio delas, que estavam em Istambul. E de lá é que, depois, ele veio pro Brasil. Então, quando ele chegou ao Brasil, já devia ter uns 30, 32 anos, porque, quando ele casou com a minha mãe, ele já tinha quase uns 35. Minha mãe tinha 20. Então ele já era bem maduro. Aí, eles tiveram uma filha antes de mim, que faleceu com uns dois anos, de difteria.

Eu e minha irmã tivemos uma educação muito cerceada, aquela educação não religiosa, mas antiga, e que não dava para ter tanta abertura. E nós fomos educadas para o casamento, não para o trabalho, para o mundo.

E aí eu conheci meu ex-marido, sou casada pela segunda vez. Meu ex-marido, que é o pai dos meus filhos, conheci com 15 anos, com 16 fiquei noiva. E aí, acabou! Não precisava mais estudar, estava preparada pro casamento. E assim foi. Com 19, 20 anos, me casei, tive filho logo – o mais velho tem 42 anos – e 3 anos depois tive outro. Com 30, 32 anos, resolvi fazer faculdade, e aí, fiz Direito.

Tem também a estória da origem da família da minha mãe, Família Bentes. Da minha mãe, eram 6 irmãs e 1 irmão. Minha mãe era de Esmirna (Turquia), e meus avós, quando vieram pro Brasil, foram pra São Paulo. Meu avô veio na frente com meu tio, que era o único homem da família, e eles arranjaram emprego e moradia para minha avó e as 6 irmãs que ficaram. Sendo que a irmã mais velha já estava casada e veio morar em Porto Alegre. Minha mãe era a caçula das irmãs, tinha uns 4, 5 anos. Então ela já estudou aqui no Brasil, foi alfabetizada em São Paulo, então ela era a única que falava o português sem aquele sotaque nosso ladino. As outras irmãs, como tinham estudado na Turquia, algumas falavam até francês, e vinham com aquele sotaque espanhol bem carregado. Não conseguiam falar direito o português, mas todas elas se casaram e moraram em São Paulo. E minha mãe, que ficou a única solteira, conheceu meu pai numa das viagens dela ao Rio de Janeiro. E como ia nascer um sobrinho dela, minha mãe veio pra ajudar. E essa irmã conhecia meu pai. E eles se conheceram, se apaixonaram, e, em seguida, se casaram.

2 Norma: Gostaria que você narrasse SUA estória de vida pessoal.

3 Dora: [...] somente quando conheci a Turquia, que é país da minha origem, da origem dos meus pais, quando conheci minhas tias, minhas primas irmãs, que moram em Istambul, tudo isso foi uma emoção muito grande [...]

não estudei em escola judaica, me casei, tive um filho, depois outro, uma educação reprimida [...] meu neto mais velho agora em novembro já vai fazer Bar Mitzvá [...] fui estudar...

4 Norma: E seu marido aceitou?

5 Dora: [...] meu marido aceitou, sempre me deu muita força.

[...] nos separamos “pelos motivos que os casais se separam”, mas quando me separei, meu filho mais velho tinha acabado de se casar... após 5 anos sozinha, fui morar com outra pessoa.

Minha mãe era muito religiosa, ela fazia a Pessach, ela fazia questão... Naquela semana inteira não comíamos pão, minha mãe fazia as Minas de Matzá, mamãe preparava os bolinhos para levarmos de merenda pro colégio; ela acordava muito cedo e fritava aqueles bolinhos, com ovos, mel, e embrulhava para levarmos de lanche, porque ela não permitia que comêssemos pão e farinha a semana inteira. Ela fazia o Yom Kipur, Rosh Hashaná, ela matava as galinhas, chamava uma pessoa, que matava um galo, uma galinha e duas frangas, que era para mim e minha irmã, fazia aquela cerimônia toda, cortava, limpava o sangue, tudo direitinho.

6 Norma: Seu pai sempre estava presente?

7 Dora: Sempre presente. Meu pai era um homem que acompanhava muito minha mãe. Minha mãe seguia religiosamente isso. Ela ia à sinagoga em Pessach, Rosh Hashaná, Yom Kipur, obrigava a gente a fazer jejum o dia inteiro de Yom Kipur. Ela fazia. Meu pai, no final da vida, já era um homem muito doente, com doença de Parkinson há uns 8 anos, mas ele fazia o jejum, ele foi um homem que, na juventude, bebia muito, mas no dia do Yom Kipur,

ele fazia isso sagrado. Não fumava, não bebia, não tomava nem um copo d'água. Ele ficava o dia todo em casa, ele respeitava! E aí de noite a gente ia pro jantar, quebrar o jejum, com suco de laranja, pão com azeite, pão-de-ló, burrequitas, depois que a gente chegava da sinagoga.

Meu pai faleceu em 1985. Já estava muito doente, mas minha mãe não estava. Ela tinha tido um câncer 10 anos atrás. E um ano e meio depois que meu pai faleceu, ela se foi. O câncer dela se manifestou com metástase nos ossos. E aí ela teve um fim muito triste, ficou quatro meses numa cama. Morreu com 65 anos naquela época.

[...] e aí que, uns 2 ou 3 anos depois que ela faleceu, eu me separei. E eu não me habituei a fazer as festas, a comemorar as festas como ela comemorava. Eu ia à sinagoga no Yom Kipur, Rosh Hashaná, mas eu não conseguia mais fazer jejum, eu já não tinha mais cabeça, já não tinha mais pra que, pra quem, quando você não tem mais objetivo.

Aí, quando vieram meus netos, eu quis fazer para mostrar aos meninos. Logo depois que meu neto nasceu, com 2 anos, meu filho se mudou pra São Paulo, com minha nora, e fizeram a vida deles lá.

8 Norma: Sua nora é judia?

9 Dora: Não, ela se converteu, porque quis se converter, casar em sinagoga, e eu fiquei muito feliz, porque partiu dela, ninguém pediu. Ela quis. E ela faz questão que meu neto faça o Bar Mitzvá, tudo é muito livre, na educação deles lá. “Meu neto, você quer participar?” Ele quis. Ótimo. Está estudando, vai toda semana na CIP, em São Paulo. E vamos comemorar o Bar Mitzvá dele no final do ano, se Deus quiser.

10 **Norma:** E seu segundo filho, casou com judia?

11 **Dora:** Não, casou com católica (Goi) também, mas ela não se converteu. Mas ela não é religiosa. Tanto não é que minha neta estuda no Liessin, com 5 anos. Também estuda lá por que ela quis colocar lá.

Lá ela faz o Shabat. Está se preparando para o Rosh Hashaná. Toda sexta-feira vai de roupinha branca pra acender vela do Hanucá. Eu estou orgulhosa. Coisa que não fiz quando criança, então me sinto muito orgulhosa.

12 **Norma:** Seu primeiro casamento foi com judeu?

Foi! Eu casei na ARI (Associação Religiosa Israelita) com o Lemler, o grão-rabino Dr. Lemler.

13 **Norma:** E ele era judeu praticante, seu primeiro marido?

14 **Dora:** Não. Meus filhos fizeram Bar Mitzvá na ARI, todos os dois, mas ele não era muito praticante não. A família dele também não. Meus pais eram muito mais.

15 **Norma:** A netinha que estuda no Liessin mora no Rio de Janeiro, né?

16 **Dora:** Sim, em Copacabana.

17 **Norma:** Então agora você tem um estímulo pra fazer (as tradições).

Tenho, tenho! Vou ter que aprender tudo de novo, fazer uma reciclagem, mas faço isso com muito gosto, acho isso muito bonito. Ela me fala algumas letras em hebraico, algumas palavras, algumas cores, então é uma novidade, até por que nós, sefaradis, a gente não fala hebraico, nem iídiche. É

o ladino, o espanhol que nós entendemos, mas que os ashkenazis também não entendem.

18 **Norma:** E com seu segundo marido, você deu alguma continuidade?

19 **Dora:** Não. Ele também é judeu, ashkenazi, a família dele veio toda da Polônia, antes da guerra, família Band. Sou casada com Paulo Band, mas não é religioso também. Se tiver que ir, ele vai, respeita, mas desde que o conheço não vi muita religiosidade.

20 **Norma:** E ele segue as tradições?

21 **Dora:** Não, não.

22 **Norma:** Mas as festas de Pessach?

23 **Dora:** Olha, a gente vai, eu, minha irmã e uma grande amiga. Nós sempre passávamos as festas religiosas ora na casa dela, ora na casa da minha irmã. Então, atualmente, ela faz mais na casa dela, pois as filhas dela sabem muito, são casadas com judeus, e a gente faz a reza, fazemos nossa festividade.

[...] Os compromissos de cada um nos dias de hoje... Não dá pra dizer “Não pode! Tem que fazer!”, não dá pra obrigar os filhos, que tem seus trabalhos importantes pra fazer, a deixar de fazê-los em função de uma data festiva nossa. Infelizmente. Eu falo isso com lástima, porque, se fosse meu pai e minha mãe, me obrigariam a fazer. Mas...

24 **Norma:** E o que faz com que você se sinta judia? Sim, porque você se considera judia.

25 **Dora:** Claro! Isso corre no sangue. Vou te dizer: se eu ouço uma música na televisão, uma Hava Nagila (música judaica, cujo título significa “Alegremo-nos”), eu chego a me arrepiar. Se eu vejo uma cena numa sinagoga, uma coisa que me emocione, a adrenalina me sobe, me emociono toda. É o sangue da gente. Eu te contei a estória de quando eu entrei na sinagoga em Rodes.

Ano passado... Faz exatamente um ano que eu estive na Grécia e na Turquia, pela segunda vez. Fui visitar minha família em Istambul, minha tia, minhas primas e primos. E depois eu fui a Atenas, fiquei nas Ilhas Gregas, fiquei três dias em Mikonos, Rodes e Santorini.

Em Rodes tem uma comunidade judaica muito grande, que migrou na época da Inquisição. Não sei se eles foram direto pra Rodes ou se antes tentaram ir pra Turquia ou outra capital europeia. Mas em Rodes havia uma comunidade sefaradi, não ashkenazi, enorme. Tem muitas famílias sefaradis no Rio de Janeiro que são originárias de Rodes. Talvez os descendentes hoje estejam vivos, claro. E eu estive na cidade velha de Rodes, onde ainda existe um muro cercando (as cidades antigas todas eram cercadas por muros), e lá dentro tem uma sinagoga antiga, que funciona até hoje. Nessa sinagoga, ainda são realizadas algumas cerimônias e alguns casamentos. E essa sinagoga tem um casal sul-africano de judeus que toma conta. No dia que eu estive lá, eu entrei na sinagoga. Atrás dela tem um museu do antigo gueto que existia nessa cidade antiga de Rodes. [...] Na frente da sinagoga tem uma placa de bronze em homenagem às famílias...[muita emoção] As famílias sefaradis que lá estiveram e habitaram. Com certeza, nossas famílias, avós, bisavós, não se sabe quem, estiveram lá! Porque o nome da família da parte do meu pai, que

era Pilosof, está lá escrito em bronze. E o nome da família da minha mãe, que era Bentes, também está lá escrito! Eu tenho assinalado isso lá, e isso foi muita emoção! Eu estou falando isso... você está vendo que não sou religiosa [ainda bem emocionada].

26 **Norma:** Mas é uma emoção mesmo...

27 **Dora:** Mas quando falo disso, mostra minha religiosidade, meu sentimento, entendeu? Aqui dentro.

28 **Norma:** Eu entendo isso porque, é como se 500 anos depois... Não são só 500 anos. Saíram /?/ do tempo de Salomão, vão pra Península Ibérica, depois vêm pra cá, e dando continuidade...

29 **Dora:** Tem uma fuga muito grande, né? É um caminho a percorrer que parece interminável, né? Porque muitos deles ainda continuam em busca, né? Vai lá, vai cá, fazer a vida aqui, fazer a vida lá... mas nós estamos aqui!

5 Entrevista com D. Luna

1 **Norma:** Primeiro, antes de começar, gostaria de saber: seus pais vieram de onde.?

2 **D. Luna:** Meus pais vieram de Rodes. Meu pai, quando veio, já não era tão criança. Eles tinham 20 e poucos... 20 por aí, ele veio com a mamãe solteira, minha avó materna e minha avó paterna, isto é, mãe dele e mãe da minha mãe. Eles casaram assim que chegaram aqui e continuaram. Meu pai foi

um comerciante na rua Gomes Freire, uma casa enorme de fazendas, aí ele trouxe os irmãos.

3 Norma: Igualzinho ao Sr. Salomon Razan, que tinha fazendas importadas, francesas...

4 D. Luna: É, todo o mundo tinha loja na Gomes Freire, então o Sr. Behar também tinha, todo mundo tinha loja ali. E ele trazia fazendas de Paris, era lindo. Eu conhecia as costureiras todas, era tudo mais fino, não tinha também tanta roupa pra comprar em loja, as lojas eram limitadíssimas. E ele casou com a mamãe, ele mandou vir, ele pagou a passagem dos dois cunhados e dos três irmãos. E quando eles chegaram, como é feito em toda família grande, eles fizeram uma sociedade, enfim, ninguém tinha dinheiro pra colocar, mas eles foram trabalhar todos juntos, e fundaram a Casa Renascer. Então, o mesmo nome daquela casa de móveis. E quando eles fizeram uma loja de roupas de homem, chamada casa Parkton... A casa Parkton era na Av. Rio Branco, ponto espetacular, e vendiam roupas de homem, e depois, pararam de trabalhar, alguns faleceram, aí meu pai, já idoso, meu pai não podia... nem imaginaria parar de trabalhar, porque ele era muito...ativo, muito ativo. Ele foi presidente da comunidade Bené-Herzl, da parte do clube, da parte da sinagoga, ele tinha um trânsito muito bom na área, com o Dr. Lembler. Ele era um homem muito ligado nessas coisas, papai era muito ativo mesmo. E a comunidade nossa era uma maravilha. Era unida, era boa, era bonita, era empreendedora. Sabe, nos dias de festa, você... eu não sou uma pessoa que vou na sinagoga, eu não sou uma pessoa religiosa, nem eu, nem José, mas a gente ia na sinagoga com outro alento, outro prazer. Agora a gente não reconhece nem mais o outro, as músicas, porque eu não falo hebraico, mas as músicas que se cantavam, é diferente. As

peessoas, todo mundo que se criou naquele ambiente, festas lindas, todo mundo congraçando, todo mundo se encontrando, era muito bonito.

5 Norma: Muito bonito, eu tenho excelentes recordações.

6 D. Luna: Você tem, imagina eu também. Bom, depois meu pai foi fazer o curso de corretor, de vender... bolsa, ações. Ele era danado meu pai, velhinho ele foi fazer isso, e passou a fazer isso também, até que ele faleceu. Ele faleceu, /?/, aí mamãe faleceu. Ela era muito doente, e a gente ficava muito em hospital. Ela tinha... tudo que você imaginar ela tinha, coitada, tudo de uma vez só. Era muito ruim. Ela faleceu, ele ficou muito triste. Ele gostava muito da mamãe. Ele dizia que perdeu os dois braços e as duas pernas depois que a mamãe faleceu. Aos poucos ele foi se... ele não se levantou nunca mais, você sabe, ele dizia: “Eu só estou vivo por causa de você, teu irmão e os teus filhos.” Mas ele realmente não tinha mais prazer de viver, ele era um homem cheio de vida.

7 Norma: Agora eu gostaria que a senhora contasse sua estória de vida, como se fosse uma novela, narrando... uns capítulos principais da sua vida.

8 D. Luna: Bem, eu, como todo pai judeu, ele me botou pra estudar inglês particular, francês particular, dança de “balezinho” e piano. E colégio. E aí, o judeu normalmente bota essas coisas na cabeça dos filhos, que tem /?/ que o invasor não tira. Enfim, aí eu fui estudar e tomei um gosto tremendo pelo inglês. Francês eu falo, mas não tanto como o inglês. Espanhol eu falo... espanhol, eu falo muito bem, mas o inglês é meu idioma top, digamos assim. Aí eu fui estudando, estudando, estudando, e, quando eu tinha 17 anos, eu conheci o José. Ele era 10 anos mais velho que eu, 10, 11 anos mais velho. Eu

não tava pensando nem em namorar, nem em casar. Eu tinha me formado em clássico, eu queria era curtir e fazer qualquer coisa. Enfim, a gente namorou pra lá, pra cá, dava certo, não dava, até que a gente casou, graças a Deus, por que ele foi um marido maravilhoso.

E durante a juventude, você sabe que o pessoal da comunidade fazia aquelas festas, todo mundo ia dançar, com papai e mamãe sentados em cadeiras tudo em volta...

9 **Norma:** É, família, né?

10 **D. Luna:** Era época quase que "jurássica", em termos de agora... bem, aí eu conheci José. Eu casei muito jovem. Quando a gente casou, tivemos filhos - Clarisse e Sérgio. Sérgio é advogado, tá continuando com o escritório do pai, é até muito melhor na parte dele, graças a Deus, e Clarisse, que não quis estudar direito, foi estudar publicidade, é publicitária, enfim, mas os meus dois netos maiores são advogados e estão trabalhando também no escritório, Camila e Alexandre. Alexandre se forma neste fim de ano, Camila já se formou. Enfim, e durante a nossa vida a gente teve as crianças, Clarisse nasceu praticamente no mesmo ano em que a gente casou, Sérgio 3 anos mais tarde, quando as crianças eram menores, a gente botou papai e mamãe em casa pra tomar conta deles e fizemos nossa primeira viagem à Europa. Foi uma maravilha. Foi em... 64 foi o ano da revolução, então foi 1960. E fomos adoramos, viajamos. Na segunda viagem, já levamos as crianças. E, na terceira e na quarta, eles já gostavam de ir /?/, a gente vai perder um pouquinho de aula e eu dizia: "Não tem problema, depois eles repõem." Realmente, graças a Deus, depois eles repuseram. Teve uma vez, em 64, a gente foi pra Israel...

Depois de 64 até ele ficar doente, eu acho que eu fui... até 1995... ele começou a ficar doente em 1995, mas depois ele ficou realmente... a gente ainda conseguiu fazer uma ou duas viagens. A gente ia todo ano, a gente ia viajar, ou EUA, ou Europa, a gente gostava muito, e ele era nosso grande divertimento, e era fácil viajar. Você comprava uma passagem, você ia, pagava em prestações, mas acontece que você não tinha essa bagunça federal, que está agora aqui. Tinha, mas você não tinha... você viajava com facilidade, você comprava a passagem, você embarcava e tudo bem. Agora aqui tem que esperar que não tá, que o avião tá atrasado, e não sai mais. Eu não entendo como ficou essa bagunça. Nós viajavamos muito bem, muito direito, ninguém atrasava, o mundo era outro, o Brasil certamente era outro, o Rio de Janeiro então nem se fala.

11 **Norma:** Agora eu gostaria que a Sra. pudesse fazer o seguinte pra mim... agora a Sra. vai contar a estória assim, me dando um título: A minha vida como judia. Essa mesma estória de vida, desde a Sra. pequenininha, em casa com o Sr. Mateus Menashé, a mesma estória, como judia.

12 **D. Luna:** Olha aqui... meu pai era um homem... não era religioso, era muito, muito Kasher... não, desculpe, ele não era nem Kasher, ele não era. Ele era religioso, mas nem era Kasher...

13 **Norma:** O meu também não.

14 **D. Luna:** E posso dizer mais: nenhum dos sefaradis que vieram de Esmirna, de Rodes, de Istambul - agora já foram embora -, nenhum deles fazia (xxx), como hoje você vê as pessoas askenazis fazendo pra valer. Meu pai, engraçado, meu pai foi presidente do CIB, da sinagoga, na parte religiosa, e ele

transitava por todos... pela Hebraica, pelo Lemler, por tudo ele transitava, mas ele não era Kasher, engraçado isso. Isso foi uma coisa que até o José me explicou. Eu cresci nesse lado judeu, sem dúvida nenhuma, mas sem aquelas...obrigatoriedades que, talvez...enfim, nós crescemos num lar judaico, sem sombra de dúvidas, meu irmão fez Bar Mitzvá, eu não fiz o Bat Mitzvá, porque naquela época não se botava as meninas pra fazer. Eu acho que a nossa congregação era até um pouquinho *light* demais, demais, olha bem a minha palavra, aí a gente...como judia, mas sempre judia eu ia à sinagoga nas festas, evidentemente. A gente ia em qualquer festa que tinha, a gente ia com papai e mamãe, e tudo, eu ia no Rosh Hashaná, ia em Pessah, eu ia em todos os lugares porque papai e mamãe estavam lá. Eu era... Nós sempre tivemos um lar judeu, porque papai era muito ativo na comunidade, papai foi amicíssimo do Dr. Lemler, da ARI. Então ele ia pra lá, ele sempre telefonava, convidava, com a /?/, presidente da /?/. Papai tinha muito, muito entrosamento. Quando eu casei, não havia ainda aquele entrosamento com o pessoal askenazi propriamente dito, então meu casamento foi todo de sefaradis porque não tinha, não tinha... não era uma coluna já antiga.

Enfim, aí casei. Não, noivei com José, conheci José, ele mais velho, muito amigo dos meus primos, que eram mais velhos também. Não podia sair de noite... papai não... então ficava escutando música, escutando “hit parade”, escutando aquelas coisas americanas que eu gostava, escutando música clássica e lendo, lendo, lendo. Naquela época a gente não saía. Eu só podia sair jovem com meus primos, e foi por isso que eu conheci o José. Enfim, a gente noivou, a gente casou... o pai do José não era nada religioso, e José não era um homem religioso tampouco, mas o José foi, e isso não é só dito por

mim não. José era um dos judeus mais conscientes e mais fervorosos, e mais...tudo isso são livros dele, tá tudo encadernado, mas é tudo coisa dele, não é livro que você bota por aí não, e lá no escritório também...aqui na minha casa tem livro em todo quarto. Quarto da minha filha, quarto do meu filho, no meu quarto, só falta botar no banheiro. Mas só livro, porque eu também gostava muito de ler... eu lia os romances, todos /?/, e tudo isso são judaicas dele, e o José também não era um homem religioso. No princípio ele mal frequentava os judeus, ele tinha dois amigos, ele estudava Direito, ele tinha dois amigos que eram de nomes de /?/, nome de gente assim de sociedade, eles eram amicíssimos.

Enfim. Aí você não vai ser, porque você é judeu. Aí o José se deu conta... e aí foi procurar... “O que é isso? Eu estou sendo posto de lado por amigos meus de 5, 6 anos de faculdade.” E de colégio, estudaram no /?/ com ele. “E estou sendo posto de lado por uma turma porque eu sou judeu? Em que eu sou diferente deles?” Aí ele começou... seu Isidoro não era religioso, nada, nada. Mas seu Isidoro era um homem tão santo, tão bom... olha, que pessoa boa! O José adorava ele.

15 Norma: Como era o nome do pai dele?

16 D. Luna: Isidoro Eskenazi Pernidji, veio de Istambul e tinha uma avó também que era mãe da mãe dele, e morava todo mundo junto, na República do Peru, que, naquela época, as famílias moravam todas juntas, que ele adorava aquela senhora, que faleceu quase com 90 anos.

Aí o José começou a ler porque que ele era diferente, e ele se tornou um judeu por opção, por leitura, por cultura, e um judeu muito de alma, sabe, muito

verdadeiro, não era desses de ir pra sinagoga, lá no princípio, porque mamãe estava lá. Eu ia também, mas ele não era assim religioso de fazer Kasher, mas ele era muito mais nobre, culto e verdadeiro do que muitas pessoas que vivem batendo no peito, sabe? Ele era mesmo, ele se tornou um judeu tão... /?/, tinha gente, tinha um grupo de padres que vinha pra cá pra conversar, ele entrava nesse grupo esclarecido. Ele falava com um linguajar nada pomposo, nada de mil adjetivos e quinhentos advérbios, ele conversava como a gente tá conversando, mas tudo que ele dizia você podia tomar nota porque era... E a gente conheceu muita gente lá fora. Eu ia junto, eu já falava inglês, então sempre era uma vantagem; ele falava inglês, ele falava francês. Quando ele tinha que fazer algum discurso, eu ficava corrigindo o discurso dele no quarto, mas foi uma vida muito rica, muito boa. A gente conheceu gente de alto gabarito, nas esferas judaicas, especialmente nos EUA, porque o pessoal era de uma... eu acho que tudo deteriorou no mundo. Agora eu não sei, porque eu estou totalmente por fora, e, nos últimos anos, ele também já não estava mais, mas eu não creio que tinha a qualidade que tinha naquela época. Não sei, talvez o ser humano em geral era melhor naquela época. A gente tá muito cercado de maldade, de guerras, de coisas ruins, o mundo todo mal, eu acho que tudo isso respinga na gente, não sei, eu posso estar falando uma bobagem.

Eu fico tão aborrecida. O Brasil foi um país tão acolhedor pro meu pai e pra todos os imigrantes que vieram naquela época. Eles fizeram suas famílias, eles formaram os filhos, a gente vivia bem, ninguém era milionário, mas a gente tinha comida, tinha lugar onde morar direito, ou particular, ou aluguel, tinha uma vida muito, muito boa. Meu pai se fez aqui, papai perdeu quase todo dinheiro que ele tinha amealhado porque mamãe era muito doente, não tinha plano de saúde,

e entra em hospital, sai de hospital, era uma coisa! Mas ele tinha loucura pela minha mãe e ele fazia tudo, ele não economizava nada com ela, mas, sem plano de saúde, você imagina que o dinheiro estava indo embora, se esvaía. Imagina se fossem os preços de agora, mas era outra época, outra cabeça, eu não sei, o CIB era uma grande família, a gente conhecia todo mundo, e os filhos, e os netos, todo mundo se conhecia. O CIB era um ambiente saudável, divertido, alegre, faziam festas homéricas que os jovens tinham prazer em ir.

17 **Norma:** E a Sra. estava contando então que ele foi mergulhar no judaísmo.

18 **D. Luna:** Mergulhou, e mergulhou de peito e com vontade. Aí ele ficou, ele se enfrontou no judaísmo e ficou lá, ele não se bazofiava, José nunca falava em voz alta, nem nunca dizendo “eu sou”, “eu sei”. Ele tinha isso mesmo, mas, aos poucos, as pessoas foram descobrindo que ele tinha uma cabeça excepcional. E tinha mesmo. Tinha, além de cultura, discernimento. As pessoas vinham aqui pra pedir conselho de vida própria, particular, ele não era conselheiro, mas, ele tinha uma cabeça... meu pai também fazia muito disso, mas o José tinha uma cultura judaica que muito judeu Kasher, religioso, acho que não tem, talvez só os grandes rabinos.

19 **Norma:** E depois que ele passou a ler, ele passou a fazer os ritos em casa, ele mudou alguma coisa?

20 **D. Luna:** Ele se tornou um judeu por opção cultural e não por... eu não posso tirar a palavra emoção. Por emoção, por sentimento também, mas a gente não fazia Kasher. Dia de Yom Kipur, ninguém trabalhava. Até hoje meu filho não trabalha, fecha o escritório - tá cheio de *boys*, de sócios -, ele não

trabalha. Eu faço jantares, a gente faz jantar de Pessah, mamãe fazia antigamente, depois eu passei a fazer quando ela ficou doente. A gente sempre reunia, sempre, a gente continua jantando em Yom Kipur, Rosh Hashaná, Pessach. Meu filho também não é... a gente não fez um lar religioso, talvez estivesse até errado, a gente nunca deixou de ser judeu, meus filhos são superjudeus, mas nós não somos religiosos, eu não sei se é bom, ou se é mau.

21 **Norma:** O que eu gostaria de saber é como se dá essa continuidade judaica... como é que seus filhos...você disse “meus filhos são judeus.”

22 **D. Luna:** Meus filhos são judeus. A minha filha agora está fazendo um curso de Cabala, isso é.../?! Ela quer fazer, deixa fazer, porque pra você ser cabalista, nem os grandes sábios judeus da antiguidade, levava séculos e séculos e não sabiam nada. Mas tudo bem, tudo é cultura. O Sérgio não é um judeu de sinagoga, tanto que, no segundo casamento, ele não está casado com uma judia, o primeiro sim. Meus dois netos são inteiramente judeus. Meu outro neto é judeu, fez circuncisão, tem o nome do pai, mas, se a mãe vai deixar fazer Bar Mitzvá, a gente não sabe. O José não era religioso mesmo, a gente fazia as festas, mas o José era muito mais ligado ao judaísmo pela cultura. Você já foi a Israel?

23 **Norma - Não.**

24 **D. Luna:** Ah!, você tem que fazer disso um programa de vida, e você tem que imaginar que ali era um campo árido. É o mesmo campo que, quando você vê na fronteira com o pessoal árabe, você só discerne que é judaico quando você vê tudo brotando, árvores numa floresta, o mesmo solo, que não tem água, que não tem irrigação, e é um solo áspero, e você chega lá e você vê o que esse povo conseguiu fazer. A linha demarcatória é uma coisa tênue

de fronteira. Você vê no chão, tem uma cerquinha, um arame farpado, e você vê as fronteiras. Você vê a diferença nos campos floridos, nos morangos todos protegidos, como é que eles conseguiram. A terra é a mesma, é o mesmo barro, é a mesma rocha, é a mesma areia, e eles fizeram...

Esses judeus não são fáceis, graças a Deus, são fantásticos, são fantásticos. O que eles conseguiram fazer! Um país com mil defeitos, mas três mil qualidades, ou mais, com povos de cada... agora gente que já nasceu lá, pegaram os etíopes e incluíram eles na sociedade. Quando nós fomos uma vez a um seminário, começaram a nos mostrar os etíopes, que uns já estavam como professor de matemática da universidade. Eles deram cultura pros caras. Os caras vieram, não sabiam nem comer, não sabiam nem o que era aparelho sanitário, nem nada, eles vieram...

25 Norma: Zero.

26 D. Luna: Zero. Os marroquinos também, quando foram pra Israel, os judeus marroquinos, levaram 25 anos pra haver uma assimilação, agora com o pessoal, os etíopes, está havendo mais rápido uma assimilação. Fantástico, fantástico! Porque eles descobriram o filão, que é a educação, eles foram pro colégio, eles foram fazer o curso, eles foram todos pra universidade, tinham que ir pro exército também aos 18 anos. São pessoas cultas e educadas, enquanto essa...

27 Norma: Eu entendo o que a Sra. está falando, porque eu encontrei, nós encontramos, vendo o que a Sra. falou há pouco, eles vieram pra cá porque era a terra da promessa, era a terra do futuro...

28 Norma: Prometida!

29 **D. Luna:** Os americanos também, quando foram para os EUA, eles eram até /?/, e era mesmo! Os imigrantes russos foi que começaram a fazer cinema nos EUA, e aí desandou nessa maravilhosa... todo mundo...os EUA sem cinema, o mundo todo pára. Mas foi começado por imigrantes russos, judeus.

30 **Norma:** judeus...

31 **D. Luna:** Judeus, todos eles. E eles vieram... meu pai se fez, meu pai depois não ganhou mais dinheiro porque ele gastou tudo na mamãe, tudo! Mamãe ficou quase que um ano no hospital, isso uma vez, porque as outras vezes ela ficava... mas acontece que, eles puderam me dar tudo que eles não tiveram. Era piano, era inglês, era francês, era não sei o que, tudo! A gente viajava no verão pra Buenos Aires, porque tínhamos parentes e amigos, é outra vida! A gente curtiu a vida, e todos conseguiram se fazer, ninguém ficou bilhardário. Alguns ficaram...o Sr. Hazan ficou milionário...

32 **Norma:** Ficaram, alguns ficaram...

33 **D. Luna:** Ele teve bancos e tudo...

34 **Norma:** É, é...

35 **D. Luna:** E o Behar, Behar tinha casa de câmbio. Papai nunca ficou milionário, nunca, mas sempre nos deu boa vida. A gente passava verões em Buenos Aires, verão em Petrópolis, a gente... não faltava nada, nada! Nada mesmo. Ele era um pai extremosíssimo, tudo que ele podia fazer por nós, ele fazia, adorava mamãe, idolatrava mamãe, tudo que ela queria, ele fazia, enfim. Foi um... mas agora não é assim não...

36 **Norma:** Não!

37 **D. Luna:** Agora você não pode fazer uma vida normal, boa, porque era uma vida boa. Eu não precisei trabalhar de mocinha. Eu queria, mas ele não deixava...

38 **Norma:** Não, eu também não...

39 **D. Luna:** Eu acabei o curso, agora eu vou fazer estereografia em inglês, porque naquela época era estereografia...

40 **Norma:** É...

41 **D. Luna:** Porque precisava... eu queria ser secretária de executivos, eu achava que era um espetáculo... ele dizia: "Ah!, vai estudando." Mas ele não queria me deixar não.

42 **Norma:** O meu também não me deixou não...

43 **D. Luna:** Mas ele me botava pra estudar. "Vai estudar estereografia? Estereografia! Fazia mais inglês? Fazia mais inglês!" E ele me botava pra estudar mais... e depois eu reparei que ele não ia me deixar trabalhar. Aí eu casei. Aí eu fui trabalhar, já casada com José. Mas a gente teve uma vida muito boa...

44 **Norma:** Não! Nada! Meu pai faleceu em 75. Encontramos um bilhete dele, e dentre as 3 coisas que ele tinha de mais felicidade, ter se naturalizado brasileiro!

45 **D. Luna:** Presta atenção! Eu não consegui com meu irmão pegar cidadania italiana, porque, que meu pai, quando veio, Rodes era italiana. Papai

falava turco, grego, italiano, francês, espanhol e ladino. O espanhol dele era ladino. E quando ele chegou aqui, ele se ensinou, sozinho, ele não foi pra curso nenhum inglês. Ele tinha um dom pra línguas, acho que eu puxei isso dele também.

46 **Norma:** É, eu também...

47 **D. Luna:** Mas... isso aqui era a terra da bonança. Ele trouxe os cunhados e vieram pra aqui e se fizeram muito bem. Eles ficaram no mesmo posto que papai, mas só que... as mulheres não eram tão doentes, e papai... não tinha condição naquela época... mamãe era muito doente, e papai queria sempre o melhor médico, senão não servia pra mulher dele. Ele gastou o dinheiro todo, coitado. Fez tudo que foi possível com a minha mãe, no sentido de cuidados. Mas... do que estávamos falando?

48 **Norma:** Justamente da terra prometida...

49 **D. Luna:** Mas o Brasil era! O Brasil era!

50 **Norma:** Por que você não conseguiu a...? (Referindo-se à cidadania italiana)

51 **D. Luna:** Assim que ele botou o pé aqui, ele se naturalizou, assim que ele botou o pé aqui. Acho que isso é que está dificultando um pouco. Eu gostaria de ter. Eu não vou viajar mais porque não tenho mais saúde, nem mais idade pra viajar, não posso andar muito, e se você faz uma viagem e não anda pra cima e pra baixo, pra mim não me serve. E... mas eu queria que eles tivessem pelo menos uma opção. Não é que a Itália é um grande país, porque a Europa também não está muito bem das pernas, vamos falar a verdade...

52 **Norma:** Agora voltando assim, a senhora tocou num ponto do espanhol, do ladino, né...?

53 **D. Luna:** José adorava ladino, José tinha muitas revistas da Bélgica e de Caracas, que era sefaradis, de espanhol, ele adorava receber essas revistas. Ainda não terminaram as...

54 **Norma:** As assinaturas...

55 **D. Luna:** As assinaturas, então quando elas chegam, eu leio porque eu acho muito bonitinho.

56 **Norma:** E o “seu pai” falava em casa?

57 **D. Luna:** Ah, claro! Ladino. Eu aprendi espanhol e comecei a aprender francês em casa. Quando eles não queriam que a gente entendesse alguma coisa, eles falavam em francês. Eu era uma esponja. Aí depois eu fui tomar aula particular de francês também, pra aprender direito. Mas começavam a falar em francês, pra que as crianças não entendessem...

58 **Norma:** E eles falavam espanhol-ladino entre eles?

59 **D. Luna:** Espanhol-ladino. Papai falava português perfeitamente, ele era um cara dotado pra línguas, mas sempre ladino, e eu aprendi a falar espanhol muito bem, porque eu peguei o ladino e virou “portunhol”, portenho mesmo, porque a gente ia pra Buenos Aires muitas vezes, porque eu também tenho facilidade pra idioma, então eu aprendi a falar com o acento de Buenos Aires, não o da Espanha, que é lindo...

60 **Norma:** É, lindíssimo, eu fui estudar na Espanha.

61 **D. Luna:** Aí eu já falaria... teria que pensar muito, e não daria pra conversar...Mas o ladino a gente nunca perdeu, tem umas expressões muito engraçadas, em ladino, e aí, ele...

62 **Norma:** Como, por exemplo, a senhora se lembra?

63 **D. Luna:** Ah, tem uns ditados...

64 **Norma:** Eu me lembro assim de barminán.

65 **D. Luna:** Barminán é uma palavra turca! Porque ladino tem muito hebraico, muito turco e alguma coisa grega. As comidas, por exemplo, são tudo coisas gregas. Boyos, Yaprak, você vai na Grécia e pede Yaprak, eles vão te trazer folhinhas de uva recheadas. Você lembra de Yaprak?

66 **Norma:** Lembro...

67 **D. Luna:** Baklavá, aquele doce maravilhoso, Kataif...

68 **Norma:** E a Burreca, né...?

69 **D. Luna:** Burreca, sim! Sefaradis sem Burreca! Eles chamam de /?/, tanto os turcos... porque Rodes foi turca, grega, italiana, francesa ela não foi, mas eles estudavam na Alliance Israelite Université, que aí já pegava a cultura francesa. Então, ali era uma pequena...

70 **Norma:** “ONU”, né...?

71 **D. Luna:** É.. uma “ONUzinha” mesmo. Papai aprendeu o inglês aqui. E português pra ele foi fácil porque ele já falava ladino, e já falava italiano. E o francês, porque nós temos os mesmo radicais e a mesma gramática, a gramática que não é lá é a inglesa, que é diferente.

72 **Norma:** E seu marido, falava ladino em casa, com os pais?

73 **D. Luna:** Não, ele falava português, mas de vez em quando eles tiravam um... não está me ocorrendo nada agora... lembra do personagem de djoha? O personagem de djoha existia em sefaradi /?/ o bobo, que ele falava as coisas, e tinham piadas de djoha, e até hoje me mandam pelo computador, é muito engraçado, então as piadas de djoha eram piadas de ladino, em espanhol, e o djoha era o nosso bobo, e aí a gente falava /?/ djoha (“você é um bobão”), mas no bom sentido, djoha tinha livrinhos de estória muito boas sobre ele, acho que em eskenazi, também em ídiche, tem um cara que eles consideram assim meio bobão, um cara que fala bobagem, que diz besteira, eu não sei o equivalente, não sei mesmo.

74 **Norma:** E seus filhos pegaram também? Alguma coisa foi passada de ladino pra eles?

75 **D. Luna:** Não. A gente não falava ladino em casa. O José nasceu aqui, estudou aqui e eu também, a gente só falava português. Meus filhos foram aprender inglês, eu ensinei inglês pra eles também, eu dava aulas particulares, então todo nosso grupo de jovens que já tinham filhos, todos eles eram da idade dos meus filhos, e foram muitos, vieram estudar comigo, no particular. O Sérgio fala ladino sim, não tão bem quanto José e eu, porque o José ainda tinha contato com o pai dele e com meu pai, é diferente, a gente... eles vieram de uma casa em que a gente falava português. Inglês eles aprenderam, depois eles foram estudar Direito, Camila também, as duas coisas, Direito de profissão, e direito de “falar direito”, e Sérgio fala um francês perfeito, minha filha fala melhor o inglês do que o francês, mas entende, e ladino entendem

tudo. E quando tem alguma coisa no computador que mando pra eles, é engraçado, o barminán que você falou é engraçado, mas o barminán, eu acho que é turco, que o ladino tem hibrit (hebraico), turco, francês /?/, é ótimo, /?/, isso é espanhol também. Não se esqueça que nós viemos todos da Península Ibérica, a mamãe, de solteira se chamava Ferrera, quando ela casou...a vovó se chamava Ferrera. Depois a vovó casou, ela virou Israel. Depois de Israel ela virou Menashé. Mas ela se chamava Ferrera, quer mais português que isso, ou espanhol...?

76 **Norma:** Espanhol, não tem como...

77 **D. Luna:** José tem livros com esse estudo, da Península Ibérica, e nós viemos de lá mesmo. Tem livros aqui de nomes... tem muitas amigas que dizem: “Procura o meu nome, procura o meu nome...”, e ele dava mesmo o nome deles. Tinha até umas fisioterapeutas que vinham até fazer fisioterapia neles aqui, uma delas me contou... agora, ela tem uns 30 anos agora, ela me contou a seguinte estória: o pai era de Portugal, tinha que ser de Portugal, de Trás dos Montes, daqueles lugares assim, da Beira, aquelas coisas... mas era “batata” isso, viu? Ela disse que o pai dela, eles perderam um menino, um irmão menor, teve um acidente e perderam o irmão menor. Então que a mãe dele, a mãe da criança quis arranjar uma roupa pra enterrar o bebê, e a sogra disse: “Não, você vai enterrar na mortalha.” Ela disse: “Puxa!” (a mãe não era de Portugal), e foi enterrado na mortalha. “Por que ela não me deixou enterrar com a roupa nova bonitinha que ele tinha?” Porque ela devia ser descendente de judeu, e nós judeus enterramos até hoje na mortalha. Não é com roupa, com traje de festa, e não sei o quê. Então quando ela me contou isso, eu falei

/?/, descendente. Aí a gente viu o nome aqui, ali, de pessoas dela, eles são católicos... mas eles vieram de Portugal. E a gente...

78 **Norma:** Eles devem ter vindo da Península Ibérica e fugiram por causa da Inquisição...

79 **D. Luna:** Sem dúvida!

80 **Norma:** E foram obrigados a virar cristãos, cristãos novos.

81 **D. Luna:** Eles foram obrigados a virar cristãos novos. A babá dos meus filhos, Glória Alves da Cruz, “cruz” é um nome típico de /?/, você sabe os nomes típicos...

82 **Norma:** Pereira...

83 **D. Luna:** Lopes, dessa moça também é judaico. Dessa moça que eu te contei, o nome dela de solteira é Lopes, aí a Glória dizia, ela era católica, fervorosa, ia na missa, se benzia, pra lá e pra cá, e ela dizia que, na terra dela, em Portugal, os pais, em dia de festas religiosas, ou o que fosse... não, não era festa nenhuma, toda sexta-feira, a mãe dela acendia velas e fechava as cortinas. Se você tivesse dito à Glória que ela era..., e ela morava em Trás dos Montes também, se você tivesse dito isso pra Glória, ela se matava, porque ela era tão católica, e ela era descendente de judeu. Quem é que fecha as cortinas pra acender uma vela? Os judeus.

84 **Norma:** O Shabat...

85 **D. Luna:** O Shabat, mas os judeus, porque não queriam que o povo de fora visse.

86 **Norma:** É! Exatamente!

87 **D. Luna:** Eles praticavam o judaísmo...

88 **Norma:** Escondido!

89 **D. Luna:** Claro! O judaísmo era... até... nós fomos a Belmonte uns 10 anos atrás. Não sei se você escutou dizer que em Belmonte descobriram uma comunidade de portugueses judeus, então os franceses sefaradis religiosos fizeram... nós fomos perseguidos pelo... eles estavam abolindo o /?/ de expulsão, estavam abolindo fazendo os 500 anos de expulsão, os /?/ de expulsão, dos judeus, o presidente, a gente foi ao palácio dele em Belém, Jorge Bensauld Sampaio. Ele levou a mãe dele. José fez um discurso no teatro Santa Maria, o teatro Santa Maria ficava no centro de Lisboa, e lá embaixo... enfim lá tinha sido exatamente o lugar das execuções, as forcas, os garrotes...

90 **Norma:** ... da Inquisição...

91 **D. Luna:** Mas então a gente foi fazer esse negócio em Belmonte. E tinham os franceses sefaradis que foram com o rabino de Paris, rabino da França, também Sitruk, que era o grão-rabino sefaradi, mas eles eram todos marroquinos. O rito era ligeiramente diferente do nosso, eles não falavam ladino, aliás, eles nem se misturaram, as mulheres estavam, assim, “grã-finérrimas” cheias da gaita e com casacos de vison, e levaram comidas kasher pra comer, nos dias de vir da França de ônibus. Não sei como eles cozinhavam isso. Comida kasher naqueles fogareiros, eles não comiam nos lugares que a gente comia não, nos restaurantes, eles comiam, e muitas senhoras, de nível altíssimo financeiro, isso não quer dizer nada. Aí nós fomos pra

Belmonte, então eles reabriram a sinagoga, Pedro Álvares Cabral nasceu em Belmonte, eu não sei se ele era judeu...

92 **Norma:** ..era, desconfio, todo mundo desconfia...

93 **D. Luna:** E lá tem a estátua dele. José foi fazer...

94 **Norma:** A dúvida sobre isso, o questionamento sobre isso...

95 **D. Luna:** Pois é, em Belmonte tem a estátua dele. Se ele era, mas tem o escrivão Pero Vaz de Caminha também...

96 **Norma:** Também, também...

97 **D. Luna:** Não é mais dúvida, é certo.

98 **Norma:** É certo.

99 **D. Luna:** Então, acontece o seguinte. Mas você, pra se aprofundar nessas coisas, você tem que pegar Anita Novinski, você pode procurar o número dela, conversar com ela. Ela é professora, catedrática da USP, e ela sabe pra “chuchu”. Ela escreveu...

100 **Norma:** Ela mora em SP?

101 **D. Luna:** É, em SP, mas ela é o lugar. Porque eu estou te dando fatos ao léu e fatos pessoais. Ela vai te dar coisas muito...

102 **Norma:** Históricas né...?

103 **D. Luna:** Certas, com datas e com tudo. Eu não estou me lembrando das datas. Mas enfim, aí nós fomos, fomos à sinagoga, assistimos, eles deram duas Torás de presente, era tudo lindo... e depois eu e José, nós escapulimos

e fomos falar com um velhinho que dizia: “O dia está lindo como Adonai.” Assim eles falavam. Porque eram judeus que depois tinham se mantido na /?/, e aí a gente foi à casa deles e da senhora. José adorou isso. Pra ele foi o contato melhor, melhor que na sinagoga. Eles contaram... Eu não sei ler, disse o velhinho, já devia ter seus 80 e poucos, mas meu filho sabe, eles diziam: “Nós somos judeus, fomos judeus, mas a gente não podia falar fora, era tudo escondido.” A Mezuzá escondida ficava pra dentro, eles cerravam as cortinas, mas eles faziam o “Shabatinho” deles. Agora pegando... o cume da nossa ida à Belmonte, foi a visita à casa desse casal, pra ele foi maravilhoso, porque ele escreveu no livro sobre isso. Depois a gente pegou um garotinho: “Como é que você se chama?” Eu não sei, eu não me lembro do nome. Ele disse: “Ora, pois! Eu sou judeu!” Garotinho, de 10, 12 anos. Uma beleza. José ficou tão satisfeito, que você nem imagina...

104 **Norma:** Mas por que ele dizia que era judeu?

105 **D. Luna:** Porque ele descendia de judeus. Agora já é mais aberto. Quando a gente foi, eles inauguraram uma sinagoga, em Belmonte, que é um povoadozinho. Agora já não tinha esse problema. E o Porto também tem judeus, porque a gente também foi ao Porto...foi muito bom...

106 **Norma:** Eram os marranos?

107 **D. Luna:** Todos eles eram marranos, descendentes de judeus marranos (a palavra marrano representava os judeus portugueses que foram convertidos à força para a religião cristã no final do séc. XV em Portugal), espanhóis ou portugueses. Eles ficaram na Espanha e em Portugal, não houve reino mais rico do que o califado e na Espanha, que estava ao lado dos árabes

e dos judeus. A cultura era igual. Eles eram grandes sábios, grandes astrônomos, eles viam pela lua. Os árabes também, sabe...

108 **Norma:** Fala-se muito sobre a mãe judia...

109 **D. Luna:** Ah! a mãe judia é um “horror”... o filho dela sempre é o melhor...tem milhares de piadas...elas são fantásticas! E a mãe judia, isso é mais no pessoal ashkenazi, ela faz aqueles jantares... Que nós não comemos, isso é o pessoal ashkenazi que come, é o /?/... que não é comida judaica, isso é comida dos poloneses e dos russos... A nossa comida (no caso, sefaradi) é baseada na Turquia, na Grécia e na Itália porque a gente veio desses lugares... mas até hoje as comidas de Rosh Hashaná, Yom Kipur e Pessach, é /?/, que dá um trabalho danado...

6 Entrevista com Judith

1 **Norma:** De onde vieram o seu pai e a sua mãe?

2 **Judith:** Papai nasceu em Paris. E depois os pais dele vieram pra cá...

Depois, meus avós mandaram ele estudar fora. Aí que ele pegou a guerra, ele foi parar em Esmirna, ele teve catando lixo nas latas de lixo, não tinha comida pra comer, eles falavam /?/...

3 **Norma:** E foi lá que ele encontrou papai, eles vieram amigos de lá... Não sabia que titio tinha nascido na França. [surpresa]

4 Judith: O pessoal morava na Bélgica, estava passando pela França, e ele nasceu em Paris. E minha mãe... minha avó nasceu na Grécia, em Creta, onde depois saiu de lá. Meu avô /?/...

Foi aí que eles tiveram a mamãe e o resto dos filhos. Mamãe era muito linda... e começaram a perseguir ela em Esmirna, estupros... aí ela teve que vir pro Brasil. Enquanto isso a família do meu pai, colocava um retrato da mamãe, através do tio Samuel, eles botavam ela e a prima deles, o retrato delas no açucareiro de manhã, e aí o papai todo dia olhava: “Eu não quero casar! Mamãe, me deixa, por favor!” “Mas olha como ela é linda, olha como ela é linda...” No final ele concordou e mandou trazer ela, aí ela veio, foi eleita Miss Campana, de um navio chamado Campana. Eles pararam lá no meio do caminho, e um homem perguntou: “Como é que a senhora é turca? Não pode ser! Com essa cara, com esse corpo, turca!” E aí começou a chamar todo mundo: “Vem ver uma turca, vem ver uma turca!” Linda mamãe, linda!

Aí papai, quando ela viu papai, achou ele muito magrinho, mas tudo bem. Pela minha mãe e meu pai, eles querem que eu case. E papai foi um acontecimento na vida dela, ele era muito legal.

5 Norma: E eles se davam muito bem...

6 Judith: A rainha dele, botava ela no colo, ainda com quantos anos... antes dele morrer ainda botava ela no colo, “minha rainha!, minha rainha!” Ele /?/, mas a mamãe, ele tratava como uma rainha. “Não aborreçam sua mãe!”

7 Norma: E vice-versa, né...?

8 Judith: Ele era muito mais paquerador que ela, mais carinhoso. Mamãe tinha um jeito mais distante de ser. Ela nunca falava conosco sobre nada, então nós aprendemos tudo errado, deturpado. Nem sobre o judaísmo a gente sabia muito, a gente sabia que tinha o Yom Kipur, que tinha o Pessah, mas não sabia o que era, o que não era, a pergunta dos filhos em Pessach... nada, não sabia nada. Sabia que eu fazia o jejum desde os 9 anos, mas também não estava entendendo o porquê. E meus filhos continuaram minha tradição, até que eles... nós passamos esta fase, eu fui crescendo, me formei advogada, sem querer, foi sem querer...

Eu nem sei como aprendi inglês, pra mim, era normal. O francês, mamãe falava muito bem, aprendi em casa, e o espanhol, por causa do ladino. Então não era difícil pra mim...

Eu cantei uma época... e aí um homem de televisão me perguntou: “Júlia, porque você não vai ser cantora?” E eu disse: “Ah!, tem tempo...” “Mas o tempo passa.”, disse ele. Mas ainda bem que eu não fui cantora, porque na minha religião, mulher não pode ficar encantando homens com a voz, e eu sou religiosa.

9 Norma: Você pode repetir? Eu não entendi...

10 Judith: A mulher não pode encantar um homem, nem com os cabelos, nem com a voz, não pode seduzir. Então, eu só podia cantar pra mulher...

11 Norma: Agora vamos mudar o título, agora você vai contar a estória de uma judia...

12 **Judith:** Não tem o que contar, porque eu, até meus filhos irem pra Israel, eu não sabia o que era judaísmo. Através da ida pra Israel, eu comecei a aprender (os dois filhos de Júlia são rabinos em Israel. O terceiro faleceu num acidente), ler...então, eu não sabia nada, sobre Yom Kipur, Rosh Hashaná, então agora a gente já conhece tudo. Então eu sou uma judia ortodoxa, faço Kasher, e tento seguir o melhor possível os mandamentos. A única coisa que o rabino me autorizou, ele disse: “Você pode, pelo amor de Deus! Você pode de vez em quando ver um filme na televisão. Então, a partir das 18 horas, você pode ver televisão.” Aí me liberou, mas antes eu fico estudando...

Eu na minha vivência como judia, se restringia às /?/ que a gente fazia através da música que eu cantava em festas pra arrecadar fundos. Não tinha assim vivência judia propriamente dita, com conhecimento total do que é o judaísmo, que é uma coisa maravilhosa, a coisa mais perfeita que já vi na minha vida.

13 **Norma** - Eu fico assim... porque você foi criada assim como eu, no ambiente, eles vieram, me parecia tão forte na casa do tio Luciano...

14 **Judith:** Mas não era... papai era mais nacionalista, mas judeu, de religião, eles não eram. Eles não frequentavam a sinagoga, só em Yom Kipur e Rosh Hashaná. Mamãe ia, papai levava eles. Depois que houve essas coisas da guerra, depois que mamãe veio pra cá, ela ficou atemorizada, e ela detestava esse negócio das pessoas pedirem dinheiro, donativos. Quando eu botei meus filhos, então eu concordei que eles fossem pessoas ligadas ao judaísmo, que eles vinham de vez em quando pedir donativos. Mamãe ficava horrorizada: “Teus filhos não são pedintes!” Então, toda minha vida, toda minha

vivência hoje em dia, é pra arranjar dinheiro pra eles, porque eu tenho várias coisas, mas não estou podendo vender. É obra de Deus. Talvez eu vá primeiro, e eles consigam depois...

15 **Norma:** Mas eu queria perguntar mais uma coisa. Como se dá essa continuidade? 'Bernardo' casou com judia?

16 **Judith:** Não.

17 **Norma:** A primeira?

18 **Judith:** A primeira.

19 **Norma:** Você casou com Aaron SSSS, a Carminha casou com judeu. Então, como foi essa continuidade, e seus filhos hoje estão encaminhados no judaísmo. Esse elo é muito interessante...

20 **Judith:** Só Deus sabe... 'Bernardo' casou com judia, mas depois casou com uma sueca.

21 **Norma:** Mas ela segue o estudo dele?

22 **Judith:** Não, não. Não adianta a gente ser judeu sem seguir os ensinamentos de Deus. Ele quer fazer o que, Shabat, que é a primeira coisa que tem que fazer, /?/, respeitar o sábado, não fazer nenhuma obra, não atender telefonema, não andar de elevador, não pegar um carro, comer kasher. Tudo isso, pra ele, que é casado com uma sueca, é difícil. Porque ele foi diplomata, ele ia a festas, de vez em quando ele comia alguma coisa. Então não deu. Carmem é casada com Roberto também. Nem ela seguia, nem ele seguia judaísmo. Ele nem sabia o que era isso, nem quis as rezas depois, só fizeram rezas lá na ARI, e que

não é considerado por nós, ortodoxos, um lugar assim... eles tocam com música, eles fazem coisas que a gente não faz...

23 **Norma:** E os meninos... seguiram?

24 **Judith:** Meus netos?

25 **Norma:** Não, seus filhos.

26 **Judith:** Depois que Aaron teve o derrame, Gilberto achou que devia ir pra Israel descobrir a verdade, e salvar a família.

27 **Norma:** Que verdade?

28 **Judith:** A verdade, e ela te libertará. E ele queria essa liberdade. Ele estudava física, ele era engenheiro, mas ele queria saber por que ele tinha muitas dúvidas, passou por várias experiências em vários países, com muitas dúvidas sobre tudo. E Carlos Alberto foi atrás dele. Foi pra poder comprar uma arma, porque ele era policial, trabalhava com o Brizola.

29 **Norma:** Quem?

30 **Judith:** Carlos Alberto, meu filho. Depois dele ter feito odontologia, depois de ter feito medicina três anos, ele não sabia mais o que ia fazer. Então ele foi pra polícia. E ficava perseguindo bandido. E era do serviço especial. E aí, quando ele foi pra Israel, ele disse: “Mamãe, vou passar nos EUA e comprar um revólver, porque nós não estamos muito bem guarnecidos.” Eu virei e disse: “Olhe pro céu e /?/.” Então é assim que eu faço...

E chegando lá, ele viu o Gilberto. Viu mais ou menos as coisas com ele, ficou uma semana lá, duas semanas, aí telefonou pra mim: “Mamãe, isso aqui é

verdade, e eu não posso deixar, virar as costas pra verdade.” Então ele abriu mão de tudo, daquele negócio que ele fazia, asa delta, piscina, porque piscina só usam lá em Israel separado homem e mulher. É muito rigor. E os filhos estão acompanhando os netos. São obras de arte, os meus netos...

7 Entrevista com o Prof. Jaime

1 Prof. Jaime: ...estórias mesmo, a gente não sabe muito. A SSSS até que contou umas estórias lá da Turquia. Eles eram vizinhos em Istambul.

...Naquele tempo cada comunidade praticamente se isolava. Era muito pouco os contatos entre comunidades. Isso ela contava, não sei.

2 Norma: Dá pra entender completamente, porque, até aqui, eles era muito fechados. Eu vivi 18 anos dentro de uma comunidade, o CIB, do Rio de Janeiro.

3 Prof. Jaime: Eu não. Eu vivia numa vila, porque nós fomos muito pobres. Quando eu nasci, meu pai já estava num processo de empobrecimento muito grande. Tanto é que a gente ficou dependente da sociedade beneficente. Até o CIB nos ajudou, o Bené-Herzl nos ajudou naquela época e tudo, como a própria comunidade de Niterói. E minha mãe foi ser cobradora, e meu pai foi ser /?/ aqui na sinagoga. Aí eu convivi algum tempo nessa sinagoga, porque meu pai morreu pouco tempo depois. Meu pai morreu quando eu tinha 11 anos, em 1950. Ele tinha 63 anos.

Aí minha mãe que foi o esteio de casa esse tempo todo, e ela era cobradora das sociedades israelistas... então, eu tive muito contato com a comunidade aqui de Niterói. Se bem que aqui tem muito pouco sefaradi, aqui é

predominantemente ashkenazi. O pessoal era os russos, os palestinos e também tinham os poloneses, que eram mais ou menos excluídos do contato. Só mais tarde que tudo acabou se unificando. E sefardi eram pouquíssimas famílias aqui em Niterói.

4 **Norma:** E por que os poloneses eram excluídos?

5 **Prof. Jaime:** Porque polonês e russo sempre foram... eles /?/ é diferente. Ambos falam iídiche, mas a pronúncia é diferente.

6 **Norma:** Não sabia...

7 **Prof. Jaime:** Por exemplo os russos, lituanos, etc. falam (mut = bom). Os poloneses (git), e assim muitas e muitas palavras. Até o ritual dentro da sinagoga é um pouquinho diferenciado. Quer dizer, o ritual é o mesmo, as pronúncias são diferenciadas...

Então, na minha família, você que se interessa muito por essa coisa de línguas, mamãe falava muitas expressões em ladino. Meu pai, eu julgava que era analfabeto. Meu pai mal assinava o nome em português. Mas depois eu compreendi que meu pai não era analfabeto. Meu pai escrevia em rashi. Rashi eram umas letras próprias, mais ou menos cursivas, tipo árabe, mas escrevendo em ladino. Eu não leio uma palavra do que ele escrevia. E também escrevia em hebraico. Eu tive pouco contato com meu pai. Naquele tempo criança era criança. Durante muito tempo, meus avós mandavam calendários judaicos, lá da Turquia. Depois não mandavam mais, e ele então passou a fazer ele mesmo.

8 **Norma:** E ele era religioso ortodoxo?

9 **Prof. Jaime:** Não. Porque sefaradi sempre foi meio termo. Sefaradi sempre foi um pouquinho mais pacífico. O ashkenazi que é mais extremado. Tem sim, sefaradi extremado. Hoje em dia tem aparecido muito, e eu fico até um pouco preocupado com o futuro desses fundamentalistas. Os rabinos que a gente vê hoje em dia estão mais pra fundamentalistas. E tem também as congregações liberais. E elas são discriminadas.

10 **Norma:** É, elas são discriminadas. Eu mesma vi isso nas entrevistas...

11 **Prof. Jaime:** Eu, sinceramente, frequento uma sinagoga ortodoxa. Aqui em Niterói até que tem. Mas eu, meu pensamento é liberal. Mas é o que eu tenho, eu vivo em Niterói, me componho direitinho, mas meu pensamento não vai ser diferente porque vão me impor. Não, ninguém vai me impor coisa nenhuma.

...minhas irmãs se casaram, tiveram 3 filhos cada uma...

12 **Norma:** E o senhor, quantos filhos teve?

13 **Prof. Jaime:** Eu não tive filho nenhum. Eu fui a “parte seca” da família, que não continuei com o nome.

14 **Norma:** “Parte seca” é bem típico né...

15 **Prof. Jaime:** É, fala-se...

16 **Norma:** É bem sefaradi. Essa expressão “parte seca” é bem sefaradi. Eu ouvi muito essa expressão quando pequena.

17 **Prof. Jaime:** Em casa mamãe falava muitas palavras em ladino, e a gente aprendia /?/, vários costumes e tudo. Mamãe era uma pessoa muito liberal.

...não perco minha identidade judaica, não nego que sou judeu, /?/. Eu tenho minha formação, na sinagoga tenho um certo papel...

Os sefaradis, chegaram antes dos ashkenazis aqui. Tanto é que um dia eu estava comentando com um amigo o seguinte: “Os sefaradi se preocuparam muito com a lojinha, os filhos seguindo o comércio dos pais. Os ashkenazis, que vieram numa outra condição, muito pior, eles queriam formar mentes, queriam formar o homem judeu, não o judeu aquele religioso, mas o homem de bem. Eles queriam que o filho fosse médico, doutor. E a segunda geração, a primeira geração nascida no Brasil, essa primeira geração de ashkenazi, o sonho de todos os prestamistas era ter um filho doutor. E aí se formaram muitos doutores. Eram médicos, advogados, engenheiros.” Essas outras profissões, foram depois. Eu fui ser professor, eram outras circunstâncias...

...eu sou judeu, primeiro porque nasci judeu. Fui criado dentro de um lar de tradição. E quando papai era vivo, tinha Shabat, quer dizer, um Shabat, ele fazia o /?/, e mamãe sempre acendeu lamparina, sempre. Fiz Bar Mitzvá depois que papai já tinha morrido e tudo, veio até a congregação do Bené-Herzl, especificamente pra minha Bar Mitzvá na sinagoga aqui de Niterói, poucas pessoas de Niterói, mais gente que veio do Rio pra isso...

Então, continuei convivendo, até que comecei a trabalhar regularmente e comecei a deixar de frequentar, mas sempre nos /?/ do meu pai, Rosh Hashaná e Yom Kipur, eu ia à sinagoga. Sempre ashkenazi aqui em Niterói.

18 **Norma:** Mas é judeu né...?

19 **Prof. Jaime:** Óbvio! E sempre com a /?/. Mas durante muito tempo, mesmo depois que eu voltei, mais de 20, 30 anos, quando voltei a frequentar de novo, muita gente ainda me conhecia como "filho da cobradora". Só começou a sair esse nome de "filho da cobradora" quando eu fui a Israel. Aí muita gente: "Ah! Mas você foi a Israel?" Eu dizia: "Sim, por que não?" Nós somos muito preconceituosos... me apresentaram uma série de moças judias /?/, mas eu não quis nenhum contato por que eu estava muito arrasado...

...ficar só é muito difícil, pra homem é muito difícil. Eu trabalhava muito, mas tinha uma empregada que vinha duas vezes por semana, etc. Mas você precisa de uma família...

Bom, e eu também nunca deixei de me identificar com os judeus. Sempre me interessei muito pelo /?/ em Israel... nunca deixei de me identificar. No primeiro dia que comecei o relacionamento com minha primeira esposa, que foi apresentada num jantar de despedida de duas colegas que trabalhavam com a gente lá em Itaipu, o pessoal começou a brincar comigo, e aí me forçaram a convidá-la a ir ao cinema...

Mas nunca ... como judeu eu nasci e pretendo morrer. Não como judeu ortodoxo, judeu tradicional...

...esse mandamento do amor em nome Dele... quantas matanças foram, quantas perseguições nós sofremos? E falam em amor? A gente quer justiça...

...então você tem normas pra seguir. Se você quiser, você segue, se não quiser, você não segue. Mas é tudo a maneira conforme você faz. É o livre-arbítrio. Pra mim é fundamental o livre-arbítrio. O que eu mais gosto no judaísmo é o livre-arbítrio, base justiça e não ter seletismo...

Bom, você falou até /?/, que infelizmente as moças judias não querem saber de judeus... depois que fiquei viúvo, quando eu já comecei a predispor a começar, a pensar em refazer minha vida, então tinham professoras judias que trabalhavam no colégio dele. Aí ele dizia: “Ah!, vou te apresentar a fulana.” Sabe os que elas diziam? “Não quero saber desses cuecões” ... e alguns judeus ortodoxos, chegaram aos 40, 45, não se casaram, e nem vão se casar, porque querem uma mulher submissa. Tem uma ou outra até que aceita a submissão, mas a maior parte não aceita. Eu tenho um amigo ortodoxo, que também casado com uma que, eles dois juntos aceitaram serem ortodoxos, e vivem um inferno de casamento. São essas coisas... então eu penso um pouco diferente, mas me submeto...

20 Norma: Mas o senhor é mais esclarecido...

21 Prof. Jaime: E como! Me submeto à hierarquia. Eu não ofendo ninguém, mas também não quero ser ofendido. Então, eu sei as restrições que existem. Mas se você começa a tirar das congregações todos aqueles que não seguiram a cartilha, você acaba. Eu tenho o meu jeito de pensar, e mais do que isso, externar meu pensamento..

GLOSSÁRIO

B'nai Mitzvá - (filhos do mandamento) é o nome dado à cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica.

Quando uma criança judia atinge a sua maturidade (aos 12 anos de idade, mais um dia para as meninas; e aos 13 anos e um dia para os rapazes), passa a tornar-se responsável pelos seus atos, de acordo com a lei judaica. Nessa altura, diz-se que o menino passa a ser Bar Mitzvá (הוצמ רב , "filho do mandamento"); e a menina passa a ser Bat Mitzvá (הוצמ תב , "filha do mandamento").

Ao completar 13 anos, o jovem judeu é chamado pela primeira vez para a leitura da Tora (conhecido como Pentateuco pelos crístãos). Ao ser chamado pela primeira vez, o jovem pode, a partir daí, integrar o miniam (quórum mínimo de 10 homens adultos para realização de certas cerimônias judaicas).

Antes desta idade, são os pais os responsáveis pelos atos dos filhos. Depois desta idade, os rapazes e moças podem finalmente participar em todas as áreas da vida da comunidade e assumir a sua responsabilidade na lei ritual judaica, tradição e ética.

O Bar Mitzvá não é só uma comemoração comum de aniversário, mas normalmente o menino passa por uma bonita cerimônia de "mazal-tov" que seria como um "boa sorte" ou "parabéns" (dependendo da situação), normalmente o Mazal-tov é feito com o(a) menino(a) sobre uma cadeira e ele(a) é levantado(a) várias vezes, e, assim, fazem com toda a família do Barmitzvano. Deste modo é realizado uma parte do Bar Mitzvá.

Brit milá - (em hebraico: הלימ תירב, literalmente **aliança da circuncisão**), também chamado de **bris milá** (na pronúncia asquenazi) é o nome dado à cerimônia religiosa dentro do judaísmo na qual o prepúcio dos recém-nascidos é cortado ao **oitavo dia** como símbolo da aliança entre D-us (Deus) e o povo de Israel. Também é nesta cerimônia que o menino recebe seu nome. Costuma-se realizar o brit em um café da manhã festivo.

Cashrut ou kashrut - (em hebraico: כַּשְׁרוּת), também conhecido como kashruth ou kashrus na tradição asquenazita, é o termo que se refere às leis alimentares do judaísmo. A comida, de acordo com a halachá (lei judaica) é chamada de *kosher*, do termo hebraico) כַּשֶׁר (*kashér*), que significa "próprio" (neste caso, próprio para consumo pelos judeus, de acordo com a lei judaica). Os judeus que seguem o *kashrut* não podem consumir comida não-*kosher*, porém existem exceções quanto à utilização não-alimentícia de produtos não-*kosher*

A comida que não estiver de acordo com a lei judaica é chamada de *treif* ou *treyf* (em ídiche: טרייף, do hebraico טְרֵפָה, transl. *trēfáh*). Num sentido mais técnico, *treif* significa "rasgado", e se refere à carne que veio de qualquer animal que contenha algum defeito que o torne impróprio para o abate. Um animal que tenha morrido por qualquer meio que não o sacrifício ritual é chamado de *neveila*, que significa literalmente "coisa suja".

Muitas das leis básicas do *cashrut* derivaram de dois livros da Torá, o Levítico e o Deuteronômio, com a adição dos detalhes estabelecidos pela lei oral (a Mishná e o Talmude) e codificadas pelo Shulkhan Arukh e pelas

autoridades rabínicas posteriores. A Torá não afirma explicitamente o motivo da maioria das leis *cashrut*, e diversas razões foram apresentadas para estas leis, desde filosóficas e ritualísticas, até práticas e higiênicas.

Por extensão, a palavra *kosher* passou a significar "legítimo", "aceitável", "genuíno" ou "autêntico", num sentido mais amplo.

Chevra kadisha - (do aramaico חברה קדישא "sociedade sagrada") é o nome dado à sociedade de homens e mulheres judeus dedicados que executam as preparações dos corpos dos mortos de acordo com a halachá.

Dâmocles - é uma figura participante de uma anedota moral que foi uma adição tardia para a cultura grega clássica.

A personagem pertence mais propriamente a um mito que à mitologia grega. A anedota aparentemente figurou na história perdida da Sicília por Timaeus de Tauromenium (c. 356 - 260 a.C.). Cícero pode tê-la lido no Diodorus Siculus. Ele fez o uso dela em suas *Tusculan Disputations* V.61 - 62.

Dâmocles, ao que parece, era um cortesão bastante bajulador na corte de Dionísio I de Siracusa - um tirano do século IV a.C. em Siracusa, Sicília. Ele dizia que, como um grande homem de poder e autoridade, Dionísio era verdadeiramente afortunado.

Dionísio ofereceu-se para trocar de lugar com ele por um dia, para que ele também pudesse sentir o gosto de toda esta sorte. À noite, um banquete foi realizado, onde Dâmocles adorou ser servido como um rei. Somente ao fim da refeição olhou para cima e percebeu uma espada afiada suspensa por um único fio de rabo de cavalo, suspensa diretamente sobre sua cabeça.

Imediatamente perdeu o interesse pela excelente comida e pelos *belos rapazes* e abdicou de seu posto, dizendo que não queria mais ser tão afortunado.

A espada de Dâmocles é uma alusão frequentemente usada para remeter a este conto, representando a insegurança daqueles com grande poder (devido à possibilidade deste poder lhes ser tomado de repente) ou, mais genericamente, a qualquer sentimento de danação iminente.

Entalhes em madeira da espada de Dâmocles aparecem como símbolo em manuais europeus dos séculos XVI e XVII.

Hagadá ou agadá - (do hebraico הגדה, transl. *hagadá*, "narração"), é o texto utilizado para os serviços da noite do Pessach, contendo a leitura da história da libertação do povo de Israel do Egito conforme é descrito no Livro do Êxodo. Por celebrar esta libertação, o Pessach é a mais importante das festas judaicas, e cada judeu tem por mandamento narrar às futuras gerações esta libertação. A Hagadá contém a narrativa desta libertação, as orações, canções e provérbios judaicos que acompanham esta festividade. Na verdade, não existe um texto único de Hagadá: os diversos ramos do judaísmo têm suas variantes, conforme a orientação do específico rabino de cada sinagoga. Também corporações e instituições podem ter seu texto particular de Hagadá.

Halachá - (em hebraico הלכה, transliterada também como Halaca, Halacha, ou Halakha) é o nome do conjunto de leis da religião judaica, incluindo as leis da Torá e os mandamentos rabínicos posteriores relacionados aos costumes e tradições, servindo como guia do modo de viver judaico.

Hanucá ou Chanucá - (חנכה *hănukkāh* ou חנוכה *hănūkkāh*) é uma festa judaica, também conhecido como o Festival das luzes. Chanucá é uma palavra hebraica que significa "dedicação" ou "inauguração". A primeira noite de Chanucá começa após o pôr-do-sol do 24º dia do mês judaico de Kislev e a festa é comemorada por oito dias. Uma vez que na tradição judaica o dia do calendário começa no pôr-do-sol, o Chanucá começa no 25º dia.

Kasher (ou kosher) - em hebraico quer dizer “permitido”, “próprio” ou “bom”.

Maguen David - A tradução literal do termo Maguen David não é Estrela de David, mas sim Escudo de David. O termo “escudo” ou maguen é muito usado nas orações e não se refere à estrela de seis pontas, mas é uma forma poética de referência a D’us, ou seja, à Sua proteção onipotente.

Matzá - Pão ázimo ou asmo, matzo (ídiche) matzá (hebraico), מצה, é um tipo de pão assado sem fermento, feito somente de farinha de trigo (ou de outros cereais, como aveia, cevada e centeio) e água. A preparação da massa não deve exceder 18 minutos para garantir que a massa não fermente. De acordo com a tradição judaico-cristã, pão ázimo foi feito pelos israelitas antes da fuga do Antigo Egito, porque não houve tempo para esperar até a massa fermentar.

Hoje em dia é comida obrigatória na festa do Pessach (páscoa judaica), que também se chama *Hag ha-matzot*, ou a festa dos pães ázimos.

Por causa da proibição do uso de farinha normal durante o Pessach para preparação de comida, usa-se a farinha do pão ázimo (*matze mehl* em ídiche, *kemach matzá* em hebraico), que é simplesmente o pão ázimo moído.

Mezuzá - (do hebraico מַזְזָזָה "umbral") é o nome de um mandamento da Torá que ordena que seja afixado no umbral das portas um pequeno rolo de pergaminho (klaf) que contém as duas passagens da Torá que ordenam este mandamento, "Shemá" e "Vehaiá" (Deuteronômio 6:4-9 e 11:13-21). A mezuzá deve ser afixada no umbral direito de cada dependência do lar, sinagoga ou estabelecimento judaico como lembrança do criador. Deve ser posta a sete palmos de altura do chão, apontando para dentro do estabelecimento com a extremidade de cima. Os judeus costumam beijar a mezuzá toda a vez que se passa pela porta, para lembrar das orações que estão contidas ali dentro e os princípios do judaísmo que elas carregam.

Mikvá ou miqvé - (em hebraico מִקְוֶה) é o nome dado ao "batismo ritual" utilizado para as cerimônias de purificação no judaísmo. Geralmente é utilizado para purificação da mulher após a menstruação e o nascimento de um filho, e também é requerido do convertido ao judaísmo.

Mitzvá - a palavra **Mitzvá** (preceito) deriva do verbo **Tsave** que quer dizer ordenar.

Da mesma raiz vem a palavra **tsevet**, que significa equipe. Um grupo de pessoas empenhadas em atingir o mesmo objetivo. Quando dizemos que, a partir deste momento, devemos passar a cumprir obrigações às quais antes não éramos sujeitas, dizemos também que justamente por causa dessas obrigações passamos a fazer parte da comunidade judaica, da **tsevet** dos judeus.

Mohel - Aquele que é responsável por efetuar a remoção do prepúcio é chamado de mohel, em hebraico. Qualquer judeu que saiba fazer a cirurgia (se o pai da criança souber realizar a brit, não é permitido que delegue a função a outra pessoa) e saiba as bênçãos específicas pode realizar a brit, mas o mohel é um especialista capaz de efetuar a circuncisão. O mohel não é necessariamente um médico, mas tem uma grande experiência na execução da brit. Classicamente a brit é feita sem anestesia, apesar de atualmente em algumas brit milá a criança receber uma pequena anestesia. Geralmente não há traumas, e a criança se recupera rapidamente.

Ômer - o Ômer era uma medida de cevada (aproximadamente 2,2 l) que os judeus levavam ao Templo de Jerusalém como minchá, ou oferenda vespertina no segundo dia de Pessach (Páscoa).

Pessach - (do hebraico פסח, ou seja, *passagem*), também conhecida como Páscoa judaica, é o nome do sacrifício executado em 14 de Nissan, segundo o calendário judaico, e que precede a Festa dos Pães Ázimos (Chag haMatzot). Geralmente o nome Pessach é associado a esta festa também, que celebra e recorda a libertação do povo de Israel do Egito, conforme narrado no livro de Shemot (Êxodo).

De acordo com a tradição, a primeira celebração de Pessach ocorreu há 3500 anos, quando de acordo com a Torá, Deus enviou as Dez pragas do Egito sobre o povo do Egito. Antes da décima praga, o profeta Moisés foi instruído a pedir para que cada família hebréia sacrificasse um cordeiro e molhasse os umbrais (mezuzót) das portas com o sangue do cordeiro, para que não fossem acometidos pela morte de seus primogênitos.

Chegada a noite, os hebreus comeram a carne do cordeiro, acompanhada de pão ázimo e ervas amargas (como o rábano, por exemplo). À meia-noite, um anjo enviado por Deus feriu de morte todos os primogênitos egípcios, desde os primogênitos dos animais até mesmo os primogênitos da casa do Faraó. Então o Faraó, temendo ainda mais a Ira Divina, aceitou liberar o povo de Israel para adoração no deserto, o que levou ao Êxodo.

Como recordação desta liberação, e do castigo de Deus sobre Faraó, foi instituído para todas as gerações o sacrifício de Pessach.

É importante notar que Pessach significa a passagem, porém a passagem do anjo da morte, e não a passagem dos hebreus pelo Mar Vermelho ou outra passagem qualquer, apesar de o nome evocar vários simbolismos.

Um segundo Pessach era celebrado em 14 de Iyar, para que pessoas, que na ocasião do primeiro Pessach estivessem impossibilitadas de ir ao Tabernáculo, fossem por motivos de impureza ou por viagem.

Progrom - (do russo погром) é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus e outras minorias étnicas da Europa.

Purim - (פורים, em hebraico Purim: plural de פור *pûrsorteio* em hebraico, porque foi através de um sorteio que foi extipuldo o dia que Hamã ia exterminar os judeus, do acadiano *pûru*) é um feriado judaico que comemora a salvação dos judeus persas do plano de Hamã, para exterminá-los, no antigo Império Persa tal como está escrito no Livro de Ester, um dos livros da Bíblia.

Os judeus estavam exilados na Babilônia desde a destruição do Templo de Salomão pelos babilônios e dispersão do Reino de Judá. A Babilônia, por sua vez, foi conquistada pela Pérsia. A festa de Purim é caracterizada pela recitação pública do Livro de Ester por duas vezes, distribuição de comida e dinheiro aos pobres, presentes e consumo de vinho durante refeição de celebração (Ester 9:22); outros costumes incluem o uso de máscaras e fantasias e comemoração pública.

Purim é celebrado anualmente no 14º dia do mês hebraico de Adar, o dia seguinte à vitória dos judeus sobre seus inimigos (13 de Adar). Em cidades que eram muradas no tempo de Josué, incluindo Shushan (Susa) e Jerusalém, Purim é celebrado no 15º dia do mês, conhecido como *Purim Shushan*. Assim como todas festas judaicas, Purim tem início ao pôr-do-sol da véspera no calendário secular.

O nome "Purim" vem da palavra hebraica "pur", que significa "sorteio". Este era o método usado por Haman, o primeiro-ministro do Rei Achashverosh da Pérsia, para escolher a data na qual ele pretendia massacrar os judeus do país.

Rosh Hashaná - (em hebraico açebac" etnemplaretil , ראש השנה do ano") é o nome dado ao ano-novo no judaísmo. Dentro da tradição rabínica, o Rosh Hashaná ocorre no primeiro dia do mês de Tishrei, primeiro mês do ano no calendário judaico rabínico e sétimo mês no calendário bíblico.

A Torá refere-se a este dia como o Dia da Aclamação (Yom Teruá Levítico 23:24), pelo que os judeus caraitas seguem esta data mas não o consideram como princípio do ano.

Já a literatura rabínica diz que foi neste dia que Adão e Eva foram criados e neste mesmo dia incorreram em erro ao tomar da árvore da ciência do bem e do mal. Também teria sido neste dia que Caim teria matado seu irmão Abel. Por isto considera-se este dia como Dia de Julgamento (*Yom ha-Din*) e Dia de Lembrança (*Yom ha-Zikkaron*), o início de um período de introspecção e meditação de dez dias (Yamim Noraim) que culminará no Yom Kipur, um período no qual se crê o Criador julga os homens.

Sêder - (em hebraico סדר, ou seja, "ordem") é uma palavra que dentro do Judaísmo pode ser aplicada de diversas formas :

- As leituras da Torá de acordo com o antigo ciclo trianual palestino. As divisões da leitura eram chamadas *sedarim*.
- Uma das seis ordens (seções maiores) da Mishná.
- Uma ordem de orações que constituem uma liturgia, como, por exemplo, *O Seder de Rav Amram*.

Sefer Torá - (do hebraico ספר תורה, plural ספרי תורה, *Sifrei Torah*; *Livros da Torá* ou *Rolos da Torá*) é o nome dado aos rolos da Torá, copiados à mão e cuja composição obedece a uma série de obrigações de produção. Considerada a obra mais sagrada do Judaísmo, é guardada em um recinto reservado nas sinagogas, conhecido como Aron Kodesh.

O texto da Torá impresso (para rituais não litúrgicos) geralmente em forma de livro é conhecido como Chumash, geralmente acompanhado de comentários e traduções.

Shabat - (do hebraico שבת, **shabāt**; **shabos** ou **shabes** na pronúncia asquenazita, "descanso/inatividade"), também grafado como **sabá** ^(português brasileiro) ou **sabat** ^(português europeu), é o nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia em Gênesis, após os seis dias de Criação. Apesar de ser comumente dito ser o sábado de cada semana, é observado a partir do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado. O exato momento de início e final do shabat varia de semana para semana e de lugar para lugar, de acordo com o horário do pôr-do-sol.

O shabat é observado tanto por mandamentos positivos, como as três refeições festivas (jantar de sexta-feira, almoço de sábado e refeição de final de tarde no sábado), e restrições. As atividades proibidas no Shabat derivam de trinta e nove ações básicas (**melachot**, livremente traduzido como "trabalhos") que são descritas pelo Talmud a partir de fontes bíblicas.

A palavra hebraica שבת, **shabāt**, tem relação com o o verbo תבש, **shavāt**, que significa "cessar". Apesar de ser quase universalmente como "descanso" ou um "período de descanso", uma tradução mais literal seria "cessão", com a implicação de "cessão do trabalho". Portanto, **Shabat** é o dia de cessão do trabalho; enquanto que descanso é implícito, mas não é uma denotação da palavra em si. Por exemplo, a palavra em hebraico para "greve" é **shevita**, que vem da mesma raiz hebraica que **Shabat**, e tem a mesma implicação, nominalmente que trabalhadores em greve se abstêm ativamente do trabalho, ao invés de passivamente.

Shavuot - (do hebraico: תועובש, "[sete] semanas") é o nome da festa judaica também conhecida como Festa das Colheitas ou Festa das Prímicias, celebrado no quinquagésimo dia do Sefirat Haômer. Devido a esta contagem, a festa é também chamada de Pentecostes.

Shemá Israel - (em hebraico שמע ישראל; "Ouça Israel") são as duas primeiras palavras da seção da Torá, que constitui a profissão de fé central do monoteísmo judaico (Devarim / Deuteronomio 6:4-9) no qual se diz לארשי עמש ל*Shemá Yisrael Ad-nai Elokêinu Ad-nai Echad* - Escuta ó Israel, Ad-nai nosso D-us é Um).

Shofar - (do hebraico פרשו *shofar*) é considerado um dos instrumentos de sopro mais antigos. Somente a flauta do pastor – chamada Ugav, na Bíblia – o iguala em idade (de acordo com algumas opiniões), mas não tem função em serviços religiosos nos dias de hoje.

O shofar não produz sons delicados como o clarim moderno, a trombeta ou outro instrumento de sopro. Mas, para os judeus, o shofar não é um instrumento "musical"; não é usado por prazer ou divertimento. É considerado sagrado, quase como uma voz celestial.

Para os judeus, lembra o carneiro sacrificado por Avraham (Abrão) no lugar de Yitschac (Isaac) através da história da Akedá (amarração de Yitschac), lida no segundo dia de Rosh Hashaná.

Sucá - é uma espécie de cabana, construída pelos judeus durante a festa de Sucot. Representa a confiança do judeu em D-us, a presença Divina no deserto através das Nuvens da Glória, e o tipo de moradia adotado pelos judeus no deserto.

Sucot - (do hebraico סוכות ou סוכו sukkōt, cabanas) é um festival judaico que se inicia no dia 15 de Tishrei de acordo com o calendário judaico. Também conhecido como Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas ou, ainda, festa das colheitas, visto que coincide com a estação das colheitas em Israel, no começo do outono. É uma das três maiores festas, conhecidas como Shalosh Regalim, nas quais o povo de Israel peregrinava para o Templo de Jerusalém.

O Sucot relembra os 40 anos de êxodo dos judeus no deserto após a sua saída do Egito. Nesse período o povo judeu não tinha terra própria, eram nômades e vivam em pequenas tendas ou cabanas frágeis e temporárias. Como forma de simbolizar este período, durante a celebração de Sucot, os judeus deixam as suas casas e se abrigam sob folhas e galhos ao ar livre, simbolizando a sucá. A sucá deve ser erguida ao ar livre e deve ser constituída de palha ou folhagem, que possibilita ver-se o céu. Deve ter pelo menos 3 paredes, as quais não devem estar pregadas ao teto. Além desta passagem pelo deserto, a sucá também simboliza todos os judeus que moram na diáspora, ou seja, fora de Israel. Outro ritual que se faz em Sucot é a oferenda da água. Esta era uma cerimônia que precedia a época das chuvas, e a água, por ser um elemento vital, era implorada a Deus pelos camponeses.

Torá - é a pedra fundamental da civilização Judaica. A Torá é o diário de um povo lutando para criar uma sociedade revolucionária fundamentada no conceito de um Deus que ordena justiça e compaixão a todos.

Interpretada como história, a Torá é a estória de nossos primeiros ancestrais. Interpretada como teologia, a Torá defende a possibilidade de um

encontro divino. Interpretada como mito, a Torá nos concede um eterno arquétipo com o qual examina as profundezas do espírito humano. Interpretada como lei, a Torá imagina um mundo onde vizinho, forasteiro e indivíduo são iguais. Interpretada como ética, a Torá aponta em direção ao melhor que existe em nós, mostrando-nos como superar o pior.

Yamim Noraim - Grandes festas é o nome dado no judaísmo ao período que se inicia no mês de Elul e que engloba Rosh Hashaná ("Ano novo judaico"), os dez dias de penitência (Aseret Yemei Teshuva), e que termina com a data do Yom Kipur. O termo Grandes festas não é uma tradução correta: este período é chamado atualmente de Yamim Noraim (*Dias de Reverência* ou *Dias de Penitência* do hebraico ימים נוראים).

Yom Kipur ou **Kippur** - (do hebraico , יום כיפור IPA: [ˈjom kiˈpur]) é um dos dias mais importantes do judaísmo. No calendário hebreu começa no crepúsculo que inicia o décimo dia do mês hebreu de Tishrei (que coincide com setembro ou outubro), continuando até ao seguinte pôr-do-sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e reza intensa.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)